

Pierre-Jean-Georges Cabanis

**REVOLUÇÕES E
REFORMA DA
MEDICINA**

**Organização, Notas e Posfácio
NAOMAR DE ALMEIDA FILHO**

Professor Visitante no Instituto de Estudos Avançados
da Universidade de São Paulo/USP.

Professor Titular Senior do Instituto de Saúde Coletiva
da Universidade Federal da Bahia/UFBA.

Ex-Reitor da UFBA e da Universidade Federal do Sul da Bahia/UFSB.
Pesquisador 1-A do CNPq.

**Editora Quixote
2020**

[CRÉDITOS]

Tradução: LÚCIA CAMBRAIA

Revisão técnica:

DENISE COUTINHO

(com a colaboração de Jacques Salah)

[FICHA CATALOGRÁFICA]

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| NOTA INTRODUTÓRIA | p. |
| Reforma das Universidades, Revolução na Medicina: <i>Coup d'oeil</i> como Testamento Intelectual de Georges Cabanis | 5 |
| NOTA BIOGRÁFICA | |
| Pierre-Jean-Georges Cabanis: Médico, Ideólogo, Reformador, Revolucionário | 25 |
| <i>COUP D'OEIL</i> SOBRE REVOLUÇÕES E REFORMA DA MEDICINA | 31 |
| Índice de temas e autores | 235 |
| POSFÁCIO | |
| Antecedentes, Contextos e Impactos da Reforma Cabanis | 241 |

[PÁGINA EM BRANCO]

NOTA INTRODUTÓRIA

REFORMA DAS UNIVERSIDADES, REVOLUÇÃO NA MEDICINA: *COUP D'OEIL* COMO TESTAMENTO INTELLECTUAL DE GEORGES CABANIS

Naomar de Almeida Filho

Poeta e tradutor, médico, filósofo, parlamentar, militante ativo na Revolução Francesa de 1789, Pierre-Jean-Georges Cabanis [1757-1808] foi membro destacado e co-fundador do famoso grupo dos *Idéologues*, uma das fontes do pensamento crítico inspirador dos principais movimentos científicos, intelectuais e políticos que, na fervilhante Europa do século XIX, delinearão as bases do nosso mundo contemporâneo.¹

Este livro – opinativo, rico, ambicioso e polêmico documento de posição, originalmente intitulado *Coup d'oeil sur les révolutions et la réforme de la médecine*, publicado em 1804 –, é certamente a obra mais representativa do pensamento político-pedagógico de Georges Cabanis. A primeira versão desta obra foi escrita durante o inverno de 1795 (Ano III da República), complementada por anotações de aulas sobre História da Medicina que Cabanis ministrou na Faculdade de Medicina de Paris em 1797-1798, sete memórias apresentadas no *Institut National de France*, entre julho de 1796 e setembro de 1798, e propostas sobre reforma da medicina e do ensino médico submetidas ao Conselho dos Quinhentos, em diferentes ocasiões entre 1798-1801. Esses escritos foram revisados e organizados num único volume durante a primavera e parte do verão de 1803, porém, por razões de saúde, o autor não pôde acrescentar uma seção conclusiva, por ele planejada como proposta de um plano curricular geral dos estudos médicos, que terminou sendo mantido no texto sem maior detalhamento. Por considerá-la uma obra inacabada, Cabanis somente aceitou publicá-la por insistência de amigos e discípulos, registrando no Intróito sua insatisfação com tal incompletude.

A narrativa autoral, compreensiva e panorâmica deste intrigante documento-proposta sobre a reforma do ensino médico revela seu caráter não apenas reconhecidamente descritivo e historiográfico, mas antes prescritivo, ou quiçá

¹ Toda a obra de Georges Cabanis encontra-se disponível, em *fac-símile* das edições originais, no site da biblioteca virtual Gallica (URL: <http://gallica.bnf.fr/>).

prospectivo, orgânico ao movimento de recomposição de valores da tradição médica iluminista, ajustada à matriz cultural da nascente burguesia.

* * *

Inicialmente cabe analisar o curioso e intrigante título.

A expressão *coup d'oeil* tem dois sentidos principais: como “dar uma olhada”, olhar superficial, de relance; e como uma “vista d’olhos”, exame geral de um problema, mirada panorâmica, visão dominante de um contexto, situação ou campo.

O primeiro sentido teria sido muito bem captado no título da tradução inglesa, realizada pelo médico Alexander Henderson – *Sketch of the Revolutions of Medical Science and views relating to its Reform* –, publicada em 1806, em Londres. No idioma inglês, *sketch* equivale a rascunho, desenho sem detalhes, estudo preliminar para uma obra de arte. A segunda edição em castelhano, publicada em Paris em 1831, que teve como título *Ojeada sobre las revoluciones y reforma de la medicina*, também se aproxima mais dessa acepção de *coup d'oeil* como olhada, vislumbre, relance. Este sentido do título poderia refletir o caráter metódico e exigente do autor (relutante face à necessidade de publicá-lo ainda que inacabado), ou um traço fugaz de humildade, de certa forma, inesperado se considerarmos sua personalidade marcante, ou mesmo um momento depressivo (lembramos do momento em que o texto foi finalizado e seu título estabelecido, além da melancolia registrada por alguns biógrafos como definidora da constituição de Cabanis). Essas hipóteses parecem plausíveis, porém contraditórias, na medida em que não fazem jus à importância desse livro como legado ou testamento intelectual de uma obra de vida reconhecida e valorizada pelos próprios contemporâneos.

A denotação alternativa, *coup d'oeil* como visão geral dominante de um campo, provém de uma metáfora militar corrente na virada do Século XIX. Naquele momento, propiciado pela evolução tecnológica dos armamentos, abria-se espaço para a valorização da tática e da mobilidade, elementos típicos da teoria militar da modernidade, que pareciam superar a ideia clássica de estratégia. É justamente do ponto de vista tático que se considera Napoleão Bonaparte um gênio militar, pois comandava presencialmente suas tropas a partir de elevações e mirantes que lhe permitiam visão geral dos campos de batalha, propiciando *insights* decisivos para suas celebradas vitórias. Este aspecto chegou a merecer um estudo específico de William Duggan (2004), intitulado *Napoleon's Glance: The Secret of Strategy*. As relações entre Cabanis e Bonaparte – turbulentas, mas estreitas, respeitadas e de intensa admiração mútua, como veremos na Nota

Biográfica adiante – dão forte respaldo à hipótese de que teria sido esta a aceção realmente pretendida pelo autor.²

Por outro lado, verifica-se uma aparente inconsistência: revolução ou reforma? Da sociedade, da medicina ou do ensino médico? A expressão *sur les révolutions* que consta no título primeiro faz crer que se trata de um balanço do esforço de reforma iluminista da medicina no período revolucionário, vitoriosa na criação de um modelo de prática médica que, nos idos de 1803, já se mostrava funcional e promissor. Entretanto, como veremos no Posfácio, apesar do protagonismo individual de Cabanis, a desconstrução e recriação da medicina francesa na curta e intensa transição, da Revolução de 1789 à Restauração, passando pela era napoleônica, foi, antes de tudo, uma obra coletiva e multifacetada. A simples leitura da tábua de conteúdos do *Coup d'oeil* revela que também se trata de ambicioso e intrincado projeto de resgate da história da prática médica e de reforma da educação médica, em termos conceituais, curriculares, pedagógicos e pragmáticos, justamente destinado a dar justificativa, longevidade, validade e sustentabilidade à pretendida *réforme de la médecine*.

As aparentes ambiguidade e inconsistências do título, portanto, terminam sendo enganadoras, na medida em que o conteúdo do livro de fato lança as bases para o que proponho designar como Reforma Cabanis, conforme justificado no Posfácio. Nestas notas, a referência ao título do escrito de Cabanis apresentado no presente volume será abreviada: *Coup d'oeil*.

* * *

No prólogo da obra, intitulado simplesmente *Objet de cet écrit*, Cabanis apresenta com impressionante precisão e clareza seus objetivos, contrastando com o estilo pomposo e rebuscado predominante na literatura acadêmica da época:

- traçar, de maneira rápida e sumária, a história das revoluções da medicina;
- caracterizar cada revolução pelas circunstâncias que a fizeram surgir e pelas mudanças que produziu no desenvolvimento da ciência;
- e, enfim, tentar ver se esses diferentes quadros, comparados aos métodos filosóficos modernos, podem fornecer algumas visões úteis para a reforma da medicina e do seu ensino.

² Na sua primeira obra de maior fôlego, *Du degré de certitude de la médecine* (escrita em 1788, porém somente publicada em 1798), Cabanis utilizara esse termo para definir o ato do diagnóstico clínico como quase uma *gestalt*, quando o médico “vê a doença de um só **coup d'oeil**, no qual ele captura todos os seus traços de uma vez” – [...] *voit la maladie d'un seul coup d'oeil, qu'il en saisit tous les traits à la fois* (p.75).

Retomando argumento central de sua contribuição pioneira à teoria fisiológica das emoções, intitulada *Rapports du physique et du moral de l'homme*, Cabanis (1802) defende que, para tornar-se científica, a arte de curar precisa aproveitar o melhor das relações entre a física (ciências naturais) e a moral (ciências humanas e sociais). Por um lado, a medicina deve usar a “linguagem severa e exata da primeira” visando à produção de conhecimento relevante e, por outro lado, “o tom comunicativo e, por assim dizer, vulgar da segunda” para aumentar a efetividade de sua prática. Como condição crucial para fundamentar uma clínica de base científica, é preciso determinar o sentido das palavras, a fim de “banir totalmente o vazio e a obscuridade que desfiguram quase inteiramente a medicina”. Cabanis assim delineia uma construção conceitual rigorosa, refinada, condição necessária para uma abordagem teórica da saúde e da doença. Nesse sentido, postula que “o estado natural do homem é, sem dúvida, o estado da saúde”, que “a doença pertence também à natureza”, e considera que tanto a saúde quanto a doença são fenômenos que resultam, “em grande parte, das leis que são estabelecidas para a conservação da saúde”.

Para a reforma da medicina, tornando-a moderna do ponto de vista científico, é preciso desenvolver uma teoria criativa e uma metodologia rigorosa, formando sujeitos competentes e capazes de operar tais conceitos, métodos e técnicas. E para isso, insiste Cabanis, é necessário “que o ensino da medicina [...] forme para a prática pensadores profundos, desenvolvidos, firmes e flexíveis, que encontrem nas luzes de uma razão transcendente, esse conhecimento da vida e essa sabedoria de aplicação”. Como estratégia orientadora da pesquisa, postula uma nova ordem de exposição dos fatos, através de métodos seguros de observação, de experiência e de raciocínio, componentes de uma agenda pedagógica renovada. Precisão e rigor na observação, no que chamaríamos hoje de etapa da produção de dados, é apresentado com clareza e detalhe:

O observador pode ainda verificar, através de meios seguros, todos os objetos de suas pesquisas. Ele pode avaliar, com precisão, o efeito dos medicamentos e traçar regras que os aproximem cada vez mais de sua administração com um alto grau de certeza, classificando-os com método. Ele pode avaliar também os casos com suas nuances e os próprios remédios em suas diversas associações. (p. ??) NÚMEROS DE PÁGINA ESTABELECIDOS APÓS PAGINAÇÃO

Em pelo menos dois aspectos, Cabanis antecipa temas epistemológicos que poderíamos considerar contemporâneos. Por um lado, antevê a pertinência de uma perspectiva historicista capaz de orientar a construção de um dado campo científico. Nesse aspecto, propõe conceder à milenar *ars curandi* o estatuto de medicina filosófica, fundamento para uma ciência médica que se legitima pela avaliação permanente de seus resultados mediante rigorosa condução metodológica. Comenta ainda que “os novos fatos observados, ou as novas ideias adquiridas” terminam por “desestabilizar os fundamentos de uma ciência

[para] renová-los inteiramente”, anotando ainda que “o número sempre crescente desses fatos e dessas ideias força, de tempos em tempos, a rever e a simplificar as classificações que os encadeiam e os métodos que têm por objetivo facilitar seu estudo”.

Assim, Cabanis parece avançar em mais de um século os conceitos bachelardianos de obstáculo epistemológico e ruptura epistemológica, posteriormente apropriados (sem os devidos créditos) pela abordagem kuhniana das revoluções científicas. Aliás, na sua concepção de ciência como produto histórico de um materialismo racional culturalmente referenciado, Gaston Bachelard (1963) se revela um digno herdeiro (não-declarado, quiçá relutante) dos ideólogos. Por outro lado, Cabanis defende uma concepção holística e dialética da realidade, diretamente referida a Heráclito, que encontra sintonia e correspondência nas abordagens da complexidade, cada vez mais influentes na ciência contemporânea. Em suas palavras (p.??):

No estudo da natureza, não se pode separar os objetos que se relacionam constantemente e nem dividir aqueles que formam um todo. [...] Na natureza das coisas, todas as verdades formam, sem dúvida, uma cadeia onde os elos estão invencivelmente unidos. No estado atual de nossos conhecimentos, podemos compreender e acompanhar somente algumas partes isoladas desta cadeia.

Ao dar conta do primeiro objetivo do *Coup d'oeil*, Cabanis adota uma perspectiva inusitada de respeito aos saberes tradicionais, indicando uma antecipação das bases relativistas da ciência antropológica contemporânea – lembremos que a Antropologia se reconhece como ciência somente no início do século XX. Menciona que mesmo entre os povos ditos mais primitivos (destaca Nova Zelândia, Lapônia, América do Norte e interior da África) daquela época (século XVIII) encontram-se “vestígios de uma medicina e de uma cirurgia verdadeiras”. De imediato, transporta a analogia para a era pré-histórica, postulando que todos os conhecimentos pertinentes à saúde eram coletivamente apropriados e as práticas de saúde “podiam ser exercidas por todas as pessoas dotadas de alguma inteligência” que, ao assumir o papel de cuidador da saúde de uma tribo ou aldeia, eram capazes de reconhecer diferentes doenças e lhes aplicar tratamento mais ou menos eficientes. Certamente influenciado pelas ideias rousseauianas, comenta em tom respeitoso que “havia uma medicina antes que houvesse médicos”, exercida por operadores de um saber empírico socialmente legitimados.

* * *

No *Coup d'oeil*, Cabanis propõe uma curiosa periodização para a pré-história da medicina, correspondente ao papel social dos proto-médicos: primeiro, poetas, registrando sensações, linguagens, sonhos, emoções e sofrimentos; depois sacerdotes, usando divinações, com “a linguagem vaga e o sotaque misterioso

da superstição”; finalmente, filósofos, que “adotaram princípios de várias ciências que ainda não estavam prontas”. O destaque positivo para os poetas poderia ser tomado como uma cicatriz nostálgica do seu sonho de juventude, enquanto as menções pouco honrosas à competência dos sacerdotes para o cuidado em saúde podem ser resultado do anticlericalismo dominante entre os ideólogos, briosos representativos do materialismo revolucionário. De todo modo, para Cabanis, os filósofos teriam sido responsáveis pela primeira revolução referida no título de sua obra (p.??):

A revolução que os primeiros filósofos fizeram na arte de curar foi, de fato, indispensável. [...] Acostumados a organizar seus diversos conhecimentos em uma certa ordem, a procurar relações entre eles e a encadeá-los, eles viram como era indispensável a classificação das observações médicas, para que pudessem ser submetidas ao exame do raciocínio. [...] Esses filósofos fizeram com que a medicina perdesse, então, seu caráter hipócrita e supersticioso. Eles transformaram uma doutrina oculta e sacerdotal em ciência comum, em arte usual. Esta revolução foi infinitamente útil, [tanto...] para a medicina como para a filosofia.

“Enfim, surgiu Hipócrates!” Dessa forma dramática, Cabanis anuncia a entrada na história da medicina do seu maior herói intelectual, a ele dedicando a mais longa seção (24 páginas) do *Coup d’oeil*. Além da decisiva contribuição aos fundamentos, conceitos, métodos, técnicas e práticas visando à constituição de uma “medicina em sua via natural”, com base na racionalidade experimental, Cabanis considera Hipócrates como autor da crucial separação entre medicina e filosofia que, dialeticamente, permitiu recompor “estas duas ciências uma para dentro da outra, pois ele as considerava inseparáveis”, recriando-as a partir de relações absolutamente novas.

Com extraordinário grau de detalhe, Cabanis discorre sobre vida e obra de Hipócrates, citando Heródoto, Xenofonte, Celso, Tucídides e Galeno – estudados provavelmente nos originais em grego e latim.³ Os fundamentos da medicina hipocrática são brevemente apresentados, com ênfase na teoria da saúde como equilíbrio dinâmico entre ambiente e sujeito enfermo, na doutrina dos humores e na doutrina médica das crises. Em todo o texto do *Coup d’oeil*, Cabanis se esmera em contextualizar suas relações com escolas filosóficas e outras tradições terapêuticas, narrando episódios e casos, sempre num tom apologético, sem esconder sua admiração pelo “pai da arte de curar”.

[...] [Encontramos em Hipócrates] um gênero particular de estilo, mesmo de eloquência, que une a majestade à simplicidade ingênua, o movimento rápido à exatidão de detalhes, as cores de uma imaginação brilhante à severidade de um espírito justo e firme (que procurava somente a verdade), enfim, a clareza à mais surpreendente precisão. Ainda em nossos dias, ele é pensado pelos médicos, consultado pelos filósofos, lido pelos homens de

³ Como veremos na Nota Biográfica, Cabanis era profundo conhecedor e habilidoso tradutor das línguas clássicas.

gosto. Ele é e sempre será, para cada um deles, um dos mais belos gênios da antiguidade. A sua obra será sempre considerada como uma das mais preciosas obras de arte da ciência. (p.??)

Cabanis nos conta como o Império Romano expropriava as artes e as ciências de povos e nações dominados militarmente, “obras-primas que eram tiradas [na pilhagem] dos outros, mas que não sabiam ser apreciadas”. Nesse contexto, a sofisticada medicina grega teria sido por muito tempo rejeitada pelo governo dos magistrados latinos, que, sem para isso demonstrar competência, encarregavam-se pessoalmente dos cuidados à saúde. Galeno, o mais ilustre dos médicos romanos de origem grega, comparece como um comentador eclético dos escritos e um criativo praticante da doutrina hipocrática, que repetiu fundamentos, fez observações próprias e buscou sua integração às diversas teorias vigentes em sua época. Galeno teria ressuscitado à sua maneira a medicina hipocrática, ampliando sua influência entre as dezenas de seitas que cuidavam da saúde na Roma Antiga, porém comenta Cabanis que “o que ela adquiriu em suas mãos foi mais um adereço do que uma verdadeira riqueza”. Ao imprimir, nas aplicações galênicas, um caráter mais sistemático e até empresarial, princípios, conceitos e métodos da arte-ciência criada por Hipócrates teriam perdido “muito de sua pureza”.

Na seção pertinente à medicina árabe, Cabanis revela-se um crítico ácido, em grande medida, injusto e até mesmo incompreensível. Sem citar fontes historiográficas, valoriza mais a tradição ptolomaica da Escola de Alexandria, onde a arte de curar teria sido “ensinada brilhantemente” a estudantes “de todos os cantos, que vinham ouvir os mestres mais célebres do universo”. Imputa a destruição da mais famosa Biblioteca da história da humanidade ao “ignorante furor dos muçulmanos”, assinalando que a destruição foi menor para os livros de medicina, “por causa do interesse que inspira aos homens mais ignorantes – a ciência que promete o alívio dos males”. Não obstante, reconhece que intelectuais muçulmanos teriam feito um esforço de tradução e divulgação das principais obras filosóficas e médicas da herança grega; ainda assim, a medicina árabe pouco teria contribuído para o progresso histórico da arte de curar.

As escolas árabes estavam na moda, como as escolas gregas já o tinham sido antigamente. O árabe se tornou a língua dos sábios. Foi através desta língua que a Europa conheceu, primeiramente, as obras de Hipócrates, Galeno, Aristóteles, Euclides e Ptolomeu. Entretanto, no meio deste movimento dos conhecimentos, a medicina não tinha feito nenhum progresso real. (p.??)

É difícil avaliar o que teria determinado essa posição preconceituosa em relação à contribuição dos médicos-filósofos árabes. Tal preconceito se mostra flagrante no fato de que sequer nomina Averróis e Avicenna, a despeito do *Cânon de Medicina* de Avicenna ter feito parte da bibliografia obrigatória das escolas médicas europeias até meados do Século XVII (Siraisi, 2014). O

domínio do grego antigo talvez tivesse possibilitado a Cabanis acesso direto às fontes da doutrina hipocrática, porém nenhum dos seus estudos investiga eventuais contradições ou equívocos nas traduções das obras aristotélica e hipocrática. Pior ainda: aos célebres médicos-filósofos da Pérsia e de Córdoba, Cabanis deixa implícita a acusação de plagiadores, saqueadores, usurpadores e empobrecedores das raízes gregas da medicina moderna.

Os sábios árabes, saqueadores como seus guerreiros, se apropriaram das ideias de obras menos conhecidas, até mesmo de obras inteiras, das quais eles só suprimiam o nome do autor. Os mais célebres, entre seus escritores, não estão isentos desta crítica. [...] [A publicação da obra hipocrática] diminuiu muito o crédito dos árabes, pois os numerosos plágios se tornavam visíveis e sua inferioridade, em todos os sentidos, começava a se fazer sentir. (p.??)

Em contraste, Cabanis valoriza sobremaneira o papel dos médicos judeus durante a Idade Média. Na sua narrativa, em tom quase mítico, atribui aos judeus o estabelecimento da rede de relações comerciais e financeiras, através da “íntima fraternidade que os unia em todas as partes do mundo”, permitindo-lhes operar meios mais seguros para o deslocamento dos valores monetários. Segundo Cabanis, apesar da “perseguição cruel e constante, da qual eram as infelizes vítimas em todas as partes do mundo conhecido, [...] eles eram nossos carteiros e nossos banqueiros, antes que soubéssemos ler [e] foram também nossos primeiros médicos”. Em um tempo em que Hipócrates e os outros pais da medicina eram conhecidos, no Ocidente, somente pelas traduções árabe e siríaca, “os Judeus eram quase os únicos que sabiam tratar as doenças com algum método”.

Comenta Cabanis que tal domínio da arte de curar resultava de uma rede de escolas em Toledo, Córdoba e Granada (também menciona a Universidade de Sora, fundada por rabinos no Oriente Médio), onde “a medicina era ensinada com um cuidado todo especial”, omitindo que todas as escolas referidas situavam-se em territórios dominados pelo Islam e mesmo desprezando inúmeros registros históricos da estreita colaboração dos médicos de origem hebraica no ensino e na prática da medicina em diferentes califados (Chipman, 2013). Sua narrativa revela grande simpatia, respeito e admiração em relação aos judeus, atribuindo-lhes uma personalidade modal que, para além do estereótipo negativo de comerciantes ladinos (não por acaso, termo designativo de judeus ibéricos) e agiotas usurários, vigente em sua época, implicaria predisposição e mesmo talento para uma prática eficiente da medicina.

Na fase histórica de transição do Renascimento ao Iluminismo, Cabanis destaca a evolução da química como a revolução científica de maior impacto – “a chave geral de todas as ciências naturais, a verdadeira luz das artes industriais” – para a posterior emergência de uma medicina de base científica. Num tempo em que a população sofria com os “preconceitos científicos do galenismo e do peripatetismo médico”, os alquimistas esboçavam “os

princípios do sistema natural”. Entretanto, mesmo “envaidecidos com suas loucas pretensões” – Paracelso, o mais famoso dos alquimistas, é por ele definido como “um verdadeiro modelo de arrogância, audácia e demência” –, contribuíram com “ideias saudáveis, ou melhor, boas ideias para a medicina”.

Nesse contexto, Cabanis nos apresenta a Staalh, alquimista que se tornou, em sua opinião, “o maior médico desde Hipócrates”, um dos “primeiros a transformar a filosofia em ciência”.⁴ Sem indicar referências, considera-o um grande conhecedor da matéria hipocrática e comenta que ninguém melhor que ele seria capaz de integrar “as observações e os pensamentos filosóficos dos modernos” à secular arte da cura. A propósito, é incrível o sentimento de admiração e até paixão intelectual que Cabanis nutre por esse médico-alquimista que parece esquecido na história das ciências, a ponto de a ele dedicar quase dez páginas do *Coup d’oeil*. Vejamos um excerto do texto:

[...] [A]s reformas [da medicina] já feitas, e aquelas que serão feitas, são e serão, em grande parte, obra deste grande homem, graças à sequência de ideias que ele estabeleceu diretamente, ou ao impulso que ele deu à razão. Apesar da forma desdenhosa que seus adversários o combateram, apesar da maneira desajeitada que seus alunos o defenderam, explicaram e comentaram, apesar de tudo isto, sua influência foi muito grande tanto na medicina quanto na química e, nestas duas ciências, ele prestou serviços imortais. Eu me limito a dizer que mesmo suas pequenas obras estão repletas de grandes pensamentos. (p.??)

Considerados por muitos autores como fundadores da moderna clínica médica, dois neo-hipocráticos históricos – Thomas Sydenham [1624-1689] na Inglaterra; Herman Boerhaave [1668-1738] na Holanda – são destacados por Cabanis, num misto de admiração respeitosa e crítica invejosa, merecendo cada um uma seção inteira no livro.

Para Cabanis, a medicina praticada e ensinada na Inglaterra na virada do Século XVIII “era totalmente escolástica” e o “verdadeiro espírito de observação era quase totalmente desconhecido”. Sydenham graduou-se em Oxford num Bacharelado em Medicina, título inferior ao Doutorado. Foi oficial do exército de Cromwell, harmonizando uma carreira militar em paralelo a uma prática clínica, exercida inicialmente sob licenciamento precário do *College of Physicians*. Segundo Cabanis, sem acesso a livros caros naquela época, Sydenham “não conhecia muito bem as teorias que reinavam naquele momento” e sequer teria estudado Hipócrates. Talvez Cabanis tivesse razão pois Sydenham somente completou seus estudos de Doutorado na Universidade de Cambridge aos 56 anos de idade. Entretanto, Cabanis admite que os novos conceitos de prática clínica que revolucionaram a medicina inglesa e depois influenciaram todo o

⁴ Uma curiosidade: Cabanis equivoca-se na grafia do sobrenome de Georg-Ernst Stahl [1660-1734], médico e químico-metalúrgico criador da teoria do flogisto e introdutor dos conceitos de gás e estado gasoso.

Norte da Europa são devidos a Thomas Sydenham. Por isso, declara por ele sincera admiração. Não obstante, os comentários de Cabanis não escondem uma profunda ambivalência em relação a Sydenham, flagrante em suas próprias palavras:

As teorias de Sydenham foram, devo confessar, mesquinhas ou mesmo falsas. Sem falar do seu empirismo, no qual um instinto precioso faz seu papel, suas ideias eram geralmente estreitas. Porém, nenhum médico teve uma influência tão útil sobre esta parte da arte, que é o objetivo de todas as outras – a prática. Ninguém merece mais do que ele o título de regenerador. (p.??)

Na seção seguinte, dedicada a Herman Boerhaave, Cabanis traz poucas informações sobre vida e obra desse médico e professor que Foucault considera como o mais ilustre e influente dos precursores da clínica moderna. Cabanis intencionalmente usa um tom opinativo e quase sarcástico, ao apresentá-lo como um estudioso sistemático e metódico, mas não muito criativo, que teve a medicina como última escolha, depois de breve incursão na teologia e que, durante algum tempo, sobreviveu como professor de matemática e física. Reconhece, quase com relutância, a erudição de Boerhaave, que “leu os escritores de todas as seitas e de todas as idades, os analisou, os comentou e os desenvolveu”, porém deixa no ar uma suspeita de plágio, ao mencionar que depois “ele se apoderou desses trabalhos, os modificou e os combinou”. Refere seus “conhecimentos profundos e vastos” quase como um obstáculo ao sucesso numa carreira médica temporã, na medida em que sua inegável inteligência teria “adquirido muito em força, em desenvolvimento, em hábito de discussões, em tenacidade de atenção, mas sua percepção nunca chegou a um grau de perfeição”. E arremata, carregando nas tintas da ironia: “Sem dúvida, este nome ilustre viverá na posteridade, se não como gênio eminente e verdadeiramente filosófico, pelo menos como um professor laborioso, hábil e, também, um escritor muito elegante”.

Cabanis conclui esse fascinante relato sobre a história da medicina com uma reflexão, quase confessional, sobre a relação entre a história da prática clínica e a evolução do ensino médico. De início, sombrio, avalia que, nos séculos XVI e XVII, “o progresso da ciência foi grande e rápido, mas, em compensação, o progresso do ensino foi quase nulo”. Atribui essa defasagem ciência vs. ensino às “concepções servis da maior parte dos professores” e ao “discurso confuso da escolástica” que geravam grande distância entre a doutrina e a escola, “entre a sábia ousadia e a rotina cega”. Em contraste, celebra os “verdadeiros progressos” no campo do ensino durante o Iluminismo da segunda metade do século XVIII. Numa nota de rodapé, concede crédito aos jesuítas e aos “senhores de Port Royal” por terem retomado o ensino filosófico, de modo a propiciar a superação do jargão escolástico por “uma língua mais precisa e mais pura”, permitindo o ensino das ciências naturais em instituições públicas, fora

de mosteiros, guildas e confrarias e longe do ambiente iniciático da velha alquimia.

* * *

Nos capítulos intermediários, Georges Cabanis se dedica a detalhar temas epistemológicos e metodológicos capazes de articular a tríade ciência (ou filosofia natural), prática e ensino. Com esse intuito, começa por uma breve revisão dos argumentos principais de sua teoria das sensações,⁵ explorando com maior profundidade a vertente histórica. Avalia que, desde a Grécia Antiga (de Aristóteles, mas não de Platão) até o Renascimento, “os métodos filosóficos não tiveram nenhum progresso real”. Identifica Francis Bacon [1561-1626] como precursor de um “plano de reforma das ciências” que permitiria sua “regeneração” como fonte de conhecimentos válidos. Reconhece o valor dos filósofos que “aperfeiçoaram sucessivamente os pensamentos de Bacon e tornaram os procedimentos da análise filosófica mais simples e seguros”. E destaca Hobbes, Locke, Bonnet e Condillac que “fundaram, sobre um conhecimento mais exato das faculdades e das operações da inteligência humana, as regras que dirigem a análise filosófica”.

Mais adiante, Cabanis se refere a René Descartes [1596-1650] com enorme respeito, apesar de lhe atribuir responsabilidade pelo grave desvio que supõe ocorrer na matematização precoce da Clínica, tema aliás do seu livro de estreia, *Sur le degré de certitude de la Médecine*. Passemos a palavra a Cabanis, sempre revelando fina ironia:

Como vimos, a filosofia de Descartes reinava, quase que exclusiva, nessa época. Aplicando um novo instrumento às áreas importantes e difíceis da ciência da extensão, Descartes fez disso uma ciência completamente nova. Um novo cálculo, mais ousado em suas visões, mais potente em seus efeitos, parecia colocar realmente a geometria no topo das ciências. Acreditou-se que fórmulas rigorosas eram um meio de provar todas as verdades. (p.??)

Como os médicos poderiam ser simples espectadores diante deste entusiasmo geral? Eles viam a maioria dos grandes fenômenos da natureza serem submetidos ao cálculo. Para poderem ser capazes de aplicá-lo, não bastava que os fenômenos da natureza seguissem uma ordem regular? O aparecimento, os retornos e as mudanças dos fenômenos não deviam oferecer pontos de vista constantes, sob os quais a gente pudesse analisá-los sem problemas? (p.??)

Ao definir dessa forma o escopo da análise cartesiana, Cabanis fornece uma chave para compreensão da *démarche* filosófica como único meio capaz de articular o conhecimento científico, a prática clínica e o ensino médico, nas

⁵ Resumo do eixo principal do *Rapports du physique et du moral de l'homme*, sua obra-prima como contribuição filosófica, como veremos no Posfácio.

respectivas dimensões epistemológica, semiológica e pedagógica. Ilustra seu argumento central com uma exposição detalhada e clara a partir do diagnóstico do conjunto de sintomas expressos pela palavra abstrata *pleurisia*, desde as sensações tornadas sintomas, à evolução clínica, indicações terapêuticas, distribuição histórica e espacial. Para ele, somente rigorosa análise, filosófica e histórica, permite definição, descrição, reconhecimento e distinção dos sinais e sintomas que “foram por muito tempo confundidos, sob a máscara enganosa de uma denominação comum”.

Há mais de dois séculos, demonstrando impressionante visão antecipatória, Cabanis já chamava a atenção para duas categorias que se tornariam centrais na epistemologia contemporânea: singularidade e causalidade. Objetos puramente racionais, ou certas propriedades particulares e simples que se quer examinar em relação aos objetos da ciência, se esgotam no nível do conceito. Porém, a situação se modifica quando a intenção da análise é “aplicar os conhecimentos a objetos usuais”. Não se trata mais de categorias, valores abstratos, ou de objetos geométricos formais como o círculo ou o triângulo, ou de relações algébricas entre números e símbolos, nem de conceitos como esse da “pleurisia, definida por uma frase que lembra a tosse, a dor de lado, a expectoração de sangue”. Trata-se, reafirma, de “conjuntos de fenômenos, sempre diferentes, sempre individuais e específicos, que se oferecem aos nossos olhos”.

Portanto, “na realidade das coisas” percebemos de fato somente indivíduos ou casos. Em apoio ao argumento, cita um dos gênios do seu tempo: “como dizia Leibnitz, não há duas folhas similares em todos os aspectos”. Cabanis refere-se ainda a “pretensas identidades de doenças que existem somente no cérebro dos observadores desatentos”, e, nesse caso, antecipa restrições epistemológicas a modelos ontológicos de saúde-enfermidade (que somente encontrariam objeções consistentes a partir da terceira década do século XX).

Sobre causa, causalidade e conceitos correlatos, Cabanis apresenta uma perspectiva própria, se bem que fortemente influenciada pelo problema de Hume, um dos filósofos ingleses com quem reconhece grande afinidade. Sua concepção sobre a questão da causalidade, problemática crucial da epistemologia (em pauta até hoje), é de tal forma consistente e precisa, seu estilo de apresentação é de tanta clareza e concisão, que não me resta senão compartilhar a longa citação.

A palavra causa não deve nos fazer olhar os fenômenos da natureza como se estivessem contidos uns nos outros, produtos e geradores, sucessivamente. Na verdade, existem para nós somente fatos que se apresentam simultaneamente ou em uma ordem sucessiva. Tudo o que a observação racional pode fazer é estabelecer, entre eles, relações de analogia ou de diferença, de independência recíproca ou de subordinação e encadeamento. Dois fatos se assemelham ou se diferem, eles aparecem sempre juntos ou ocorrem, frequentemente, isolados. Se vímos um fato

acontecer, constantemente, após um outro, nós diremos que um é o efeito e o outro é a causa. Entretanto, estes nomes não lhes dão novas qualidades, eles expressam somente a ordem de sua sucessão. (p.??)

Cabanis então introduz a questão do valor da teoria na produção do conhecimento científico, por um lado elaborando sobre a contradição entre singularidade e universalidade em termos dialéticos e, por outro lado, buscando estabelecer o nexo causal como uma propriedade do modelo teórico de saúde-doença e não como um atributo intrínseco das enfermidades. Utilizando como exemplo geral o processo diagnóstico da clínica, demonstra que a causalidade se define no âmbito das conjecturas e que os processos de determinação se estabelecem a partir de trajetórias e etapas de atribuição de validade e representatividade, no plano estatístico das probabilidades e no plano metodológico dos experimentos.

Um homem sente dores, após um grande número de circunstâncias que podem tê-las ocasionado. Se estas dores cessarem naturalmente, no meio de muitas outras circunstâncias que se misturam e se confundem, a ignorância e a irreflexão podem achar que é fácil desvendar a verdadeira causa do mal e da cura. Se a mudança favorável chegar após o emprego de certos remédios, que a analogia nos fez julgar úteis, a conjectura terá pouco peso tanto quanto os exemplos, com mesmo êxito em casos semelhantes, forem pouco numerosos. Somente com o tempo e através de observações repetidas em diversas circunstâncias, que ela poderá atingir um alto grau de probabilidade. (p.??)

As regras gerais tiradas das semelhanças são corrigidas por outras regras tiradas das diferenças. Descemos até os fatos individuais; as distinções e as próprias exceções se classificam; formam-se, a partir daí, outros sistemas mais parciais; deste conjunto de operações sucessivas, cujos efeitos se retificam ou se compõem mutuamente, tira-se resultados que tornam-se mais exatos e mais completos. (p.??)

Para Cabanis, o desafio naquele momento estava claro: como recriar a perspectiva cartesiana superando seu viés teológico e metafísico. Para isso, recorrendo de modo implícito aos ideólogos e, remotamente, aos enciclopedistas, identifica três famílias de métodos capazes de viabilizar a desejada integração de conhecimentos científicos e saberes clínicos: (i) métodos de observação; (ii) métodos de experiência; (iii) métodos de raciocínio. Confirmando que já teria tratado dos dois primeiros métodos em outras obras, Cabanis propõe desmembrar os métodos de raciocínio em quatro modos de análise: (1) descrição; (2) análise histórica; (3) decomposição-recomposição; (4) dedução ou “análise das análises”. Pela clareza de elaboração de cada definição, deixemos a palavra com Cabanis:

[...] podemos olhar um corpo sob o simples ponto de vista de sua grandeza, de sua forma, das relações de suas partes, de sua situação em relação a um ou vários outros corpos, das semelhanças ou diferenças que a natureza aplicou entre estes corpos. ... A isto damos o nome de análise descritiva. (p.??)

Se as pesquisas não se limitam às qualidades externas e a estas relações de situação; se quisermos conhecer os elementos que compõem um corpo, quer dizer, as partes da matéria cuja íntima combinação o constitui; se separarmos estas diversas partes, para examinar a natureza de cada uma, ou pelos menos os caracteres que são manifestados; então, o resultado da análise não será mais uma simples descrição deste corpo. Para estudá-lo sob este ponto de vista, é necessário decompô-lo. Se chegarmos a recompô-lo, combinando novamente suas partes constitutivas, a análise será perfeita. [...] Podemos chamá-la de análise de decomposição e recomposição. (p.??)

Porém, os objetos de nossas pesquisas nem sempre se oferecem simultaneamente ao nosso olhar. Nem sempre são corpos capazes de serem fixados sob nossos olhos, mas sim, fenômenos que se sucedem, podendo ser independentes entre si, ou se encadeiam em uma ordem compreendida através da observação. Algumas vezes, quando se analisa certos corpos, o observador estudará as mudanças que eles sofreram [para...] traçar o quadro das mudanças anteriores [e...] reconhecer todas as propriedades que a natureza dotou os corpos. [...] A isto] denominaremos análise histórica. (p.??)

Na formulação do seu argumento, ao apresentar de modo detalhado e sistemático aplicações de cada um desses conceitos na prática médica, principalmente no campo da terapêutica, Cabanis manifesta respeitosa reverência à filosofia sensualista de Etienne Bonnot, Abade de Condillac [1714-1780]:

[No caso em que] não são mais os objetos diretos e materiais de nossas sensações que se tornam o sujeito de nossas pesquisas, [...] operamos sobre os produtos de nosso entendimento, ou melhor, sobre seus signos. [...] Quando os signos [...] expressam e circunscrevem com precisão as ideias, podemos sempre confirmar se cada uma destas abarca uma ou várias outras ideias. Seguimos, sem problema, a ordem de seu encadeamento. Vamos, de consequência em consequência, com total certeza. [...] Este conjunto de operações de nossa inteligência pode ser chamado de análise dedutiva. (p.??)

Gostaria agora de introduzir alguns pontos que me parecem fundamentais para apreciarmos o esforço de construção filosófica rigorosa presente no *Coup d'oeil*. Em primeiro lugar, destaca-se a estrutura integrada da proposta que parece implicar um gradiente em termos de complexidade: da descrição, mais simples, à dedução, mais complexa e abrangente. Entretanto, essa articulação inter-análises não opera de modo linear e gradualista; a análise histórica, por exemplo, implica “descrições e deduções e, além disso, decompõe e recompõe os objetos, ou os fenômenos e mudanças, que ela tem por objetivo encadear em sua ordem natural”.

Em segundo lugar, podemos notar que a análise de decomposição-recomposição remete diretamente ao pensamento de Descartes, condensando a segunda e a terceira regras do *Discurso do Método* num mesmo movimento de produção de conhecimento científico válido (Descartes 2001). Não obstante,

Cabanis claramente prioriza a dedução como foco e meta de todo o processo analítico, incorporando e subsumindo os outros modos de análise, visto que na “análise dedutiva se encontram também descrições de objetos, decomposições e recomposições de ideias”, bem como “resultados que podem ser fornecidos somente pela análise histórica”. Podemos assim interpretá-la como uma “análise das análises”.

* * *

Considerando os subsídios históricos, filosóficos, políticos e práticos cuidadosamente arrolados, Cabanis se sente enfim capacitado a expor sua concepção de “ensino analítico da medicina”. O primeiro ponto diz respeito à necessária convergência filosófica (ideológica, nos seus termos) entre a reforma da medicina e a revolução do ensino médico. O segundo ponto é a natureza dessa revolução, que implica uma reengenharia institucional do sistema público de instrução (*un bon plan d'écoles*) e um novo modelo de ensino-aprendizagem (*un bon système de leçons*). Como a recriação do sistema institucional de instrução pública foi objeto de elaboração própria e de uma luta política específica, trata-se então de desenvolver um projeto pedagógico revolucionário, que implica, ao mesmo tempo, uma didática analítica e uma estrutura curricular consistentes com uma base epistemológica integradora da física e da moral, seguindo o sistema de métodos com tripla amplitude de aplicação: na pesquisa, na clínica, na educação.

Por um lado, o que se poderia chamar de pedagogia revolucionária compreende uma didática naturalista, onde a “verdadeira instrução dos jovens médicos é aquela que eles recebem no leito dos doentes e não nos livros, nem em uma fria escola, e sim na presença da própria natureza, [...] que fornecia o texto das lições”. Pedagogia revolucionária, admite, mas não necessariamente inovadora, pois “os gregos ensinavam a medicina prática no próprio leito dos doentes, [...] daí o nome de *clínica*”, e em Roma, “os médicos mais reconhecidos levavam seus alunos para a casa dos doentes.”

Por outro lado, pretendendo ser analítica, a pedagogia revolucionária traduz-se numa arquitetura curricular fragmentada em matérias, numa trajetória gradual e linear, congruente com a análise de decomposição-recomposição justificada por uma epistemologia cartesiana de base disciplinar. Nas palavras de Cabanis:

[Trata-se de] apresentar aos alunos os objetos sempre na ordem mais natural, quer dizer, começar pelos objetos mais conhecidos ou pelos mais fáceis de serem conhecidos. Sucessivamente e gradualmente, passar para aqueles que demandam uma observação mais profunda, os sentidos mais aguçados ou mesmo novos instrumentos. (p.??)

Cabanis apresenta uma proposta de organização do currículo médico que, em termos gerais de estrutura, permaneceu vigente por pelo menos dois séculos e, em alguns contextos de formação, ainda se mantém. Enumera como matérias obrigatórias: Anatomia, Fisiologia, Patologia, Ciências da Moral, Semiótica,

Nosologia, Química, Farmácia, Botânica, Higiene, Terapêutica, Matéria Médica, Cirurgia, Medicina Veterinária. E como matérias complementares, que denomina de “objetos acessórios”: História Natural, Física, Ciências matemáticas, Métodos filosóficos, Filosofia moral, Letras e Artes, Línguas antigas e modernas. Três dessas inserções requerem contextualização: Ciências da Moral, que inclui temas psicológicos e sociológicos (ideias, sentimentos, paixões, virtudes e vícios) de interesse médico; Matéria Médica, que aparentemente se refere ao conjunto de tecnologias aplicadas ao tratamento e à cura; e Medicina Veterinária, referida como área de desenvolvimento experimental que poderia ser incluída entre as disciplinas médicas por seu potencial de propiciar analogias com tratamentos dirigidos aos animais. Evidentemente, a evolução rápida e intensa do conhecimento científico nesse período determinou mudança de conteúdos e mesmo ajustes de estrutura curricular, principalmente devido ao desmembramento de matérias e à emergência de novas disciplinas.

Nesta altura, cabe delimitar e detalhar a questão da pedagogia como método prático análogo ao método clínico, finalmente compreendido como aplicação do método científico a eventos singulares ou casos. Evidentemente, Cabanis pretende desse modo construir uma equivalência secundária entre métodos práticos, numa pragmática comum – entre a prática terapêutica da clínica e a prática pedagógica do ensino médico – onde as regras da didática só podem ser confirmadas na interação mestre-aprendiz do mesmo modo que as regras da clínica “só podem ser desenvolvidas na cabeceira do doente”. A aplicação dessas regras (outra fórmula para a noção, aliás bastante atual, de apropriação do conhecimento em ato) “só poderá ser bem compreendida depois de longa sequência de exemplos”, esgotando, no processo de aprendizagem, todas as combinações possíveis ao expor inúmeras vezes os seus elementos. Nesse processo, “é preciso, sobretudo, que esses exemplos deixem na memória [dos estudantes] imagens indeléveis que servirão para reconhecer, no primeiro olhar, o caráter distinto de cada doença, no meio de todas as complicações que podem mascará-lo”.

Por este meio, os conhecimentos não serão somente mais nítidos e mais sólidos, eles serão mais originais e mais semelhantes ao aspecto particular de cada indivíduo. O hábito de tirar o conhecimento dos próprios objetos faz com que a mente renuncie a qualquer outra maneira de adquiri-lo. (p.??)

[...] É deste modo que se formam, sob o comando de mestres hábeis, os médicos capazes de curar. É preciso confessar que estes mestres perceberão que não podem partilhar, com os seus alunos, certas sensações finas e fugidias. São tipos de raciocínios inexprimíveis em termos precisos, julgamentos que parecem se confundir com as impressões diretas. (p.??)

Tal como as doenças assumem ampla diversidade de formas, o ensino médico se compõe de matérias de diferentes tipos, distintas também na maneira pela

qual podem ser aprendidas. Algumas se desenvolvem bem por meio de lições escritas “ou nas sábias palestras de um bom professor”, podem ser reproduzidas em livros, por várias vezes e sob novas formas. Porém, conforme indica Cabanis, matérias deste gênero são muito poucas.

Em todas as outras, o professor só poderá ser bem entendido se estiver na presença dos objetos. Pintar um músculo, uma doença, uma operação química para aquele que nunca viu esta operação, esta doença e este músculo, é querer fazê-lo experimentar o sabor de um fruto que ele não conhece ou o odor de um perfume que nunca sentiu. (p.??)

Rápido e incisivo, Cabanis nos faz uma advertência: “não é preciso levar a prática deste método até a *pedanterie*”. Com elegante ironia, fala dos arrogantes catedráticos, porta-vozes da pomposa pedagogia retórica da universidade clássica, aquela que teria sido enterrada junto com o Antigo Regime, prestes a serem superados por um novo perfil de professor, mais comprometido com a orientação de seus estudantes do que com a afirmação do seu saber magistral.

Do alto de sua cátedra, o professor desenvolve, em vão, as mais interessantes verdades. O espírito dos ouvintes, entorpecido em uma atenção passiva, guarda somente leves traços do que foi dito. [...] Mais do que apresentar ideias inesperadas e surpreendentes por sua grandeza ou por sua novidade, o professor deve excitar o interesse e despertar a curiosidade dos alunos. Conforme o caráter dos objetos, o professor deve passar da análise à síntese e da síntese à análise, corrigindo sempre as indicações mais audaciosas da síntese com a ajuda das formas mais regulares e seguras da análise. Este professor manterá os alunos em uma atividade mais real e mais constante, desenvolverá mais os seus pensamentos, sem correr o risco de que eles tomem o caminho errado. (p.??)

Enriquecido pela disciplinada condução de observações e registros, em ciclos de permanente reavaliação, sempre aplicando conceitos e pensamentos pertinentes, “este método prático chega a retificar, com o tempo, o que os outros métodos, presos na teoria, apresentam como absoluto e rigoroso”. Para Cabanis, o “instinto, mais do que o saber”, permite ensaiar regras provisórias desse método de ensino. Porém, para “que se possa traçar regras verdadeiras, o saber as esclarece e as amplia, o espírito filosófico as encadeia e as coordena”, e o instinto “aperfeiçoa sobretudo sua aplicação”, quando, nesse momento, “o método se confunde com o talento”. Essa dupla valorização do instinto, como fonte do talento e condição da resolutividade, introduz um elemento não-analítico numa proposta de pedagogia analítica, tornando recomendável e mesmo justificando a ênfase no fazer (devidamente supervisionado por mestres compreensivos e experientes) como projeto de ensino-aprendizagem.

* * *

Numa das seções mais interessantes do livro, Georges Cabanis introduz rica e densa digressão sobre o papel da linguagem na nomenclatura das ciências modernas, reafirmando uma das principais contribuições dos ideólogos, com a intenção clara de superar o anacronismo do ensino da medicina e das ciências mediante uma língua morta de fortes referências clericais. Lembremos que nosso Cabanis, jovem aspirante a médico, fora obrigado a defender seus exames e apresentar suas teses em Latim e que, em sua clínica dedicada aos pobres da periferia de Paris, certamente enfrentou o desafio de comunicar-se com os seus pacientes contando somente com um glossário rudimentar de termos médicos. *En passant*, Cabanis aproveita para criticar “a barbárie das escolas” camuflada de pedantismo: “falava-se de uma maneira, ao mesmo tempo, afetada e burlesca, escrevia-se com um estilo obscuro e trivial, grosseiro e pomposo”. Em suma, a reforma da medicina implica uma reforma da linguagem científica e da nomenclatura médica, tanto quanto a revolução do ensino da medicina pressupõe o abandono do jargão hermético e dos maneirismos linguísticos, representados pela língua franca latina, em ambos os casos com a adoção da língua nacional com intenção de mais rigor, clareza e precisão.

Enfim, é chegada a hora de cumprir etapas cruciais na transição de uma reforma da medicina para uma revolução no ensino médico, determinada pelo progresso das ciências do físico e do moral. Não foi senão com este objetivo que Cabanis propôs recorrer às “operações de nossa inteligência” a fim de criar “um método experimental e prático, fruto da observação contínua dos objetos e do emprego repetitivo dos instrumentos” (de pesquisa e de ensino).

Resta, porém, uma tarefa hercúlea, em nada trivial: um cuidadoso trabalho de costura política em muitas frentes, principalmente no plano parlamentar em sua função legislativa, naquele rico momento de reconstrução de uma nova sociedade civil e de um Estado republicano, após a queda do *Ancien Régime*. Se a formulação de teorias e marcos conceituais é da alçada do pesquisador (o médico-filósofo) e é do docente a responsabilidade pela criação de instrumentos, técnicas e métodos, para uma educação transformadora,

[...] então caberia somente ao legislador transportar o espírito destes métodos para a própria organização dos estabelecimentos públicos de instrução. Hoje, os charlatões, prontos a se apoderarem da opinião instável, devem ser mais do que nunca contidos pelas leis e desmascarados pelos conhecimentos. Já que o lugar dos antigos erros não foi ainda completamente ocupado por verdades reconhecidas, o governo deve mostrar o objetivo e por em movimento os homens iluminados. Ele deve, ainda, equilibrar o ensino e a legislação, a fim de que eles possam se ajudar mutuamente, se corrigirem ou se aperfeiçoarem. Enfim, ele deve também ajudar os verdadeiros médicos, para que sua arte seja totalmente reformada, já que ela exige mais vigilância e encorajamento. (p.??)

E, finalmente, é realmente comovente o modo como Georges Cabanis, mesmo no ocaso da vida, com plena consciência do seu legado, reafirma grande otimismo, certamente de inspiração rousseaniana, demonstrando confiança nos valores do progresso humano, tão característico daquela conjuntura histórica em que ele foi protagonista de decisiva importância.

Estas reflexões talvez não estejam deslocadas, pois neste momento todos os amigos das luzes celebram a excelência e a grande utilidade do método analítico. Todos aqueles que cuidam do progresso das ciências, e também do seu ensino, veem este método como a única luz que pode guiar seguramente o ser humano e fazê-lo sair para sempre do caos das opiniões hipotéticas. Estes mesmos homens veem o método analítico como a única maneira de cultivar ou de empregar nossas faculdades intelectuais. Método que pode introduzir os hábitos do bom senso não somente em todos os trabalhos dos sábios e dos pensadores, mas também nos trabalhos dos artesãos e dos operários, em todas as ideias, tendências, em todos os atos do homem social. Partilho totalmente esta opinião e estas belas esperanças.
(p.??)

* * *

A seguir, o texto integral do *Coup d'oeil*, permitirá à leitora, ao leitor apreciar diretamente a riqueza, profundidade e sofisticação dessa fascinante amostra da obra cabanisiana. Esta Nota Introdutória teve somente a finalidade de destacar alguns dos principais elementos e a estrutura lógica do texto, com o cuidado de não antecipar temáticas, soluções e efeitos de estilo e de análise argumentativa, nem influenciar ou dirigir uma apreciação dessa leitura.

No Posfácio, retomo e busco aprofundar vários pontos levantados nesta breve apresentação sobre conteúdo e escopo do *Coup d'oeil*, numa avaliação de contextos e impacto do pensamento-ação de Georges Cabanis sobre modelos de formação ainda predominantes na universidade brasileira atual e modos de cuidado em saúde hegemônicos no mundo ocidental.

A Nota Biográfica que segue pretende mostrar que Cabanis foi um homem do seu tempo, atuante e vivo num dos períodos de mais rápida e intensa transformação, nas dimensões filosófica, social, política e ideológica, quiçá de toda a história ocidental humana, já sistematizada.

Referências

1. Bachelard, Gaston. *Le materialisme rationnel*. Paris: PUF, 1963.
2. Cabanis, Pierre-Jean-Georges. *Du degré de certitude de la médecine*. Paris: Firmin Didot, 1798. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k771998>. Acesso em: 16 mar. 2018.
3. Cabanis, Pierre-Jean-Georges. *Rapports du physique et du moral de l'homme*. Paris: Crapart, Caille et Ravier, 1802. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k77029t>. Acesso em: 16 mar. 2018.
4. Cabanis, Pierre-Jean-Georges. *Coup d'oeil sur les révolutions et la réforme de la médecine*. Paris: Crapart, Caille et Ravier, 1804. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k76544v/f6.image>. Acesso em: 16 mar. 2018.
5. Cabanis, Pierre-Jean-Georges. *Ojeada sobre las revoluciones y reforma de la medicina*. Paris: Imprensa de Pillet Ainé, 1831.
6. Cabanis, Pierre-Jean-Georges. *Sketch of the Revolutions of Medical Science, and views relating to its Reform*. Londres: J. Johnson Publisher, 1806.
7. Chipman, Leigh. The Jewish Presence in Arabic Writings on Medicine and Pharmacology During the Medieval Period. *Religion Compass*, v. 7/9, 2013, p. 394–401.
8. Descartes, René. *Discurso do método para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências*. Trad. Jacob Guinsburg e Bento Prado Jr. (s/d). Disponível em: <http://www.consciencia.org/o-discurso-do-metodo-rene-descartes>. Acesso em: 16 mar. 2018.
9. Duggan, William. *Napoleon's Glance: The Secret of Strategy*. New York: Nation Books, 2004.
10. Siraisi, Nancy. *Avicenna in Renaissance Italy. The Canon and Medical Teaching in Italian Universities after 1500*. Princeton: Princeton University Press, 2014.

[PÁGINA EM BRANCO]

NOTA BIOGRÁFICA

PIERRE-JEAN-GEORGES CABANIS: MÉDICO, IDEÓLOGO, REFORMADOR, REVOLUCIONÁRIO ⁶

Naomar de Almeida Filho

Pierre-Jean-Georges Cabanis [1757-1808] nasceu em 5 de junho de 1757, em Cosnac, na região da Nova Aquitânia, centro-sul da França. Foi o quinto filho de Marie-Hélène de Souleyrac e de Jean-Baptiste Cabanis. Seu pai era um funcionário da Coroa Francesa, advogado e magistrado, astrônomo amador e biólogo dileitante. Após casar-se com Marie-Hélène, herdeira da pequena nobreza provinciana, Jean-Baptiste tornou-se próspero agricultor, estudioso de agronomia e economia rural. Órfão aos sete anos, o pequeno Cabanis é inicialmente educado na paróquia local. Aos dez anos, admitido no internato do *petit collège doctrinaire* de Brive, logo alcança os limites da educação provincial.

Com a proteção de Turgot, ministro de Luís XVI, o jovem Cabanis é enviado a Paris em 1771 para completar seus estudos. Primeiro cultiva a literatura, sob a preceptoría do poeta Roucher, revelando-se um dedicado e brilhante estudioso dos clássicos, com talento incomum para o aprendizado de línguas. Em 1773, é contratado como secretário particular do príncipe Massalski, bispo de Vilna em visita à França, que o convida a acompanhá-lo a Varsóvia. Nos anos seguintes, a serviço do bispo, viaja por vários países da Europa Oriental, tornando-se fluente nos idiomas alemão e polonês.

De volta a Paris em 1775, retoma os estudos do Grego, engajando-se seriamente numa tradução de cantos da *Íliada* de Homero visando a uma competição da Academia Francesa (infelizmente, sem sucesso). Apesar dos méritos do seu trabalho literário, o jovem Cabanis considera-se fracassado. Melancólico, inquieto e curioso, retoma os estudos filosóficos e amplia seu horizonte de interesses para o campo das ciências naturais. Por sua inteligência, presença de espírito e beleza física, apesar da timidez, torna-se figura de sucesso nos *salons* de Paris. Participa com assiduidade e entusiasmo dos

⁶ Esta nota biográfica compila informações coletadas em textos selecionados sobre vida e obra de Cabanis, baseadas em fontes documentais primárias de representantes de distintas escolas historiográficas (Staum, 1980; Role & Boulet, 1994; Mrozovski, 2013; Pouliquen, 2015; Saad, 2016).

famosos saraus do Círculo de Auteil, promovidos pela bela e rica viúva do filósofo Claude-Adrien Helvétius, onde convive com grandes nomes do Iluminismo Francês.

Ao conhecer Cabanis em 1778, levado ao seu *salon* por Turgot e Roucher, Anne-Catherine Helvétius se impressiona tanto com o jovem estudante que insiste em convidá-lo a residir na mansão de Auteil. Assim, Cabanis torna-se amigo de personalidades que influenciarão toda a sua vida posterior, como Dominique-Joseph Garat [1749–1833], advogado e educador que se tornaria um dos principais líderes políticos da Revolução Francesa, e Jean-Antoine Nicolas de Caritat, Marquês de Condorcet [1743-1794], administrador público e matemático brilhante, interessado em educação (que escreveria, em 1791, *Cinq Mémoires sur l'Instruction Publique*, texto base para várias propostas de reforma da educação pública na França pós-revolucionária).

Pressionado por seu pai a buscar uma carreira profissional mais segura e rentável que as de poeta, ensaísta ou gramático, Cabanis consulta Léon Dubreuil, amigo distante da família, médico clínico e fisiologista, que o aconselha a entrar na carreira da medicina. Em 1778, Cabanis começa seus estudos médicos, tendo Dubreuil como mentor e apoiador (quando em Paris, hospeda-se em sua casa, enquanto o acompanha nas visitas domiciliares e nas rondas no Hospital Charité). Em 1780, Cabanis é finalmente aceito na rigorosa Faculdade de Medicina de Paris, assistindo aulas de Le Roux, Langlois, Solier e Bosquillon, dentre outros ilustres professores-médicos. Em 1783, interrompe seus estudos para se tornar, por um breve tempo, seguidor do famoso hipnotizador Franz Anton Mesmer [1734-1815], logo condenado como charlatão pela Comissão Real de Medicina.

Com a morte de Dubreuil e a condenação de Mesmer, Cabanis abandona a Faculdade de Medicina de Paris e decide retomar seus estudos na Faculdade de Reims, graduando-se em Medicina com louvor em 1784 (com tese de doutorado intitulada *An Quinque Medicinae Partes Medico Necessariae?*). Entre 1785 e 1788, abre uma clínica gratuita para os pobres de Auteuil e dedica-se a estudos filosóficos e científicos (sobretudo na nascente área da Fisiologia Humana). Em 1788, escreve sua primeira obra no campo da semiologia clínica, um opúsculo intitulado *Du degré de certitude de la médecine* (publicado somente em 1798), onde explora as fronteiras da medicina com a filosofia, criticando o uso indevido da matemática e sua incipiente teoria probabilística no processo de diagnóstico diferencial.

Revolucionário de primeira hora, Cabanis calorosamente abraça os princípios da Revolução Francesa, participando das conspirações e movimentos que derrubaram o Antigo Regime. Após a tomada da Bastilha, conhece Honoré-Gabriel Victor Riqueti, Conde de Mirabeau [1749-1791], com quem compartilha firmes convicções republicanas. Em diferentes ocasiões durante 1790, como membro do *Atelier* – círculo de debates e oficina intelectual onde

Mirabeau reunia jovens discípulos talentosos e parceiros políticos para orientar sua atuação como tribuno e parlamentar – Cabanis colabora e redige vários discursos proferidos por Mirabeau na Assembléia Nacional, ajudando-o a tornar-se um dos maiores oradores e líderes políticos da Revolução Francesa. Por ocasião da grave doença cardíaca que levou Mirabeau à morte precoce em 1791, Cabanis demonstra sua amizade e dedicação, permanecendo ao seu lado até o final. Após sua morte, Cabanis organiza, revisa e reescreve anotações de Mirabeau para discursos sobre educação pública e os reúne numa publicação intitulada *Travail sur l'Éducation publique, trouvé dans les papier de Mirabeau l'ainé*, concedendo créditos ambíguos de autoria ao grande tribuno.

Entre 1790 e 1792, Cabanis integra a Comissão dos Hospitais, presidida por Michel-Augustin Thouret [1749–1810], e torna-se o administrador geral dos hospitais de Paris, apoiando integralmente a reforma proposta e conduzida por seu amigo Philippe Pinel [1745-1826], um dos precursores da psiquiatria social. Como programa de trabalho nesses importantes cargos, escreve e publica o ensaio *Observations sur les hôpitaux*. Em 1791, elege-se vice-prefeito da comunidade de Auteuil, confirmando-a como sua terra de adoção. Por solicitação de Garat, nomeado Ministro da Justiça no início da Convenção, redige uma série de *rapports* sobre educação (na época chamada de instrução pública) e assistência social que muito influenciam o conjunto de medidas de reestruturação institucional implantadas no período inicial da Revolução.⁷ Data dessa fase intensa parceria política com Condorcet, com quem colabora na elaboração de um projeto de reforma do sistema francês de educação pública, e com Antoine-Louis Claude Destutt, Conde de Tracy [1754-1836], militar, educador e filósofo, com quem organiza e lidera o movimento intelectual que a posteridade chamará de *Idéologie*. Em vários momentos, alinha-se aos protestos contra a pena de morte, participando de acalorados debates contra a guilhotina a partir de seus estudos sobre vida psíquica e estrutura fisiológica (Gourdol, 2010).

As relações de amizade e parceria intelectual entre Condorcet e Cabanis eram fortes e profundas, conforme atestam seus vários biógrafos (Staum, 1980; Role & Boulet, 1994; Pouliquen, 2013; Saad, 2016). Em 1793, no auge do Terror promovido pela Convenção, ajuda a esconder o Marquês de Condorcet nos arredores de Paris, acolhendo em Auteuil toda a família do amigo perseguido, protegendo-a das perseguições do período e contribuindo com o rápido registro cartorial de um divórcio de fachada. Uma das versões sobre a morte de

⁷ Com destaque para *Quelques considérations sur l'organisation sociale* (publicado somente em 1799) e *Quelques Principes et quelques vues sur les secours publics* (publicado em 1803). Nesses textos, considera a distribuição injusta de riqueza herdada do Antigo Regime como um dos maiores problemas políticos a serem enfrentados pela Revolução e propõe estratégias de redução das desigualdades sociais pela implantação de uma nova organização institucional promovida pelo Estado.

Condorcet foi a de que, capturado por milícias das guardas populares, teria se suicidado com veneno fornecido por Cabanis (Pouliquen, 2013). Três anos depois, Cabanis se casaria com Charlotte Grouchy, irmã caçula da viúva de Condorcet. Nesse período turbulento, Cabanis sofre muito com a prisão de vários dos seus amigos mais próximos, culminando com a execução de Lavoisier e do poeta Roucher, seu mentor da juventude, o suicídio de Condorcet e a morte misteriosa de Félix Vicq d'Azyr. Deprimido, doente e considerado suspeito pelo temido *Comité de Salut Public*, Cabanis recolhe-se a Auteuil onde retoma o trabalho filantrópico de médico dos pobres e desvalidos (que o protege da perseguição das milícias populares).

Em meados de 1794, após a morte de Robespierre, quando o Terror finalmente começa a refluir com o *Thermidor*, Cabanis retoma intensa atividade política. Em primeiro lugar, reabre os salões de Madame Helvétius, agora acolhendo o segundo Círculo de Auteuil, dedicado menos às belas-letas e mais aos debates políticos e filosóficos que tanto entusiasma os “ideólogos”, engajados na construção de uma nova sociedade regida pelos princípios revolucionários de liberdade, igualdade e fraternidade. O núcleo aglutinador do que Picavet (1891[2002]) chamou de “segunda geração dos ideólogos” compõe-se de personalidades extraordinárias de grande presença no cenário europeu da virada do século: Pierre-Simon Laplace [1749-1827], célebre matemático, astrônomo e físico; Jean-Baptiste Say [1767-1832], pioneiro das ciências econômicas; Constantin-François de Volney [1757-1820], historiador orientalista, que introduzirá Napoleão Bonaparte ao grupo; Pierre-Claude François Daunou [1761-1840], educador e precursor da ciência política; além de Garat, Pinel, Daunou e outros; liderados por Destutt de Tracy e pelo próprio Cabanis.

Em segundo lugar, sob a influência direta de Philippe Pinel, Georges Cabanis renova seu interesse pelos temas de reforma dos hospitais, regulamentação do exercício da profissão médica, teoria das práticas clínicas, modelos assistenciais e ensino médico. Um plano moderado de reorganização da prática médica e do ensino em saúde, elaborado por uma comissão da *Société Royale de Médecine*, presidida por Félix Vicq d'Azyr [1748-1794], professor de anatomia e médico-cirurgião de grande prestígio profissional, fora apresentado à Assembleia Nacional no primeiro ano da Revolução, porém logo rejeitado por sua origem numa instituição oficial do regime anterior. Profissional competente, político discreto e sagaz, Vicq d'Azyr rapidamente se integra ao movimento revolucionário de 1789, sendo eleito para a Assembleia Nacional no ano seguinte (Schmitt, 2009). Nessa posição, passa a liderar um grupo de médicos militantes vinculados aos setores moderados da Revolução, dentre os quais se destacam jovens como seu pupilo Antoine de Fourcroy, além de Pinel e Cabanis.

Em 1792, Antoine-François de Fourcroy [1755-1809], médico, farmacêutico, pioneiro da entomologia e da nomenclatura química, apresenta à Convenção um projeto de ampla reforma do ensino médico (analisado em detalhe no Posfácio, adiante). Nessa proposta, apoia o fechamento das faculdades e academias, preconiza a unificação definitiva do ensino da Medicina, da Cirurgia e da Farmácia em um único diploma universitário, em cursos ministrados em *écoles de santé*, com uma formação de base anátomo-clínica e introduz o conceito de prática-estágio obrigatória nos serviços de saúde (origem do *internat des hôpitaux*). Cabanis apoia alguns pontos da proposta, mas se mostra cético em relação à criação das escolas de saúde e discorda da centralidade concedida ao ensino de Farmacoquímica como ciência de base do novo currículo. Ainda assim, é nomeado Professor Adjunto de *Hygiène* da primeira escola de saúde implantada em Paris, juntamente com Pinel, Fourcroy, Thouret, Desgenettes e outros médicos famosos naquela conjuntura.

Em 1795, é eleito para o *Institut National de France* na classe de Ciências Morais e Políticas.⁸ Novamente por solicitação de Garat, agora na influente posição de Comissário da Instrução Pública, principal cargo no campo da educação naquela conjuntura, Cabanis escreve um conjunto de observações sobre o modo de funcionamento de uma escola de medicina ideal, intitulado *Considérations générales sur les révolutions de l'art de guérir*. Nesse esboço, discutido em duas sessões do *Institut* em 1796, Cabanis retoma algumas das propostas de Vic d'Azyr sobre a organização do ensino médico, enriquecendo-as com bases metodológicas e epistemológicas mais bem definidas e com maior viabilidade política.

Após a reabertura das faculdades em 1797, Georges Cabanis é nomeado Professor Adjunto da Faculdade de Medicina de Paris, onde implanta um novo modelo de ensino clínico. Assistente de Jean-Nicolas Corvisart e fiel seguidor dos preceitos da semiologia natural, Cabanis defende examinar o paciente em profundidade, sempre seguindo uma abordagem sistemática e metódica dos sinais e sintomas, observando a correlação nosológica em primeira mão, na cabeceira do paciente.

Em 1798, graças ao seu trabalho filantrópico, atendendo gratuitamente pobres e indigentes da comunidade de Auteuil e arredores, Georges Cabanis elege-se representante do povo do Departamento de Seine para o Conselho dos Quinhentos. Aproveitando sua tribuna, apresenta uma proposta de reforma da medicina que articula algumas ideias do Plano Vic d'Azyr com elementos

⁸ O *Institut National de France* foi um órgão de política científica e educacional concebido como alternativa unificadora e atualizadora das “aristocráticas academias” extintas pela Revolução. Ironicamente, as academias foram gradualmente restauradas por dentro do *Institut* mediante o reconhecimento das suas diversas classes, sendo primeira a classe de Língua Francesa e Literatura (que, postumamente, acolheu Cabanis) e que, a partir de 1816, se tornaria a *Académie Française*.

curriculares da proposta de Fourcroy, tanto em termos de prática quanto de modelo de formação, desmembrada em sucessivos *rappports* submetidos ao Conselho durante todo o ano de 1798 (2 de janeiro, 24 de fevereiro, 15 de março e 26 de Setembro). O mais importante desses documentos é, sem dúvida, um Relatório e Projeto de Resolução subtítuloado *Sur um mode provisoire de police médicale*, onde Cabanis propõe um amplo conjunto de políticas para a reinstitucionalização do exercício da Medicina (este é o sentido do termo *police médicale*) na era pós-revolucionária, em sintonia com diretrizes curriculares e regras de graduação em nível superior para a profissão médica. Político habilidoso e bem relacionado, Cabanis se faz onipresente e atuante na condição de parlamentar e consegue, não sem dificuldades, aprovar a maior parte daquela agenda.

Em 1799, de volta do Egito, o jovem general Napoleão Bonaparte [1769-1821] participa dos salões de debates de Paris; comparece regularmente ao *salon* de Auteuil, agora principal ponto de encontro dos ideólogos. O futuro Imperador dá sinais de que pretende adotar as ideias defendidas pela elite intelectual parisiense, com maior simpatia pelas propostas moderadas do grupo liderado por Cabanis e Destutt de Tracy. Como um dos mais influentes membros do Conselho dos Quinhentos, parlamento nacional dissolvido pelo golpe de Estado do 18 Brumário, Georges Cabanis participa ativamente das articulações, sendo citado entre os redatores do manifesto à nação que anunciou a tomada do poder pelo Consulado. Fiel e entusiasmado bonapartista, Cabanis é convocado a compor o Senado Conservador durante sua criação. Nesse ano, já célebre no cenário acadêmico parisiense, é nomeado para a cátedra de História da Medicina da Faculdade de Medicina de Paris. Com dificuldades para cumprir suas funções docentes devido aos encargos políticos, destina seu salário à nova biblioteca médica e a um programa de bolsas para estudantes pobres.

Na virada do século, Anne-Cathérine Helvétius falece e deixa Cabanis como herdeiro. Como muitos dos seus colegas ideólogos, Cabanis esperava que os princípios republicanos defendidos pela Revolução seriam valorizados e aplicados na reconstrução da sociedade francesa, mas se decepciona cada vez mais com as decisões autoritárias de Napoleão, agora Consul Vitalício da República e, em protesto, não mais comparece às sessões do Senado. O permanente estado de guerra e o patriotismo exacerbado que dominam a sociedade francesa no apogeu da era Bonaparte, acentuam seu isolamento e depressão. Cabanis recolhe-se ao pavilhão da biblioteca de Auteuil, montada por Madame Helvétius em décadas de convivência com seus amigos intelectuais, e empenha-se em registrar de modo sistemático o legado filosófico, científico e pedagógico de sua movimentada vida.

Em 1802, publica *Rappports du physique et du moral de l'homme*, sem dúvida seu escrito mais elaborado, compilação de memórias lidas perante a *Classe des*

Sciences morales et politiques de l'Institut national de France entre janeiro de 1796 e setembro de 1797, revisadas e publicadas em dois volumes em 1802. A obra gera grande polêmica por sua defesa de uma filosofia materialista que, de modo explícito, negava a existência da alma. Trata-se de um estudo sobre a dimensão ideológica do ser humano, no sentido próprio concebido pelo Círculo de Auteuil, onde Cabanis elabora uma teoria fisiológica sobre a origem das ideias. A expressão “relações entre o físico e o moral” deve ser compreendida no glossário da época como equivalente à interface biológico-social ou à dialética natureza-cultura das teorias sociais contemporâneas, sendo que o físico se refere à organização fisiológica e o moral corresponde ao plano social-político do ser humano (Willams, 1994).

Em 1803, com a reconstituição das academias a partir das seções do *Institut de France*, Cabanis é eleito para a classe de Língua Francesa e Literatura, ocupando a cadeira 40 da entidade que em breve se tornaria a Academia Francesa. Apesar de ter-se posicionado publicamente como crítico da ditadura bonapartista, Napoleão pessoalmente o nomeia Comandante da Legião de Honra. Nesse mesmo ano, organiza seus escritos sobre história dos saberes em saúde, reforma da medicina e educação médica, porém, por razões de saúde, não conclui a revisão e ampliação planejada. Atendendo à pressão de Garat, Tracy e outros colegas, autoriza sua publicação num livro-testamento, apresentado neste volume.

A partir de 1805, a já delicada saúde de Cabanis piora bastante, reduzindo sua mobilidade. Impossibilitado de sair do refúgio de Auteuil, desgostoso com a tirania do governo bonapartista, encerra sua carreira política. Georges Cabanis falece no dia 5 de maio de 1808, devido a uma série de acidentes vasculares encefálicos. Oito dias depois de sua morte, seus restos mortais são trasladados ao Panteão de Paris, onde seu amigo de toda a vida Dominique-Joseph Garat, ladeado pelas delegações do Senado, do *Institut de France* e da Faculdade de Medicina de Paris, profere o elogio fúnebre. Dentre as numerosas homenagens póstumas oficiais, o próprio imperador Napoleão lhe concede o título de Conde do Império em 23 de maio de 1808 (Gourdol, 2010).

Referências

1. Gourdol, JY. *Pierre-Jean-Georges Cabanis (1757-1808), médecin, philosophe et homme politique français*. Paris: Medarus; 2010. Disponível em: <http://www.medarus.org>. Acesso em: 17 mar. 2018.
2. Mrozovski, Robert. *Médecine et politique dans l'oeuvre de Pierre-Jean-Georges Cabanis*. Tese de filosofia defendida em 29 março de 2013. Paris: Université de Paris I, 2013.
3. Picavet, F. *Les idéologues*. Essai sur l'histoire des idées et des théories scientifiques, philosophiques, religieuses, etc. en France depuis 1789. New York: Burt Franklin, 1971. [Obra publicada originamente em 1891].
4. Pouliquen, Y. *Cabanis, um idéologue de Mirabeau à Bonaparte*. Paris: Odile Jacob; 2013.
5. Role, André; Boulet, Luc. *Georges Cabanis, médecin de Brumaire*. Paris: Fernand Lanore Editeur, 1994.
6. Saad, Mariana. *Cabanis, comprendre l'homme pour changer le monde*. Paris: Classiques Garnier (Col. Histoire et philosophie des sciences), 2016.
7. Schmitt, Stéphane. From Physiology to Classification: Comparative Anatomy and Vicq d'Azyr's Plan of Reform for Life Sciences and Medicine (1774–1794). *Science in Context*, v. 22, n. 2, 2009, p. 145–193.
8. Staum, Martin. *Cabanis: Enlightenment and Medical Philosophy in the French Revolution*. Princeton: Princeton University Press, 1980.
9. Williams, E. *The Physical and the Moral: Anthropology, Physiology, and Philosophical Medicine in France, 1750–1850*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.



Pierre-Jean Georges Cabanis (Litogravura de Ambroise Tardieu,
1787)

COUP D'OEIL
SOBRE
AS REVOLUÇÕES E A
REFORMA DA
MEDICINA

por
Pierre Jean Georges CABANIS

Membro do Senado Conservador, do Instituto Nacional da França,
da Escola e Sociedade de Medicina de Paris, da Sociedade
Americana da Filadélfia, etc., etc.

O médico filósofo é igual a Deus
Hipócrates, Sobre a Decência

PARIS
ANO XII – 1804

COUP D'OEIL
SUR
LES RÉVOLUTIONS
ET SUR LA RÉFORME
DE LA MÉDECINE.

PAR P. J. G. CABANIS,

Membre du Sénat Conservateur, de l'Institut national de France, de l'École et Société de Médecine de Paris, de la Société Américaine de Philadelphie, &c. &c.

ἰητρὸς γὰρ φιλοσοφὸς ἰσόθειος.

Medicus enim philosophus est Deo æqualis.

Hippocrates, de decenti habitu.

DE L'IMPRIMERIE DE CRAPELET.

A PARIS,

Chez CRAPART, CAILLE et RAVIER, Libraires,
rue Pavée Saint-André-des-Arcs, n° 12.

AN XII—1804.

SUMÁRIO

ADVERTÊNCIA AO LEITOR

OBJETO DESTA OBRA

PRIMEIRO CAPÍTULO

- I. A arte de curar está fundada sobre bases sólidas?
- II. Diferentes pontos de vista sob os quais a arte de curar deve ser levada em consideração

CAPÍTULO II

Quadro das revoluções da arte de curar, desde seu nascimento até sua introdução pelos romanos

- I. A medicina nas mãos dos chefes dos povos primitivos, dos poetas e principalmente dos sacerdotes
- II. A medicina cultivada pelos primeiros filósofos
- III. Hipócrates
- IV. Outras escolas da Grécia
- V. Desde o estabelecimento da Medicina em Roma até a época dos árabes
- VI. A época dos árabes
- VII. A medicina passa da Grécia à Europa, através dos sábios e dos livros
- VIII. Médicos judeus
- IX. Médicos químicos dos primeiros tempos
- X. Renascimento das Letras e da Medicina hipocrática
- XI. Stahl, Van Helmont
- XII. Sydenham
- XIII. Descoberta da circulação do sangue
- XIV. Boerhaave

XV. Hoffmann, Baglivi, novos solidistas de Edimburgo, Escola de Montpellier

XVI. Situação do ensino

CAPÍTULO III

Visões gerais sobre o ensino da arte de curar

- I. Faculdades do homem, fonte de seus erros, invenções dos métodos filosóficos
- II. Aplicação da análise na arte de curar
- III. Dificuldades encontradas ao quisermos aplicar a análise na observação e no tratamento das doenças
- IV. Mesma dificuldade e perigo na classificação dos remédios
- V. Tentativas feitas para aperfeiçoar as classificações médicas.
- VI. Novas dificuldades
- VII. Volta-se sempre ao método. Ele mesmo não prejudica. Como ele deve ser aplicado na medicina.
- VIII. Grande influência das línguas sobre as ciências. Sua reforma
- IX. Falsa aplicação das outras ciências na medicina. Hipóteses dos Mecânicos e dos antigos Químicos
- X. Medicina tende às hipóteses, pela própria natureza do sujeito ao qual ela é aplicada
- XI. A aplicação de uma filosofia mais rigorosa para a medicina fez com que ela se privasse das verdadeiras riquezas?
- XII. O que resta a fazer para a reforma da medicina?
- XIII. Exposição mais detalhada dos procedimentos da análise filosófica com aplicação na medicina
- XIV. Aplicação das quatro espécies de análise nos diferentes objetos dos trabalhos da medicina
- XV. Ensino analítico da medicina

CAPÍTULO IV

Considerações particulares sobre os diversos ramos da medicina

- I. Anatomia
- II. Fisiologia
- III. Relações da Medicina com a Moral
- IV. Patologia, Semiótica, Terapêutica.
- V. Higiene
- VI. Cirurgia. Operações cirúrgicas
- VII. Matéria médica.
- VIII. Química, Farmácia
- IX. Botânica
- X. Medicina veterinária

CAPÍTULO V

Objetos acessórios

- I. História natural
- II. Física
- III. Ciências matemáticas
- IV. Métodos filosóficos
- V. Filosofia moral
- VI. Letras e Artes
- VII. Línguas antigas e modernas

CONCLUSÃO

ADVERTÊNCIA AO LEITOR

Esta obra foi escrita durante o inverno do ano III⁹. Garat, hoje senador, era então comissário de instrução pública. Os gostos que tínhamos em comum, somados aos nossos trabalhos e desejos pelo progresso do saber e pela felicidade dos homens, estreitaram nossos laços de amizade que já eram fortalecidos pelo nosso convívio. Eu tinha particular interesse na execução de um vasto plano que ele formulara para a organização de todas as partes do ensino.¹⁰ Garat achou que eu podia contribuir com esse plano. Algumas ideias que eu lhe havia comunicado, sobre a aplicação de métodos analíticos ao estudo da medicina, pareceram-lhe justas e úteis. Seus convites insistentes me encorajaram a organizá-las e minha intenção era publicá-las o quanto antes.

Contudo, como acontece quase sempre quando queremos considerar um assunto sob todos os ângulos, ao reunir minhas ideias para criar um todo, minha perspectiva se ampliava e a matéria se tornava, diante dos meus olhos, mais extensa e importante. Ousei conceber o projeto de organizar todas as áreas da medicina em elementos bem simples, indicando para cada uma delas um método que,

⁹ (N.T.): Calendário republicano, instituído pela Convenção Nacional, em 24 de novembro de 1793.

¹⁰ As escolas de Medicina, criadas no Ano II [1794], receberam um novo aperfeiçoamento. O Governo atual as consolidou e tomou medidas para acabar com as falcatuas dos charlatões. Embora seu objetivo não tenha sido ainda completamente atingido, esse feito merece nosso reconhecimento, pois todos os esforços nesse sentido tentados anteriormente sempre foram infrutíferos.

em minha opinião, pode conduzir por si só, e com segurança, seu estudo e seu ensino.

Um trabalho tão amplo, destinado a apresentar a ciência sob pontos de vista inteiramente novos, precisava se apoiar em algumas considerações preliminares. Teria sido precedido por uma introdução, na qual eu julgava conveniente esboçar rapidamente as diferentes revoluções da medicina e expor, de maneira sumária, os princípios gerais que devem presidir sua reforma.

Esta introdução é a única parte que pude terminar. Eu me recusara, até este momento, a torná-la pública, na esperança de um dia completar toda a obra, tal como a tinha concebido. Mas a degradação total de minha saúde não me permite mais nutrir essa esperança, que sempre foi talvez demasiadamente ambiciosa para mim. Acabei, então, cedendo aos desejos de alguns amigos e entregando ao público este fraco esboço. Queria torná-lo mais digno dele e deles. Porém, a mesma razão que me leva a tirá-lo de minha pasta, tira-me também a coragem e os meios de aperfeiçoá-lo. No ponto em que se encontra, este esboço contém, acredito, ideias úteis, o que é suficiente para afastar os conselhos de meu amor próprio, que talvez o condenassem ao esquecimento. E se nossos jovens alunos, aos quais esta obra é particularmente destinada, colherem em seus trabalhos algum fruto desta leitura, para meu coração seria muito além do que o sucesso mais glorioso.

Auteuil, 25 Ventoso Ano XII¹¹

¹¹ (N.T.): Ventoso ano XII - Sexto mês do calendário republicano (de 19 de fevereiro a 21 de março).

OBJETO DESTE ESCRITO

À medida que as ciências se desenvolvem, torna-se cada vez mais necessário aperfeiçoar seus métodos. O que é verdade para todos os métodos, em geral, o é mais particularmente ainda para os de observação. Rapidamente nos perdemos na enorme quantidade de fatos recolhidos, se o espírito filosófico não os organizar numa ordem conveniente, de onde emergem naturalmente os princípios gerais próprios a cada ciência. Quando esses princípios são deduzidos legitimamente de todos os fatos reunidos, comparados e coordenados, o sistema, ou o conjunto dogmático resultante, não será mais uma vã hipótese; será o quadro verdadeiro da ciência, pelo menos tanto quanto o estado das luzes permite traçá-lo. Assim, as novas descobertas poderão se unir facilmente aos princípios particulares que se relacionam às ciências, podendo estas confirmá-los ou combatê-los e, nesse caso, haverá necessidade de mudanças ou modificações.

Nessa última suposição, ou seja, quando as novas descobertas fazem cair por terra certas consequências, que fatos anteriormente conhecidos faziam enxergar como verdades gerais, percebemos facilmente a classificação desses mesmos fatos e a expressão ou encadeamento dos princípios, que não são mais do que seu resultado direto, exigirão correções mais ou menos importantes. Toda época marcada por notáveis progressos da ciência será necessariamente marcada por reformas análogas na língua e nos elementos desta ciência. Para lembrar e empregar

facilmente seus conhecimentos, o espírito humano não pode viver sem um laço que os una, os coordene e faça um todo completo dessas partes, insignificantes se permanecerem dispersos. Cada uma dessas épocas se atribuirá a posse exclusiva da verdade e todas poderão igualmente ter razão se os sistemas, que elas fizeram nascer, abraçam e unem, de forma natural, todos os fatos conhecidos, pois as verdades gerais são, e só podem ser, as consequências de todas as observações ou de todas as noções particulares que foram recolhidas sobre um dado tema.

Trata-se enfim de descobertas que abalam os próprios fundamentos de uma ciência, renovando-a inteiramente. Como seria então possível que seu sistema de exposição e seu método de ensino também não se renovassem totalmente?

Mas na medida em que novos fatos observados, ou novas ideias adquiridas, encontram naturalmente seu lugar na ordem anteriormente admitida, o número sempre crescente desses fatos e dessas ideias força, de tempos em tempos, a rever e a simplificar as classificações que os encadeiam e os métodos que têm por objetivo facilitar seu estudo. A ciência se assemelha, neste caso, a um viajante curioso que, ao recolher na estrada tudo que lhe interessa, vê aumentar a cada instante sua bagagem e é frequentemente forçado a examiná-la, seja para se livrar de objetos inúteis ou que têm duplo emprego, seja para organizar melhor os objetos dos quais não pode abrir mão, a fim de que ocupem menos espaço e que seu transporte, ou seu emprego, se torne mais fácil e mais cômodo.

Se se trata de uma ciência sobrecarregada (se me permitirem o uso desta expressão) de bagagem excedente,

esta será, sem dúvida, a medicina. Nenhuma outra precisa tanto do espírito filosófico para presidir sua reforma. É necessário que um método severo, que a libere de tudo que lhe é estranho ou inútil, simplifique por meio de melhor exposição o sistema de conhecimentos indispensáveis que a compõe e lance uma nova aurora sobre os verdadeiros pontos de contato que a ligam a várias outras ciências. Os objetos de seus estudos são tão numerosos, as qualidades de espírito exigidas por sua cultura são tão diversas (mesmo que aparentemente tão contrárias), a prática de sua arte é tensionada por tantas dificuldades, seu objetivo principal é de tão grande importância, que seus progressos, a perfeição de seu ensino e de sua utilidade direta, ou de aplicação, demandam igualmente uma inteira reforma, semelhante à que foi outrora executada por Hipócrates. Ao interesse da ciência, acrescenta-se aqui o da humanidade.

Em um momento em que todos os ramos da ciência se renovam de algum modo, os médicos dotados de alguma filosofia devem ter como dever a união de seus esforços para consumir essa grande regeneração da ciência e da arte. O estado das luzes parece permitir torná-la mais completa e seus efeitos mais duradouros, o que nem mesmo Hipócrates conseguiu fazê-lo em seu tempo. Nesse movimento rápido e progressivo que arrasta todos os conhecimentos humanos, não bastará apenas concluir as reformas exigidas pelo momento atual. Devemos, ainda, querer preparar antecipadamente as reformas que em seguida poderão se tornar necessárias, pois todas deverão ser conduzidas com o mesmo espírito, pelo menos executadas no mesmo plano. Testemunhas dos progressos diários feitos atualmente pelas outras áreas da física, às quais excelentes pensadores aplicaram verdadeiros

métodos, os médicos não teriam mais desculpas em deixar a bela e vasta ciência que eles cultivam sufocada por essa massa indigesta de materiais que os observadores recolheram, frequentemente sem discernimento, e que os teóricos utilizaram sem crítica. Sobretudo, em meio a objetos tão diversos, tão fugidios, tão mutantes, e no exame dos quais os menores vícios de raciocínio ou de dedução conduzem aos mais perigosos erros, não mais será permitido tolerar uma linguagem vaga e imprecisa, capaz de obscurecer as verdades mais simples e de dar a puras visões toda a aparência da realidade. Chegou o momento de colocar a medicina em harmonia com as outras ciências e de determinar, com exatidão, suas relações mútuas. Colocada entre a física e a moral, trata-se agora de reconhecer e mostrar, com evidência e exatidão, suas relações verdadeiras com cada uma destas ciências. É preciso que a medicina faça uso da linguagem severa e exata da primeira, e do tom comunicativo e, por assim dizer, vulgar da segunda. É preciso que ela se ilumine com tudo o que a filosofia racional tem de mais rigorosamente determinado em suas teorias e, também, do que sua aplicação diária à natureza sensível oferece de mais fino e delicado. Resumindo, após ter sistematizado seus princípios através dos métodos de observação, de experiência e de raciocínio totalmente seguros, é preciso que a perfeição do seu ensino forme para a prática espíritos profundos, amplos, firmes e flexíveis, que encontrem nas luzes de uma razão transcendente, esse conhecimento da vida e essa sabedoria de aplicação, sem os quais todos os dons da natureza e da arte parecem quase inúteis. Reunião preciosa, e talvez indispensável, para impedir que a prática de uma ciência, cujos objetos são tão variados e móveis, torne-se mais um flagelo para a humanidade.

Após estas vigorosas considerações, ousei conceber o plano de uma nova classificação das diferentes partes da medicina. Eu acreditava dever adotar uma nova ordem de exposição dos fatos - sobre os quais a medicina se repousa - e, também, as ideias ou noções particulares que seu exame detalhado fornece. Sem a pretensão de mudar sua terminologia ou nomenclatura, eu esperava, mediante uma determinação mais rigorosa do sentido das palavras, poder banir totalmente de sua língua o vazio e a obscuridade que desfiguram a medicina quase inteiramente. Isto me parecia tão indispensável porque esses defeitos podem enganar mesmo os homens mais instruídos e sobretudo, ao dar asilo, digamos impenetrável, ao charlatanismo ignorante, eles se tornam a fonte dos erros mais fatais e logo os consagram por um tipo de atração misteriosa. Como eu me propus considerar a medicina particularmente sob o ponto de vista de sua aplicação no tratamento de doenças, seria então com a divisão que traz o nome de terapêutica que todas as outras devem se coordenar. É em relação a ela que as subdivisões devem ser traçadas e as relações mútuas fixadas e as conclusões resultantes dessa nova maneira de encarar os fatos devem ter como objetivo comum aperfeiçoar a arte dos tratamentos.

Ocupações e deveres de diferentes gêneros não me permitiram completar tão extensa obra, que seguramente estava acima de minhas forças. O escrito a seguir, destinado a servir de introdução, é a única parte que foi concluída. Pelo menos, é a única que posso oferecer, neste momento, a nossos jovens alunos, para os quais desejo sinceramente que ela lhes seja útil.

O objetivo direto desse trabalho é portanto traçar, de maneira rápida e sumária, a história das revoluções da

medicina; caracterizar cada revolução pelas circunstâncias que a engendraram e pelas mudanças que ela produziu no estado ou no desenvolvimento da ciência; enfim, tentar vislumbrar se esses diferentes quadros, comparados aos métodos filosóficos modernos, podem fornecer algumas visões úteis para a reforma da medicina e do seu ensino.

Para retomar todas as causas das diferentes fases pelas quais passou a medicina e descrever com exatidão suas particularidades, seria necessário entrar em todos os detalhes de sua história, uni-la à história de várias outras ciências colaterais e, de algum modo, traçar toda a história da sociedade civil. Com efeito, somente analisando esses diferentes objetos ao mesmo tempo, examinando a influência recíproca do estado social e dos acontecimentos políticos, sua influência comum sobre o desenvolvimento do espírito humano em geral, e a influência das diferentes ciências sobre a medicina em particular, poderíamos ter uma ideia precisa e completa do estado da medicina em todas as épocas até os nossos dias. Sem dúvida, não haveria nada mais filosófico que sua história executada sobre este plano e neste espírito. Cairia uma nova e viva luz sobre várias partes da história geral do gênero humano, com as quais a medicina parece num primeiro olhar não ter qualquer relação. Mas nosso objetivo não nos permite um plano tão vasto. Basta-nos marcar as principais épocas da medicina, compreender em cada revolução o verdadeiro estado dos espíritos, apreciar suas circunstâncias e efeitos; enfim, buscar os meios próprios para tornar mais útil aquela que se prepara há muito tempo e que não pode faltar, nem demorar a se realizar plenamente.

Eis aqui o objeto do escrito que se segue.

PRIMEIRO CAPÍTULO

I

A arte de curar estaria fundada em bases sólidas?

Entrando no assunto, sinto-me bloqueado desde o primeiro momento. Vários filósofos viram a arte de curar como uma arte enganadora, cujo domínio se funda unicamente sobre a credulidade e a fraqueza. As engrenagens da máquina humana são, segundo esses filósofos, muito sutis para que se possa ter a vaidade de conhecer as causas de seus estragos. A natureza incorporou em sua obra os meios para manter a ordem, e todas as vezes que esses meios são insuficientes, os pretensos recursos da medicina são absolutamente inúteis.

Entrando no assunto, sinto-me bloqueado desde o primeiro momento. Vários filósofos viram a arte de curar como uma arte enganadora, cujo domínio se funda unicamente sobre a credulidade e a fraqueza. As engrenagens da máquina humana são, segundo esses filósofos, muito sutis para que se possa ter a vaidade de conhecer as causas de seus estragos. A natureza incorporou em sua obra os meios para manter a ordem, e todas as vezes que esses meios são insuficientes, os pretensos recursos da medicina são absolutamente inúteis.

Mesmo alguns médicos mais esclarecidos apoiaram esta ideia. Pelo menos, eles sentiram tanto a potência desta arte, que encararam seus estudos mais como um objeto de curiosidade do que de utilidade. O conhecimento sobre o

homem sadio e doente é, aos seus olhos, somente uma parte da história natural, sem dúvida interessante, mas quase sem aplicação na conservação dos indivíduos.

Em qualquer das duas maneiras de considerá-la, a arte mereceria pouca atenção por parte dos governos. Adotando a primeira, essa arte deveria ser severamente vigiada, como aos outros malabarismos; restringindo-se à segunda, dever-se-ia imediatamente submetê-la ao mais atento exame, escolher um reduzido número de conhecimentos reais e desprezar o restante.

Em outro livro, discuti essa questão da certeza da medicina. Apresentei fortes objeções e acredito ter levantado dúvidas e dificuldades que não poderiam faltar para sacudir os bons pensadores.

Eis aqui, resumidamente, as conclusões que resultaram desse exame.

O estudo da natureza é, geralmente, o estudo dos fatos e não o das causas. Observamos as aparências e as mudanças sensíveis, frequentemente sem dispor dos meios para reconhecer como essas aparências acontecem, porque essas mudanças se operam.

Para estudar os fenômenos apresentados pelos corpos vivos e para traçar fielmente a sua história, não precisamos conhecer a natureza do princípio que os anima, nem a maneira pela qual este princípio põe em jogo suas engrenagens. Basta-nos constatar os próprios fenômenos, observar ao mesmo tempo a ordem na qual eles se reproduzem e suas relações mútuas, e classificá-los num encadeamento que torne possível sentir essa ordem e essas relações. Para estudar o estado sadio e o estado doente, para acompanhar o percurso e o desenvolvimento de

alguma doença em particular, não precisamos conhecer a essência da vida nem a essência da causa mórbida: a observação, a experiência e o raciocínio nos bastam; de mais nada precisamos. Da mesma forma, na saúde, movimentos regulares são executados a fim de preservá-la e renová-la, de algum modo, a cada instante. Segundo as leis da organização animal, a doença acarreta sempre outra série de movimentos que parecem destinados a combatê-la. De fato, quando esses movimentos não são demasiadamente fracos ou violentos, nem desviados de seu objetivo devido a novas perturbações, tendem frequentemente ao restabelecimento da ordem e da saúde.

Estes movimentos se manifestam através de fenômenos que lhes são próprios e que os caracterizam suficientemente quando vistos com atenção: vômitos de matérias que fadigam o estômago, evacuações de bolos intestinais, diureses abundantes, hemorragias, suores, etc.

Algumas vezes, as mudanças que se operam na economia animal são mais silenciosas e dissimuladas, seus sinais externos são menos visíveis, sua natureza não é a mesma. Enjoos ou falta de apetite, acelerações ou enfraquecimentos passageiros de diferentes funções vitais, alterações submetidas a uma ordem periódica ou que aparecem em épocas indeterminadas, tudo isso indica um sinal de alterações internas e também o instrumento pelo qual a natureza opera a cura. É necessário, somente, estar atento para observar esses diversos fenômenos e para reconhecer sob quais circunstâncias esses esforços espontâneos são úteis ou prejudiciais.

A observação nos ensina, também, a identificar qual conjunto de fenômenos indica as doenças nas quais é

pernicios, para o doente ou favorável à sua cura, seguir as inspirações do instinto e lhes obedecer.

Porém, algumas substâncias aplicadas nos corpos vivos determinam os mesmos esforços e produzem os mesmos fenômenos. Algumas fazem purgar ou vomitar, provocam suores ou fluxos de urina, excitam ou moderam a ação vital; outras diminuem as dores excessivas, trazem o sono cujo retorno é tão necessário à preservação da saúde, ou, por uma ação específica, suspendem e suprimem certos movimentos particulares. Enfim, por uma ação mais lenta, mudam o estado dos humores e a maneira de ser e de agir dos sólidos.

Irritando as extremidades, pode-se exercer sobre todo o corpo uma ação direta e geral, capaz de mudar todas as suas disposições. Essas impressões, locais e incisivas, irão desencadear movimentos desordenados, fazendo-lhes tomar uma ou outra direção, ou estabelecerão outros completamente novos. Poderão, também, ocasionar diversas evacuações de humores, cujos efeitos se relacionam ao caráter da doença e às circunstâncias nas quais esses movimentos são impressos.

Enfim, a preservação da vida demanda em geral a presença do ar; essa presença é indispensável para todos os indivíduos da espécie humana, desde o seu nascimento. Ora, este fluido pode se encontrar em diferentes estados e assim produzir, sobre os corpos, efeitos muito variados. Alimentos e bebidas são igualmente necessários, tanto para animar e sustentar o jogo da economia animal, quanto para reparar suas perdas diárias. Ora, a ação dessas novas matérias, introduzidas nos órgãos digestivos, no escoamento dos humores e na íntima textura das fibras

torna-se a causa de numerosas modificações, sentidas por todo o sistema vivo.

Devemos acrescentar que o ar não é o mesmo nos diversos lugares da terra. A natureza do solo, sua disposição, a maneira pela qual ele é banhado pelo sol, a presença das águas correntes ou estagnadas, das matas ou das montanhas, tudo isso pode mudar inteiramente as qualidades da atmosfera.

Algumas destas qualidades são sensíveis e, de algum modo, exteriores, como o frio ou o calor, a secura ou a umidade. Quanto às outras, elas se manifestam somente através de seus efeitos.

O observador pode ainda verificar, através de meios seguros, todos os objetos de suas pesquisas. Ele pode avaliar, com precisão, o efeito dos medicamentos e traçar regras que aproximem, cada vez mais, sua administração com alto grau de certeza, classificando-os com método. Ele pode avaliar também os casos com suas nuances e os próprios remédios em suas diversas associações. Ele pode determinar a influência do ar, conforme seus diferentes estados, a influência dos alimentos, conforme sua natureza e suas qualidades aparentes; resumindo, todos os efeitos do regime, no sentido mais amplo, podem ser imediatamente apreciados. O sono e a vigília, a vida ativa ou sedentária, os trabalhos do corpo e do espírito, a maneira de se vestir ou de morar, os hábitos da imaginação, as afecções da alma – todas estas circunstâncias, em minha opinião, podem contribuir para a conservação da saúde ou se tornar, para a economia vital, a causa de novas perturbações.

Enfim, os médicos da antiguidade nos deixaram grandes quadros de doenças. Esses quadros se ampliaram

nas mãos dos modernos e, infelizmente, o gênero humano fez, nesses últimos séculos, a funesta aquisição de algumas novas doenças. Entre todas as desordens físicas, que o desenvolvimento (quase sempre mal compreendido) de nossa existência moral pode ainda agravar e multiplicar a cada dia, há várias que, deixadas aos precários cuidados da natureza, são quase sempre mortais, mas que a arte encontrou frequentemente os meios de curá-las.

Tal asserção geral é comprovada pelos tratamentos metódicos inventados para a cura de hidropisias provocadas por velhas obstruções, como o escorbuto, as doenças venéreas e, sobretudo, as febres intermitentes malignas. Seria fácil confirmá-la ainda com a história de vários tratamentos particulares, menos importantes, de diferentes doenças agudas ou crônicas, mas vou evitar entrar em detalhes, e concludo.

A arte de curar está realmente fundada, como todas as outras artes, na observação e no raciocínio. Como os esforços desta arte têm como objetivo uma de nossas primeiras necessidades, demonstra, desde então, uma utilidade direta muito extensa. E se vimos, ao longo do tempo, bons espíritos negando ou colocando em dúvida essa arte, isto se deve unicamente aos vícios da sua linguagem, a suas teorias vagas, ao caráter pouco filosófico da maioria de seus livros e de seus métodos de ensino, os quais devem ser considerados. Assim, a arte de curar merece a maior atenção da parte de todo governo amigo dos homens; e seu lugar, em qualquer plano nacional de educação, deve ser digno da importância de seu objetivo.

Insistiríamos: se a arte existe na natureza, ou se a natureza colocou diferentes objetos ao nosso alcance, e se realmente dela recebemos os meios para estudá-los e

esclarecê-los, somente esta dificuldade de aplicação bastaria para torná-la nula ou perigosa na prática? Não concordo de modo algum. Se esta asserção fosse exata, deveríamos buscar um novo e mais urgente motivo para aperfeiçoar os métodos de observação e de experiência que se aplicam às pesquisas da medicina, apressar a reforma de seu ensino e supervisionar com atenção todos os seus trabalhos.

II

Diferentes pontos de vista sob os quais deve ser considerada a arte de curar

Para se ter uma ideia precisa da arte de curar, não basta considerá-la pela simples relação dos indivíduos que ela pode conservar ou dos males que pode aliviar. Esse duplo resultado é, sem dúvida, o objetivo principal dos seus esforços: sua utilidade direta. Esta arte não exerce o poder da natureza benfeitora? Poder que traz à vida o ser moribundo, cujos passos descem rapidamente para o túmulo? Ela não é a imagem viva desses seres superiores que a imaginação traz sobre a terra, as mensagens propícias da Divindade? Uma família chorosa ou amigos profundamente consternados irão perguntar o motivo da doença de um ente querido; você lhes dirá boas palavras. Aos olhos dessas pessoas, você não é um deus benévolo? Quando você refaz a trama da felicidade de duas pessoas necessárias uma à outra, que iriam se separar para sempre, você não está somente reacendendo a chama de uma delas e ressuscitando-a graças aos seus cuidados. Você merecerá duas coroas cívicas ao mesmo tempo. E o que digo? De alguma maneira, você não estaria representando a mão que

nos chama do nada para a vida? Conservar para a pátria seus úteis servidores, prolongar as benfeitorias do gênio e o exemplo dos virtuosos, não é o ato mais nobre e mais merecedor aos olhos das nações e do gênero humano?

Entretanto, eu repito: existem outras relações às quais a medicina interessa e pode servir eminentemente à sociedade, seja por sua influência imediata sobre vários objetos de utilidade diária, seja pelas luzes e pelos cuidados emprestados às outras partes da ciência.

1º - O estudo da economia animal é um ramo essencial da história natural ou da física. A própria economia animal só pode ser completamente conhecida pela observação detalhada do estado sadio e do estado doente, pelo exame mais exato de fenômenos que se manifestam espontaneamente, segundo as leis das forças vivas, e daqueles produzidos pela ação de agentes externos ou pela ingestão de certas substâncias.

No estudo da natureza, não se pode separar os objetos ligados por relações constantes e nem dividir aqueles que formam um todo. Ora, as ciências naturais envolvem em seu conjunto o sistema animal que, por nos ser tão próximo, ocupa o primeiro lugar. A descrição pura desse sistema, quando nos limitamos ao seu estado saudável, exigiria ainda o conhecimento das doenças, visto que essas últimas, ao revelarem fenômenos muito difíceis de serem apreciados sem tal conhecimento, desvelam várias forças ou propriedades que se apagam e desaparecem na uniformidade de um estado mais regular e mais constante.

2º - O quadro geral da natureza humana se divide em duas partes principais: sua história física e sua história moral. Desta reunião metódica e da indicação dos

numerosos pontos pelos quais elas se tocam e se confundem, resulta o que pode se chamar a *ciência do homem* ou *antropologia*, segundo a expressão dos alemães. Se a medicina quiser estabelecer axiomas do organismo e tirar da observação das doenças uma sequência de princípios aplicáveis a seu tratamento; ou se o moralista, através de regras individuais de conduta, procurar aperfeiçoar a vida privada; ou se o legislador, através das leis e formas de governo, tentar aperfeiçoar as nações e seu bem-estar; ou, enfim, se o artista e o sábio quiserem chamar nossa atenção para novos objetos de interesse e nos oferecer prazeres desconhecidos: tudo isso, digamos assim, é o retrato do homem pintado à mão. Como a parte física forma o esboço fundamental que a esclarece e a completa, a arte de curar mais ou menos se relaciona a todas as outras e ilumina sobretudo a base de todas as ciências morais.

3º - Em virtude de sua organização, o homem é dotado de uma perfectibilidade¹² que é impossível nomear. A partir do estado de privação e de imbecilidade, no qual a natureza o abandona, jogando-o no mundo, até à primeira, mais imperfeita associação, que intervalo imenso! Quantas tentativas infrutíferas, quantos esforços reiterados para atravessá-lo!

Dessa infância social, ou para usar termos mais fixos e menos arbitrários, desde a civilidade selvagem, que nos pintam os primeiros anais do mundo, e várias viagens modernas, até o ponto onde as nações civilizadas da Europa chegaram, os progressos não são menos surpreendentes. Algumas catástrofes físicas ou políticas

¹² Esta perfectibilidade tem limites, sem dúvida, como todas as forças da natureza, mas tais limites não podem ser assinalados. Tudo nos leva a crer que nos restará sempre grandes espaços a serem percorridos para os alcançar.

fizeram parecer que o gênero humano retrocedeu. Os gregos e os romanos, que tinham feito tão grandes coisas sob o regime da liberdade, caíram na degradação sob o jugo do despotismo e da superstição. Mas uma verdade confortadora resulta da leitura judiciosa da história: as coisas tendem sempre a melhorar. Este movimento nunca é invertido, nem suspenso sem a intervenção de causas acidentais, suficientemente poderosas perturbar esse curso natural. Quando tais causas cessam de agir, o movimento recomeça com mais energia e intensidade.

Tudo o que os trabalhos de todos os séculos fizeram até hoje sem dúvida é nada em comparação com o que nos resta a fazer e o que deixaremos ainda a ser feito pelas raças futuras. Uma bela carreira está aberta diante de nós; e nós lhes devemos um relatório fiel das circunstâncias presentes, talvez as mais felizes, nas quais o gênero humano não tenha jamais sido colocado.

O homem é perfectível sob duas relações gerais. A educação física e a dieta, ambos em sua acepção mais extensa, desenvolvem as forças de seus órgãos, criam faculdades e, de alguma maneira, sentidos novos. Quando esses meios agiram sobre várias gerações sucessivas, não são mais os mesmos homens, nem a mesma raça, ainda que tudo permaneça igual.

A educação moral desenvolve a inteligência, cultiva os afetos, dirige todas as tendências da natureza ao objetivo mais útil para a felicidade de cada um e de todos. A distância que ela pode colocar, em disposições primitivas iguais, entre um homem e outro homem, é muito grande; ninguém o ignora. Fortalecida por toda influência do governo e das leis, ela produz esses grandes fenômenos sociais oferecidos à nossa admiração pela história, em

intervalos muito isolados e muito fugidios dos séculos passados. Desenvolvida pela duração de seus efeitos e perpetuada com todos seus crescimentos sucessivos, por uma espécie de transmissão de pai para filho, esse termo se furta a toda estimativa precisa, sem dúvida bem além do que se pode imaginar comumente.

É pela cooperação dessas duas poderosas forças, que a natureza humana se acha capaz de adquirir um alto grau de perfeição: elas se apoiam mutuamente em sua ação simultânea. O conjunto de causas que aperfeiçoam o físico prepara de alguma forma a matéria ou fornece os instrumentos. O conjunto de causas que aperfeiçoam o moral, coloca esses instrumentos em atividade, dando-lhes vida; coloca no bom caminho, as faculdades mais susceptíveis de desvios.

As primeiras dessas causas são unicamente do domínio da arte de curar. Vimos suas relações indiretas, porém numerosas, com as segundas.

A arte de curar pode, então, ter uma grande influência sobre o aperfeiçoamento do gênero humano.

4º - O estado natural do homem é, sem dúvida, o estado de saúde. Mas a doença também está na natureza, pois resulta de suas leis e, mesmo em grande parte, das leis que são estabelecidas para a conservação da saúde. A sensibilidade singular dos órgãos do homem, as disposições doentias que seu desenvolvimento produz em certas épocas, a ação das causas externas - que temos, tão raramente, o poder de controlar, os inevitáveis acidentes ocasionados pelo curso ordinário da vida, enfim, as imprudências que nem mesmo as pessoas mais sábias podem escapar: todas essas circunstâncias reunidas fazem

com que o homem se torne frágil, valetudinário, doente, tão naturalmente quanto é saudável, alegre, vigoroso.

Porém, quando o homem sofre, uma voz imperiosa, mais forte que todas as sutilezas, o faz procurar alívio. Ele atribui seu mal a algumas causas, procura remédio na aplicação de certas substâncias ou de certas impressões, consideradas como causas capazes de agir em outro sentido, produzindo efeitos diferentes ou contrários. Ei-lo já dominando o primeiro elo de uma cadeia de observações; é assim que em pouco tempo se torna médico e cirurgião.

O estado de fraqueza resultante da doença se faz sentir pelos órgãos do pensamento, bem como pelos órgãos das outras funções animais. A doença irrita as forças da inteligência, tanto quanto as do movimento muscular. Ela pode alterar tanto o julgamento quanto a digestão. Um doente torna-se crédulo no tocante aos objetos de seus temores e de suas esperanças. Qualquer pessoa que lhe prometa saúde pode facilmente ganhar sua confiança. Ele cai facilmente nas garras dos charlatões e das benzedadeiras. Não seria melhor se ele fosse consultar um médico esclarecido?

Para todos os objetos sobre os quais o homem pode em geral ser juiz competente e para os quais o erro se torna indesculpável, ou pouco perigoso para os idiotas, o governo deve deixar que as coisas sigam seu curso com total liberdade. Seu dever é respeitar todas as atividades e deixar que as transações amigáveis sejam executadas em paz. A necessidade recíproca, real ou imaginária, deve ser a única e verdadeira reguladora.

Mas quando os objetos das transações não podem ser convenientemente apreciados pelos indivíduos e os erros podem trazer consequências perigosas para eles, quando a necessidade premente e diária os força a fazer escolhas apressadas e a astúcia ou impostura são igualmente encorajadas a colocar armadilhas, pelas vantagens e pela facilidade do sucesso, o governo não pode mais permanecer como espectador indiferente. É seu dever vigiar aquele que, num contrato, quer abusar da boa fé do outro e, tanto quanto possível, prover precauções gerais para prevenir este último de ser enganado, devendo mesmo, em certas circunstâncias particulares, cuidar e aconselhar. Mas, para continuar a comparação, não existe um campo mais amplo para o comércio e o charlatanismo que a prática das diferentes áreas da medicina. Não existe necessidade que exponha mais o espírito à credulidade fácil e ridícula que a de conservar e, sobretudo, de recuperar a saúde. O governo deixará, nesse caso, os cidadãos sem qualquer salvaguarda, abandonados à sua própria fraqueza e à audácia dos charlatões?

Só esta consideração já tornaria indispensáveis as escolas da arte de curar. Já que o homem doente apelará sempre para o socorro dos remédios, seria melhor, sem dúvida, que esses remédios sejam administrados por mãos hábeis. E já que haverá sempre médicos, aqueles que foram formados por mestres sábios são sem dúvida preferíveis aos que são produto do acaso. Enfim, qual é o governo sábio e humano que não quer reprimir e destruir essa multidão de miseráveis malabaristas que devastam nossas grandes cidades e também nossos campos, devorando a substância do pobre agricultor e do artesão?

5° - Existem vários alimentos e produtos comerciais cuja qualidade deve ser inspecionada legalmente e sua distribuição vigiada pela polícia. A arte de curar utiliza substâncias perigosas para diferentes necessidades. Os medicamentos mais úteis podem ser facilmente falsificados e adulterados. Mesmo no seu estado mais puro, não se deve jamais permitir que sejam ministrados ao acaso e sem precaução. É evidente que, em todos esses casos, as luzes da medicina podem dirigir as medidas do governo.

Grandes doenças epidêmicas foram, quase sempre, causadas pela alteração de alimentos diários do povo. As carnes dos animais corrompidas por diversas causas acidentais ou tiradas de espécimes mortos por algumas doenças; os peixes capturados em períodos especiais, que os tornam insalubres ou podres, devido a um início de putrefação ou ao efeito de preparações que têm o objetivo de conservá-los por mais tempo; cereais e farinhas alteradas pelas doenças da planta, pela falta de cuidados, pelas misturas inconvenientes; enfim, tudo isto disseminou o germe dos mais funestos contágios.

Além disso, o estado social fomenta e necessita de vários trabalhos que só podem ser executados com sucesso se estiverem sob a inspeção de homens instruídos na economia animal. O saneamento das grandes cidades e dos portos, as distribuições e policiamento das casas públicas (onde muitos homens se encontram amontoados), o aterro de lagos e terrenos encharcados de água estagnada, a direção dos canais e a instalação de aquedutos e esgotos demandam conhecimento dos médicos esclarecidos tanto quanto de hábeis arquitetos e engenheiros. Algumas vezes é possível estancar a difusão de uma doença contagiosa, seja prescrevendo algumas precauções aos cidadãos,

cortando as comunicações através de uma força armada ou bloqueando com diques naturais os próprios elementos portadores de princípios nocivos.

Sabe-se que uma polícia esclarecida é o mais potente e o mais indispensável socorro em períodos de peste. Dizem que Acrão, na Sicília, e Hipócrates, no Peloponeso, impediram as pestes que ameaçavam Agrigento e Atenas¹³, fazendo fechar algumas passagens nas montanhas por onde os ventos sopravam os germes do contágio sobre essas duas cidades.

6° - Enfim, entre os elementos que compõem a prosperidade pública, a conservação dos animais úteis e o aperfeiçoamento de suas raças serão sempre da mais alta importância aos olhos de uma sábia administração. O boi, o asno, o cavalo e o burro compartilham nosso trabalho; substituem nossos braços ou os poupam. Quanto mais levamos em consideração suas forças e quanto melhor empregá-las, esses animais tornam-se mais vigorosos e mais saudáveis. Assim, aumentam, em progressão relativa, os produtos da indústria e diminuem seus custos. Das peles de várias espécies, o homem compõe suas mais úteis e cômodas vestimentas. Transformadas de inúmeras maneiras, suas peles ornam os móveis e a moradia do homem. A carne de algumas espécies lhe fornece uma parte importante dos seus alimentos.

Sem dúvida, apesar da opinião de alguns filósofos, o alimento animal é muito conveniente para a organização do

¹³ A peste tal como existe hoje no Oriente e tal como se viu em Marselha, Toulon, Londres, Moscou, etc., é transmitida somente pelo contato direto ou, pelo menos, pela proximidade com o foco da infecção. Mas os antigos compreendiam como peste toda epidemia em que a febre era acompanhada por gânglios inflamados e por carbúnculos. Várias dessas epidemias são, de fato, causadas pelo estado do ar ou pelos miasmas que ele transporta para longe.

homem, mas se torna muito menos se os animais estão fracos e débeis. O alimento se torna ruim ou perigoso quando os animais estão doentes.

Enfim, várias espécies nos prestam alguns serviços especiais. Sendo assim, elas merecem que nos ocupemos dos meios para aperfeiçoá-las, conservando-as em seu estado de força e de saúde e conduzindo sua criação para nossas necessidades, de acordo com métodos cada vez mais apropriados às nossas necessidades.

Esta parte da economia rural está inteiramente subordinada à arte veterinária. Ora, a própria arte da veterinária é somente um dos ramos da arte de curar e os numerosos pontos que se relacionam com a medicina humana se tornarão mais distintos e surpreendentes à medida que fizermos novos progressos nas duas artes.

Este é o quadro oferecido ao observador quando ele encara este tema com um pouco mais de atenção. Trata-se de diferentes aspectos que me parecem indispensáveis se quisermos julgar solidamente este assunto e tirar, desse exame, resultados úteis e realmente gerais.

Podemos ver, de fato, que a ciência não é uma árvore da qual podem ser rejeitados, ao acaso, os galhos presumivelmente supérfluos. Para a ciência, o supérfluo seria somente o prejudicial e o absurdo. Tudo o que não lhe for contrário, quer dizer, tudo o que não a atrapalhar e não a obscurecer, a ela pertence e serve. Na natureza das coisas, todas as verdades formam, sem dúvida, uma cadeia onde os elos estão inapelavelmente unidos. No estado atual de nossos conhecimentos, podemos compreender e acompanhar somente algumas partes isoladas desta cadeia. Mas à medida que avançamos, as lacunas se preenchem, os

pontos de contato, ou as relações das diversas partes e de cada uma delas com o todo, se multiplicam a cada dia. Tudo leva a crer que se chegarmos a ordenar e estreitar os conhecimentos em verdadeiros elementos, não descobriremos mais intervalos nem separações entre suas partes. Será somente, por assim dizer, um corpo organizado no qual diversos elementos serão feitos um para o outro e no qual todos os movimentos se apoiam mutuamente. Enfim, nesse arranjo metódico e completo, com todas as verdades alcançando um pequeno número de princípios que lhes servirão de base ou de ancoragem comum, o espírito seguirá sem problemas os diferentes elos e as numerosas ramificações. O direito de apreendê-los em seu conjunto não será mais atributo exclusivo do gênio.

A importância da medicina, os serviços que a sociedade pode dela esperar, as vantagens que as outras ciências podem tirar de seu comércio, enfim, a necessidade de aperfeiçoar seus princípios e seu ensino, resultam evidentemente de tudo o que precede, não sendo necessário apreciar aqui essas conclusões. Então, avancemos na matéria, começando por um breve olhar sobre o estado da arte de curar e sobre seu ensino nas diferentes épocas, cuja história nos transmitiu a lembrança.

CAPÍTULO II

Quadro das revoluções da arte de curar, desde seu nascimento até sua introdução pelos romanos

I

A medicina nas mãos dos chefes de povos tradicionais, dos poetas e principalmente dos sacerdotes.

As trevas que envolvem o berço da medicina cobrem igualmente as outras partes do conhecimento humano. Sabemos que, desde as primeiras épocas históricas, a medicina já era praticada com certo brilho. Basta isso para admitir que, no surgimento das artes, a medicina já tinha ocupado seu lugar ao lado delas. As pesquisas, que poderiam ser feitas para saber como ela era ensinada, seriam totalmente inúteis, pois nos faltam materiais e os amigos da verdade não devem se perder em vãs conjecturas, por mais sábias que possam parecer.

Não será em um escrito sobre a natureza da medicina que pesquisas de erudição frequentemente enganosa poderiam agradar o leitor.

Partindo da natureza constante das coisas, vemos que, submetido à ação de inúmeras circunstâncias que podem confundir o ritmo de seus órgãos, o homem logo teve que buscar meios para apaziguar suas dores e curar as doenças que constantemente o afligiam. Como o homem não pode se desvencilhar inteiramente da influência contínua de

várias dessas causas, e como traz consigo várias outras que devem agir em épocas fixas da vida ou que podem se desenvolver a qualquer momento, podemos assegurar que as primeiras tentativas de fazer remédios são tão antigas quanto o próprio gênero humano. Entre os povos mais primitivos, como os da Nova Holanda, Nova Zelândia, Lapônia, Groenlândia, norte da América e o interior da África, encontramos vestígios de uma medicina e de uma cirurgia verdadeiras. Os homens sabiam discernir diferentes doenças e lhes aplicar um tratamento, mais ou menos conveniente. Conhecia-se o emprego de certos remédios que não faziam parte da alimentação diária. Essas sociedades rudimentares nos apresentam o gênero humano em sua infância: é a imagem fiel dos primeiros tempos, em todas as nações.

Com os homens, surgiram as doenças. Eles quiseram curá-las ou aliviá-las. Eles tentaram de todas as formas atingir um ou outro desses objetivos. Porém, devemos presumir que, em geral, as descobertas foram muito lentas: mais o produto de um acaso feliz do que de combinações pensadas. Os homens recebiam, por tradição, o conhecimento de descobertas já feitas e, logo, as necessidades os forçavam a fazer novas observações. Os tesouros da ciência nascente aumentavam gradativamente. Nesses primeiros tempos, todos os conhecimentos eram de propriedade comum: as artes limitadas podiam ser exercidas por todas as pessoas dotadas de alguma inteligência. Havia uma medicina antes que houvesse médicos.

Esses homens recém-chegados à civilização, cujas ideias estavam encerradas em um círculo estreito, cuja atividade se resumia em satisfazer as necessidades mais

urgentes e que se viam forçados a prover a todos ao mesmo tempo, esses homens eram incapazes, sem dúvida, de fazer sair da infância as ciências e as artes. Entretanto, não é preciso acreditar que lhes faltassem discernimento e penetração. Seus sentidos incessantemente exercidos eram até mais apurados que os sentidos dos homens que vivem num estado social mais avançado. Seu espírito, que tirou o máximo de si mesmo, era mais justo, visto que era formado por uma sequência de sensações surpreendentes e tão sólidas que os objetos não eram tantos nem tão diversos. Conhecemos bem o bom senso e a fineza dos selvagens. Talvez, algumas visões mais gerais da medicina e o uso de vários remédios importantes remontam às primeiras épocas da sociedade, pelo menos nos climas que favoreciam o desenvolvimento das faculdades intelectuais. O que sabemos, com certeza, é que o conhecimento desses homens remonta aos gregos da mais alta antiguidade.

Primeiramente, a medicina foi cultivada pelos próprios doentes ou por aqueles que os rodeavam. Cada família tinha suas tradições e suas práticas, cada povo primitivo aproveitava de todas as experiências feitas em seu seio.

Os homens ricos e poderosos, que procuravam dedicar seu poder e suas riquezas para serem úteis aos seus concidadãos, cultivavam com ardor todas as artes nascentes. Evitavam negligenciar a medicina, pois ela lhes fornecia os meios para se tornarem necessários. Quíron, Aristo, Teseu, Télamo, Teucro, Pátroclo, Autólico, Ulisses e outros grandes personagens, mencionados pelos antigos poetas, foram admirados na Grécia por seus conhecimentos em medicina, tanto quanto por suas famosas façanhas que, verdadeiras ou falsas, marcam seus nomes na posteridade.

Os poetas foram os primeiros filósofos de todas as nações. Através de seus cantos, acalmaram os homens selvagens. Para marcar mais profundamente as imaginações ainda jovens, além da esperança de dar às lições de moral uma força mais vigilante e mais ativa que a força das leis, ensinaram o culto da divindade. Eles deram sobretudo às línguas seu primeiro e indispensável grau de aperfeiçoamento e, dessa maneira, tiveram a vantagem de preparar, antecipadamente, todos os novos benefícios que, um dia, seriam difundidos sobre o estado social.

Não menos ávidos de glória que os heróis que admiramos, os poetas cultivaram, como eles, a medicina, com o intuito de se tornarem mais respeitáveis por sua prática, mas também para consignar, em suas obras, o que seus ensinamentos ofereciam de mais curioso e de mais interessante. Nesses primeiros tempos, quando a escrita era pouco disseminada, ou mesmo totalmente ignorada, as formas precisas e o ritmo harmonioso da poesia eram infinitamente úteis para fixar na memória verdades aplicáveis a nossas menores necessidades. Lino, Orfeu, Museu e vários outros cantaram a arte benéfica que prolonga a vida, apazigua a dor e proporciona, com a saúde, a felicidade e os prazeres. Hesíodo compôs poemas inteiros sobre as propriedades das plantas. Em *Obras e Dias*, aconselha várias práticas medicinais ou dietéticas. Homero, para quem a estrutura do corpo humano não era inteiramente desconhecida, fala frequentemente dos ferimentos de seus heróis. Ainda que fosse muito fácil mostrar em suas obras erros anatômicos grosseiros, apesar das pretensões de um entusiasmo indiscreto, é certo que encontramos em sua obra várias observações finas sobre fisiologia, algumas passagens curiosas sobre a maneira de

tratar as feridas e particularidades, dignas de menção, sobre o efeito dos remédios. O que ele disse do poder do nepente¹⁴, leva a crer que o efeito e o uso de plantas entorpecentes eram há muito tempo conhecidos. Quanto ao uso que um de seus heróis faz do alho dourado¹⁵ para se proteger dos encantamentos de Circe, deve-se sem dúvida às ideias supersticiosas do tempo. A aplicação do vinho sobre os ferimentos e o método para aumentá-los e escarificá-los eram feitos no campo de batalha dos gregos, diante de Tróia. Isto não prova, como querem alguns sábios, que Homero fosse profundo conhecedor de cirurgia, mas sim que podemos afirmar, com certeza, que a invenção dessas práticas data de épocas a ele anteriores.

Alguns comentadores admiram muito a sabedoria e a utilidade do conselho que Tétis *dos pés de prata*,¹⁶ dá ao seu filho Aquiles: estar com mulheres para dissipar sua profunda melancolia. Não é preciso ser um grande médico para saber que esse comércio pode, de fato, curar a melancolia, mas pode também, às vezes, causá-la.

Plínio parece surpreso que Homero não tenha falado das águas termais. Ele conclui, com seu silêncio, que esse gênero de remédio não era ainda empregado na sua época. Filóstrato já dizia o contrário. Em sua opinião, os banhos quentes para a cura de seus ferimentos indicados aos gregos pelo oráculo eram os de Jônia, situados a quarenta estádios da cidade de Esmirna e nomeados *termas de Agamenon*.

¹⁴ (N.T.): Na Antiguidade, planta que era a base de uma bebida que dissipava a dor e a aflição.

¹⁵ (N.T.): NÃO ENCONTRAMOS EQUIVALENTE DE moly EM PORTUGUÊS. atribuiu propriedades mágicas à esta planta. CONFERIR REDAÇÃO DA NOTA

¹⁶ (N.R.T.): Thetis Argyropeza, filha de Caos e Oceano.

A peste reinava no campo. Ela fora causada pelos raios de Apolo, quer dizer, pela ação de um sol incandescente sobre os pântanos e a costa limosa da Trôade. Homero conta que ela durou nove dias inteiros e acabou antes que o décimo dia chegasse a seu fim. Sobre este ponto, afirmamos, mais doutamente do que racionalmente, que Homero conhecia o poder dos números ímpares e dos dias críticos. Porém, as doutrinas dos números e das crises¹⁷ surgiram em cena, pelo menos na Grécia, somente muito tempo depois de Homero.

Os sacerdotes não demoraram a se apossar da medicina. Foi muito fácil, para eles, identificá-la com seus outros meios de poder. A arte de curar e a arte sacerdotal tinham, de fato, vários traços semelhantes ou análogos. Ambas utilizam os mesmos recursos – o temor e a esperança. Embora os objetos dessas duas paixões não sejam os mesmos nas mãos do sacerdote e do médico, seus efeitos tinham quase o mesmo grau de força, em favor de ambos. É certo que a medicina, como a superstição, exerce sobre a imaginação uma influência proporcional à sua fraqueza. Como a medicina age sobre objetos mais palpáveis e reais, os homens mais racionais e mais esclarecidos nunca resistem inteiramente ao seu poder. Resumindo, nenhuma arte penetra mais no coração humano; nenhuma função se apodera mais facilmente dos segredos das famílias; nenhuma doutrina (exceto aquelas que se relacionam com a ação das potências invisíveis) toca de tão perto todas essas ideias fantásticas com as quais o espírito do homem, tão fechado no campo da realidade, nutre-se avidamente; nenhuma proporciona movimentos

¹⁷ Parece que elas eram conhecidas no Egito e na Índia: realmente, foi de lá, que elas foram trazidas por Pitágoras, seu fundador na Grécia.

mais independentes de todas as revoluções do estado social aos homens que, vivendo da credulidade pública, cultivam-na cuidadosamente como um terreno fértil. Os sacerdotes devem portanto querer tornar-se, e efetivamente se tornam, médicos.¹⁸

A partir daí, a medicina e a religião formaram um só sistema. Para dar crédito ao culto de seus deuses, os sacerdotes anunciavam curas maravilhosas, operadas em seu nome. Para tornar sua medicina mais respeitável, eles asseguravam seu comércio habitual com a divindade. Eles pregavam e curavam ao mesmo tempo.

Segundo Estrabão, os gimnosofistas¹⁹ fingiam possuir muitos remédios preciosos para fazer uma grande quantidade de filhos, meninos ou meninas, à vontade. O tempo desses homens era mais apropriado para esse tipo de visão do que o século XIX. Os druidas, no coração de suas florestas, empregavam o visco do carvalho e o selago, planta análoga à sabina: o primeiro contra os venenos e a esterilidade, e o segundo em uma infinidade de males, como um tipo de panaceia ou remédio universal. A saúde que eles vendiam tinha que ser paga antecipadamente com ricas oferendas, até mesmo com o sangue de vítimas humanas, levado pelos doentes aos altares.

Os sacerdotes judeus parecem ter sido, na origem, os únicos médicos da nação. Os levitas eram procurados para o tratamento da lepra. Eram eles que decidiam o destino das casas e dos homens acometidos por essa doença. Via-se, no vestíbulo do templo de Jerusalém, um formulário completo de remédios, cuja autoria se atribuía a Salomão.

¹⁸ Na maiorias dos povos selvagens, a medicina é também praticada pelos sacerdotes, ou charlatões.

¹⁹ (N.T.): Os faquires. Segundo os gregos, os “sábios nus”.

Os Essênios, doutrina célebre pela moral pura e suave que buscava propagar no seio de um povo ignorante e fanático, cultivavam a medicina não somente para se tornar mais reconhecidos, mas para encontrar os meios de aperfeiçoar as almas, tornando os corpos mais sãos. Apóstolos zelosos de sua doutrina, eles a mantinham através de curas; dessa maneira, não davam muita importância à fúria ciumenta dos fariseus, sacerdotes hipócritas e dominadores. Os primeiros eram indiferentemente designados pelo nome de *Essênios* ou *Terapeutas*, o que significa *curandeiros, médicos*.

Foi no Egito que os sacerdotes levaram seu sistema político ao mais alto grau de perfeição. Eles ofereciam, aos olhos do observador, um espetáculo igualmente capaz de inspirar a admiração ou o terror. O poder, as riquezas, as luzes, o charlatanismo, concorreram para consolidar suas monstruosas instituições e o aviltamento do povo. Donos de um terço do território, gozavam ainda de um grande número de privilégios e imunidades. Sendo hereditárias suas funções, o espírito desse corpo sacerdotal era mais imutável do que qualquer clero do universo. Essa temível aristocracia pesava, violenta e uniformemente, sobre todas as partes da nação. É de um deles que provêm essas palavras profundas e terríveis consignadas no quinto capítulo do Êxodo e que pintam com muita ingenuidade os sentimentos e as visões de todos os opressores, pois os faraós pertenciam à ordem religiosa, sendo eles mesmos sacerdotes. As tiaras sagradas, entrelaçadas em suas coroas, apresentavam uma fiel imagem do caráter de sua dominação hipócrita, tão poderosa, sobre o povo ignorante por causa de superstição e sobre a classe esclarecida, por causa de preconceitos populares e por um despotismo sem limite.

Isso não é tudo. Por esses diferentes meios de governar e de impedir o surgimento de uma opinião pública, os sacerdotes egípcios reuniam todos os conhecimentos de seu tempo e de seu país. Não examinaremos aqui se tais conhecimentos eram realmente muito extensos, mas não existiam outros. Para eles, nada era mais fácil do que sufocar qualquer descoberta feita fora dos templos, ou usá-la para seu próprio proveito. Medicina, astronomia, física, filosofia moral – só eles as ensinavam e davam a tudo o colorido útil a seus interesses. A preparação misteriosa das iniciações imprimia ainda, nas almas, os mais profundos sentimentos de respeito e de temor. A conduta reservada, somada às doutrinas daqueles gregos que se vangloriavam de terem recebido suas lições, prova que para obter qualquer comunicação sobre seus dogmas era necessário guardar segredo ou prometer compartilhá-lo somente com adeptos ligados pelo mesmo juramento. Imaginem como foram desonrosas e cruéis a escravização e a infelicidade desse antigo Egito, visto como o berço da sabedoria e como uma das primeiras escolas do gênero humano!

Para tornar esta verdade mais chocante, poder-se-ia ainda observar que as luzes, quando são livremente propagadas por toda uma nação, tornam-se a salvaguarda segura da moral, da liberdade, da felicidade pessoal e pública. No Egito, ao contrário, foram somente um meio a mais para a tirania, uma nova causa de degradação e infelicidade, na medida em que se encontravam trancadas pelas instituições, para uma classe particular da sociedade.

O costume, no Egito, de embalsamar os corpos parecia poder conduzir esses sacerdotes médicos a algumas descobertas anatômicas, mas é fácil ver que elas foram

muito limitadas, se considerarmos a maneira pela qual se fazia a operação.

Seus contemporâneos e vizinhos celebraram, com toda a liberdade, os profundos conhecimentos sobre higiene que, imaginavam, teriam os egípcios. A saúde quase sempre constante e longevidade dos egípcios eram objeto de espanto para povos devorados por paixões turbulentas e entregues a excessos de todo tipo. Seria necessário buscar a causa desse pretensível fenômeno (a salubridade do clima do Egito seria talvez a única explicação satisfatória) nas luzes extraordinárias sobre as quais, aliás, nenhum detalhe nos foi fornecido?

Sabemos apenas que os egípcios tinham ideias absolutamente falsas sobre a ginástica. Eles a julgavam capaz de alterar somente a ordem e o equilíbrio das funções vitais. Na verdade, reconheciam bem que a ginástica pode produzir uma exaltação momentânea das forças, mas sustentavam que esgota a fonte dessas mesmas forças e perturba sua justa distribuição. Para justificar, ou melhor, desculpar tais assertivas tão desprovidas de fundamento, poderíamos dizer que o calor do clima do Egito tornava o exercício menos necessário e que os movimentos mais violentos do corpo podiam tornar-se prejudiciais para pessoas que levavam habitualmente vida sedentária. Talvez os sacerdotes estivessem falando somente da ginástica aplicada ao tratamento das doenças agudas, sobre o qual Heródico fazia, na Grécia, ensaios infelizes e do qual Hipócrates mostrava seus inconvenientes e perigos.

Portanto, no Egito, os sacerdotes usurparam o exclusivo império das luzes: eles eram os únicos médicos. Depositários de todos os conhecimentos reais, ou falsos,

também dominavam o povo; por meio de mentiras, com as quais tinham todo o cuidado de alimentá-lo, e de verdades, onde cujo gozo e benefícios eram reservados somente para eles. A medicina era ensinada em seus templos, com cerimônias de iniciação que formavam crentes, e não homens esclarecidos. Além disso, a medicina estava submetida a leis absurdas que não lhe permitiam progressos posteriores. A lei que fixava a época de aplicação dos remédios para todas as doenças, proibindo qualquer experiência e mesmo qualquer nova observação, foi suficiente para conservar essa arte numa infância eterna. A lei que a dividia em tantos ramos, onde se podiam encontrar doenças ou órgãos afetados, considerava o corpo humano como uma máquina cujas diferentes peças podiam ser fabricadas e acomodadas separadamente. Porém, esta lei não levou em conta a influência da sensibilidade que, permeando todas essas peças, as fazia agir umas sobre as outras, conforme regras cuja estrutura particular nem sempre podia ser justificada. Enfim, a lei que ligava o filho ao trabalho de seu pai tinha, sem dúvida, como objetivo a herança das descobertas do ascendente. Esta lei ignorava tanto os verdadeiros procedimentos da razão quanto as circunstâncias que podem determinar sua primeira e constante direção.

Dos caldeus e dos babilônios, que nos são representados como dedicados a observações e estudos astronômicos, a medicina tomou emprestado, desses estudos e observações, compreensões que podiam ter alguma relação com seu objeto particular. Encontram-se ainda vestígios da aplicação dos conhecimentos astronômicos à medicina entre os gregos, que gloriosamente a cultivaram. O próprio Hipócrates não

desprezou os resultados generosos que o conhecimento sobre o céu e o curso das estações podem fornecer ao médico.

De resto, a se acreditar em Heródoto, na Babilônia, os doentes eram colocados em locais públicos. Ficavam expostos à vista dos passantes, aos quais se pedia conselhos e meios de cura. Quando uma pessoa percebia, ou pensava perceber, alguma semelhança com outras doenças já observadas em outras ocasiões, ela indicava remédios ou planos de tratamento, por meio dos quais essas doenças tinham sido curadas. Forçava-se mesmo, conforme Heródoto, todo mundo a dar uma opinião qualquer sobre cada doença, as prescrições eram frequentemente executadas e o doente nem sempre morria.

Na Grécia, imitando o Egito, a medicina foi inicialmente cultivada nos templos. Vários deuses tinham a pretensão de velar pela saúde dos homens; recebiam homenagens e, sobretudo, oferendas. Os mais reconhecidos não se limitavam a este único talento. Apolo curava os doentes e predizia o futuro. Seus sacerdotes, vendo que predizer o futuro era muito mais lucrativo, renunciaram à medicina. Homens de bom senso, que esses bons sacerdotes buscavam apresentar como muito perigosos, não tiveram dificuldades em concluir, desde então, que a mais vã curiosidade prevalece no coração dos homens sobre todos os outros interesses e que, dos dois malabarismos, o mais absurdo é o que ainda tem mais êxito.

Diana-Épona,²⁰ Minerva e Juno faziam também suas curas.

²⁰ (N.R.T.) Segundo [Carlo Ginzburg \(2012\)](#), a deusa Diana recebeu inúmeras superposições, dentre elas a de Épona, divindade celta protetora dos cavalos.

Logo, Esculápio tomou a dianteira. Alguns sacerdotes de Apolo se reuniram visando este santo e rentável empreendimento. Acolhendo a medicina como uma herança abandonada, mas da qual ainda se podia tirar partido, construíram templos espaçosos e confortáveis para o novo deus da saúde. É por isso que os gregos, cuja língua tudo animava com metáforas e alegorias, diziam Esculápio filho de Apolo. É fácil adivinhar no que essa arte se transformou, ainda no berço, cultivada por esses sacerdotes ávidos e mentirosos. Aristófanes nos conta como esse deus pronunciava seus oráculos. Aqueles que vinham consultá-lo começavam purificando-se na água lustral, depositavam sua oferenda sobre o altar e se deitavam no meio do templo. Quando supostamente adormeciam, um sacerdote vestido com as roupas de Esculápio imitava suas maneiras e era seguido pelas filhas do deus, quer dizer, por jovens atrizes, instruídas a desempenhar com agilidade esse papel. Ele entrava para indicar, a cada um, o remédio que a narrativa da doença fazia julgar como mais útil para sua cura. Como o deus só aparecia em sonhos, os doentes se deitavam sobre peles de carneiro, destinadas a conceder sonhos divinos. Era um crime não fingir o mais profundo sono, mesmo quando se estava totalmente acordado. Não se podia duvidar do que os ouvidos escutavam e do que os olhos viam. Tudo era uma visão celeste. A fala do criado, na qual Aristófanes coloca toda essa narrativa, pinta de maneira cômica a astúcia desses homens divinos e sua piedosa avidez. A destreza e prontidão do sacrificador em recolher e colocar em sua sacola tudo o que se encontrava nos altares e sobre a mesa dos sacrifícios, dizia ele, excitou sua admiração e lhe deu uma opinião ainda mais valiosa da sabedoria do seu deus.

Desde o tempo de Luciano,²¹ os malabarismos sacerdotais já tinham sido desprezados. Mesmo assim, os malandros dessa linhagem não se desencorajaram. As pessoas, que conhecem um pouco a história dessa época, sabem quanto esforço e quanta perseverança eles empregaram para ressuscitar crenças e práticas rejeitadas por todos os homens de bom senso. Sem dúvida, foram inúteis tais esforços e perseverança; entretanto, forneceram, por mais de uma vez, a ocasião de perceber a hipocrisia e a audácia destes impostores sagrados. Encontramos, em Luciano, a história de um miserável dessa espécie que, ao se estabelecer num antigo templo de Esculápio, zombava descaradamente da credulidade do povo, chegando mesmo a encontrar meios de capturar, em sua rede, alguns senadores romanos, velhos e imbecis. Essa história, curiosa em todos os sentidos, é muito apropriada para desvelar esses artifícios tão poderosos, embora quase sempre rudimentares, através dos quais sempre se enganou a parte ignorante e crédula das nações²².

Os antigos sacerdotes, seguindo a observação de Plutarco, construía seus templos em lugares altos e bem expostos. O ar, que se respirava lá, naturalmente puro devido à elevação do solo, era ainda mais saudável pela influência dos bosques que o rodeavam. Esses bosques tornaram-se, eles mesmos, objeto de uma veneração religiosa, sendo conservados cuidadosamente. A sua sombra dava maior imponência à moradia dos deuses, o que não podia faltar para inspirar o povo. Os templos de Esculápio gozavam sobretudo dessas vantagens que lhes pareciam especialmente apropriadas. Uma estada insalubre

²¹ (N.R.T.) Luciano de Samósata.

²² Ver o *Alexandre* de Luciano.

não era conveniente para o deus da medicina. Se seus conselhos não devolvessem a saúde, pelo menos novas doenças não podiam ser contraídas ao pé de seus altares. Por meio de sábias precauções, muitas curas deviam ser operadas pelas distrações que os doentes encontravam na estrada, a caminho dos templos, pelos exercícios não habituais, pela salubridade de novos ares, pelas impressões vivificantes que os locais elevados produzem sobre o homem, e mesmo sobre a maioria dos animais; enfim, pela esperança, ainda mais vivificante. Esculápio fez como certos médicos, mais astuciosos do que realmente hábeis: instalou-se em locais onde a boa influência frequentemente o deixava sem o que fazer e ele cuidava bem mais de sua reputação do que da necessidade de merecê-la.

Os templos de Esculápio eram amplos. Em seu recinto, encontravam-se alojamentos cômodos para os sacerdotes, mas, como o deus não permitia que se morresse ali, o que, nesse caso, seria totalmente indecente, as pessoas atacadas por doenças graves e mulheres no final da gestação eram obrigatoriamente transportadas para as cercanias do templo. Frequentemente, ficavam no campo, expostas a todas as injúrias do tempo. O deus proibia também, tanto dentro como fora do templo, o consumo de qualquer parte das oferendas e das vítimas. Esta proibição era bastante política. Via-se que, sábio e muito previdente, ele pensava tanto no bem-estar de seus ministros quanto em si próprio.

Dentre o grande número de templos consagrados a Esculápio, os mais famosos foram os de Epidauro, de Pérgamo, de Cós e de Cnido. O templo de Cós foi queimado no tempo de Hipócrates. As paredes e as colunas eram cheias de inscrições que traçavam,

brevemente, a história das doenças e dos tratamentos empregados com sucesso, segundo os conselhos do deus. As pessoas ricas mandavam gravar essas inscrições sobre os metais, sobre o mármore ou sobre a pedra; já os pobres, sobre simples tábuas de madeira. Por mais imperfeitas que fossem essas descrições de doenças e tratamentos, sua coleção não era menos preciosa: tratava-se dos primeiros rudimentos da arte. O método da observação e da experiência, o único que pode fornecer fundamentos sólidos, começava ali a despontar.

Os sacerdotes de Esculápio queriam transmitir tudo aos seus descendentes. Os que presidiam as escolas de Cnido, de Rodes e de Cós, também se diziam Asclepiádes.

A escola de Rodes não existia mais no tempo de Hipócrates. Cós, no seio da qual nasceu este grande homem, e Cnido, sua rival, floresceram juntas. Nessa época, a medicina deveu o seu progresso ao ciúme mútuo dessas escolas. Cnido produziu vários médicos famosos, dentre eles Eurifon, que publicou as *Sentenças Cnidianas* durante a juventude de Hipócrates, e Ctésias, que praticava a medicina na corte de Artaxerxes, aproximadamente na mesma época. Este último se tornou igualmente célebre pelo sucesso que obteve em sua arte e pelos monumentos históricos com os quais enriqueceu a literatura de sua terra.²³

II

²³ Esses monumentos não eram realmente grande coisa e, de modo algum, mereciam dar tão grande reputação a seu autor.

A medicina cultivada pelos primeiros filósofos

Até aquele momento, os médicos e, sucessivamente, os poetas, os heróis, ou os sacerdotes, tinham sido somente simples empíricos e até mesmo miseráveis charlatões. Eles observavam as doenças e seus sinais, experimentavam os remédios, anotavam seus efeitos e, nos novos casos, se decidiam por analogias. A teoria desses homens, tão vaga quanto sua prática era vacilante, encontrava-se sufocada nos detalhes de regras minuciosas e sutis, ou encerrada em algumas generalidades distantes demais do lado positivo dos fatos para poder ter uma aplicação útil. A ignorância dos povos dispensara os médicos de dar à arte uma forma mais racional e a credulidade pública, fruto dessa mesma ignorância, devolvera às pessoas mais esclarecidas um sistema responsável pela fraude e pela mentira contumaz.

Logo, homens com caráter mais nobre e com uma razão mais firme começaram a dirigir sua curiosidade para o estudo de todas as artes nascentes. Ocuparam-se, primeiramente, das que se relacionavam com as primeiras necessidades da vida, o que incluía, para eles, a moral privada e pública. Podia-se vê-los empregando a sagacidade de sua atenção para pesquisar as leis, a força de seu julgamento para traçá-las, a ascendência de sua eloquência para mostrar as vantagens que, aos indivíduos e às sociedades, resultam de uma inteira submissão às leis eternas, ainda que razoável. A física geral, a astronomia, a geometria, enfim, todas as ciências que se encontravam ainda no berço, tornaram-se simultaneamente objeto de suas reflexões. Durante o exame, embora superficial, das diferentes classes de fenômenos apresentados pela natureza, eles se habituaram a ter um certo método que, logo, tornou-se uma necessidade absoluta para eles.

Quando, em seguida, esses mesmos sábios voltaram seus olhares para a medicina, puderam começar a iluminá-la com uma luz mais pura. Acostumados a organizar seus diversos conhecimentos numa determinada ordem, a procurar relações entre eles e a encadeá-los, sentiram como era indispensável classificar essa profusão incoerente de observações médicas, a fim de submetê-las, de modo mais frutífero, ao exame do raciocínio. Por um lado, se era necessário adotar uma classificação para poder se situar no meio de tantos fatos desordenados, por outro lado, não era menos necessário, para que seus resultados pudessem ser memorizados, redigir e enunciar estes fatos como princípios gerais.

A revolução que os primeiros filósofos fizeram na arte de curar foi, de fato, indispensável. Já era tempo de tirá-la do fundo dos templos e dissipar, pelo menos em parte, as trevas nas quais a ignorância e o charlatanismo a tinham envolvido. Quando essas primeiras tentativas apenas a prepararam abertamente, já era muito para apressar seus progressos posteriores. Desde então, uma doutrina racional substituiu essas coletâneas indigestas de fórmulas. Combinações mais ousadas começaram a ligar os princípios da ciência aos dos outros conhecimentos humanos. Sua estreita conexão com os diversos ramos da física e da moral tornou-se cada vez mais perceptível para aqueles a quem os livros ainda não podiam desviar da pura observação.

Esses filósofos fizeram com que a medicina perdesse então seu caráter hipócrita e supersticioso; transformaram uma doutrina oculta e sacerdotal em ciência comum, em arte usual. Essa revolução foi infinitamente útil, tanto para a medicina quanto para a filosofia. Porém, é preciso convir

que seus felizes efeitos se encontraram, de alguma forma, identificados a grandes inconvenientes. Ao remediar seus defeitos, sucumbiam a perigoso excesso. Não contentes em aplicar, à medicina, essa metafísica geral e superior que plana sobre todas as ciências e que pode esclarecer seus princípios e procedimentos, os filósofos se esforçaram em transportar as pretensas leis de sua física e outras hipóteses diferentes, tão fecundas em erros na sua aplicação que seus objetos particulares se tornaram absolutamente estranhos ao estudo do corpo vivo.

Assim, Pitágoras quis explicar as leis da economia animal, a formação das doenças, a ordem de seus fenômenos e a ação dos medicamentos pelo poder dos números; Demócrito, pelo movimento e pelas relações de forma ou de situação dos átomos; Heráclito, pelas diversas modificações que a influência do fogo criador e conservador do universo pode experimentar. Era natural que a hipótese, que cada um deles utilizou para conceber a produção de todos os seres, fornecesse também a explicação dessa sequência de fatos presentes em seu desenvolvimento, da ação exercida sobre eles pelas outras substâncias, das alterações às quais eles são susceptíveis, da sua destruição final ou mudança de forma, que chamamos de morte. Daí nasceram muitas teorias fúteis, que são também encontradas nas obras de Platão, Aristóteles, Plutarco; nem mesmo as do próprio Hipócrates se afastam disso. Por exemplo, Empédocles, discípulo de Pitágoras, considerava a carne composta por quatro elementos, unidos em igual proporção. Ele resfriava os nervos²⁴ pela

²⁴ Eram os tendões que os antigos entendiam, geralmente, pela palavra nervo. Entretanto, esta palavra parecia designar algumas vezes, entre eles, os verdadeiros nervos.

ação do ar externo, a fim de fazer nascerem as unhas; colocava o sangue em um estado fundido e daí via resultar o suor e as lágrimas; enfim, misturava a terra e a água para fazer a constituição óssea dos corpos vivos. Timeu de Locres imaginou uma nova cosmogonia, de onde extraía sua visão fisiológica e seus planos de tratamento. Eudóxio, Epicarmo, Demócedes etc. seguiam os fundamentos da escola itálica, fundada por Pitágoras, e sua medicina tinha como base e como guia essa filosofia tão célebre e, no entanto, tão mal conhecida, mesmo para os antigos, mas pela qual, considerando seus úteis resultados políticos e morais, é impossível não experimentar um sentimento de respeito.

Enfim, todos os literatos, cuja vida sedentária e a natureza de seus trabalhos as dispunham a estados melancólicos, estudavam medicina como objeto de meditação sobre eles próprias. Como o estado vulnerável habitual os forçava a pedir quase sempre socorro à medicina, tinham também como objetivo mais imediato e mais útil velar por sua própria saúde. Essa instrução frequentemente superficial não podia deixar de lançar sobre as imaginações ativas os germes de muitos erros. Aqueles, entre os literatos, que não conectavam a observação das doenças a seus conhecimentos teóricos, tais como eram transmitidos nas escolas pelo ensino oral ou registrados num pequeno número de escritos difundidos em épocas passadas, facilmente se deixavam levar por visões singulares. O próprio hábito de ordenar e sistematizar todas as suas ideias foi o que tornou seus desvios mais graves e mais perigosos.

De todos os filósofos então entregues ao estudo da medicina, aquele que soube melhor se preservar do espírito

da hipótese foi Ácron, originário de Agrigento, na Sicília. Este gênio original e audacioso, que os empíricos dos séculos posteriores consideraram como seu guia, quis levar a arte de curar à pura experiência. Ele reduziu todos os raciocínios à apreciação dos sintomas, que eram possíveis de comparar, e ao exame das analogias, das quais ele reconhecia que era possível extrair indicações. Embora em sua vida já gozasse de muita glória, suas opiniões não puderam desestabilizar a ascendência das teorias mais afirmativas e mais dogmáticas e, só muito tempo depois, suas opiniões se tornaram o ponto de encontro de uma seita de médicos respeitáveis. Embora essas opiniões fossem menos perigosas para a prática da arte do que aquelas de seus adversários, é absolutamente certo que o espírito de rivalidade levou uns e outros, quase igualmente, além dos limites da razão. Se bem que foi a razão que facilmente os aproximou, pois a disputa, como já demonstrei em outro lugar²⁵, somente acontecia, para dizer propriamente, com palavras.

Os primeiros filósofos fizeram, pois, tanto bem quanto mal à medicina. Eles a arrancaram da ignorância sem método, mas a precipitaram em várias hipóteses arriscadas; fizeram-na passar do empirismo cego ao dogmatismo imprudente. Seu destino foi, em tudo, o mesmo que o da moral. Inicialmente, a medicina foi nas mãos dos poetas somente uma coletânea de imagens ou de sensações finas; nas mãos dos sacerdotes, adotou a linguagem vaga e o sotaque misterioso da superstição; nas mãos desses primeiros filósofos, cujos esforços mereceram grande reconhecimento, seus materiais esparsos, confusos, incoerentes se reuniram para formar conjuntos mais ou

²⁵ Na obra intitulada: *Do grau de certeza da Medicina*.

menos regulares, mais ou menos completos. Porém, a medicina adotou princípios de várias outras ciências que ainda não estavam prontas; compartilhou os erros que a desfiguraram, na medida em que essas ciências, em sua maioria, nada tinham em comum com ela. Pode-se mesmo dizer que ela percorreu, de alguma forma, o circuito completo dos falsos sistemas que reinavam nas diversas partes do conhecimento humano e que se alternavam a cada vez.

III

Hipócrates

Enfim, surgiu Hipócrates. Ele pertencia à família dos Asclepiades. Seus ancestrais, de pai para filho, durante dezessete gerações, exerceram a profissão de médico na ilha de Cós, cuja escola lhes foi confiada. Portanto, Hipócrates sugou os princípios dessa arte com o leite materno. Rodeado, desde a infância, de todos os objetos de seus estudos; educado pelos mestres mais célebres em eloquência e filosofia; enriquecido pela mais vasta coletânea de observações que pôde existir até então; enfim, dotado pela natureza de um gênio, ao mesmo tempo, observador e expansivo, audacioso e ajuizado, ele começou sua carreira do modo mais auspicioso e a percorreu, durante mais de oitenta anos, com uma glória igualmente devida a seus talentos e à elevação de seu caráter virtuoso.

Eurifon, como vimos acima, acabara de publicar as *Sentenças Cnidianas*. Heródico, fazendo renascer a medicina ginástica, cuja primeira invenção fora atribuída a Esculápio, dava-lhe um caráter mais científico e mais regular. Sabia-se

estudar as doenças, conhecia-se a maior parte dos remédios gerais, tais como, a sangria, os vomitivos, os purgativos, os banhos, o emprego dos instrumentos cortantes e do cautério atual, ou do fogo. Embora a rotina, as falsas teorias e a superstição desfigurassem ainda a maioria dos tratamentos, um melhor espírito começava a luzir, de modo intermitente, em quase todas as partes da arte.

Naquela época, as doutrinas de Pitágoras e de Heráclito compartilhavam o império da filosofia. Sem ter perdido todo o brilho da novidade, elas gozavam do respeito que o poder do hábito dá às opiniões antigas – respeito que é mais profundo quanto mais ignorantes e rudes forem os povos.

Ao mesmo tempo, florescia em Croton, na Magna Grécia, a escola itálica fundada por Pitágoras, ou melhor, por seus discípulos que, aperfeiçoando suas visões benfeitoras, abraçavam todas as ciências e as faziam contribuir para o vasto plano de melhoria do gênero humano.

Foi nessas circunstâncias que Hipócrates²⁶ surgiu, por assim dizer, repentinamente e deu, para sempre, à escola de Cós uma preeminência, sem dúvida merecida, visto que ela soube desenvolver tão raros talentos. Foi em meio aos jogos de infância que Hipócrates recebeu da boca de seus pais as noções elementares da medicina. Quanto ao aspecto das doenças, aprendeu a reconhecê-las; vendo preparar e aplicar os remédios, familiarizou-se com sua preparação e seu emprego. As primeiras cenas que surpreendem os sentidos ávidos de impressões, as primeiras comparações

²⁶ Ele nasceu na octogésima olimpíada.

produzidas em uma inteligência totalmente nova, os primeiros julgamentos de uma razão nascente, têm tanta influência sobre o resto da vida que seus traços e os hábitos que produzem são geralmente indeléveis. É assim que são determinados tanto a orientação do caráter quanto o gênero, ou direção, dos trabalhos do espírito. A atitude funesta de falar ao invés de agir, atribuindo às palavras somente ideias falsas ou vagas, deve-se talvez, em grande parte, ao hábito de se pintar objetos que não se viu e de substituir a obra dos sentidos pela imaginação. Uma maneira de julgar inteiramente saudável depende de sensações completas e justas e os órgãos destinados a recebê-las precisam de cultivo, quer dizer, de um exercício bem dirigido. Ora, a natureza ou os objetos, que são nossos verdadeiros mestres, e suas lições, diferentemente das lições dos homens e dos livros, harmonizando-se sempre com nossas faculdades, são os únicos que nunca serão infrutíferos e que nunca nos extraviarão. É preciso, então, nos familiarizarmos logo com as imagens fornecidas pelos materiais de todos os julgamentos. Em relação a cada arte em particular, o homem não saberia se colocar antecipadamente frente aos objetos de seus estudos, ao caráter e ao objetivo de suas observações.

Hipócrates foi bem tratado tanto pelas circunstâncias, quanto pela natureza. A natureza o tinha dotado da mais feliz organização; as circunstâncias o rodearam, desde a mais tenra idade, de tudo o que podia ser de maior utilidade para sua educação.

O bom senso, junto ao espírito inventivo²⁷, é o que distingue um pequeno número de homens privilegiados.

²⁷ Esta é a verdadeira genialidade.

(Entendo aqui como bom senso aquilo que plaina acima das opiniões reinantes e cujos julgamentos estão à frente de seu tempo). Hipócrates fazia parte deste pequeno grupo. Ele viu que já se havia feito tanto e tão pouco pela medicina. Portanto, ele a separou da filosofia, à qual não se soube como uni-las em suas verdadeiras e mútuas relações. Ele levou a medicina, em sua via natural, à experiência racional. Não obstante, como ele próprio disse, trouxe essas duas ciências uma para dentro da outra, pois as considerava inseparáveis, porém lhes atribuiu relações absolutamente novas. Em uma palavra, Hipócrates livrou a medicina dos falsos sistemas e para ela criou métodos seguros. É o que ele dizia, com razão: tornar a medicina filosófica. Por outro lado, lançou as luzes da medicina sobre a filosofia moral e física. É isso com efeito o que significa transportar a medicina para dentro da filosofia. Este foi seu objetivo geral.

O verdadeiro espírito filosófico de Hipócrates se encontra inteiramente em suas epidemias e em seus livros aforísticos. Suas epidemias não são somente magníficos quadros das doenças mais graves; também mostram sob quais pontos de vista as observações devem ser feitas, como se pode apreender traços surpreendentes, sem se perder, e sem enganar e fatigar o leitor ou ouvinte com detalhes inúteis. Seus livros aforísticos foram tomados, em todos os tempos, como modelos de grandeza por sua perspectiva e de precisão por seu estilo. Encontra-se esse método, verdadeiramente geral, o único apropriado ao modo como se exerce nossas faculdades intelectuais, e que, em cada arte ou ciência, ao fazer nascer os axiomas das observações, transforma, em regras, os resultados de fatos. Método que não é reduzido a princípios e que, há pouco

tempo e mesmo nos séculos passados, só podia ser antevisto por alguns grandes gênios.

Esse novo espírito, trazido pela arte de curar, foi como uma luz repentina que dissipou os fantasmas da noite e deu aos objetos sua verdadeira forma e sua cor natural. Rejeitando os erros, Hipócrates aprendeu a melhor dominar os úteis trabalhos dos séculos passados. Viu-se, com certo grau de evidência, até então desconhecido, o encadeamento e a dependência, seja dos fatos observados seja das consequências deduzidas legitimamente de sua comparação. Certamente, todas as descobertas ainda não tinham sido feitas, mas já se encontravam no caminho certo. Desde então, teríamos um meio seguro para apreciar, com exatidão, as novas ideias que o tempo faria eclodir, se soubéssemos nos distanciar para apreciá-las. Se os discípulos de Hipócrates tivessem compreendido bem suas lições, teriam podido lançar os fundamentos dessa filosofia analítica, com a ajuda da qual doravante a razão criaria, por assim dizer, instrumentos novos e mais perfeitos a cada dia.

Assim, esse grande homem, longe de banir da medicina a verdadeira filosofia, sem a qual ela não pode existir, ao invés, estendeu as vantagens que podiam extrair uma da outra, fixando os limites que as separavam. Ele reuniu seus princípios e suas doutrinas, pelos únicos pontos de vista que lhes eram realmente comuns.

Hipócrates realmente não expôs seu método de maneira suficientemente detalhada, para que se pudesse examinar todos os procedimentos com uma exatidão minuciosa. Entretanto, indicou, em vários tratados particulares, o espírito geral que lhe parecia o único a dirigir seguramente as pesquisas em medicina e a aperfeiçoar, ou

facilitar, seu ensino. Estas são as duas partes intituladas: *Περί αρχαίας ιητροίχης e περί τεχνίχης*.²⁸

Mas este excelente método se mostra ainda muito melhor em suas obras práticas como, por exemplo, em suas epidemias, em seus livros aforísticos, em seus diferentes tratados sobre o regime; e, acrescento, naquela sobre os ares, as águas e os lugares. É aí onde sua filosofia médica se encontra realmente em ação e o autor, iniciando-nos em todos os segredos de uma observação fina e segura, nos mostra a arte mais sábia e a mais difícil de circunscrever seus resultados, com uma precisão de raciocínio que não deixa qualquer dúvida sobre sua legitimidade. As puras observações são, de todo modo, a matéria de todas as suas perspectivas gerais. É preciso, como observa Bordeu, que estas últimas sejam somente a conclusão. Por isso, esses diferentes escritos continuam sendo uma das leituras mais instrutivas que se pode fazer. Não que os fatos, ali recolhidos, não tenham sido fundidos pelos modernos em coleções infinitamente mais ricas e completas; mas, **porque** nenhum outro escritor sem exceção nos introduziu, tão cedo, no santuário da natureza nem nos ensinou a questioná-la com tão sábia moderação e escrupulosa atenção, **que** só nos resta traçar, segundo suas respostas, princípios e regras que ela não pudesse jamais reprovar.

Havíamos dito que, Hipócrates encontrara, em sua família e, por assim dizer, em volta de seu berço, todos os meios para desenvolver sua genialidade. Mas ele de modo algum permaneceu preso a esta primeira cultura. Mestres, célebres em quase todos os gêneros, começavam a marcar o lugar de honra que os povos gregos ocuparam entre

²⁸ (NRT) Peri archaiis iitrikis: Sobre os tempos antigos; Peri technis: Sobre as Artes.

todas as nações do universo. Já tínhamos dito também que a medicina ginástica de Heródico estava no auge naquela época. Esse médico, aproveitando da paixão dos gregos pelos exercícios do corpo, esforçava-se em mostrar um meio geral de tratar as doenças. Sabia-se, por experiência, que nada é mais útil para preservar a saúde; não foi difícil convencer as pessoas que esse meio era também próprio para restabelecê-la. Nos tempos em que a ignorância era muito mais profunda, os sacerdotes combinavam a medicina com a religião. Heródico a combinava com a instituição pública geralmente mais adotada nos diversos estados da Grécia, com um tipo de divertimento pelo qual o povo mostrava em todos os lugares a maior paixão.

Hipócrates tornou-se seu discípulo. Ele aproveitou o que sua prática podia oferecer de útil e verdadeiro. Mas foi um dos primeiros a sentir como os dogmas de seu mestre precisavam ser limitados em sua aplicação. Logo as observações e experiências mais cuidadosas lhe provaram que, em um grande número de doenças, não somente o exercício não cura como também torna todos os acidentes mais graves e mais perigosos.

Na mesma época, em Atenas, o orador Gorgias dava aulas públicas sobre eloquência. Hipócrates viu esse estudo como uma espécie de complemento para sua educação. Ele sabia como o talento de falar e escrever contribuía para o sucesso da verdade. Parece, também, que não desconhecia quanto a própria arte do raciocínio estava ligada à linguagem. Foi nessa excelente escola que recebeu os princípios desse estilo viril e simples que lhe é particular. Estilo perfeito em seu gênero e especialmente próprio para as ciências, pela clareza de abordagem e naturalidade de expressão, e não menos notável ainda pela vivacidade das

imagens e por esse tipo de rapidez que parece apenas percorrer os objetos mas que na verdade se aprofunda em todos eles, apreendendo e aproximando seus traços verdadeiramente distintivos. Se a história nos dá uma ideia justa sobre esse célebre orador, Hipócrates lhe deve, em parte, o talento precioso de sempre embelezar seu pensamento, sem acrescentar aí nenhum ornamento estranho, e manter sua linguagem nesse grau equilibrado de brilho e elegância que, talvez, seja o único permitido ao médico, sempre desviado de seus estudos solitários pelos trabalhos diários de sua arte.

Celso e Sorano quiseram também que Hipócrates tivesse Demócrito como mestre. Mas o médico já era célebre em sua prática quando viu o filósofo pela primeira vez. Chamado pelos Abderitas, que tratavam Demócrito como um louco, Hipócrates viu nesse homem um sábio, mas ele não tinha mais idade para entrar em uma escola. Se ele tirou algo de proveitoso do convívio com esse pretense doente, foi unicamente em algumas breves conversas. De resto, as doutrinas de Heráclito são as que Hipócrates parece preferencialmente ter adotado; elas formam a base de sua física geral que é, na verdade, somente um tecido de puras hipóteses. Ele as inseriu em sua fisiologia e não as banuiu inteiramente de suas observações práticas e de seus planos de tratamentos.

No início de sua carreira, Hipócrates se fez conhecer por um traço infinitamente notável. Tal é, pelo menos, a narrativa de Sorano: Hipócrates, disse ele, tratava do jovem Pérdicas, filho de Alexandre, rei da Macedônia, com a ajuda de Eurifo de Cnido, médico mais velho que ele. Esse príncipe fora atacado por uma febre lenta, da qual não se conseguia descobrir a causa, mas que minava as forças de

sua vida e o conduzia rapidamente ao túmulo. A sagacidade do jovem médico lhe fez presumir que a doença era oriunda de alguma afecção moral. Como observava atentamente os passos, as falas, os gestos e até as mais leves impressões de seu doente, percebeu que a presença de Phila, antiga amante de seu pai, lhe fazia mudar de cor. Julgou que somente o amor podia curar o mal que ele mesmo havia causado. Como a bela Phila não se mostrou de modo algum insensível ao estado do jovem príncipe, a aplicação de um tão suave remédio obteve o êxito mais feliz.

Atribui-se uma cura do mesmo gênero ao médico Erasítrato.

Hipócrates, a exemplo dos filósofos de seu tempo, empreendeu diferentes viagens, percorrendo toda a Grécia da Ásia e da Europa e a maioria das ilhas do Arquipélago. Ele chegou mesmo a subir pelo lado Norte até as regiões habitadas pelos Cias nômades. Tessália e Trácia foram as duas partes da Grécia onde ele morou por mais tempo. As observações sobre as doenças epidêmicas foram feitas em Lárrissa, Perinto, Tasos, Olinto, Oeniádas, Feras, Élida.

Em discurso para uma assembleia atribuído a Téssalo, seu filho, conta-se que os habitantes de Ilíria e Peônia, devastadas pela peste, ofereceram a Hipócrates grandes somas de dinheiro para que ele viesse socorrê-los. Infelizmente, como alguns ventos reinavam naquele momento, Hipócrates previu que esse mal iria logo penetrar na Grécia e não quis, de modo algum, deixar seu país frente a este perigo eminente.

Obedecendo às suas ordens, seus filhos, genro e discípulos se espalharam pelos diferentes estados, com as

instruções e os remédios necessários para prevenir o contágio ou para tratar os doentes que já tinham sido atingidos. Ele próprio permaneceu na Tessália e, algum tempo depois, em Atenas, onde suas opiniões foram de tão grande utilidade que, por um decreto solene do povo, recebeu uma coroa de ouro e foi iniciado nos grandes mistérios de Ceres e de Proserpina.

Esta narrativa dificilmente estaria de acordo com a de Galeno e a de Tucídides. Galeno declara que a peste de Atenas, durante a qual Hipócrates deu muitos conselhos úteis, viera da Etiópia. Foi essa portanto a grande peste que Tucídides pintou com cores tão chocantes. Ora, esse flagelo lançou seus primeiros furores durante a guerra do Peloponeso, no segundo ano da octogésima sétima olimpíada, e há consenso em colocar o nascimento de Hipócrates aproximadamente na octogésima. Segundo esses diferentes dados, ele teria nessa época apenas trinta anos. Já poderia ser célebre em medicina, mas seguramente não teria dois filhos e um genro com capacidade de praticá-la. Além disso, como Tucídides não se lembraria de citar seu nome em uma descrição tão detalhada e tão exata? Como, ao invés, disse ele com convicção que os médicos não entendiam nada da doença, que se morria com ou sem médico e que mesmo os próprios médicos morriam proporcionalmente em maior número, porque seu dever sempre os aproximava de pessoas contagiadas?

Esperando que essas dificuldades se esclarecessem, o autor das Viagens do jovem Anacársis admite, como certos, os fatos lembrados no discurso de Téssalo.

Entre as cartas atribuídas a Hipócrates, várias são evidentemente supostas como, por exemplo, aquelas escritas a Cratevas, que vivia no tempo de Pompeu, a

Dionísio de Halicarnasso, contemporâneo de Augusto, a Mecenas, favorito desse tão célebre imperador, a Filopoeme – general da liga Aqueia. Mas as duas cartas de Demócrito a Hipócrates carregam uma grande marca de verdade. O filósofo lhe recorda o primeiro encontro entre eles e os assuntos tratados nessa conversa. “Eu escrevia”, dizia ele, “sobre a ordem do universo, sobre a direção dos polos, sobre a marcha dos astros. Nessa ocasião, vós tivestes ocasião de julgar que a loucura estava do lado daqueles que me acusavam de ser louco”. A resposta de Hipócrates é digna de ambos; ela respira uma profunda melancolia. Ele se queixa dos pesares de sua profissão, dos falsos julgamentos aos quais se está exposto nela, da injustiça do público para com aqueles que a exercem com o maior zelo e talento. Embora em idade já avançada, não tem dificuldade em confessar que ainda está longe de ter levado a teoria e a prática de sua arte ao grau de perfeição que ela poderia atingir e declara que, durante sua longa vida, consagrada a servir seus semelhantes, e que não o fora sem brilho, recebeu muito mais censura do que obteve sucesso.

Entretanto, quem merecia, mais do que ele, ser feliz? Quem alguma vez marcou sua passagem sobre esta terra com mais benfeitorias, pelo exemplo diário das maiores virtudes? Quem fez das ideias mais sublimes os deveres de sua profissão? Podemos encontrá-los traçados e resumidos, por assim dizer, no juramento de sua escola. Eles são lembrados em várias partes de seus escritos, com essa ênfase tocante de virtude e de verdade e, sobretudo, ele os praticou com um sentimento tão grande de humanidade que se deve reverenciar sua memória tanto quanto se admira seu gênio e seus trabalhos.

Enumerando as qualidades necessárias ao médico e os meios mais adequados para desenvolvê-las e cultivá-las, parece pintar-se a si mesmo; ele faz sua própria história. “O médico”, dizia ele, “deve ser decente em seu exterior, suas maneiras devem ser sérias, sua conduta moderada. Nas íntimas relações nas quais sua profissão o coloca em contato com as mulheres, ele deve agir com muita reserva e respeito: que ele tenha sempre diante de seus olhos a santidade de suas funções! Ele não deve ser invejoso nem injusto com os outros médicos, nem devorado pela sede do ouro. Ele evitará falar demais; entretanto, estará sempre pronto a responder às questões com suavidade e simplicidade. Ele deve ser modesto, sóbrio, paciente, hábil e pronto a fazer, sem se perturbar, tudo o que diz respeito a seu ministério; piedoso sem superstição, honesto em todas as ações comuns da vida, como também no exercício de sua profissão. Resumindo, que ele seja um perfeito homem de bem e que reúna, junto aos hábitos de um coração justo, a sabedoria, o espírito, os talentos, o saber e a destreza que podem, sozinhos, tornar verdadeiramente útil a aplicação prática das regras da arte.”

E acrescentou: “Para levar a um certo grau os conhecimentos e a arte do médico, independentemente das disposições naturais sem as quais nada pode acontecer, é preciso que ele se encontre, desde a infância, cercado por todos os objetos de suas pesquisas, que coloque em uso todos os meios para se instruir com constante aplicação. É necessário um espírito dócil e sábio, uma sagacidade amadurecida pelo estudo, uma atividade bem dirigida e, acima de tudo isso, muito tempo e muito trabalho”.

Sua educação foi conduzida conforme um plano por ele traçado: o modelo que ele construiu para si de médico

virtuoso foi o quadro de sua própria vida, guardando todos esses traços no coração. Não foram somente os doentes curados pelos seus cuidados, os pobres socorridos por sua caridade e os infelizes consolados por suas opiniões compassivas que fizeram com que esse excelente e grande homem fosse honrado para sempre. Ele foi um digno cidadão, defendeu e honrou a causa sagrada da liberdade, que as armas dos Persas punham menos em perigo que o seu ouro corrupto. Suas opiniões fortes e generosas não foram a única homenagem que prestou a essa divindade de todas as grandes almas, a essa fonte única das verdadeiras virtudes e da felicidade. Pois não é possível silenciar aqui sobre as tentativas do grande rei para atraí-lo à sua corte, a recusa de Hipócrates e a maneira nobre pela qual ele explica os seus verdadeiros motivos. Um *senatus-consulto* da cidade de Atenas e várias cartas nos fazem conhecer em detalhes este fato²⁹.

A Pérsia estava assolada pela peste. Os sátrapas da Ásia Menor escrevem a Artaxerxes para lhe comunicar sobre a grande reputação do médico de Cós. Artaxerxes lhes respondeu encarregando-os de fazer, a esse médico, ofertas mais liberais, a fim de atraí-lo para seus Estados. Os sátrapas fizeram chegar a Hipócrates a carta do grande rei: prometem, em seu nome, todas as recompensas e todas as honras que ele possa desejar. O médico responde essas belas palavras que ficaram gravadas na lembrança de todos os seus sucessores que pensam e que sentem:

“Tenho em meu país o alimento, a roupa e o abrigo: não preciso de nada. Como grego, seria indigno de minha

²⁹ Já o citei no *Tratado sobre o grau de certeza da Medicina*, mas posso me permitir citar novamente, em um momento em que certos escritores parecem ter a tarefa de sufocar todos os sentimentos livres e generosos.

parte aspirar às riquezas e grandezas dos bárbaros e não irei, de forma alguma, servir aos inimigos de minha pátria e da liberdade”.

Sobre isso, o grande rei, a quem a embriaguez do poder fazia acreditar que suas menores fantasias deviam ser leis para o resto dos homens e que todos deveriam se sentir honrados em obedecer-lhe, o grande rei não pôde conter seu furor. Escreveu aos habitantes da ilha de Cós dizendo-lhes que deveriam entregar-lhe imediatamente Hipócrates, cuja insolência ele queria castigar, ameaçando-os com toda sua cólera, em caso de recusa. Porém, os diversos Estados da Grécia estavam então unidos por laços sólidos que garantiam sua independência comum. A pequena ilha de Cós ousou desafiar o rei da Pérsia. Seus habitantes responderam que eles veriam como uma covarde ingratição entregar seu concidadão, em relação ao qual tinham importantes obrigações e que, ao escolher essa ilha para residir e cultivar sua arte, ele merecera a proteção especial das leis que a governavam e terminaram declarando que estavam resolvidos a defender, a todo preço, sua vida e sua liberdade.

Após uma longa carreira dedicada a praticar sua arte com muito brilho, a fundar em corpo de doutrina os princípios sobre os quais repousam sua teoria e sua prática, a aperfeiçoar seu ensino e formar discípulos dignos de substituí-lo; após uma vida que foi, conseqüentemente, feliz – dizia isto mesmo em momentos de desgosto -, Hipócrates faleceu em Lárissa, na Tessália, aos oitenta e cinco anos, ou noventa, ou cento e quatro, ou mesmo cento e nove, segundo Sorano, seu historiador. Ele foi sepultado entre essa cidade e Girtona. Segundo a tradição, seu túmulo ficou por muito tempo coberto por um enxame

de abelhas, cujo mel era empregado, com muita confiança, para a cura de aftas em crianças.

A morte é o juiz supremo dos famosos. Sua mão fatal arranca a máscara do charlatão e torna o grande homem ainda maior e, por assim dizer, mais sagrado. A morte faz calar a inveja, pelo menos a desencoraja. Ou, na certeza de não ser mais importunada pela presença da morte, a inveja permite frequentemente que se sinta todo o valor dos talentos e virtudes, e que lhe sejam prestadas homenagens, cujo próprio excesso a choca tanto que pode servir para humilhar os vivos. Os ressentimentos com que quase sempre se procurou impregnar esses benfeitores e modelos do gênero humano se oferecem então, em toda sua ingratidão, aos olhos dos homens dotados de alguma generosidade. Despejam-se elogios e honrarias sobre cinzas insensíveis e aquele que foi perseguido constantemente com furor, enquanto podia gozar da benevolência de seus concidadãos, torna-se objeto de culto quando nenhum dos sentimentos desses homens pode mais tocá-lo.

Hipócrates recebeu, após sua morte, testemunhos universais de reconhecimento e de admiração. Sua genialidade e suas virtudes foram apreciadas, além de reconhecidos os serviços prestados à sua pátria e ao gênero humano.

Nos primeiros tempos daquela civilização, os gregos colocavam seus homens célebres no nível de deuses. Sua imaginação viva e sensível reenviava, aos céus, todos seus benfeitores que, segundo eles, haviam descido à terra. Eles gostavam de pensar que aquele que, durante sua passagem na terra, pôde fazer o bem, poderia sempre fazê-lo. Esses povos pediam, com muita confiança, ajuda à mão que já lhes havia servido. Construíram-se templos para

Hipócrates; seus altares foram cobertos de incensos e oferendas, como os do próprio Esculápio. Já que era preciso um deus para os doentes, quem melhor para receber suas preces ou os votos de seus parentes e amigos que o médico de Cos?

Os médicos de todas as escolas, os filósofos de todas as seitas se apressaram a ler, a citar e a comentar seus escritos. Cada escola quis fazê-lo passar por seu guia, cada seita quis que ele lhe pertencesse. Em todos os países onde as ciências e as artes lhe prestavam homenagem, seu nome passou de boca em boca juntamente com o nome de um pequeno número de gênios originais, vistos, com razão, como os criadores do espírito humano. Entre os médicos dos séculos seguintes, aqueles que merecem maior glória foram os que mais se apressaram em proclamar o nome de Hipócrates. Os moralistas e os políticos esgotaram as ideias gerais, as percepções mais amplas e os princípios fecundos de Hipócrates. Os filósofos, que se ocupavam das operações de compreensão, admiraram essa segurança de método, esses procedimentos de um espírito que conhece seus próprios limites e toda a extensão de seus meios, essa arte de se colocar sob o verdadeiro ponto de vista, a fim de observar os diferentes objetos de suas pesquisas, classificar as observações em sua ordem natural, ligá-las a princípios gerais, isto é, tirar daí resultados que expressem somente suas relações e seu encadeamento. Os juriconsultos deram força de lei às suas opiniões, em todas as questões nas quais o fisiologista deve dirigir a decisão do magistrado. Os literatos encontraram em Hipócrates, como já observamos, o modelo de um gênero particular de estilo, e até mesmo, pode-se dizer, de eloquência, que une a majestade à simplicidade ingênua, o movimento rápido à exatidão de

detalhes, as cores de uma imaginação brilhante à severidade de um espírito justo e firme cuja primeira necessidade é a verdade; enfim, a clareza mais fácil à mais surpreendente precisão. Ainda em nossos dias, ele é pensado pelos médicos, consultado pelos filósofos, lido pelos homens de gosto. Ele é e sempre será, para cada um deles, um dos mais belos gênios da antiguidade e o conjunto de suas obras será sempre considerado como um dos mais preciosos monumentos da ciência.

Insistimos sobre essas primeiras épocas, sem dúvida as mais importantes para a medicina. Passaremos mais rapidamente pelos séculos que se seguem.

IV

Outras escolas da Grécia

A Escola de Cnido, rival da de Cós, é conhecida somente pelo que o próprio Hipócrates nos ensinou. A se crer em tudo o que ele diz, reunia, em seu ensino, tanto os inconvenientes do empirismo cego quanto os do espírito de hipótese. Isto porque ele afirma que, de um lado, consideravam-se as doenças apenas individualmente, sem reduzi-las, por suas semelhanças, a certas classes, gêneros ou famílias e, por outro lado, não havia dificuldade de estabelecer, sobre essas observações isoladas, regras que, não podendo se relacionar a nada de geral e de constante, não deixavam qualquer traço no espírito.

A Escola de Pitágoras, ou a escola itálica, formou espíritos distintos em diferentes gêneros. Ela produziu também vários grandes médicos. Esse homem verdadeiramente extraordinário, após ter abraçado todas as partes das ciências naturais e morais, formou o maior

estabelecimento de educação que um simples mortal jamais poderia conceber. Ele conseguiu executá-la, deu-lhe bases tão sólidas que sua escola subsistiu por muito tempo após sua morte, com o mesmo brilho, e que os tiranos e fanáticos se viram obrigados a destruí-la a ferro e fogo.

Para apreciar esse filósofo, temos somente alguns vestígios que escaparam à ação do tempo. Mas se nos transportarmos para a época que o viu nascer, esses tênues restos têm o direito de nos surpreender.

É plausível que tenha sido Pitágoras, ou algum de seus discípulos, que transportou a doutrina dos números para a medicina, quer dizer, que aproximou o conjunto de observações feitas sobre a economia animal aos princípios de sua doutrina favorita. Em tempos posteriores, ridicularizou-se muito o poder dos números e a utilidade que os antigos atribuíam ao conhecimento de suas propriedades para o estudo das outras ciências. E não menos a predileção, que eles imputavam à natureza, por alguns números ou por algumas formas periódicas que, segundo sua opinião, remetiam fielmente esses números aos fenômenos do universo. Enfim, não foram poupadas várias partes da fisiologia hipocrática, nem mesmo as crises que, em seu processo regular, reproduziram os números sagrados de Pitágoras. Resta saber se eles tinham igualmente razão sobre todos esses pontos.

Considerando o grau de avanço ao qual os antigos tinham levado a geometria, e mais ainda, sem dúvida, o olhar observador e penetrante que lançaram sobre a ciência dos números, é difícil negar que eles fizeram importantes descobertas sobre suas propriedades. A aplicação dessas descobertas na geometria, da qual uma aritmética qualquer é necessariamente inseparável, apresentou-se **ela própria a**

seu espírito. Da geometria, eles puderam estender a aplicação a diversas partes das ciências físicas e, de fato, sabemos que eles o fizeram. Como testemunhas, temos os magníficos ensaios de estática e de mecânica de Arquimedes e, muito tempo antes, com a ajuda da análise experimental, Pitágoras levava as vibrações do corpo sonoro às leis do cálculo. Enfim, poderia a atividade desses gênios empreendedores, que gostavam tanto de generalizar, deixar de transportar para as ciências morais abordagens ou meios de pesquisa que tanto os haviam ajudado em outros ramos de seus estudos? Supondo ser esta conjectura tão fundada quanto parece, o sistema dos números teria sido, para eles, o que a álgebra, que é apenas uma aritmética mais abstrata e mais geral, tornou-se, em vários aspectos, para os modernos: o método e quase a língua universal das ciências. Como ela, o sistema numérico dos antigos, mesmo parecendo imperfeito, teria esclarecido várias áreas com uma luz direta; como ela, teria servido de ponto de comparação e de regulador dos métodos dos outros. Ele lhes teria fornecido meios de se retificar ou procedimentos úteis para compensar sua imperfeição.

Nenhum raciocínio anterior à experiência leva a crer sem dúvida que a natureza afete tal número mais do que outro. Entretanto, temos aqui de fato uma questão que somente a observação pode resolver. Quando a quina volta vinte vezes seguidas em uma partida de gamão, as probabilidades, puramente racionais, de voltar pela vigésima primeira vez seriam sempre as mesmas. Entretanto, nesse caso, qual jogador não apostaria, com muita certeza, contra esse retorno?

A experiência, por si só, pôde nos ensinar que, quando a natureza afeta a variedade nas chances fortuitas, haverá

sempre uma aposta contra as chances que já se apresentaram várias vezes e a favor daquelas que ainda não aconteceram.

Não é, também, sobre os fatos, e somente sobre os fatos, que é preciso julgar a doutrina dos números? Nas operações que nos parecem mais irregulares e menos susceptíveis de não sê-lo, a observação nos mostra sempre uma determinada ordem, qualquer que seja. Por que os antigos não teriam descoberto, em diferentes operações da natureza, a ordem que os números seguem para seu retorno? Estou longe de afirmar que essa ordem seja real, mas pode sê-lo, e os antigos podem tê-la conhecido. Parece-me que teremos o direito de contradizê-los formalmente somente quando tivermos feito todas as experiências que a solução completa exige das diversas questões relativas a essa doutrina. Nós as teríamos feito em grande escala durante um espaço de tempo bem longo, e com bastante cuidado, para remover, neste aspecto, todas as dificuldades.

Quanto à periodicidade dos movimentos vitais, seja na formação e no desenvolvimento dos órgãos, seja no desenrolar de suas funções e nas crises das doenças, a coleção de fatos existe. Eles são bastante numerosos, e podem ser avaliados. Hipócrates, Galeno, Areteu e alguns outros entre os antigos, seus abreviadores Lomnius e Sennert, seus comentadores Duret, Jacot, Houllier, Prosper Martian, seus sectários Baillou Fernel, Rondelet, Prosper Alpin, Piquer, e vários outros entre os modernos, enfim, muitos observadores de doenças particulares que, limitando-se à simples descrição histórica, têm um peso ainda maior para a exatidão dos fatos, visto que eles não tinham mesmo um sistema a estabelecer. Penso que todos

esses escritores parecem ter trabalhado em comum acordo, embora sob diferentes pontos de vista, para constatar, neste aspecto, a exatidão da doutrina dos números adotada pelos antigos.

Segundo novas pesquisas, Staalh não somente abraçou as ideias desses homens, como ainda as estendeu e aumentou, aplicando-as, com mais detalhes e precisão, até à história dos fenômenos da vida. Em alguns Tratados particulares, ele as fez concordar com várias percepções engenhosas e novas sobre as épocas, o curso e as transformações de diferentes doenças, tanto agudas quanto crônicas. Hoffman, espírito mais tímido, delas aproximou-se em várias excelentes dissertações. O próprio Boerhaave acabou homenageando a exatidão dos antigos; e todos os bons praticantes de sua escola proclamaram à larga essa doutrina das crises, rejeitada inicialmente como absurda e quase cabalística.

Mas já falamos demais deste assunto.

Há muito tempo, como já dissemos acima, Acrão de Agrigento já esboçara a doutrina da seita empírica, mas seus princípios não estavam reduzidos a um sistema e, de modo algum, faziam um corpo de ensino. Essa doutrina, ou seu complemento, foi obra de Serapião, fundador da famosa escola de Alexandria que gozou do maior brilho durante muitos anos.

Já havia dito que a querela entre dogmáticos e empíricos apenas era uma pura disputa de palavras. É verdade que uns agiam de acordo com regras e axiomas, pesquisando causas próximas ou distantes; os outros se relacionavam unicamente à experiência e rejeitavam qualquer hipótese como corruptora da observação. Mas os

empíricos raciocinavam a experiência e os dogmáticos experimentavam (se podemos nos expressar dessa forma) o raciocínio; estes viam como causas, o que aqueles faziam entrar na própria história da doença. A analogia e a indução eram para os empíricos o que eram, para os dogmáticos, o encadeamento dos dogmas e sua aplicação metódica nos planos de tratamento. Entretanto, os primeiros tinham a vantagem de tomar mais imediatamente a coisa pelo começo. O próprio nome deles, os termos de que faziam uso, assim como as regras fundamentais que eles se impuseram, levavam-nos permanentemente ao verdadeiro caminho da análise que deve começar pela observação.

Se a seita pneumática não tivesse produzido Areteu, mesmo assim valeria a pena ser mencionada. Alguns visionários quiseram ressuscitá-la por diversas vezes. Não tivemos necessidade de combatê-los, seus devaneios não deixaram sinais e não se pensa mais nisso.

Areteu, ainda hoje, é tido como um dos melhores observadores e como um desses excelentes pintores de doenças, cujos quadros serão sempre instrutivos, embora datem dos primeiros tempos da arte.

V

Do estabelecimento da Medicina em Roma até a época dos Árabes

Roma reinava sobre o mundo. Seu império tirânico conseguia pela humilhação a ruína dos povos, começando pelo invencível furor de suas armas. Violentamente, ela carregava, em seu seio, as artes e as ciências, ou melhor, obras-primas que roubava dos outros, sem saber apreciá-las

nem delas gozar. As riquezas do universo vinham satisfazer sua insaciável avareza. O luxo andava em seu encalço e as maravilhas dos belos séculos da Grécia acabaram atraindo a Roma, de todos os lugares, os filósofos, os sábios, os escritores, os artistas mais célebres desse infeliz país, pois eles só podiam encontrar, na capital do mundo, os objetos necessários ao cultivo de seu espírito, e também caros à sua imaginação.

Os médicos foram, por muito tempo, excluídos de Roma pelos magistrados. O que nos resta é uma carta de Catão, o Velho, realmente curiosa pela estúpida ferocidade que ela respira. Esse espírito, violento e limitado, queria governar os possuidores dos tesouros do mundo como um convento de monges, ou como ele governava sua própria casa. Avaro, cruel, temperamental, sabe-se que ele fazia todos se curvarem sob o mais tirânico jugo. Como exemplo de todo tipo de despotismo, era ele mesmo tratava sua família e os escravos doentes. Os meios por ele empregados indicavam a mais repugnante ignorância e a mais risível superstição.

Entretanto, os costumes se atenuaram graças ao efeito imediato dos novos prazeres trazidos pela riqueza. A necessidade de conseguir homens instruídos em todas as áreas fez-se sentir em geral; então, os médicos puderam se mostrar.

Em pouco tempo, eles chegaram em massa. A época de seu estabelecimento em Roma não foi gloriosa para a ciência.³⁰ Mas, pouco tempo depois, Asclépio lhe proporcionou um grande reconhecimento.

³⁰ Cassio Hemina, citado por Plínio, diz que Arcagato foi o primeiro a introduzir a medicina em Roma. Deram-lhe, primeiramente, uma loja com o título de *curador de feridas*, mas que foi substituído rapidamente por *carrasco*, por causa das dores causadas por suas operações.

Os práticos quase não chamavam a atenção pública, devido à sua conduta simples e moderada. O espírito humano adquire hábitos por onde passa e talvez tenha recebido, da natureza, disposições que lhe fazem buscar o extraordinário, abraçar calorosamente o maravilhoso. Para cativá-lo, a verdade nua e crua é frequentemente um frágil meio: é preciso surpreendê-lo para convencê-lo e transportá-lo para fora do mundo real para obter seu consentimento³¹. Asclépio, educado nas escolas dos retóricos, ele mesmo retórico, levou para a medicina a arte de conduzir um julgamento pela imaginação. O êxito dessa arte é mais fácil junto aos doentes, já que sua fraqueza tão frequentemente os torna crédulos e supersticiosos. Novidades extraordinárias, remédios bizarros, sistemas filosóficos audaciosos e distantes das ideias comuns, uma eloquência rica e fácil, enfim, um fundo inesgotável de complacência em relação a todas as fantasias daqueles que se colocavam em suas mãos; tais foram os meios empregados por esse homem que, sem ser um verdadeiro médico, no entanto não deixou de ser um homem de visão e talento.

A filosofia corpuscular de Demócrito, desenvolvida e completada por Epicuro, foi acolhida e germinou somente num pequeno número de cabeças, pois era vista com certo pavor pelos espíritos tímidos. Talvez seja por isso mesmo que Asclépio fez disso, com grande êxito, o fundamento de sua medicina. Por meio de pequenos corpos e pequenos poros, explicava tudo, surpreendia os espíritos e algumas vezes curava. Ele zombava das ideias de Hipócrates sobre as crises. A paciência da arte que observa a natureza para

³¹ Isto é mais verdadeiro quanto maior for a ignorância dos povos e menos na medida em que estes se tornem mais esclarecidos.

seguí-la, ajudá-la ou compensar sua impotência, parecia-lhe absolutamente ridícula; ele a chamava *uma meditação sobre a morte*.

As opiniões e a prática de Asclépio não duraram mais tempo do que ele mesmo. Entretanto, de seus restos, nasceu a medicina metódica, cujo fundador foi Temisão, menos conhecido agora por suas doutrinas do que pelo verso de Juvenal:

*Quot Themison agros autumnno occiderit uno.*³²

Os metodistas dividiam as doenças em três classes: a das *fibras apertadas*, a das *fibras frouxas* e aquela que eles chamavam *mista*. Para as primeiras, eles empregavam os relaxantes; para as segundas, os constipantes; para as últimas, ambos. Porém, para o tratamento das doenças longas, eles empregavam sua grande ferramenta que chamavam *o círculo resumptivo* ou *metasincrítico*, que era tão somente uma sequência bizarra de remédios aplicados em ordens e épocas determinadas.

Dá para entender o que eles queriam dizer por *doenças de apertamento*, embora isto não seja tão claro para os homens instruídos quanto para os ignorantes. Dá para entender também o estado designado por *fibras frouxas*, porém é difícil adivinhar o que significava *gênero misto* e que aplicação podia-se fazer, na prática, desta ideia especulativa, tão sutil, **cujos sentidos** o sujeito não poderia apreender. Além disso, não é evidente que quase todas as doenças pertencem ao gênero *misto*, ou que poderiam estar a ele relacionadas? Pois esta palavra significa (se ela realmente significa algo) *desigualdade de tom* nas partes ou *distribuição*

³² NRT: Quantos pacientes mataria Temisão a cada outono.

irregular da ação tônica vital.³³ Ora, a maioria das doenças apresenta, como fenômeno geral, falta de equilíbrio e um mau emprego das forças. Nos casos em que essas aberrações são menos perceptíveis, um olhar atento pode ainda descobri-las. Talvez nem seja uma doença, quando a falta de equilíbrio se manifesta apenas num certo grau, no tom dos órgãos, no exercício da vida e no direcionamento da sensibilidade. Sendo assim, o *gênero misto* dos metodistas abarca tudo e nada designa.

Quanto aos outros dois gêneros, embora não se deva talvez rejeitar inteiramente as duas denominações que os designam, a doutrina que elas estabelecem é, seguramente, de uma aplicação muito limitada e a prática extrai disso pouquíssimas indicações seguras.

Célio Aureliano, cujo livro contém aliás coisas úteis, nos faz conhecer detalhadamente os princípios da medicina metódica. Ele os adotou e se serviu disso com sabedoria, mas não pôde lhes dar o caráter de verdade prática e de generalidade que lhes faltava essencialmente.

Prosper Alpin, no século XVI, e Baglivi, no século XVIII, tentaram rejuvenescer essa doutrina. Ambos o tentaram com talento, mas sem sucesso. Outros, sem talento, ousaram fazê-lo: sua pequena moda efêmera quase acabou com suas vidas e seus nomes sequer serão citados por esses ensaios infrutíferos.

Após várias épocas perdidas sem progresso, após muitas agitações e erros, a medicina precisava buscar caminhos mais seguros. Já era tempo de voltar aos dogmas da natureza ou de Hipócrates, seu fiel intérprete. Surgiu

³³ De maneira que certas partes se encontram em um estado de *apertamento*, enquanto outras estão num estado de *relaxamento*.

Galeno. Gênio de grande envergadura que abraçou todas as ciências, cultivando-as com igual sucesso. Desde a infância, ele já dava provas de uma capacidade rara e, na escola, começava a sentir o vazio dos sistemas dominantes. Pouco satisfeito com o que seus mestres ensinavam como verdades incontestáveis, como princípios eternos da arte, ele leu Hipócrates. Podemos dizer que uma nova luz o iluminou. Comparando-o à natureza, sua surpresa e admiração redobram. Hipócrates e a natureza foram, desde então, os únicos mestres dos quais ele quis receber lições. Ele se pôs a comentar os escritos do pai da medicina, apresentou seus pontos de vista sob diferentes aspectos que não haviam sido ainda percebidos. Repetiu suas observações, as enriqueceu e as sustentou com tudo o que podiam lhes emprestar a filosofia e as ciências físicas, através da simples aproximação dos fatos, da comparação das diversas teorias, enfim, através da combinação dos diferentes métodos de raciocínio. Resumindo, Galeno ressuscitou a medicina hipocrática e lhe deu um brilho que jamais tivera em sua simplicidade primitiva. Mas é preciso confessar que, o que ela adquiriu em suas mãos, talvez tenha sido mais um adereço do que uma verdadeira riqueza. As observações recolhidas e as regras traçadas por Hipócrates, ao tomarem um caráter mais brilhante e mais sistemático, perderam muito de sua pureza. Analisada pela ciência ou por diversos dogmas, a natureza, que o médico de Cós apreendera sempre com tanta exatidão e cuidado, encontrou-se sufocada e perdida. E a arte, sobrecarregada de regras supérfluas ou muito sutis, embarçou-se em muitas dificuldades novas que não pertenciam à sua natureza.

Bordeu compara Boerhaave a Asclépio. De fato, ele pôde encontrar algumas relações entre esses dois célebres médicos. Mas é sobretudo a Galeno que se deve comparar o professor de Leiden. Tanto um como o outro reuniram todos os conhecimentos de seu século e quiseram trazê-los para a medicina. Reformando-a, sobre planos gerais e vastos, eles se esforçaram em fundir doutrinas que lhes são absolutamente estranhas ou que, pelo menos, têm com ela somente relações isoladas e relativas a alguns simples acessórios. Ambos quiseram que sua medicina se enriquecesse com tudo o que eles sabiam. Em conseqüência, simplificando com método, mesmo com um grau de método muito desigual, as visões gerais que devem guiar seu ensino, eles entretanto deixaram uma grande tarefa para seus sucessores: a de separar, com exatidão, várias coisas belas e excelentes desses dogmas hipotéticos que as enfeiam, já que a própria ordem com a qual se encadeiam, torna ainda mais perigoso para os jovens leitores facilmente seduzidos por tão vastos quadros.

Galeno foi o médico de Marco Aurélio. É com um interesse tocante que se lê suas obras e a história de algumas doenças desse imperador filósofo, cuja vida e obra oferecem o mais digno modelo aos homens que têm o destino das nações em suas mãos e cujo nome será, em todos os séculos, marca de censura para aqueles que não o terão imitado.

VI

Época dos Árabes

Desde Galeno até ao tempo dos árabes, a medicina gira em torno do círculo de opiniões que se sucederam entre os gregos. O quadro que ela apresenta durante o Baixo Império merece pouca atenção. Encontraríamos talvez, durante esse intervalo, algumas observações a coletar sobre os hospitais estabelecidos em Constantinopla e em várias cidades da Grécia europeia e asiática, mas esse objeto tem somente relações distantes com o que nos interessa neste momento.

A biblioteca de Alexandria, formada pelos esforços de uma longa sequência de príncipes amigos das letras, foi queimada durante a guerra de César e Pompeu. Ao ser declarado um violento motim no centro da cidade, César mandou pôr fogo nos canais do porto. O incêndio se propagou imediatamente aos prédios da biblioteca e quatrocentos mil volumes viraram cinzas.

Entretanto, essa perda foi reparada pouco tempo depois, na medida do possível. Antônio doou a Cleópatra a biblioteca de Pérgamo que continha duzentos mil volumes. Esse acervo foi aumentando gradativamente: os livros atraíam os sábios, e os sábios atraíam mais livros. Alexandria tornou-se, novamente, o centro das ciências e das artes.

Sobretudo a medicina ali foi ensinada brilhantemente. De todos os cantos, alunos vinham ouvir os mestres mais célebres do universo. Essa escola, fundada ao longo dos mais belos séculos da Grécia, gozava ainda de uma glória ininterrupta quando o Egito foi conquistado pelos Sarracenos.

Amir, que comandava a expedição, quis salvar a biblioteca. A resposta de Omar é conhecida. Tantas

riquezas preciosas, para o gênero humano, pereceram devido ao ignorante furor dos Muçulmanos.

Entretanto, a proscrição foi menor em relação aos livros de medicina, história natural e física. Alguns escaparam à destruição, seja por causa do interesse que a ciência que promete o alívio dos males e a saúde inspira aos homens mais estúpidos, seja, como pensam alguns escritores, por causa da ideia difundida em geral no Oriente, de que lá se encontraria a arte de fazer ouro³⁴.

As primeiras versões que apareceram desses livros foram em língua siríaca; as traduções árabes são de uma época posterior. As obras de Aristóteles e de Galeno foram aquelas que mais entusiasmaram os árabes. Eles as traduziram com muito cuidado e as comentaram de cem maneiras diferentes e sob cem pontos de vista diferentes. Seu espírito sutil se satisfazia infinitamente com a metafísica peripatética e com a multidão de abstrações estranhamente enunciadas, para as quais um pequeno número de visões engenhosas e mesmo justas, **ne sauroient obtenir grace**. Os sábios árabes, tão saqueadores quanto seus guerreiros, apropriaram-se das ideias de obras menos conhecidas, até mesmo obras inteiras, das quais eles só suprimiam o nome do autor. Os mais célebres entre seus escritores de modo algum estão isentos dessa crítica.

Devemos aos árabes algumas melhorias importantes na arte de preparar remédios. Eles introduziram, na prática, os purgativos suaves, chamados de minorativos. Foi Rasis,

³⁴ João, o Gramático, residia, nessa época, em Alexandria. Ele fez grandes esforços, nem todos infrutíferos, para salvar alguns manuscritos. Théodocus e Théodulus, célebres médicos, provavelmente estavam também na cidade quando ela caiu nas mãos de Amir. Pelo menos, é o que se deve naturalmente concluir da narrativa de Aby-Osbaya, historiador de sua vida. Ora, não podemos duvidar que tenham vivamente desejado salvar as mais preciosas riquezas da arte.

médico dessa nação, o primeiro a descrever a varíola menor. Sem dúvida, os modernos foram mais longe que ele no estudo de suas características diversas e dos fenômenos que apresenta conforme a idade, o temperamento, o estado do corpo e a constituição epidêmica, durante a qual a doença se desenvolve. Entretanto, ela é retratada com muita exatidão em seus escritos. Até o momento em que a inoculação, simplificada pela bela descoberta de Jenner, não tiver eliminado totalmente a varíola do catálogo das doenças, Rasis e alguns outros árabes que trataram dessa matéria serão ainda lidos com muito proveito.

As obras de Hipócrates foram traduzidas para o árabe, ao mesmo tempo em que as obras de Aristóteles e Galeno. Entretanto, sua simplicidade, sua precisão, seus dogmas encerrados na experiência, esta filosofia plena de moderação e este método severo que caminha sempre, passo a passo, com os traços da natureza estiveram longe de provocar o mesmo entusiasmo que o aparelho científico e o luxo imponente dos dois outros filósofos. Disso, a medicina dos árabes também sempre se ressentiu. Não se encontra, de modo algum, esse gênio e esse tato médico que são, para a ciência, o que é o gosto para as artes do entretenimento.

Considerando o absurdo do empreendimento e a ignorante ferocidade que as inspirou, as cruzadas foram somente uma doença supersticiosa e cruel de um tempo de barbárie. Não podemos, entretanto, ignorar que elas se tornaram poderosos meios para distrair e enfraquecer a tirania feudal e, sobretudo, que elas multiplicaram as comunicações entre a Europa ignorante e os Sarracenos mais esclarecidos. Parece, também, que lhes devemos a

primeira ideia do sistema municipal. Foi em Jerusalém³⁵ que uma burguesia emergiu do seio dos exércitos cristãos e que a política dos chefes superiores, associando-se a diversas magistraturas, com sua ajuda conseguiu conter as hordas de nobres turbulentos, até então sem freios.

Além disso, os menos estúpidos desses nobres, ao voltarem para a Europa, trouxeram ideias totalmente novas. O aspecto florescente, o luxo e as comodidades presentes nas cidades e nos palácios habitados e embelezados pelos chefes árabes lhes inspiraram novos desejos. Seja por essas circunstâncias, seja por suas relações com os negociantes de Gênova e Veneza, os cruzados começaram primeiramente a sentir o preço das artes e, logo em seguida, o preço das ciências que os esclarecem, ou das letras que os animam e que são seus guias ou seu cortejo, por assim dizer, necessário. Eles espalharam os primeiros germes dessas artes no Ocidente.

Os restos infelizes da escola de Alexandria, que escaparam do furor ou da rapacidade dos Sarracenos, foram recolhidos pelos imperadores do Oriente. Enquanto os Árabes procuravam fazer florescer as ciências na Ásia e na Espanha, a Grécia conservava algumas débeis lembranças de sua glória passada. Os lugares que testemunharam tão grandes cenas e tantos esforços do gênio e da atividade de seus antigos habitantes estavam ainda visivelmente presentes. As obras-primas da mais bela língua já falada pelos homens estavam ao alcance de todos. Os monumentos, que a avareza de Roma não conseguiu jogar por terra e aqueles que o luxo dos imperadores de Constantinopla havia elevado com grande custo,

³⁵ Ver Gibbon, sobre esta época.

povoavam as imaginações sensíveis com quadros e impressões favoráveis ao desenvolvimento de todas as faculdades do espírito. E sem as disputas teológicas, atiçadas pela estupidez dos príncipes, o talento pôde ainda lançar algumas luzes, ainda que fracas, é verdade, mas as únicas que poderiam iluminar um povo após a perda de sua liberdade.

VII

A medicina passa da Grécia à Europa, com os sábios e os livros

No momento da tomada de Constantinopla pelos turcos, os literatos, acompanhados de seus livros, procuraram asilo no Ocidente. A Itália estava na sua porta e antigas relações políticas, religiosas ou comerciais uniam ainda os dois países. Foi então para a Itália que esses infelizes fugitivos se retiraram, trazendo consigo os tesouros com os quais toda a Europa iria se enriquecer. As preciosas coleções de obras gregas, que não se conhecia ou que se conhecia pouco, logo apoiaram tão fortemente o movimento regenerador do qual a Itália já tinha sentido o primeiro impulso.

Os livros dos árabes enchiam de glória os países submetidos ao califado. Consequentemente, os povos vizinhos começaram a lançar, sobre esses países felizes, olhares de inveja. O comércio se abria para pequenas comunicações e novas necessidades se faziam sentir. Ele desenvolvia novos gostos. Rapidamente, os jovens acorreram de todos os cantos para a Espanha a fim de extrair, na própria fonte, esta clareza nascente. As escolas

árabes tornaram-se moda, como as escolas gregas já o tinham sido antigamente. O árabe se tornou a língua dos sábios. Foi através dessa língua que a Europa conheceu, primeiramente, as obras de Hipócrates, Galeno, Aristóteles, Euclides e Ptolomeu. Mas a medicina, dentro desse movimento do espírito, não tinha feito qualquer progresso real.

Entretanto, os gregos, refugiados na Itália, divulgavam as cópias dos livros que tinham trazido consigo. Eles ensinavam e desenvolviam, em aulas públicas, as doutrinas que se encontravam ali consignadas. Como eram suas riquezas, eles se esforçavam para propagar o gosto por elas e lhes dar todo o seu valor. Teodoro Gaza, Argirópilo, Láscaris, Bessarion preparavam as edições corretas dessas obras e Alde as imprimia. As obras de Dioscórides apareceram primeiro; depois, as de Galeno, de Paulo de Égina e, enfim, as de Hipócrates. Essa súbita publicação diminuiu muito o crédito dos árabes, cujos numerosos plágios a todos surpreendia e cuja inferioridade, sob todos os aspectos, começava a se fazer sentir. Mas o entusiasmo era enorme e bastante geral. Aristóteles e Galeno, cuja reputação continuava a mesma, conservaram na literatura árabe uma parte desse domínio que ela usurpara à sombra de seus nomes.

Em vão a escola de Salerno, fundada por volta do século VII, mereceu desta cidade o nome de *Civitas Hippocratica*; em vão, o próprio Hipócrates tinha acabado de ser entregue nas mãos dos sábios da Europa, sob sua forma primitiva e, não mais, sob o disfarce das traduções e dos comentários árabes. O tempo de sua glória, entre os modernos, ainda não chegara e o renascimento da

verdadeira medicina exigia, talvez, que o circuito dos erros tivesse sido percorrido inteiramente.

VIII

Médicos judeus

Foram os judeus que fizeram conhecer, na Europa, as vantagens que as diferentes nações podem tirar das relações comerciais e as riquezas que podem ser recolhidas, pelos agentes dessas trocas mútuas, ao exercer esse tipo de trabalho. Através dessa íntima fraternidade que os unia em todas as partes do mundo, tornaram-se naturalmente intermediários, corretores e transportadores. A pouca segurança dos mares e das grandes rotas lhes fez imaginar meios mais fáceis e mais cômodos para o deslocamento dos valores monetários. Eles eram nossos carteiros e nossos banqueiros, antes que soubéssemos ler. Foram também nossos primeiros médicos. As línguas orientais lhes eram familiares. Em um tempo em que Galeno, Hipócrates e os outros pais da medicina somente eram conhecidos no Ocidente pelas traduções árabes e siríacas, os Judeus eram quase os únicos que sabiam tratar as doenças com algum método, aproveitando os trabalhos da antiguidade.

Suas opiniões teóricas e seus sistemas gerais estão expostos suficientemente em Riolan, mas não merecem mais ser lembrados. Sua prática foi mais feliz. Todas as seitas formadas pelos judeus, durante sua existência como povo, uniram o estudo da medicina ao estudo de seus dogmas religiosos. Nós já vimos que os Essênios e os Terapeutas eram famosos por sua habilidade no tratamento

das doenças e que o nome desses últimos significa *Curandeiros*. Até milagres eles fingiam fazer. A classe ignorante desse povo (talvez então o mais estúpido e o mais fanático de todos), entusiasmava-se frequentemente com essas pretensas maravilhas, fazendo tremer os Fariseus, proprietários titulares do culto do Estado.

Acredita-se que a universidade de Sora, fundada na Ásia por seus rabinos, data do ano 200 da era cristã. Os Judeus passaram à Espanha com os Mouros que, como tinham muitas opiniões e negócios em comum, sobretudo pelos importantes serviços de abastecimento de seus exércitos, deixaram-nos montar livremente seus estabelecimentos comerciais e científicos.

Os judeus tiveram escolas em Toledo, Córdoba, Granada. A medicina era aí ensinada com um cuidado todo especial.

Huarte, em seu Tratado do conhecimento dos espíritos, afirmou com segurança que os Judeus são os homens mais apropriados para a medicina. Essa nação, misturada a todos os povos da terra, conservou sempre e em toda parte seu caráter primitivo. A influência de uma legislação que os separa do resto dos humanos gravou, em todos os seus hábitos, e mesmo nos traços de seus rostos, profundas marcas que não podem mais se apagar. A perseguição cruel e constante da qual eles eram as infelizes vítimas, em todas as partes do mundo conhecido, tornava maior e mais irrevogável essa separação. Huarte acredita que o temperamento e o caráter dos judeus são os que melhor convêm ao médico. As sutilezas de suas opiniões podem não convencer, mas é certo que, desde sua época, os médicos mais procurados, e provavelmente também os mais hábeis, eram os judeus.

Sabe-se que Carlos Magno concedera sua confiança a Farragut e a Bengesta, e Carlos, o Calvo, a Zedequias. Francisco I quis ter um médico da mesma nação; escreveu a Carlos V para lhe pedir um médico de sua corte; mas aquele que lhe foi enviado pelo príncipe, sendo suspeito de cristianismo, foi mandado embora imediatamente sem ter falado de sua doença.

Quando os sacerdotes se apoderaram da medicina em vários estados da Europa ocidental, como o fizeram antes na Grécia e no Egito, provocaram intrigas junto aos papas e concílios a fim de suscitar todo tipo de perseguição aos médicos judeus que, com razão, viam como rivais perigosos. Eles excomungavam as pessoas que se tratavam com os judeus e forçavam os príncipes fracos a perseguir, com todo o rigor da lei, aqueles que ousavam usar seu conhecimento em prol da humanidade. Mas essas excomunhões e proibições só tinham efeito sobre o povo que ficava à mercê da ignorância dos monges, cônegos, bacharéis, clérigos ou homens poderosos, e sobre os judeus obscuros e não protegidos pelos reis.

Foi, principalmente, na França que os sacerdotes empregaram com êxito todo seu crédito para permanecerem mestres absolutos da medicina. Proíbiam o casamento àqueles que a praticavam. Não encontrando nenhuma vantagem em permanecerem livres, todos os médicos se engajaram no estado eclesiástico que lhes oferecia a esperança de ricos benefícios, direitos canônicos, abadias e mesmo bispados. Fulbert, bispo de Chartres, e o mestre des Sentences, bispo de Paris; monges, tais como Rigord, autor da vida de Felipe Augusto, e Obizo, da casa de São Victor e médico de Luís, o Gordo; enfim, cônegos, como Robert de Douay, ligado à Marguerite de Provence, e

simples eclesiásticos sem títulos, como Robert de Provins, ligado a São Luís; uniram a medicina ao sacerdócio e adquiriram, por esse duplo meio, muitas riquezas e consideração. O concílio de Latrão, ocorrido em 1123, censura vivamente essas espécies de seres anfíbios³⁶ que, por sua avidez, suas artimanhas e seus costumes escandalosos, desonravam, ao mesmo tempo, as duas profissões. Mas os sacerdotes e monges franceses afrontaram-no **com sua fúria e proibições**. Foi somente trezentos anos depois que o bom senso, a decência e a utilidade pública triunfaram sobre suas manobras. Uma bula expressa, obtida pelo cardeal de Estouteville, que permitia o casamento dos médicos, separou-os realmente do clero e com isso fez cessar muitos abusos revoltantes.

A partir daí, os médicos judeus foram menos perseguidos. Eles se espalharam livremente pela França, pelos Países-Baixos, pela Holanda, pela Alemanha, pela Polônia. Por onde passavam, obtinham sobre os outros médicos uma preponderância constante demais para que não haja dúvida sobre seus verdadeiros talentos.

Hoje, restam-nos apenas algumas lembranças de todo esses grandes êxitos de prática. As observações e as perspectivas de tantos homens, tão célebres entre seus contemporâneos, foram enterradas em suas tumbas. Eles curaram doentes, mas seus trabalhos, desconhecidos pela posteridade, foram perdidos para o progresso da arte.

IX

³⁶ Eles exerciam também a profissão de advogado, e se desonravam igualmente por suas extorsões.

Médicos químicos dos primeiros tempos

A química, tanto quanto a medicina, foi trazida para o ocidente pelos árabes. A arte das destilações lhes era conhecida há muito tempo. Eles já tinham feito várias alterações úteis em diversos medicamentos simples e novos remédios saíram de seus laboratórios. Através das traduções dos livros gregos, suas concepções sobre a química, ainda informes, passaram pela Europa. Operações decompõem os corpos e os levam a seus elementos constitutivos e, desses elementos dispersos, recompõem os mesmos corpos ou, por novas associações, produzem outras substâncias dotadas de propriedades, cuja natureza não nos oferece qualquer analogia. Essas operações, por si só surpreendentes, provocam uma admiração estúpida em espíritos mergulhados na mais profunda ignorância, cujas ideias eram quase todas errôneas. Os primeiros químicos passaram por bruxos; precisavam de muita reserva e habilidade para evitar serem despedaçados pelo povo. Enfim, a curiosidade, a avidez pelo ouro que prometiam fabricar, o amor pela vida que se gabavam de perpetuar através dos produtos dessa nova arte, levaram-nos ao terror dos infernos de onde se acreditava terem saído. Esperanças enganosas, envolvidas na linguagem tenebrosa das superstições do tempo, ofereciam-se às imaginações férteis. Tantas outras mentiras ridículas ainda não bastavam para consumir e saciar a credulidade. Em épocas em que as luzes são mais difundidas em geral, não a vemos correr incessantemente atrás de objetos novos? O esclarecimento não parece ser para o homem um estado penoso que ele pretende reparar, buscando outras ilusões?

Tratar-se-ia portanto de nada menos que fabricar ouro, curar todas as doenças com um único remédio,

tornar os homens imortais. Perseguindo essas quimeras, os químicos da Europa fizeram suas primeiras descobertas e vários homens de rara genialidade as aumentaram e aperfeiçoaram. Tais são os primeiros passos dessa ciência que, agora, após ter passado pelas mãos de alguns verdadeiros filósofos, chegou a tal grau de exatidão nos procedimentos que deve doravante conduzi-la por caminhos mais seguros: ciência sublime, pelo objetivo de suas pesquisas e pela generalidade de seus métodos, e que é ao mesmo tempo a chave geral de todas as ciências naturais, a verdadeira luz das artes industriais e o mais temível flagelo de todas as superstições, no seio das quais ela nasceu entre nós.

Uma coisa bastante notável é que os alquimistas mais envaidecidos de suas loucas pretensões tiveram, no entanto, ideias saudáveis, ou melhor, boas ideias para a medicina. No tempo em que as escolas se afundavam cada vez mais nos preconceitos científicos do galenismo e do peripatetismo médico, devido ao impulso de um gênio ousado, talvez também pela necessidade que esses espíritos, ávidos por concepções extraordinárias, tinham de abrir caminhos inexplorados, os alquimistas começaram a pressentir os verdadeiros princípios da economia viva. Eles já haviam reconhecido que era necessário separar seu estudo do estudo da matéria morta: tudo que sente e vive está submetido a outras leis que diferem daquelas que regem os corpos inanimados. Arnaud de Villeneuve, Raymond Lulle, Isaac, o Holandês, e Paracelso encontravam-se na via da medicina hipocrática. Paracelso, que o **prático** solitário dos Pirineus citado por Bordeu, chamava como o mais louco dos médicos ou maior médico dos loucos, foi sem dúvida o protótipo dos charlatões –

um verdadeiro modelo de orgulho, demência e audácia. Do fundo dos cabarés da Basileia, ele zombava da credulidade dos príncipes e mesmo de alguns homens, aliás muito esclarecidos para a época. Saído desses asilos vergonhosos, na presença de uma multidão de discípulos arrogantes, acumulava mentiras, absurdos e ultrajes contra seus rivais. Do alto de seu tablado, pronunciava a proscricção de tudo o que não dizia respeito a ele próprio. Ele gritava, com uma voz frenética: *Atrás de mim, Grego, Latino, Árabe!* Ele lançava ao fogo, publicamente, os escritos cuja glória queria anular.

Este era Teofrastus Bombastus-Paracelso,³⁷ que se achava um grande homem, pois seu nome era muito mais pronunciado, em toda a Europa, do que o de alguns dos seus contemporâneos. A partir dessa época, a justiça, a justiça severa, substituiu a exaltação. Não havia ninguém, entre os médicos com opinião de peso, que não tivesse reconhecido a incoerência de suas ideias e o absurdo de suas pretensões. Quantas vezes não foi revelado tudo o que sua conduta tinha de ridículo e odioso! E entretanto, seria uma enorme injustiça não reconhecer os verdadeiros serviços que ele prestou à ciência, a utilidade dos remédios que ele foi o primeiro a usar ou manipulou com muito mais ousadia e felicidade que seus antepassados. Enfim, não sei que tipo de sagacidade original que, sem ser do verdadeiro gênio, conduz a certas descobertas que um trajeto mais reservado talvez não permitisse.

Paracelso sentira os principais vícios da medicina de seu tempo; pressentira as reformas que ela exigia. Se a expressão do seu caráter lhe tivesse permitido fazer justiça àqueles que copiava sem pudor, ofendendo-os gravemente, e se ele não tivesse a necessidade de amotinar a multidão

³⁷ NRT: Cabanis emprega aqui uma variante afrancesada: Théophile Bombast-Paracelse

em torno de si, sem dúvida teria podido acelerar a revolução que devia, cedo ou tarde, ressuscitar a verdadeira medicina no Ocidente.

X

Renascimento das Letras e da Medicina Hipocrática

Desde antes da tomada de Constantinopla, a indústria e o comércio de algumas cidades da Itália tinham despertado, nesse país favorecido pela natureza, o gosto pelas ciências, pelas letras e pelas artes. A língua italiana, formada por fragmentos do latim e na qual tantas hordas bárbaras deixaram a marca de sua passagem e de sua violenta dominação, enfim ganhara um caráter mais fixo. Escritores originais, e mesmo elegantes, começaram a reproduzir as belezas clássicas das quais os antigos nos deixaram modelos imortais. Essa língua inventava, quer dizer, encontrava também outras belezas de um gênero menos puro, mas que parecem estar ligadas à sua genialidade e que um gosto mais minucioso pode **sozinho querer extingui-las por inteiro.**

A Itália servira de asilo para os homens de letras fugitivos de Constantinopla. Foi a primeira a sentir os bons efeitos das novas luzes trazidas por eles. A literatura antiga se tornou aí mais familiar. O bom gosto fez rápidos progressos, seja pela influência de um céu favorável **e de rians um dos mais agradáveis aspectos** do universo, seja pela presença de muitas obras-primas que permaneciam ainda dos belos séculos passados, seja enfim por esse impulso sempre crescente do comércio e da indústria e

pelos encorajamentos que alguns governos esclarecidos davam aos literatos e aos sábios.

O italiano já era uma língua harmoniosa e rica. Ela então subitamente se aperfeiçoou, como todas as línguas da Europa, pelo estudo amadurecido dos grandes modelos da antiguidade. A ajuda de todos os homens esclarecidos do Ocidente para a Itália ali retracou uma sombra dos bons tempos da Grécia. Via-se chegar, de todas as partes, e se misturar aos discípulos dos filósofos e dos oradores, todos os homens que, entre os povos vizinhos, e mesmo entre os vencedores do mundo, souberam reconhecer que a vida humana nada é sem o brilho dos talentos e sobretudo sem as luzes da razão.

Entre os protetores das letras e os propagadores das luzes, a posteridade honra principalmente uma família de banqueiros florentinos. Os Médicis fizeram mais para o progresso da filosofia, das letras e das artes e, por conseguinte, para a felicidade das raças futuras, que todos os príncipes e reis juntos. Eles foram respeitados, sobretudo, por se contentarem em exercer, nobre e liberalmente, seus negócios e ambicionarem somente a influência de uma popularidade, consequência de seus talentos e serviços. Deixaram, na história, lembranças imortais e, no coração de todos os amigos da filosofia, das letras e das artes, um profundo sentimento de reconhecimento. A glória de ter contribuído tão fortemente para o progresso do espírito humano talvez apague as censuras que eles receberam, aliás muito merecidas.

Os dois maiores homens entre os Médicis foram, sem dúvida, Cosme e Lourenço. A glória de Cosme é mais pura, mas a carreira de Lourenço foi mais brilhante e mesmo os

críticos mais severos não podem desconhecer suas belas e nobres qualidades. Com efeito, quem reuniu, no mais alto grau, o amor sincero de seu país aos grandes talentos da política, e a elevação de uma alma generosa e o tato justo que sempre conservaram sua popularidade? Ele escapou, por enorme sorte, de uma tentativa de assassinato em que estavam envolvidos um papa, um cardeal e um arcebispo, da qual somente dois padres quiseram encarregar-se da ideia de cometer um tamanho crime na igreja e durante o ofício divino, já que assassinos comuns tremeram de horror ³⁸.

Lourenço de Médicis não foi somente um protetor zeloso da filosofia, das letras e das artes. Ele próprio contribuiu, através de seus escritos, com a propagação da moral sublime e generosa do platonismo, fundada infelizmente sobre princípios que não podem suportar o exame severo da razão, mas que, pelo menos, têm a vantagem de dar ao homem o sentimento de sua dignidade.

As poesias de Lourenço ainda devem ser colocadas no patamar dos serviços que ele prestou às letras. Embora não estejam isentas dos defeitos de seu país e de seu século, elas trazem uma marca de melancolia e um caráter majestoso que gostaríamos encontrar mais frequentemente nos poetas italianos.

Disponha-se das obras de Hipócrates: explicadas, ensinadas, comentadas juntamente com as de Platão. Os médicos cultivavam as letras; os literatos eram médicos. Foi

³⁸ *Disse (Montesicco) che gli non bastarebbe mai l'animo commettere tanto eccesso in chiesa, ed accompagnare tradimento col sacrileggio.* Mach. Lib. 8. Leia, além disso, sobre a vida de Lourenço de Médicis, por Roscoe, em inglês ou na excelente tradução do citado Fr. THUROT.

(N.T.): *Disse (Montesicco) que ele nunca teria a coragem de cometer tamanho excesso na igreja, acompanhado de sacrilégio e traição.*

em vão que Petrarca, ciumento do crédito que começava a gozar a arte renascente, expressou as mais apaixonadas invectivas contra ele e contra aqueles que o cultuam. A necessidade, mais forte que todos os ódios, logo sufocou os gritos desse poeta e de alguns outros bons espíritos que se ocupavam em recolher, nos autores sagrados e profanos, tudo o que podia ser injurioso para a medicina, a fim de degradá-la aos olhos do público.

A explosão repentina do mal venéreo, cujos estragos começaram no cerco de Nápoles em 1494, que logo se espalhou em toda a Itália, na França, na Espanha, etc., tornou os cuidados dessa arte ainda mais indispensáveis e, em consequência, **atribuiu-lhe maior** importância. As descobertas anatômicas de Vesálio e de Columbus, o sucesso da prática de Carpi, os trabalhos clássicos de Mercurialis, de Capivaccius, de Calvus e de Prosper Martian deram-lhe na Itália um brilho de algum modo igual ao vivido nos seus belos dias na Grécia. O espírito humano, ao se libertar de suas fraldas, depois de ter por assim dizer saciado seu primeiro interesse sobre a eloquência, a poesia e as belas artes, começou a procurar nos diferentes ramos das ciências naturais e da filosofia um novo **campo** para sua atividade.

Enquanto a língua italiana fazia um voo mais ousado, o francês e os outros idiomas da Europa se arrastavam languidamente, ou até se desfiguravam por assim dizer, cada vez mais, buscando cobrir sua pobreza com farrapos gregos e latinos.

A medicina caminhou num passo mais **harmônico**. Na Itália, França e Alemanha, os progressos foram quase simultâneos. As escolas começaram a tomar uma nova forma. A de Paris sobretudo distinguiu-se pelo retorno

mais completo e exitoso à doutrina de Hipócrates. Talvez, os melhores comentadores desse grande homem tenham saído dessa escola. Contento-me em citar aqui Jacot, Duret, Houiller e Baillou, cuja leitura será sempre instrutiva para os **práticos**. Essa mesma escola também se orgulha de ter produzido e **possuído** Fernel, gênio capaz de sistematizar os conhecimentos mais vastos e apresentá-los em um estilo ao mesmo tempo muito filosófico e muito brilhante. Aproximadamente na mesma época, Fabrice d'Aquapendente entre os italianos, Fabrice de Hildan entre os alemães e Ambroise Paré entre os franceses refaziam, de algum modo, a cirurgia. Os dois últimos a enriqueceram com histórias muito exatas e muito circunstanciadas de doenças e de tratamentos. O primeiro reuniu as histórias que já existiam antes dele para formar um corpo de doutrina. Ele lhes deu uma forma clássica enquanto que, de seu lado, Guy de Chauliac traçou o quadro fiel da cirurgia de seu tempo e, particularmente, das quatro seitas partilhadas por todos os práticos³⁹.

Entretanto as comunicações, cada vez mais fáceis e habituais, redobravam a motivação dos sábios e propagavam para longe a luz. As descobertas feitas em um país começavam a ser aproveitadas pelos seus vizinhos. As viagens se multiplicavam e, por meio delas, cada mestre célebre, do alto de sua cátedra e de dentro de seu gabinete, falava, por assim dizer, ao universo civilizado.

Linacre foi colher, na Itália, conhecimentos cujas fontes então não podia encontrar na Inglaterra. Ele foi

³⁹ A primeira dessas seitas seguia Roland, Roger e os quatro mestres; a segunda seguia Brunnus e Théodoric; a terceira, Guillaume de Salicet e Lanfranc; a quarta era a dos cirurgiões alemães que acrescentavam ainda os encantamentos às suas lãs, a seus óleos e às suas poções.

discípulo de Demétrius e de Ange Politien, conviveu intimamente com os muitos literatos cuja reputação o arrancara de sua moradia e, quando voltou à Inglaterra, alguns anos depois, carregando o mais honrado acervo, seu retorno foi designado como uma benfeitoria pública. Linacre convidou o rei Henrique VIII, do qual foi o primeiro médico, a fundar o colégio dos médicos de Londres, estabelecimento respeitável que prestou serviços concretos, no momento mesmo de sua formação, e que devia tornar-se, a cada dia, mais útil e mais brilhante. Linacre o presidiu desde sua abertura, ocupou-se de modo permanente dos meios para fazê-lo florescer. A fim de se dedicar, mais de perto ainda, aos serviços que esperava desse lugar no futuro, para seu país e para a própria arte, ele legou sua própria casa a esse colégio, com a intenção, formalmente anunciada, de que ela doravante se tornasse o lugar de suas sessões e testemunha de todos os seus trabalhos.

XI

Stahl, Van Helmont

No último século,⁴⁰ a química se transformou abruptamente na Alemanha. Essa revolução, cuja influência sobre o progresso das ciências naturais é realmente incalculável, foi obra de Becker e de seu discípulo Stahl. Stahl era um desses gênios extraordinários que a natureza parece destinar, de tempos em tempos, à renovação das ciências. Ela o dotara, ao mesmo tempo, dessa sagacidade viva que penetra de algum modo os objetos, **com uma**

⁴⁰ NRT: Cabanis refere-se ao século XVII.

moderação que se detém a cada passo, para considerá-los sob todos os seus aspectos, e desse olhar rápido e amplo que os apreende em seu conjunto e dessa observação paciente que persegue com escrúpulo seus menores detalhes. Ele foi distinguido principalmente, assim como seu mestre, pelo raro talento de encontrar, nos fenômenos mais comuns, as analogias e os pontos de comparação, ou mesmo a própria causa direta daqueles que parecem mais surpreendentes e, nas explicações mais simples, a base das mais sublimes teorias. Nem precisamos lembrar aqui os trabalhos químicos desses dois grandes homens. Basta dizer que foram os primeiros a inscrever a filosofia em uma ciência que, até então, flutuara sempre entre um pequeno número de grandes verdades e uma porção de lastimáveis erros. e que, pela própria natureza de suas pesquisas, parecia dever ser, há muito tempo, o patrimônio do charlatanismo ou o objeto enganador das mais loucas esperanças.

Stahl começou a fazer para a medicina o que já fizera para a química. Ele fora nutrido com a doutrina de Hipócrates e ninguém melhor que ele sabia o que as observações e os pensamentos filosóficos dos modernos podiam acrescentar a essa doutrina. Ele viu que o primeiro passo a ser dado era separar as ideias gerais, ou os princípios da medicina, de qualquer hipótese estranha. **Ele reconheceu que a medicina, exercida sobre um sujeito submetido a leis particulares, o estudo de qualquer outro objeto da natureza não pode desvelar, pelo menos diretamente, essas leis.** Além disso, a aplicação de doutrinas mais solidamente estabelecidas em outras ciências àquela cujo objetivo é conhecer e governar a economia animal, necessariamente se torna a fonte dos mais graves erros.

Cada século tem seu gosto particular e sua moda. As mesmas ciências não são cultivadas, por muito tempo seguido, com o mesmo ardor. Elas são substituídas por outras e, todas elas, nessas passagens alternativas, experimentam mudanças mais ou menos favoráveis ao progresso de sua parte sistemática. Em diferentes épocas, a medicina tomou a cor das ciências dominantes, quis falar sua língua e se sujeitar aos mesmos princípios, de sorte que sucessivamente passou pelos diferentes sistemas que gozaram de alguma celebridade no mundo. Essa necessidade de levá-la para o círculo dos fatos que lhe são próprios, e que podem apenas fornecer resultados gerais sobre o conhecimento do homem doente e dos sistemas de cura realmente úteis, necessidade já reconhecida por Hipócrates, fora igualmente sentida por Bacon. Stahl executou, pelo menos em algumas áreas, o que Bacon apenas indicara.

As idéias de Stahl foram, em geral, mal compreendidas. Pode-se mesmo dizer que foram desfiguradas, quase igualmente, por seus críticos e admiradores.

As causas desse desprezo mereceriam ser desenvolvidas em uma obra à parte. Penso que seria útil apresentar a doutrina stahliana sob pontos de vista mais determinados, o que o próprio autor não pôde fazer. Sequer se determinou ainda com precisão os pontos pelos quais ela se distingue nem aqueles pelos quais ela se aproxima das doutrinas antigas. Seria talvez enfim conveniente concluir um escrito desse gênero com o quadro racional dos progressos da ciência desde Stahl e do que pode ser previsto para um futuro bem próximo. Resultaria provavelmente dessa discussão que as reformas

já feitas, e aquelas que se farão no mesmo espírito, são e serão, em grande parte, obra deste grande homem, seja em sequência às ideias saudáveis que ele estabeleceu diretamente seja por causa do impulso que ele deu à razão. Resultaria também, acredito, que, apesar da forma desdenhosa com que os adversários de Stahl o combateram, apesar do modo algumas vezes desajeitado com que seus alunos o defenderam, explicaram e comentaram, sua influência foi muito grande tanto na medicina quanto na química e, para ambas as ciências, ele prestou serviços imortais. Eu me limito a observar aqui que seus menores escritos, repletos de grandes pensamentos, são ao mesmo tempo ricos de observações particulares muito preciosas, e que a grande obra, na qual se encontra exposta sua teoria geral, está sujeita a falsas interpretações somente pela imprecisão de uma mensagem principal que lança sua obscuridade sobre todas as explicações acessórias e consecutivas. Imprecisão na qual o autor acreditou ter que se envolver para evitar perseguições.

Os fenômenos da vida dependem de uma causa. Ou, falando mais exatamente, são a sequência e a consequência de outro fato anterior que conhecemos somente através dos fatos subsequentes que estão a ele ligados, quer dizer, através dos próprios fenômenos. Essa causa recebeu diferentes nomes, nas diferentes épocas da medicina e da filosofia. Hipócrates a chamava natureza impulsiva, **dogma m g**. Depois, ela foi denominada, sucessivamente, como *alma, sensibilidade, sólido vivo, força nervosa, princípio vital*, etc.

Quando se estabeleceu de maneira formal e dogmática a distinção entre espírito e matéria, a alma ficou sendo o espírito; e os filósofos, em concordância com os teólogos,

passaram a vê-la como imaterial. O corpo foi então dela separado, **por aquilo mesmo que era o corpo** e, para explicar as funções de seus diferentes órgãos, admite-se, segundo o país e a época, diferentes causas ou forças, materiais assim como ele, embora submetidas por conexões desconhecidas à alma, seu superior comum. Opiniões mais dogmáticas, estabeleceram ainda que o pensamento é uma função exclusiva da alma, essencial à sua existência, e cujo exercício, ininterrupto durante toda a duração da vida, só cessa verdadeiramente com a dissolução do corpo. A partir desse momento, a palavra *alma* não podia mais se limitar a designar a causa primeira ou a abstração dos fenômenos vitais. Ela passou a significar o princípio do pensamento, o próprio pensamento. Na linguagem comum, essa palavra servia para expressar o ser moral ou o conjunto das ideias e dos sentimentos.

Entre todos os nomes que se apresentavam para designar o princípio motor dos corpos animados, Stahl escolheu a palavra *alma*; e eis o porquê. Segundo ele, esse princípio é um; ele se exerce igualmente sobre todos os órgãos. As diferenças que são observadas em suas operações, ou nos produtos dessas operações, dependem da estrutura das partes que, de algum modo, modifica o próprio princípio, fazendo-o experimentar diversos apetites ou levando-o a diversas determinações que são da alçada de cada um dos órgãos. Ele digere no estômago, respira no pulmão, filtra a bile no fígado, pensa na cabeça e nas principais dependências do sistema cerebral. Esta foi a doutrina de vários filósofos antigos, como também de alguns dos primeiros Pais da Igreja e, principalmente, de Santo Agostinho, que a expõe de maneira igualmente clara

e engenhosa em seu pequeno escrito *De quantitate anima*. Não se explica de modo algum nessa doutrina a natureza e a essência primeira do princípio da vida, que recusa qualquer explicação. Mas não precisamos recorrer a essa alma, dupla ou tripla segundo os devaneios dos platônicos. Como na suposição de sua imaterialidade se admite sempre sua ação sobre o corpo, em todos os movimentos que o pensamento e a vontade determinam, não é difícil conceber que a alma age também sobre o corpo, em todas as funções, onde o pensamento e a vontade não têm qualquer participação. Como o entendia Santo Agostinho, isso ocorre, segundo as leis essenciais, com a união da matéria e do espírito que, segundo ele, constitui o homem vivo. Mas a ignorância e má fé dos escolásticos modernos não podiam consentir em discutir suas próprias opiniões, que eles próprios não entendiam. Era mais cômodo, e infelizmente talvez o seja ainda por muito tempo, excomungar e perseguir.

Se Stahl tivesse portanto se servido de um outro termo que não *alma*, ao qual ele evitava cuidadosamente associar um sentido muito preciso, dificilmente teria escapado às censuras de impiedade e de materialismo e, pior ainda, à perseguição implacável de opressores tão poderosos. Uma palavra basta para lhe conservar a ortodoxia e o repouso. Chega de tentar desculpar essa ambiguidade de expressão, embora ela tenha se tornado a causa de muitos mal-entendidos em relação à teoria e mesmo de alguns erros de prática em que caíram certos stahlianos entusiastas. Embora fosse muito fácil provar que a unidade do princípio vital concorda igualmente com todas as ideias que se pode ter sobre sua natureza, parece que Stahl não

contava muito com a lógica sadia e a boa fé dos teólogos de seu tempo.

Para conhecer bem a visão desse médico, em nossa opinião o maior desde Hipócrates, seria necessário, eu o repito, entrar na exposição detalhada, não somente de seus princípios gerais mas, também, de uma grande quantidade de ideias particulares que os esclarecem e os confirmam. Pessoas que sempre julgam a partir do que é dito, sem mesmo ler, e outros que julgam também a partir do que ouvem, mesmo após terem lido, veem Stahl somente como um autor de teorias brilhantes, das quais não se pode tirar nenhuma luz verdadeira para a prática. Eu, ao contrário, estou convencido, pela minha experiência, que nenhum escritor é mais capaz de aprender pela boa observação da natureza e sugerir os melhores procedimentos no leito dos doentes. Sua teoria sobre as afecções crônicas abdominais, dentro dos seus limites além dos quais ele não quis seguramente estendê-la, é de aplicação diária e fecunda e seu tratado sobre os fluxos hemorrágicos é, sem exceção, a parte mais preciosa da medicina prática moderna.

Após ter falado sobre Stahl, devemos dizer uma palavra sobre Van Helmont. Ele não merece mesmo, sem dúvida, ser colocado no mesmo nível de Stahl e não lhe é comparável sob qualquer aspecto. Mas, um e outro, com forças desiguais e por caminhos diferentes, chegaram a resultados que se aproximam e que, talvez, difiram somente pela linguagem na qual são enunciados. Aliás, suas opiniões foram desenvolvidas e fundidas, conjuntamente, por homens de gênio cujo julgamento, bastante firme para resistir à tirania das opiniões dominantes, salvou estes dois brilhantes médicos originais do esquecimento que parecia ameaçá-los. Foi nesse estado, por assim dizer, de

associação que suas teorias reapareceram em nossas escolas. Foi sob a pena de escritores distinguidos que elas obtiveram, pelo menos entre nós, uma glória que não foi inútil para os verdadeiros progressos da arte.

Van Helmont se nutriu com a leitura dos seus adeptos. Dotado de uma imaginação ardente, ele a havia ainda exaltado na sua **convivência** assídua. O fogo de seus fornos conseguira inflamar sua cabeça. Entretanto, no meio dessa fumaça alquímica e supersticiosa, onde muito frequentemente suas ideias são dadas como perdidas, surgem de modo intermitente traços de uma luz brilhante. Foi pela via do erro que ele fez maravilhosas descobertas e é na língua dos charlatões que ele anuncia brilhantes verdades.

Van Helmont foi um dos mais implacáveis inimigos do galenismo e das escolas de seu tempo. Ele não deixa escapar nenhuma ocasião de atacar essas escolas, e o faz frequentemente com muita justeza e sagacidade. Sem dúvida, nada parece menos com sua medicina que o que se ensinava naquele momento, porém, a necessidade de pensar sempre diferentemente do resto dos homens não é um meio seguro para se ter sempre razão.

Van Helmont foi o primeiro a descobrir o sistema das forças epigástricas. Sobre este sistema, já se encontravam alguns vestígios em Hipócrates, mas o pai da medicina tratou desse assunto somente para restringir a influência dessas forças, aos limites mais estreitos. Depois dele, ninguém se ocupou especialmente com isso. Van Helmont reconheceu a ação poderosa do estômago sobre os outros órgãos e a ação da digestão sobre suas funções particulares e respectivas. Ele viu, também, que o diafragma colocado, ao mesmo tempo, como ponto de separação e como meio

de comunicação entre o peito e o baixo ventre, torna-se, por suas relações e pela vizinhança com as vísceras mais importantes, um centro principal na economia do corpo vivo.

Numerosos fatos vêm apoiar essa opinião. Os médicos da escola de Montpellier recolheram os mais surpreendentes e os apresentaram em diferentes escritos, com mais método e clareza que jamais Van Helmont teria conseguido.

Cada órgão tem seu tipo de sensibilidade própria, embora esteja estreitamente relacionado e subordinado ao conjunto do sistema. Qualidades e funções particulares o distinguem de cada um dos outros órgãos e certas funções lhe são exclusivamente atribuídas. Van Helmont supõe que as diferenças típicas das diversas partes dependem das causas que as animam. Ele supõe que, em cada uma, reside um princípio encarregado de seu governo; que um princípio supremo, ao qual o autor dá o nome de *archée*, dirige todos os outros; e que, da combinação entre eles, da sua conspiração sistemática, resulta o princípio geral das forças vitais, da mesma forma que o próprio corpo resulta da reunião de todos os membros. O grande *archée* reside no orifício superior do estômago. Daí, como de seu trono, envia suas ordens aos pequenos *archées*, estabelecidos em suas diversas jurisdições. Estes, encarregados de satisfazer até mesmo seus caprichos, dão tudo de si, para o bem ou para o mal, e é de todas essas operações combinadas que se compõem as funções regulares do estado são e os fenômenos anômalos do estado doentio.

A arte do médico consiste, então, em estudar direito o caráter do princípio central comum, assim como o caráter dos outros princípios inferiores. Essa arte consiste,

também, em saber quando é preciso excitar sua negligência, quando reprimir seu arrebatamento e quais são os meios de dominar suas paixões ou corrigir seus desvios.

Tudo isso, traduzido em linguagem mais vulgar, quer dizer que existe, nos corpos animados, uma causa geral dos movimentos vitais; que os diferentes órgãos, embora dependam sempre dessa causa, têm entretanto maneiras de ser afetados e de agir que lhes são próprias e que são uma **consequência** de sua estrutura particular. A medicina é a ciência das leis através das quais essa causa exerce sua ação, das modificações cuja influência incide sobre as diferentes partes ou em diversas circunstâncias e dos meios de agir, seja sobre o sistema inteiro de forças, seja sobre as forças de um órgão particular para manter ou restabelecer a regularidade de suas funções.

Essa doutrina é confirmada pela observação da natureza. Foi sobre ela que Van Helmont fundou suas ideias de prática. Infelizmente, ele imaginou que o gênio podia substituir os fatos e, desdenhando as observações recolhidas por seus antecessores, adotou audaciosamente planos de tratamento inteiramente novos. Ele até ousou, como Paracelso, tentar prolongar a vida humana; gabava-se de ter encontrado esse segredo e o anunciou com a maior segurança. Como seu mestre, abreviou seus dias com belas descobertas que devem tornar os homens imortais.

Entre suas obras, de pura e verdadeira prática, seus próprios adversários deram distinção, com razão, ao Tratado da Pedra. Aí, sua teoria torna-se efetivamente muito mais luminosa, e ainda se pode fazer uma frutífera leitura desse escrito original. Pode-se também encontrar, em diversos lugares de suas outras obras, vários pensamentos úteis sobre as febres, as afecções catarrais e,

particularmente, sobre as relações da asma com a epilepsia, relações das quais o autor deduz um plano de tratamento mais claro.

Como químico, Van Helmont merece um lugar muito distinto. Várias experiências curiosas e mesmo várias descobertas que contribuíram para os progressos posteriores da ciência, lhe conferiram para sempre a estima e o reconhecimento dos justos apreciadores de seus trabalhos. A ele devemos o primeiro conhecimento sobre fluidos aeriformes; foi quem lhes deu o nome de *gás*, sob o qual são designados até hoje.

XII

Sydenham

Quando Sydenham surgiu na Inglaterra, a medicina era completamente escolástica. Os progressos das outras ciências tiveram, sobre ela, somente uma influência errônea. O verdadeiro espírito de observação era quase totalmente desconhecido. Sydenham, após estudos medíocres e sem poder contar muito com a ajuda dos livros, mas guiado pelo impulso de sua genialidade, engajou-se em trazer de volta a prática para a experiência. Ele não conhecia muito bem as teorias que reinavam naquele momento. Talvez, essa circunstância tenha sido mais útil para seus trabalhos, pois ela jamais foi um embaraço para seu amor-próprio. Ele não teve grandes problemas em abrir caminho seguindo os passos da natureza. Ele era amigo do ilustre Locke, a quem devemos, se não os primeiros princípios do método filosófico, pelo menos a primeira demonstração das verdades

fundamentais sobre as quais eles repousam. Uma amizade como essa indica suficientemente a presença de espírito daquele que a cultiva; ela dá, por assim dizer, sua medida. Não podemos duvidar que os conselhos do filósofo não tenham contribuído muito para o sucesso do médico, que o reconheceu com candura⁴¹.

Sydenham atacou, com a arma invencível da experiência, vários preconceitos funestos que reinavam na época. Os químicos introduziram, na medicina, o uso inconsequente dos tônicos **cordiaux e esprits ardens**, ou dos voláteis. Abusava-se sobretudo desses remédios no tratamento das doenças agudas. Sydenham demonstrou que eles eram, nesses casos, quase sempre prejudiciais, particularmente no início das doenças. Tratava-se a varíola menor e outras erupções cutâneas agudas somente com sudoríficos. Sydenham provou que esse método havia sido mais fatal para a humanidade do que uma série de guerras sangrentas. Há concordância geral em considerar seu Tratado sobre a Gota uma obra-prima de descrição. De fato, é ainda, de fato, o que temos de mais perfeito sobre essa doença. Não que ela se apresente sempre da maneira como ele a pinta, mas porque não se pode imaginar nada de mais exato e engenhoso que o plano de observação que ele traça sobre ela.

Hipócrates esboçara, em suas Epidemias, os primeiros traços de uma medicina tão vasta quanto nova (a das epidemias). Durante vários séculos, suas ideias permaneceram de algum modo adormecidas em seu germe. Baillou, professor em Paris no século XVI, apoderou-se de

⁴¹ Em seu *Tratado das Doenças Agudas*, a aprovação recebida de seu ilustre amigo dá provas da excelência de seu método.

suas ideias e as estendeu, não como homem de gênio, pois ele não o era, mas como observador atento, como sábio praticante. Ele fora mesmo levado a considerá-las sob alguns pontos de vista novos.

Sydenham, sem conhecer Baillou e talvez sem ter lido bem Hipócrates, foi reconduzido nesse mesmo caminho, somente pela observação. Ele a seguiu com mais êxito ainda: é a mais bela parte de sua glória. Somente a partir dele se pôde conhecer bem essas variações gerais às quais estão sujeitas, a cada ano, as constituições epidêmicas; suas relações e seu encadeamento com os diversos estados aparentes da atmosfera ou sua independência, frequentemente muito evidente, em relação a esses mesmos estados; a espécie de domínio que elas exercem sobre as doenças esporádicas ou particulares; enfim, a maneira pela qual elas se revezam em sua sucessão, embora a ordem não esteja ainda submetida a regras fixas, com as quais se possa inteiramente contar.

A prática de Sydenham produziu uma verdadeira revolução na medicina. Foi o triunfo, não de um gênio transcendente que renova tudo por meio de abordagens gerais e ousadas, mas de um observador que penetra com sagacidade, investiga com sabedoria e se apoia sempre sobre um método seguro. As teorias de Sydenham eram, é preciso confessá-lo, mesquinhas ou mesmo falsas e, com exceção do seu empirismo, no qual um instinto precioso fez seu papel, suas ideias eram geralmente estreitas. Entretanto, nenhum médico jamais teve uma influência tão útil sobre a parte da arte, que é o objetivo de todas as outras: a prática. Nesse aspecto, ninguém merece mais do que ele o título de regenerador.

XIII

A descoberta da circulação do sangue

A genialidade de Bacon e de Descartes fizeram um grande movimento na racionalidade humana. Descartes agitou a Europa com suas ideias inovadoras, já Bacon só foi compreendido muito mais tarde. A dúvida metódica e os procedimentos desconhecidos, empregados na busca da verdade, pareciam querer mudar a face da filosofia racional. A aplicação da álgebra na geometria das curvas e, além disso, um sistema que procurava as leis de seus fenômenos nas próprias leis do movimento deviam operar a mesma revolução nas ciências físicas. Desde então, estas últimas foram cultivadas com muito mais cuidado. A arte experimental, tão recomendada por Bacon, foi introduzida por Galileu, seu contemporâneo, e pelos discípulos da Escola florentina. Pesquisas foram feitas, segundo procedimentos mais regulares e mais seguros. Enfim, a geometria (impropriamente chamada de infinito), pressentida e mesmo indicada por Fermat, Descartes, Pascal e outros, foi descoberta logo depois por Leibnitz e por Newton⁴². Ela abriu uma nova carreira, fornecendo meios para percorrê-la. Desde então, pôde-se conceber sérias esperanças para muitas descobertas posteriores que, antigamente, deviam ser vistas como absurdas. O novo instrumento, comparado àqueles que se possuía até então, era a clava de Hércules em relação às pequenas armas de um guerreiro mortal.

Em meio a este impulso geral da razão, a medicina não permaneceu imóvel. Uma circunstância, da qual terei de

⁴² Hoje está provado que a glória desta descoberta se deve exclusivamente a Newton.

falar mais cedo ou mais tarde, preparou a medicina para várias inovações, abalando mais uma vez o crédito dos antigos, nos quais se podiam ver efetivamente alguns erros fisiológicos. Quero falar da descoberta da circulação, pressentida pelo azarado Servet, vista de mais perto por Varole e Columbus, exposta com exatidão e detalhes em relação ao coração e aos grandes vasos por Cesalpino, mas cuja demonstração se deve aos trabalhos de Harvée, glória que pertence a ele até os dias de hoje.

Esta nova luz, que se lançou sobre o sistema animal, fez somente redobrar a raiva dos sistemas, se podemos dizer assim. Agora, só se pensava em fazer circular livremente o sangue, destruindo sua viscosidade, tirando do corpo aquilo que se supunha corrompido, corrigindo-o, renovando-o e mantendo os vasos relaxados e permeáveis. As bebidas aquosas e diluídas, com as quais Bontodoë e seus parceiros inundavam seus doentes; o furor sanguinário com que os parceiros de Botal tratavam todas as doenças. Furor que, tantas vezes cansado de assassinatos metódicos, era corrigido de tempos em tempos nas escolas. Enfim, a prática deste miserável delírio da transfusão de sangue custou quase sempre a vida, ou a razão, daqueles que não temiam se submeter a esta operação temerosa.

Uma das mais belas descobertas da medicina moderna, bem longe de iluminar a prática da arte, fez somente desgovernar as imaginações fracas, fascinadas com sua luz. Pode-se mesmo duvidar se sua aplicação no conhecimento e na cura das doenças internas foi realmente útil. Nos casos cirúrgicos, onde se é levado a olhá-la como um conhecimento necessário, não seria a observação mais proveitosa? Não seria preciso limitar sua importância ao esclarecimento de um ponto de anatomia e de fisiologia?

Sem dúvida, ponto muito curioso, mas se ele não fosse, indiretamente, interessante para outras áreas do sistema animal, talvez sua contribuição fosse muito pequena para a compreensão das verdadeiras leis deste sistema.

Sob este único ponto de vista, a descoberta da circulação prestou serviços que foram aproveitados pela prática. A glória de seus autores poderia ser contestada somente pela inveja ridícula ou pelo gosto do paradoxo.

Vimos a medicina submetida às opiniões de Heráclito, Pitágoras, Epicuro, Aristóteles, etc. Quando a filosofia de Descartes, após ter sido proscrita com desprezo, obteve todos os favores da moda e se transformou em um tipo de crença, a medicina foi levada por esta torrente, tornando-se cartesiana.

As teorias químicas sobre os ácidos e o álcali, transportados nos humores vivos; as teorias puramente geométricas, pelas quais homens medíocres pretendiam explicar as funções dos órgãos; as teorias hidráulicas que foram consequência disso e que serviram de base a tantos falsos cálculos sobre o curso do sangue e dos outros líquidos; enfim, os pensamentos físicos sobre as leis do movimento geral dos corpos, sobre sua influência nos fenômenos da vida ou sobre a utilidade que pode ter seu conhecimento para explicar estes fenômenos; tudo isto começou a ocupar um grande papel, quando apareceu um novo professor que iria fazer uma verdadeira revolução.

XIV

Boerhaave

A medicina não fez parte dos primeiros anos da juventude de Boerhaave. Primeiramente, ele estava

destinado à teologia e, logo depois, foi seduzido pelo gosto das ciências matemáticas e físicas. Lecionou nestas duas matérias, durante algum tempo, para sobreviver. Munido de conhecimentos profundos e vastos em todas as áreas de seus primeiros estudos, ele ingressou na carreira médica. Sua inteligência já tinha adquirido muito em força, em desenvolvimento, em hábito de discussões, em tenacidade de atenção, mas sua percepção nunca chegou a um grau de perfeição. Percepção esta que pode, sozinha, valorizar todas as riquezas do saber e toda a potência da razão, quando está à cabeceira de um doente. Boerhaave exercia, pela primeira vez, sua percepção sobre novos objetos, em uma época da vida onde as impressões externas começam a se enfraquecer devido a uma certa diminuição da sensibilidade, ou começam a se tornar mais confusas por sua própria multiplicidade. Bem, como ele poderia renunciar ao desejo tão natural de aplicar tudo o que já sabia ao que aprendia? Alimentado pela escolástica do seu tempo, como poderia se afastar dos métodos, das fórmulas e das hipóteses? Cheio de confiança nos procedimentos rigorosos e seguros da geometria, como não iria querer fazê-los entrar nesta ciência? Seria uma glória fazer com que ela perdesse seu caráter móvel e frequentemente incerto.

Vimos que Boerhaave sabia muito e quis aplicar todos seus conhecimentos nos sistemas da medicina. Ele leu os escritores de todas as doutrinas e de todas as idades, os analisou, os comentou e os desenvolveu. Todos os trabalhos destes homens lhe foram conhecidos e todas suas opiniões se tornaram familiares. Ele se apoderou destes trabalhos, os modificou e os combinou. Ele lançou, sobre todo este trabalho, uma ordem luminosa que lhe é

característica. Logo, saíram de suas mãos, de suas instituições médicas e de seus aforismos, os dois quadros mais vastos, mas também mais precisos, que se pôde ver nas ciências e que, pela universalidade dos objetos e dos pontos de vista, só perdiam para o grande Bacon. Seria perfeito, se a química (que lhe deve grandes descobertas), se as pretensas e diversas acrimônias e suas neutralizações, enfim, se as puras hipóteses mecânicas e hidráulicas não quisessem prejudicar um tão belo trabalho! Ele teria sido mais fiel nas suas exposições, na ordem natural da formação das idéias, se tivesse começado recolhendo e classificando os fatos ou os dados, ao invés de entrar, diretamente, na matéria com os resultados! Talvez assim, os escritos deste homem extraordinário tivessem sido um modelo da maneira de filosofar e ensinar, pois eles já são obras-primas de erudição, de crítica, de clareza, de ordem e de precisão.

Boerhaave publicou diferentes escritos particulares sobre várias áreas da medicina. Em todos eles, encontra-se o mesmo vigor de pensamento. Sua obra sobre os males dos nervos, suas consultas e sua carta a Gorter provam que Boerhaave, já em idade mais avançada e após inúmeras visitas aos leitos dos doentes, começou a dar muito menos importância a seus sistemas. Além disso, reprovava, cada vez mais, as ideias de Hipócrates e de todos os verdadeiros médicos. As suas duas obras, já citadas anteriormente, contêm a substância de sua doutrina. Seu plano de ensino foi muito bem conhecido, pois estas obras eram destinadas a lhe servir de texto para suas aulas.

A Escola médica de Leida, célebre pelos seus sábios professores, continua sendo reconhecida graças à participação de Boerhaave. A glória destes professores

ficou, por assim dizer, encoberta pela sua. Após reinar na medicina da Europa, seu nome conservou o mesmo brilho por muito tempo após sua morte. Os talentos de seus discípulos, espalhados por todo o país, o fizeram também ser admirado e respeitado. Sem dúvida, este nome ilustre viverá na posteridade, se não for como o de um gênio eminente e verdadeiramente filosófico, pelo menos será como o de um professor laborioso, hábil e, também, de um escritor muito elegante.

XV

Hoffmann, Baglivi, novos solidistas de Edimburgo, Escola de Montpellier

Hoffmann, professor na universidade de Hall, fundou sua prática e suas aulas em um novo sistema, ao qual se deu o nome de Solidismo. Era uma doutrina metódica⁴³, modificada pelos pensamentos de Hipócrates e pelas descobertas da química e da filosofia moderna.

O eloquente Baglivi, arrancado da ciência por uma morte prematura, já tinha traçado um esboço desta doutrina em Roma, durante seus cursos. Sua notoriedade fazia vir alunos de toda a Europa. Podemos encontrá-la, também, em seu tratado sobre fibra motriz e morbosa.

Estes dois médicos⁴⁴, rejeitando ou limitando as opiniões dos humoristas (segundo eles, os fluidos exercem uma influência essencial e direta sobre o estado são e doentio), restituíram o papel importante aos sólidos. Eles estabeleceram que as modificações sentidas pelos fluidos

⁴³ Prosper Alpin já tinha tentado rejuvenescê-la.

⁴⁴ Hoffmann se aproximou muito mais de Baglivi do que de Prosper Alpin.

eram somente a consequência e o efeito das modificações que os sólidos experimentaram. Na hipótese destes dois médicos, a vida e todas suas revoluções passam pelo sólido. Por esta razão, Hoffmann o chamou de *solidum vivens*. O que distingue os solidistas dos metodistas é que, os primeiros, juntamente com Hipócrates, reconhecem uma força vital cujas leis só podem ser conhecidas com a observação dos fenômenos próprios ao corpo vivo. Estes fenômenos resultam, segundo os solidistas, da ação desta força sobre as fibras, distribuída pela natureza, a fim de animá-las com uma certa soma de energia e movimento.

Os princípios de Hoffmann se encontram disseminados em suas volumosas obras, plenas de saber e de boas observações práticas. Ele os resumiu e apresentou em sua última obra intitulada *Medicina rationalis systematica*.

Estes princípios parecem ter sido a fonte dos princípios que são ensinados hoje na escola de Edimburgo, escola célebre pela reunião e sucessão de professores distintos em vários gêneros diferentes.

Deu-se o nome de animistas aos discípulos imediatos de Stahl, tais como: Alberti, Junker, Nenter, etc. Aqueles que depois associaram suas visões às dos solidistas, dos químicos, ou mesmo dos mecânicos (tais como: Gorter, Gaubius, Sauvage, Robert-Whytt), receberam o nome de semi-animistas.

Enfim, com os pensamentos de Stahl, de Van Helmont e também do solidismo (extenso, modificado e corrigido), formou-se uma nova doutrina, à qual Bordeu, Venel, Lamurre e quase toda a escola de Montpellier, deram seu brilho e muitos parceiros. Ela foi enriquecida

pelos vastos trabalhos de Barthez e fortalecida por seus alunos e sucessores. Também enriquecida pelo o que as descobertas modernas e o progresso das ciências colaterais podiam lhe fornecer de novo. Aperfeiçoada pela aplicação dos métodos filosóficos que os bons espíritos começaram a trazer para todos os objetos de nossos estudos, ela pôde se aproximar cada vez mais da verdade. Logo, ela não será mais uma doutrina particular. Aproveitando-se das descobertas reais, dispersas nas obras de todas as doutrinas e se despojando deste espírito exclusivo que sufoca a verdadeira emulação ao produzir somente debates ridículos, ela se tornará a única teoria incontestável na medicina, já que será o laço natural e necessário de todos os conhecimentos reunidos em nossa arte, até hoje.

XVI

Situação do ensino

Em todos os séculos, as escolas quase sempre se deixaram levar pelos sistemas dominantes. Por uma fatalidade singular, quase todas elas, sem exceção, partilharam os erros destes sistemas, sem aproveitarem muito das novas verdades. Os erros se aliavam, com mais facilidade, às doutrinas recebidas, já que eram adotadas. Tudo o que se distanciava destas doutrinas não chocava muito, pois podia se decidir pela rejeição ou pela não apropriação. O ensino era confiado, desde o renascimento das Letras, a corpos lentos, obstinados em seus princípios e que, além disso, tinham interesse, por vaidade ou por política, a repelir as novas ideias. Sendo assim, o ensino esteve quase sempre atrasado em relação às luzes de cada século. Para os árabes, as universidades foram colocadas nas mãos de uma classe especial de homens que não

estavam unidos a uma hierarquia sacerdotal. Eles formavam verdadeiras corporações independentes que regulavam a conduta e as opiniões. Para os gregos, os filósofos foram a cabeça das escolas, mas o espírito de doutrina não foi talvez levado até o mesmo grau de paixão. Por mais perfeitas que tenham sido as escolas antigas de medicina, seu sucesso se deve muito mais à capacidade dos mestres do que ao caráter das instituições. Elas deviam, então, experimentar variações mais frequentes e mais completas. Além disso, muitas áreas dos conhecimentos humanos, necessariamente ligadas à medicina, estavam dando ainda seus primeiros passos. A organização do mundo da sabedoria, que visa o êxito de cada área, ainda não existia. Na verdade, ela não podia mesmo existir!

Seria, talvez, necessário acrescentar uma última observação (isto se aplica a todos os tempos): os professores mais hábeis não foram sempre os melhores observadores e nem as inteligências mais extensas. É preciso confessar que não foi propositadamente que todas as funções, pelas quais a facilidade da palavra se torna por ela mesma um mérito eminente, tiveram a reputação de prejudicar mais cabeças do que podiam formar. Elas se inebriavam com o sucesso da cadeira de doutor como com a tribuna dos discursos. Se já era difícil proferir opiniões que não eram recebidas com aplausos, era muito mais difícil não rejeitar aquelas que lhes eram contrárias e não procurar desviar, de seu curso natural, os fatos capazes de perturbar o pacífico gozo de certas concepções.

A escola de Cos, ou melhor, a de Hipócrates, ensinou a medicina conforme os melhores princípios. O espírito filosófico, e não os sistemas, dirigia o ensino. A observação, a experiência atenta, a cultura dos sentidos, a

arte de raciocinar, estes eram seus fundamentos. Vimos que os alunos estavam permanentemente envolvidos com seus objetos de trabalho, com os livros⁴⁵, os instrumentos, os remédios e sobretudo os doentes, sem os quais as grandes nações não poderiam formar os seus médicos.

No século de Hipócrates e em ainda vários séculos depois dele, a anatomia permaneceu em seu estado infantil, sobretudo a anatomia do homem. A cirurgia não tinha regras fixas. A matéria médica se limitava a alguns remédios de grande eficácia, mas muito violentos para poderem ser manipulados habitualmente sem riscos. A arte de prepará-los era quase totalmente desconhecida. Enfim, a mineralogia, a química, a física e todas as áreas das ciências naturais, que estavam ligadas à arte de curar, tinham apenas recolhido os primeiros fatos ou se perdiam em teorias falsas e ridículas.

Esta época não pôde ver eclodir um plano de ensino completo, embora fosse muito sábio o que era praticado. Foi pela maneira de encarar a natureza viva e pela maneira de observar e descrever os fenômenos das doenças, que a escola de Hipócrates nos deixou modelos dignos de serem ainda imitados. Atravessei um longo espaço de tempo em que a situação das escolas só podia entristecer o observador e o ensino era a imagem fiel do caos.

No final do século XVI, e também no séc. XVII, o progresso da ciência foi grande e rápido, mas, em compensação, o progresso do ensino foi quase nulo. É, sobretudo, aqui que se percebe uma grande distância entre a doutrina dos bons livros e a escola, entre a sábia ousadia

⁴⁵ Segundo Xenofonte, já existia nesta época um grande número de livros.

e a rotina cega, o discurso confuso da escolástica, as concepções servis da maior parte dos professores⁴⁶.

Foi no século XVIII que o ensino fez verdadeiros progressos. O jargão escolástico foi substituído por uma língua mais precisa e mais pura. O perfeccionismo dos métodos matemáticos, os procedimentos seguros empregados na observação da física e da história natural, o tom filosófico que se generalizou, a elegância e o gosto, cujas obras-primas das letras ou das artes se tornaram uma necessidade para as classes cultas em todas as nações, enfim, tudo isto forçou as escolas a sacudirem sua poeira bárbara. A razão as rodeava por toda parte, ela se introduzia entre suas cadeiras. É preciso lhes fazer justiça, as escolas combateram valentemente o senso comum. Podemos mesmo dizer que seus restos impotentes estariam prontos a renovar este combate, mas o desatino se viu forçado a ceder e foi para sempre. A duração e a teimosia desta luta escandalosa tornaram impossível o retorno às antigas rotinas e, sobretudo, aos antigos erros. Sem dúvida, aqueles que se dedicam a serem fiéis à verdade serão sempre ultrajados pela ignorância e perseguidos pelo charlatanismo, mas o triunfo de suas causas estará seguro. Várias áreas dos conhecimentos humanos atingiram um tipo de perfeição, com o acréscimo de ricos materiais. Não se tratava mais somente de aplicar, igualmente, em todas as áreas os verdadeiros métodos, mas sim, de aplicá-los com o mesmo rigor em todos ramos do ensino.

Se for somente da alçada do filósofo traçar estes métodos, então, cabe somente ao legislador transportar o

⁴⁶ Os Jesuítas prestaram serviços nesta área, mas foram os senhores de Port Royal que ofereceram o primeiro exemplo de um ensino filosófico.

espírito destes métodos para a própria organização dos estabelecimentos públicos de instrução.

Sem dúvida, há muitos trabalhos que o governo deve somente se limitar a proteger. Quando o interesse particular fala mais alto, é preciso ater-se a ele. A intervenção do poder público só faz confundir e incomodar. Assim, muitas belas e grandes empresas, das quais toda uma nação recolhe os frutos, trabalham muito melhor quando os governantes não se misturam. Estabelecimentos, acima do poder dos próprios soberanos, se executam facilmente através da união e acordo dos interesses individuais que se encontram ligados.

Pode-se esperar que ocorra o mesmo com a instrução. Ela será tão diretamente necessária para a existência e felicidade dos cidadãos que eles irão procurá-la por toda parte. Desde então, ela se tornará para os homens que estarão em condições de propagá-la um ramo da indústria igualmente honroso e útil. A partir daí, os governos poderão se concentrar em interesses mútuos, tais como, o progresso da ciência e o aperfeiçoamento gradual da opinião.

Hoje, devemos nos prevenir do banditismo, do desatino e do furor que se reproduzem sob todas as formas. Hoje, os charlatões, prontos a se apoderarem da opinião instável, devem ser mais do que nunca contidos pelas leis e desmascarados pelos conhecimentos. Já que o lugar dos antigos erros não foi ainda completamente ocupado por verdades reconhecidas, o governo deve indicar o objetivo e por em movimento os homens iluminados. Ele deve, ainda, equilibrar o ensino e a legislação, a fim de que eles possam se ajudar mutuamente, se corrigirem ou se aperfeiçoarem. Enfim, ele deve também

ajudar os verdadeiros médicos, para que sua arte seja totalmente reformada, já que ela exige mais vigilância e encorajamento⁴⁷.

⁴⁷ O Governo da República fez muito por esta área, consolidando as escolas atuais de Medicina e, sobretudo, as escolas de Paris e de Montpellier.

CAPÍTULO III

Visões gerais sobre o ensino da arte de curar

I

Faculdades do homem, fonte de seus erros, invenções dos métodos filosóficos

Em virtude de sua organização, o homem é dotado não somente da faculdade de sentir e transformar suas sensações em pensamentos, em raciocínio, em séries de afecções morais, mas é dotado também da faculdade de partilhar as ideias e os sentimentos de outrem, de se identificar com o que lhe é transmitido, de repetir e se apropriar de operações ou de narrativas que se assemelham a ele. Ele pode tirar proveito dos trabalhos de seus predecessores como dos de seus contemporâneos. Ele se enriquece com a experiência dos séculos. Se os meios que ele possui para comunicar com seus semelhantes fossem suficientemente aperfeiçoados, um indivíduo poderia viver no passado, no presente e mesmo no futuro. Ele coexistiria de alguma maneira com todo o gênero humano.

Pelos sentidos recebidos da Natureza, ou pela sensibilidade que faz com que todos os órgãos contribuam na ação de seu cérebro, o homem aprende a conhecer os objetos. Suas sensações são a causa direta e seus órgãos, sensíveis, são os instrumentos imediatos de sua instrução. Apressado pelas necessidades ou pela ávida curiosidade que o estimula, o homem não demora a criar outros instrumentos, produtos artificiais de suas tentativas e

meditações que podem aumentar muito a energia ou o poder de ação de seus órgãos. Estes novos instrumentos são aplicados diretamente nos próprios sentidos ou ampliam e facilitam as operações da inteligência. Às vezes, até parece que eles fazem eclodir novas faculdades. Estes diversos instrumentos podem ser aperfeiçoados pela cultura, pela experiência e pela reflexão. É de seu aperfeiçoamento sucessivo que depende o aperfeiçoamento do gênero humano.

Na ordem natural das coisas, as impressões correspondem ao que sentimos. Se elas não correspondessem, nenhum artifício poderia ajudar. As ideias criadas pelas impressões devem, então, ter o mesmo caráter de conformidade, quando nada de estranho as alterar em sua própria fonte ou na sequência das operações orgânicas que ajudam na sua formação. Sendo assim, o homem pensa e raciocina naturalmente.

Uma triste experiência nos ensina que o erro é mais familiar que a verdade. Em todos os países e em todos os tempos, vemos o homem abraçar ilusões. Por toda a parte, ele é o brinquedo de crenças vergonhosas. Ele as cultiva, as ama, as glorifica e as adora. Visto que esta disposição funesta é comum a toda a espécie, é preciso que sua causa se encontre também na natureza.

O que coloca o homem no topo dos animais é sua eminente sensibilidade e também a faculdade de receber um maior número de impressões diversas que, ao serem recebidas, são mais vividas. Ora, sensações vivas ocasionam determinações rápidas, mas as que são múltiplas são mais dificilmente distinguidas e apreciadas. Nas duas circunstâncias, os atos que são deduzidos pela vontade estarão sujeitos a serem somente falsas conclusões.

É verdade que em todos os casos onde a punição segue imediatamente o erro, este não consegue persistir por muito tempo. O hábito de se fazer julgamentos falsos acarreta, então, uma sequência de impressões dolorosas. A primeira de todas as necessidades nos leva a evitar as causas das quais elas dependem. Assim, cada um corrige por si só estes falsos julgamentos. Entretanto, os objetos que estão ligados a este tipo de processo ficam muito limitados no estado social. Quase todos eles se relacionam às necessidades naturais e diretas, as quais representam um pequeno papel nas relações entre os homens.

Seria preciso muito tempo e muita calma para examinar, com a atenção necessária, os motivos de uma opinião que se adota ou de um partido que se abraça. Entretanto, as circunstâncias nos apressam, sendo necessário optar no mesmo instante. A necessidade de se decidir prontamente é assim uma poderosa causa de erro. Ela se confunde com o falso instinto ou com os hábitos precipitados, que o tornam falso, mesmo no momento em que se teria tempo de refletir.

Impressões profundas podem, também, se apoderar do julgamento. Elas podem alterar a natureza dos objetos ou, pelo menos, impedir de examiná-los sob todos os ângulos. Enfim, o hábito vicioso de sentir e de julgar, contraído pela imitação, ou um hábito mais universal, e mais vicioso ainda, de dar às suas próprias ideias ou às de outrem sinais que não são nem uniformes, nem bem determinados, aumentam ainda mais a dificuldade de se evitar o erro. Todas estas causas dependem de maneira mais ou menos imediata da própria natureza das nossas faculdades e das nossas relações com os objetos de nossos julgamentos.

Assim, o homem feito para raciocinar constantemente bem, acaba raciocinando quase sempre mal. A ordem desta mesma natureza, que lhe torna a verdade necessária, o permeia também com armadilhas e falsas indicações. Então, as próprias qualidades que devem lhe fazer descobrir e reconhecer a verdade se tornam facilmente a causa de mil erros grosseiros. Estes erros são, por assim dizer, seu estado habitual. O bom senso é somente uma exceção.

A arte de conduzir sua inteligência é, necessariamente, objeto de um estudo penoso. É uma arte cuja teoria exige todas as forças da atenção, e a prática, todos os escrúpulos da experiência. É preciso aprender não somente a combinar, a balancear, a concluir, mas é preciso ainda aprender a ver, a ouvir, a tocar, enfim, a sentir.

Quando os filósofos observaram o mundo e a si mesmos, eles viram o que nós podíamos ser e o que não éramos. Eles procuraram a causa de nossos erros e procuraram seu remédio. Entretanto, esta causa agindo ainda sobre eles, no momento em que se ocupavam em combatê-la, o remédio tornou-se mais difícil de ser encontrado. Cada um deles fez sua hipótese e indicou seu método. Não foram muitos os que nos ensinaram, realmente, a conduzir as operações de nossa inteligência. Mesmo seus trabalhos, até o momento, deixaram muito a desejar.

Hipócrates, Aristóteles e Epicuro parecem ter sido os únicos, entre os antigos, que sentiram que, neste tipo de procura, é preciso começar observando o que se passa conosco quando sentimos e julgamos. Somente eles reconheceram que as sensações são os verdadeiros materiais de nossos julgamentos. A este respeito, não nos

resta nada no corpo de doutrina de Hipócrates e ainda menos no de Aristóteles. Embora Aristóteles nos tenha deixado uma análise engenhosa do raciocínio, podemos reduzir o que há de verdadeiro nas suas obras ideológicas, no célebre axioma citado tantas vezes.

Desde Aristóteles até Bacon, os métodos filosóficos não fizeram nenhum progresso real. O erro, reduzido em sistema, tornou-se cada vez mais difícil de se desenraizar.

Bacon, ao lançar um rápido olhar sobre todas as ciências, reconheceu a fonte das hipóteses que as desfiguravam e dos falsos resultados com os quais elas foram infectadas. Ele não se contentou em traçar o plano de reforma das ciências, ele quis refazer o próprio instrumento, por meio do qual nós adquirimos todos nossos conhecimentos. Foi, realmente, com ele que começou a época de regeneração das ciências.

A partir desta época, os progressos foram rápidos. Hobbes, Locke, Bonnet e Condillac aperfeiçoaram sucessivamente os pensamentos de Bacon e tornaram os procedimentos da análise filosófica mais simples e seguros. Eles fundaram, sobre um conhecimento mais exato das faculdades e das operações da inteligência humana, as regras que dirigem a análise filosófica⁴⁸.

Estas faculdades e estas operações, descritas e traçadas com uma exatidão surpreendente, nos oferecem, na história natural do entendimento, o modelo do verdadeiro e único método aplicável em todas as ciências. Somente através dele que é possível observar nitidamente os objetos,

⁴⁸ Não falo aqui dos sucessores de Condillac que parecem ter acrescentado precisão à análise, talvez lhes abrindo novos caminhos. Eles deram bases mais sólidas a seus princípios que estão ainda vivos. Somente o tempo poderá testemunhar, definitivamente, o mérito de seus trabalhos

classificá-los e encadeá-los em conjuntos que não sejam vãs hipóteses. Unicamente, por seu intermédio que se pode estudá-los, ensiná-los e difundi-los. Enfim, este método não só simplifica e facilita a aquisição de objetos, mas apresentando-os em sua ordem mais natural, deixa marcas mais profundas e mais fáceis de serem encontradas na lembrança.

II

Aplicação da análise na arte de curar

Volto a falar sobre a arte de curar. O emprego do verdadeiro método não será menos fecundo em bons resultados.

O homem, assim como os outros animais, é capaz de ter impressões dolorosas, como também impressões agradáveis. Ele é muito mais susceptível a isso que qualquer outra espécie conhecida. A razão é simples: suas sensações repousam sobre uma maior quantidade de objetos. A sua imaginação, cuja atividade é alimentada pelas sensações, reage por sua vez sobre elas e lhes dá um grau de força ou um direcionamento extraordinário.

As impressões dolorosas constituem a doença, como as impressões agradáveis constituem o bem-estar e a saúde.

É fácil perceber que as dores morais e a felicidade dependem, imediatamente, destes dois estados físicos. Elas são, em si, estes dois estados considerados sob outros pontos de vista ou em certas relações particulares.

Uma sensação penosa não pode ser vista como uma doença. Quando ela é passageira, a própria natureza a remedia e o esquecimento a apaga. Se a dor, ou o mal-estar, se prolongar, então existe realmente uma doença. Neste

caso, a natureza não fica ociosa. Ela determina, secretamente, uma série de novos movimentos, dirigidos para o restabelecimento do bem-estar ou da saúde. Ao mesmo tempo, uma voz interna, muito poderosa, ordena ao homem para procurar socorro nos objetos externos. Quando a experiência lhe faz ver que vários destes objetos podem efetivamente responder às suas diferentes necessidades, o homem os testa sucessivamente, em todos os casos em que esta voz se faz ouvir.

Todas as sensações podem, sem dúvida, ser compreendidas através de dois pontos gerais: *o prazer e a dor*. Entretanto, eles têm uma variedade infinita, quer dizer, as próprias coisas que vão determiná-los. As coisas agem sobre os corpos de maneira muito diferente. Os efeitos (duráveis ou não), que as sucedem, não são menos diversos que as impressões imediatas que elas produzem.

À primeira vista, esta observação choca o homem. Sua importância e sua repetição diária não lhe permitem negligenciá-la.

Não há, normalmente, uma relação entre a sensação imediata e o efeito durável. O que agrada pode também prejudicar. O que desagrada pode se tornar vantajoso.

Segunda observação menos direta, mas que demanda mais atenção: certos objetos não ocasionam, de princípio, nenhuma sensação especial. Eles parecem não ter nenhuma ação muito distinta, mas a gente os vê produzindo grandes efeitos, devido a uma lembrança ou a um longo uso.

Terceira observação: é o que sentimos muito mais tarde. É o que se confirma somente com um grande número de exemplos e que influi sobre a conduta quando erramos repetidamente, pois negligenciamos os erros. Estes

erros são, para o homem, a fonte de impressões penosas repetitivas.

Antes de chegar até aí, o homem já recolheu observações particulares sobre a diversidade das causas que podem produzir nele o sentimento de mal-estar, para torná-lo mais suportável ou mesmo para cessá-lo. O desejo de afastar impressões dolorosas, ou simplesmente penosas, inspira muitos experimentos. Destes experimentos repetidos, nasce um sistema de observações para o uso das famílias, dos povos e das nações.

Os benefícios do acaso, as lições sobre os outros animais, os apetites dos doentes, tudo isto faz aumentar, a cada dia, as primeiras riquezas. O número de experiências cresce rapidamente e, com isto, elas se tornam mais ousadas, melhor pensadas, mais aplicáveis às necessidades que as circunstâncias trazem a cada dia.

Condillac observou que os homens analisam naturalmente, quer dizer, observam, comparam e julgam naturalmente. Nada é mais verdadeiro, mas unicamente para os objetos simples, cujas faces podem ser vistas ao mesmo tempo. Isto diz respeito aos fatos, cujas relações e identidade são fáceis de serem reconhecidas, e aos dados constantes, ou pouco móveis, limitados em seu número e fáceis de serem reunidos, fixados e comparados a todas as relações.

Infelizmente, estas circunstâncias favoráveis não se encontram no estudo de muitos objetos, os quais devem fazer parte de nossos conhecimentos. Por exemplo, os objetos que pertencem à medicina e à moral apresentam muito mais dificuldades. A medicina e as ciências morais devem, então, permanecer mais tempo no estado infantil

ou, pelo menos, seus princípios devem adquirir, mais tarde, uma evidência e uma solidez sem as quais os espíritos severos terão dificuldade em vê-los como formadores de verdadeiras ciências. Em compensação, as áreas dos nossos estudos que têm como objeto propriedades mais simples e mais fixas, como as dos números, farão rápidos progressos nas mãos de homens hábeis. Com isso, o homem poderá se glorificar e, a cada novo passo, poderá sempre verificar a certeza e mesmo apreciar a sua importância.

À medida que os conhecimentos se estendem, é necessário classificá-los para que não se confundam. As classificações são absolutamente necessárias para ajudar a memória e para ordenar as operações da inteligência. Se as classificações se limitassem a isso, elas não trariam somente vantagens. Os homens imaginam, quase sempre, que a própria natureza deve depender da ordem traçada por eles e ousam tirar consequências práticas para todos os casos que se apresentam. Ordem esta que é real somente nos quadros criados por sua imaginação.

É aqui que os métodos começam a se tornar uma nova causa de confusão. Deixando a natureza de lado, o homem substitui as coisas existentes pelas suas próprias ficções, quer dizer, por fantasmas. As abstrações mais infíeis, visto que seus elementos podem mudar a cada nova aplicação, tornam-se a base de julgamentos e determinações práticas que podem ser da mais alta importância. Algumas vezes, estes julgamentos e estas determinações não têm fundamento sobre nenhum objeto real.

III

Dificuldades encontradas ao aplicar a análise na observação e no tratamento das doenças

Entre os objetos que o homem se vê forçado a estudar com atenção e constância devido às suas necessidades, poucos reúnem, como a medicina, todas as dificuldades ligadas ao caráter móvel e variável, do qual falamos a pouco. Existem poucos objetos para os quais o uso inconsiderado das classificações possa trazer maiores inconvenientes.

Por exemplo, a dor de lado, a tosse, o escarro de sangue e a febre aguda estão normalmente juntos. A observação não tarda a perceber isso. Consequentemente, nos habituamos a considerar este conjunto de sintomas como um ser particular. Damos-lhe o nome de pleurite, nome tirado da dor de lado que, sentida constantemente pelo doente, é para ele o sintoma dominante.

Em vários casos, onde estes diferentes fenômenos ocorrem, as hemorragias naturais abundantes os atenuam, mas as sangrias artificiais produzem também o mesmo efeito. Os doentes, atormentados pela sede, desejam bebidas mornas e diluídas. Estas bebidas fazem suar e estes suores aumentam o bem-estar, a expectoração se estabelece. Outras bebidas energéticas apressam esta evacuação. Enfim, após um esforço marcante da natureza, os sintomas se dissipam e a saúde retorna.

No quadro dos remédios que correspondem a cada doença, ao lado da palavra *Pleurite*, encontramos primeiramente *sangria*, *bebidas diluídas*, em seguida, *bebidas*

energéticas, remédios expectorantes, em último lugar, leves sudoríficos.

Vê-se, aqui, que eu fiz a hipótese mais favorável: aquela em que os sintomas foram bem reconhecidos e os efeitos dos remédios foram surpreendentes e bem compreendidos. Eis, então, um axioma, uma regra de prática: sua dedução nos indica a maneira pela qual todas as outras regras podem ser deduzidas, nos casos em que os princípios seguros e os procedimentos sábios presidem sua formação.

Suponhamos que os sintomas expressos pela palavra abstrata pleurite se apresentem sozinhos e que a natureza, o tempo e a ordem na administração dos meios curativos tenham sido bem observados. Então, esta palavra corresponde nada mais ou nada menos ao próprio conjunto da doença. O sucesso dos remédios será constatado por um número suficiente de exemplos. Então, digo que as regras traçadas para o emprego destes remédios são deduzidas dos fatos e seguem um método seguro de raciocínio.

Em outros casos, nos quais se aplica também a palavra *pleurite* por causa da presença dos principais fenômenos que já trazem este nome genérico, a sangria é prejudicial, as bebidas diluídas agravam a doença, os energéticos cansam ou não produzem nenhum efeito. Em compensação, os vômitos copiosos, espontâneos ou provocados, os vermífugos dados em grandes doses, os purgativos e sudoríficos empregados imediatamente, enfim, os vesicatórios, tudo isto traz, imediatamente, como por encanto, ou gradativamente e por meio de crises parciais, a dor de lado, a tosse, o escarro de sangue, etc.

Estes casos tão diferentes, visto que são curados somente com tratamentos variados e próprios a cada um deles, são caracterizados por sinais acessórios diretos ou por circunstâncias que os revelam indiretamente. Antes que observadores atentos os tivessem reconhecido, descrito e distinguido, os sinais foram por muito tempo confundidos, sob a máscara enganosa de uma denominação comum.

IV

Mesma dificuldade e mesmo perigo na classificação dos remédios

Se passarmos para as classificações de remédios, nós encontraremos os mesmos vícios. Eles estão ligados à mesma causa.

Se um remédio provoca o suor, nós o classificaremos como sudorífico. Se outro regula a menstruação, iremos colocá-lo entre os *emenagogos*. Estas propriedades são frequentemente ilusórias, pois suas experiências são incompletas e também não se conhece muito as diversas circunstâncias do remédio. A menos que se tenha a felicidade de utilizar os remédios somente nos casos que forneceram as observações. Percebe-se, logo, que os remédios chamados de sudoríficos podem impedir ou suprimir o suor, ou que aqueles qualificados de *emenagogos*, aumentando o espasmo ou a inércia do útero, podem agravar o mal.

É necessário discutir muito sobre os remédios dotados de uma ação verdadeira. Conforme os casos onde são

empregados, os remédios podem produzir efeitos absolutamente contrários ou, pelo menos, bem diferentes.

Abra os livros médicos! Você verá vários remédios organizados, sucessivamente, em todas as classes. Poderíamos mesmo acreditar que todos eles produzem os mesmos efeitos. Observações primitivas, que proporcionaram qualidades tão diversas aos remédios, são para o homem comum totalmente perdidas. É somente com muito trabalho e sagacidade que chegamos a nos situar no meio deste caos. Eis o que torna a leitura destes livros tão perigosa, mesmo para um grande número de médicos. Eis o que força os médicos, que respeitam a vida dos doentes e que querem analisar com seriedade seu próprio julgamento, a irem diretamente à fonte e buscarem o segredo destas contradições aparentes. Eles se sentem também forçados a repetir as experiências, esquecendo o que encontraram nos livros, a fim de reaprender a natureza. Eis aí, talvez, a principal causa deste pirronismo teimoso que a medicina inspira a muitos bons espíritos.

O leitor não terá dificuldade em concordar que, se as circunstâncias mudassem, as impressões e seus efeitos sobre o conjunto do sistema animal não seriam mais os mesmos. Ora, as circunstâncias onde se encontram os corpos vivos são tão variadas que as combinações de todas as causas externas ou internas, capazes de agir sobre os corpos, podem também trazer esta variedade. As circunstâncias não diferem destas causas e de suas combinações. Como a sensibilidade ágil e móvel da máquina humana a entrega à influência de uma quantidade enorme de agentes diversos, será unicamente com a ajuda da observação atenta que se poderá chegar a lhe aplicar os

remédios nas circunstâncias precisamente indicadas. Poderemos, assim, aguardar os efeitos esperados.

V

Tentativas para aperfeiçoar as classificações médicas

Aristóteles já tinha reconhecido, na sua época, que o abuso do método é tão prejudicial para o progresso da ciência quanto sua ausência absoluta. Acabamos de ver a prova disso. Este filósofo poderia ele mesmo fornecer mais de um exemplo, com o apoio daqueles que acabamos de citar. Talvez, encontra-se aí a armadilha, se for permitido falar assim, mais sutil e mais perigosa que a natureza já colocou no caminho do homem.

Em uma prática diária, que os força a colocarem as classificações sempre ao lado da natureza, os pensadores percebem rapidamente a infidelidade destes quadros. Eles veem a natureza, orgulhosa, querendo substituir a exatidão das opiniões e também querendo ser seduzida por um tipo de brilho científico. Estes homens sentem a necessidade de voltar a observar os fatos particulares e melhor circunscrever o valor dos sinais gerais. Este é o primeiro passo que se dá quando nos ocupamos da reforma dos métodos.

Quando se trata somente de visões puramente racionais ou quando se quer examinar os objetos somente em relação a certas propriedades particulares e simples, neste caso, só a definição já é suficiente. A partir daí, compreendemos mais facilmente e podemos raciocinar melhor.

Não é bem assim, quando queremos aplicar os conhecimentos a objetos usuais. Não agimos mais sobre valores abstratos, onde o certo é permanecer sempre no estado em que eles foram fixados. Não se trata mais do círculo ou do triângulo geométrico, das relações de números incapazes de mudar e nem da pleurite, definida por uma frase que nos faz lembrar a tosse, a dor de lado, a expectoração de sangue. São, na realidade, conjuntos de fenômenos, sempre diferentes, sempre individuais e específicos que se oferecem aos nossos olhos. Mais estamos preparados a ver, menos encontraremos estas pretensas identidades de doenças que existem somente no cérebro dos observadores desatentos.

Resumindo, acabamos percebendo somente indivíduos na realidade das coisas. Como dizia Leibnitz, não há duas folhas que se assemelhem.

Assim, as faltas inevitáveis que ocorrem na classificação e o sentido incompleto e vago das palavras nos fazem sentir a necessidade de levar as ideias gerais a seus elementos, quer dizer, aos objetos ou aos fatos individuais dos quais elas foram tiradas. Precisamos, também, garantir se estes objetos ou fatos estão exatamente contidos nestas ideias e se elas não trarão outras que não foram fornecidas pela observação. Enfim, precisamos fixar nitidamente suas relações mútuas e o valor preciso dos termos que se emprega para designá-las. Para isto, recorreremos primeiramente às definições. Entretanto, não demoramos a perceber que este meio é totalmente insuficiente, que ele tem vários inconvenientes ligados às classificações e, enfim, que a definição para ser exata deve se aproximar cada vez mais da descrição

circunstanciada. Ela acaba sendo, por si só, uma verdadeira descrição.

VI

Novas dificuldades

Os homens são, assim, levados ao mesmo ponto de onde partiram. Eles se encontram mergulhados neste mesmo caos, onde a multiplicidade e variedade dos objetos os tinham jogado antes. Após terem reconhecido os abusos do método, eles sentem, com mais amargura, a impotência absoluta frente a este socorro artificial. É preciso resolver estas dificuldades ou flutuar, eternamente, entre a ignorância e o erro.

Estes obstáculos no aperfeiçoamento de nossos conhecimentos e estes inconvenientes, que se manifestam quando os aplicamos nas necessidades usuais da vida, não são de forma alguma os únicos. O estudo dos diferentes objetos oferece graus diferentes de dificuldades. Estes objetos não têm a mesma facilidade, ou dificuldade, para se fixar e se compreender. A utilidade que podemos tirar deles (única relação sob a qual nos importa conhecê-los) é extensa, direta e surpreendente. Os objetos, que seriam úteis em conhecê-los, nem sempre são aqueles que são mais fáceis de serem estudados. Quanto hábito de observação, quanta sagacidade é preciso se ter para desvendar em uma doença os fenômenos realmente essenciais e fundamentais que a constituem! Fenômenos estes que os outros se tornam somente acessórios ou consequências! Quanta percepção e exatidão para avaliar a

grande influência, ou não, que eles têm sobre a doença e as modificações que trazem, mesmo permanecendo subordinados! Quanta leveza de espírito e atenção para acompanhar todos seus movimentos, a fim de não ser seduzido pelas diversas aparências que a doença pode ter em suas diferentes épocas, pelas metamorfoses que seu próprio caráter, suas complicações e todas as circunstâncias externas podem lhe fazer passar!

O exame das causas, próximas ou distantes, não pode deixar aumentar as dificuldades de um verdadeiro observador.

Permitam-me voltar a algumas ideias que já expus aqui. Além de não podermos perdê-las de vista, poderemos saber o que se faz quando se raciocina sobre uma sequência de observações.

A palavra *causa* não deve nos fazer olhar os fenômenos da natureza como se estivessem contidos uns nos outros, produtos e geradores, sucessivamente. Na verdade, existem para nós somente fatos que se apresentam simultaneamente ou em uma ordem sucessiva. Tudo o que a observação racional pode fazer é estabelecer, entre eles, relações de analogia ou de diferença, de independência recíproca ou de subordinação e encadeamento. Dois fatos se assemelham ou se diferem, eles aparecem sempre juntos ou ocorrem frequentemente isolados. Se virmos um fato acontecer constantemente após outro fato, nós diremos que um é o efeito e o outro é a causa. Entretanto, estes nomes não lhes dão novas qualidades, eles expressam somente a ordem de sua sucessão. Esta ordem não é menos importante de ser reconhecida, visto que a aparição do primeiro fato nos anuncia, com certeza, a chegada do fato subsequente. Sem este conhecimento, toda história

será somente uma inútil sequência de quadros, desprovidos de ligação. Sem ele, a história das diferentes doenças, incompleta em sua descrição, torna-se inútil, e mesmo perigosa, como objeto de comparação aplicável à prática.

É muito difícil se determinar esta ordem dos fenômenos, quando ela é apresentada pela Natureza, entregue a ela mesma, ou pelo curso mais ordinário das coisas. A ordem dos fenômenos, que se pode chamar de artificiais (quando é a arte que os produz através do emprego racional de diversas impressões insólitas), é bem mais difícil de ser reconhecida e fixada com exatidão.

Um homem sente dores, após um grande número de circunstâncias que podem tê-las ocasionado. Se estas dores cessarem naturalmente, em meio a muitas outras circunstâncias que se misturam e se confundem, a ignorância e a irreflexão podem achar que é fácil desvendar a verdadeira causa do mal e da cura. Se a mudança favorável chegar após o emprego de certos remédios, que a analogia nos fez julgar úteis, a conjectura terá pouco peso tanto quanto os exemplos forem pouco numerosos, com o mesmo êxito em casos semelhantes. Somente com o tempo e através de observações repetidas em diversas circunstâncias, que ela poderá atingir um alto grau de probabilidade.

Pareceu-me conveniente expor estes primeiros obstáculos que tornam tão difícil e incerta a marcha da razão no estudo da medicina e, sobretudo, na aplicação de seus princípios ou de suas opiniões gerais na prática. Pensei que poderia ser útil reconhecer estas diferentes fontes de nossos erros, fontes infelizmente muito fecundas. Elas estão ligadas à própria natureza dos objetos ou dos instrumentos que podemos usar para estudá-los ou para

nos apropriar do seu conhecimento para as nossas necessidades.

VII

Volta-se sempre ao método. Ele mesmo não prejudica. Como deve ser aplicado na medicina

Observemos, por um lado, que a ausência de método não pode ser perigosa por muito tempo. A natureza nos força a pedir esta ajuda. Por outro lado, o abuso do método não vem dele mesmo, mas da maneira imperfeita que as regras foram traçadas. A gente pega o mau caminho, não porque temos muitos métodos, mas porque o método que usamos não é bom. À medida que ele se aperfeiçoa, vemos desaparecer, gradativamente, todos os vícios e inconvenientes que se acreditava serem inseparáveis. As regras gerais tiradas das semelhanças são corrigidas por outras regras tiradas das diferenças. Descemos até os fatos individuais; as distinções e as próprias exceções se classificam; forma-se, a partir daí, outros sistemas mais parciais; deste conjunto de operações sucessivas, cujos efeitos se retificam ou se compõem mutuamente, tira-se resultados que se tornam mais exatos e mais completos.

Enfim, com a aplicação dos conhecimentos teóricos nos hábitos diários, na satisfação de nossas necessidades, nas operações de nossa inteligência (onde os menores vícios de raciocínio podem ter consequências funestas), temos ainda um método experimental e prático, fruto da observação contínua dos objetos e do emprego repetitivo dos instrumentos. O instinto, mais do que o saber, encontra as primeiras regras deste método. Ele as segue,

como se faz com um guia, muito antes que se possa traçar regras verdadeiras. Logo depois, o saber as esclarece e as amplia, o espírito filosófico as encadeia e as coordena. Ele aperfeiçoa sobretudo sua aplicação. Enriquecido por observações constantes e conduzido por pensamentos gerais e seguros, este método prático chega a retificar, com o tempo, os que os outros métodos, presos à teoria, apresentam como absoluto e rigoroso. Submetido ele próprio a certas modificações que as circunstâncias indicam e exigem, o método se confunde com o talento, sendo o primeiro a obra, mas que nunca poderá substituir este último.

No estudo da área terapêutica da medicina, quer dizer, área que todas as outras têm o aperfeiçoamento como objetivo definitivo, as regras só podem ser desenvolvidas na cabeceira do doente. Sua aplicação só poderá ser bem compreendida depois de uma longa sequência de exemplos, pois estes devem, por assim dizer, esgotar todas as combinações possíveis. É preciso, pelo menos, que eles exponham inúmeras vezes os seus elementos. É preciso, sobretudo, que estes exemplos deixem na memória imagens indeléveis que servirão para reconhecer, no primeiro olhar, o caráter distinto de cada doença, no meio de todas as complicações que podem mascara-lo.

É deste modo que se formam, sob o comando de mestres hábeis, os médicos capazes de curar. É preciso confessar que estes mestres perceberão que não podem partilhar, com os seus auditores, certas sensações finas e fugidias. São tipos de raciocínios inexprimíveis em termos precisos, julgamentos que parecem se confundir com as impressões diretas. O médico, a quem os motivos de suas determinações chegam rapidamente, só pode transmitir

estas sensações aos homens igualmente bem organizados. Recebê-las, construir raciocínios e julgamentos, conceber determinações, tudo isto é atributo exclusivo do talento.

VIII

Grande influência das línguas sobre as ciências. Sua reforma

Entre as causas diversas que podem apressar o progresso das ciências, a mais poderosa é, sem dúvida, a língua. É uma verdade tão reconhecida que não preciso novamente expô-la e prová-la aqui. As línguas, primeiro laço dos homens dispersos, doce fruto das primeiras relações fraternais, após terem feito e selado todas as convenções dos povos nascentes, elas misturaram os interesses e os esforços dos indivíduos, dirigiram-nos por um impulso que se tornou independente deles mesmos. Misturando-se a todos os detalhes da vida privada e pública, as línguas exerceram a mais forte influência sobre as instituições e hábitos das sociedades. Por onde as línguas estavam bem formadas, sobretudo as escritas, os progressos do estado social foram rápidos e seguros. Em compensação, onde as circunstâncias fizeram adotar um sistema ruim de linguagem e de escrita, os povos se estagnaram na ignorância ou sofreram sob a opressão.

As vantagens das línguas (quando bem feitas) e seus inconvenientes (quando contém vícios) se fizeram sentir principalmente nas ciências e, mais particularmente, nas ciências cujos objetos têm mobilidade e, conseqüentemente, são mal determinados.

As palavras registram as sensações. Elas as resumem e as fixam. Traçando-as no pensamento, as palavras nos fornecem meios para considerá-las sob todos os ângulos, compará-las e formar, a partir daí, as ideias mais simples que são o resultado direto desta primeira comparação. As ideias mais simples representam, por sua vez, o mesmo papel que as sensações diretas. Elas são fixadas, traçadas e comparadas com a ajuda das palavras. Daí se vê que, por este meio artificial, não somente as ideias mais complicadas e mais extensas se expressam quando são formadas, mas também quando elas mesmas se formam e se desenvolvem. Deve-se, então, considerar a exatidão e o bom emprego das palavras, ou mais geralmente dos signos, como o critério da verdade. Deve-se atribuir as noções imperfeitas, as concepções, os erros e todos os hábitos viciosos da razão ao caráter vago e à maneira incerta e confusa que se emprega as palavras.

Em quase todas as áreas da medicina, a língua é muito mal feita. Ela se alterou devido à falsa aplicação das palavras emprestadas das outras ciências e, também, a um certo jargão insignificante, que as crenças populares fizeram com que os práticos o adotassem.

Foram os gregos e os árabes que nos deram as primeiras ideias de medicina. Foi, sobretudo, em Hipócrates e em Galeno que os professores modernos buscaram a matéria de suas primeiras lições. As doenças, descritas pelos antigos, preservaram os nomes recebidos. As preparações, os instrumentos, os remédios, descobertos ou imaginados pelos árabes, nos foram passados com as palavras que seus inventores designaram. Quando os franceses começaram a saber escrever, o latim era a língua dos sábios. Nossos primeiros livros de medicina foram

escritos em latim. Falando francês, a medicina conservou seus radicais. A única mudança foi sua terminação. Além disso, a barbárie das escolas foi levada aos extremos: falava-se de uma maneira, ao mesmo tempo, afetada e burlesca, escrevia-se com um estilo obscuro e trivial, grosseiro e pomposo. Visto o estado dos espíritos e das coisas, como poderia nascer uma língua médica reconhecida pelo seu bom gosto e pela razão?

Vou dar um exemplo: a anatomia (mais cultivada por dissecadores do que por homens dignos em considerá-la sob seus verdadeiros pontos de vista) talvez seja, mais do que qualquer outra área da medicina, a mais obstruída e obscurecida pelo vício das palavras que altera, com o tempo, as próprias coisas. É inútil citar outras provas, elas são incontáveis. Esta triste verdade pode ser duvidosa somente para aqueles que não estão em condições de examiná-la. Algumas opiniões isoladas sobre a necessidade de se reformar a linguagem anatômica se encontram espalhadas em diferentes obras. Vicq-d'Azyr, morto no ano 2, vítima de seu ardor pelo trabalho e de seu zelo em ajudar os pobres, registrou em sua obra anatômica um discurso sobre o princípio que deve guiar esta reforma. Meu respeito pela memória de um homem que recebeu o mérito das ciências não me impedirá de observar que esta parte de seu trabalho é pouco digna do autor. Vicq-d'Azyr (como outros sábios e homens das letras) seguiu o método analítico, porque lá se empregava seus signos ou expressões. Entretanto, ao aplicar este método a novos objetos, é necessário apropriá-lo à natureza e ao caráter particular destes. Faz-se também necessário pesquisar e reconhecer as regras que devem dirigir seu emprego. Antes

de tudo, é preciso se defender da confusão de termos que este método se destina a banir.

Dois outros célebres anatomistas e fisiologistas publicaram planos com uma nova nomenclatura. Estes planos são dignos de seus autores. Eles foram inspirados por um verdadeiro espírito filosófico. Penso que devo fazer algumas observações sobre a própria matéria.

Uma língua é destinada a transmitir e traçar ideias ou imagens de todos os objetos que se oferecem a nossos sentidos. Estas ideias devem, primeiramente, ser claras e precisas. O primeiro vício das palavras de uma língua as torna confusas, vagas ou susceptíveis de vários sentidos. Em segundo lugar, as ideias devem ser encadeadas em uma ordem natural e em uma classe, de modo a se fazer sentir, distintamente e sem esforço, as relações que as ligam entre elas. O segundo vício de uma língua é quando suas palavras não foram formadas segundo o plano da própria formação das ideias, quando foram transportadas de um objeto a outro, quando foram modificadas ou combinadas sem regra fixa e quando o uso constante da regra não acaba com a incerteza em relação a suas transformações de sentido e não mostra, nas analogias ou nas relações gramaticais das palavras, as próprias transformações dos objetos. A terceira qualidade das ideias é de despertar e de se transmitir facilmente. O terceiro vício de uma língua é a dificuldade de se aprender e apreender. Enfim, esta pintura falada das nossas sensações, ou das ideias que elas fazem nascer dentro de nós, deve ser capaz de traduzir os diferentes caracteres destas mesmas ideias, através da harmonia, da cor, da elegância, da força e da vivacidade de expressão. Ela deve poder acompanhar todos os movimentos das ideias, fazer sentir todas suas nuances e se

dirigir, com o mesmo sucesso, em direção à razão, à imaginação e à sensibilidade. Não é somente o desejo de agradar, ou a necessidade de estar emocionado, que impõe esta última condição. A nitidez, a rapidez, a energia e a duração das impressões que a exigem. É somente por aí que o interesse e a atenção poderão ser sempre sustentados. As línguas, as que são totalmente exatas e brilhantes, agem sobre os homens, imprimindo-lhes uma atividade nova. Elas tornam-se, assim, a causa direta de muitas ideias que não teriam sido produzidas se não houvesse este novo gênero de impressões. Poderia se pensar que a língua das ciências deve se limitar à exatidão, à precisão e à clareza, pois estas qualidades são, sem dúvida, as mais essenciais. Entretanto, as ciências têm sua elegância e seu atrativo, como também sua eloquência. Elas têm sua maneira de sacudir a imaginação e, algumas vezes, sem saírem dos limites traçados por um gosto severo, elas podem tocar a sensibilidade do leitor.

Seria inútil explicar o que se deve entender por *palavra precisa*. Para tal, basta que esta palavra designe claramente um objeto determinado e que não possa, de forma alguma, despertar a ideia de um objeto diferente.

A necessidade de seguir a formação das línguas continua sendo reconhecida, hoje, pelos homens esclarecidos. Entretanto, penso que cometemos alguns erros a este respeito. Talvez não seja inútil procurar a causa disto.

O homem tem só uma maneira de proceder: ele vai sempre do conhecido ao desconhecido. Conforme a natureza dos objetos, este método parece seguir, às vezes, uma ordem inversa. Na formação de um grande número de ideias, a análise vai diretamente do simples ao composto.

Na formação de outras, a análise parte do composto para chegar ao simples. Assim, a análise natural partiu dos dados mais simples na formação primitiva de nossas ideias e de nossos sentimentos morais, no primeiro exame, na primeira classificação feita. Ela os combinou, os compôs, sem nunca chegar ao fim destas composições e combinações. No estudo dos objetos da natureza, queremos conhecer as semelhanças e as relações através das determinações de seus elementos. Na química, por exemplo, onde o objetivo é, primeiramente, de separar todas suas partes constitutivas, os objetos compostos são os primeiros que se oferecem aos nossos olhos. Os mais simples, por não podermos decompô-los, são sempre os últimos a serem conhecidos.

Assim, as primeiras ideias da moral e as primeiras palavras que ela emprega estão encerradas em si mesmas. Elas são menos susceptíveis de decomposição. Por exemplo, na primeira fase do estado social, a ideia de virtude era somente a ideia de força. O valor desta palavra não ia além de seu sentido direto. Pouco a pouco, a ideia de virtude incluiu a ideia de várias outras qualidades ou disposições. A significação da palavra se estendeu e se complicou cada vez mais.

Na química, ao contrário, os primeiros objetos de nossas pesquisas são os corpos mais compostos. À medida que fazemos novas descobertas, a análise resolve estes corpos em princípios elementares, cada vez mais simples. O grau desta simplificação poderia ser visto como a medida exata dos progressos da ciência.

Nestes dois exemplos, o homem sempre andou do *conhecido* para o *desconhecido*, mas nem sempre do *simples* para o *composto*.

Naturalmente, isto não nos leva a fazer algumas observações sobre a nova nomenclatura química? Tenho grande admiração por seus autores, cujos trabalhos deram um grande impulso e uma direção mais segura para as ciências naturais. E digo mais, meu apego especial por todos aqueles que ainda estão vivos não permite pensar, de forma alguma, que eu queira diminuir a importância do serviço que eles prestaram à reforma da língua mais bárbara e mais absurda. Como os verdadeiros sábios de todos os países se apressaram a adotar a nova nomenclatura e como seu uso oferece várias vantagens essenciais, não é mais necessário discutir sobre ela mesma. O que devemos discutir é a maneira como a cedemos, de forma talvez absoluta, ao modelo de várias outras reformas do mesmo gênero, exigidas em diversas áreas da ciência. Penso que algumas observações, sobre os princípios que conduziram seus autores, não podem parecer fora de propósito.

Na química, os verdadeiros radicais não são os corpos simples, mas sim, os compostos. São os primeiros conhecidos, os primeiros que recebem nomes. Com uma boa análise, os nomes dos outros não deviam ser tirados deles? A primeira palavra de uma boa linguagem química deveria ser aquela pela qual se expressa seu último resultado? Esta palavra não pode, então, ser o produto de opiniões hipotéticas? Neste caso, o sentido vicioso, pelo qual ela seria afetada, não deveria alterar o sentido de todas as outras palavras, às quais ele estaria associado, em novas combinações? Enfim, seria necessário criar uma nova língua, quando experiências mais extensas, ou mais precisas, desmoralizassem uma hipótese ou, simplesmente, diminuíssem os limites da ciência?

Vamos supor que Stahl, após seu Tratado sobre o Enxofre (mais um trabalho que prova sua habilidade na arte experimental e sua rara sagacidade na maneira de raciocinar de acordo com os fatos), tentasse reformar a língua bárbara da química. Sua confiança na exatidão dos trabalhos que acabava de executar, a admiração de um pequeno número de críticos competentes que ele tinha na Europa, a necessidade real de trazer para os signos dos objetos a mesma exatidão dada aos procedimentos das operações, tudo isto teria justificado tal empreendimento de sua parte. Ora, se nesta reforma ele não tivesse respeitado a ordem da formação das ideias, quer dizer, se ele tivesse se esquecido, na formação de suas palavras, de começar por aquelas dos corpos compostos, tais como se oferecem aos nossos olhos, tirando daí gradativamente as palavras dos produtos de sua decomposição, sua nova língua não teria durado mais tempo que seu sistema, sobre o qual ela teria sido fundada. Se, ao contrário, ele tivesse acompanhado a verdadeira marcha da natureza, talvez ele teria tornado inútil a reforma que se operou em nossos dias. Teria bastado acrescentar os nomes dos objetos, recentemente descobertos, àqueles que já eram conhecidos. Bastaria tirar estes novos nomes dos antigos, pelo menos quando a ordem de sua geração tivesse sido a mesma das ideias. Bastaria combiná-los em um encadeamento, segundo as relações sempre simples e naturais. Vê-se, então, que a nomenclatura teria tido a mesma coordenação que as ideias. Os novos signos seriam organizados, assim como as novas ideias, em um quadro traçado sobre o mesmo plano. Se, na classificação das ciências, um sábio método puder deixar sempre um lugar para as descobertas futuras, então, uma língua bem feita poderá oferecer

espaço para as palavras novas, exigidas por estas descobertas.

Quanto às reformas propostas pela língua anatômica, será que um nome deve ser a descrição, ou a definição, do objeto que ele expressa? Eu não penso assim. As palavras simples, cujo sentido é direto, são seguramente arbitrárias⁴⁹. Se sua aceitação for determinada com exatidão e se elas não forem desagradáveis aos ouvidos, pelos sons que a voz produz ao pronunciá-las, ou à imaginação, pelas ideias que elas fazem lembrar, então, pouco importa que elas tenham sido formadas segundo um sistema qualquer. É somente para as palavras compostas, ou para aquelas que têm um sentido figurado, que se deve ter mais cuidado em seguir as analogias naturais. Cuidado, também, em reproduzir as sensações pelas quais os próprios objetos se manifestam. Uma perna e um braço poderiam muito bem ser designados por duas outras palavras, se estivéssemos de acordo com a aceção destas palavras arbitrárias e se elas não pudessem nunca ter uma aceção diferente. A linguagem seria, mais ou menos, harmoniosa, elegante, mas seria sempre exata e clara. O acre e o doce que são qualidades simples, pelo menos em relação às impressões que deixam sobre nossos sentidos, poderiam ser designados, indiferentemente, por quaisquer outros termos. Não perderíamos nada para a precisão do sentido, nem para a facilidade da concepção e nem para a lembrança das ideias, através da operação da memória. Quando pronunciamos braço ou perna, não descrevemos e nem fazemos conhecer, através destas palavras, as propriedades dos objetos que elas traçam. Quando se diz acre ou doce, não estamos contando a história das substâncias ácidas e

⁴⁹ Está aí uma das maiores vantagens das línguas e, em geral, de todos os signos artificiais.

doces, nem mesmo a história das sensações que elas causam. Entretanto, se desviarmos o sentido destas palavras, aplicando-as a outros objetos, se quisermos combiná-las com outras palavras para expressar ideias complexas, então, não será mais possível tomar e seguir um caminho arbitrário. Se, por exemplo, aplicarmos a palavra braço para certas partes de uma pinça ou de uma poltrona; a palavra perna, para outras partes de uma mesa ou de uma armação; seremos forçados a seguir regras constantes de analogia, para sermos claros e, mesmo, para não nos ridicularizarmos. Se compusermos uma palavra para expressar uma sensação complexa, por exemplo, acre-doce, então, seremos forçados a respeitar outras regras fixas que são determinadas pelo caráter e objetivo da combinação das ideias e da composição das palavras.

Dito isto, percebe-se a dificuldade de alguns nomencladores em encerrar as qualidades de um objeto no nome que o designa. Sendo diferentes estas qualidades, segundo o ponto de vista sob o qual a consideramos, vê-se que os nomes podem ser infinitamente diversos. Caímos, assim, em outra arbitrariedade, privada de todas as vantagens da brevidade, da simplicidade e da unidade, pois um mesmo objeto exige tantas palavras diferentes que é preciso oferecer pontos de vistas para observação.

Voltemos com alguns exemplos. Uma das piores nomenclaturas é, sem dúvida, a da miologia, ou da descrição dos músculos. Foi pela sua reforma que se acreditou ter que começar a reforma da língua anatômica. A censura mais importante que se tem a lhe fazer não é de estar sobrecarregada com palavras, cuja origem é desconhecida para a maioria dos alunos; não é de não poder ajudar os alunos a aliviar a memória, em relação às

palavras derivadas de palavras primitivas (ou radicais) e a outras derivadas de palavras de sentido simples ou direto, cujo sentido é complexo ou figurado. A censura cai sobre o fato de ela querer representar as propriedades dos objetos, ou as circunstâncias que os caracterizam, na própria formação ou na associação das palavras.

Nada é mais variável, a este respeito, que o plano e a escolha das antigas nomenclaturas. Primeiramente, elas se limitaram à figura do músculo, como o trapézio, o esplênio, o complexo, o fâscia lata, o deltóide, etc. Em seguida, eles foram caracterizados por suas funções reais, ou presumidas, como o obturador, o flexor, o levantador, o esfíncter, etc. Algumas vezes, o músculo foi designado pelo lugar que ocupava, tais como: o ténar, os lombares, os espinhais, o crotafita, etc. Já, em outras vezes, a palavra se relacionava com a disposição de sua parte carnuda, como o digástrico. Enfim, o local, a quantidade ou a direção dos ligamentos, tudo isto forneceu o nome de vários deles. Foi nesta língua miológica que o pedantismo reuniu, com sucesso, todos seus esforços.

É preciso fazer justiça aos novos nomencladores. Todo este disparate desapareceu com seu sistema. Suas denominações são formadas em um plano único. O nome de cada músculo indica os pontos de seus ligamentos, pois eles se limitaram a este único caráter, dando mais unidade a sua língua. Entretanto, é possível considerar os músculos sob várias relações, a fim de conhecer melhor sua estrutura. Como eles têm ligamentos múltiplos, é preciso que o nome os expresse incompletamente, ou que ele seja composto de várias palavras, colocadas uma após a outra. Ora, neste último caso, torna-se pedante, até ridículo, fixá-los na memória. Seu uso passa a ser também incômodo.

Como já disse, uma palavra não é uma descrição, nem deve ser uma definição. Basta-lhe designar claramente, e sem equívoco, o objeto que ele lembra. Descrever este objeto e fazer conhecer suas qualidades ou suas funções não é nomeá-lo, mas sim, fazer sua história, demonstrar os elementos dos quais ele se compõe, traçar sua análise e oferecer seus resultados.

Penso que a importância da matéria deve perdoar estes detalhes, nos quais senti a necessidade de entrar. Sem dúvida, não me foi permitido tratá-la aqui com a extensão que ela merece. As observações acima farão entender que ideia eu tenho sobre as palavras, a língua bem feita e a reforma analítica das línguas. Era meu único interesse neste momento.

IX

Falsa aplicação das outras ciências na medicina. Hipóteses dos mecânicos e antigos químicos

É impossível não se lembrar de outra causa dos erros sistemáticos da medicina que já foi várias vezes assinalada. Erros que, ao tentarem simplificar a prática, tornaram a medicina mais prejudicial do que útil para os infortunados doentes. Quero falar da falsa aplicação das teorias gerais ou dos pensamentos próprios das outras ciências, que os médicos aplicaram na sua arte. Bacon, em seu tempo, já tinha observado este abuso e pressentido todas suas funestas consequências. Ele via este abuso como a causa de todos os desvios que cada novo sistema em voga arrastava a medicina. Foi também a este abuso que ele atribuiu os passos incertos desta ciência e os poucos frutos que ela

colheu das descobertas mais belas, feitas em outras ciências ou em outras artes, com as quais ela tem verdadeiras relações. É por isso que se deve começar a separar a medicina das ciências estranhas a ela mesma. É preciso que seus dogmas sejam tirados unicamente dos fatos que lhes são próprios, quer dizer, das observações e das experiências feitas sobre o corpo vivo, são ou doente. Se, um dia, pudermos aproximá-los dos dogmas pertencentes às outras ciências, isto deverá ser feito somente após tê-los verificado separadamente. Esta era a opinião de Bacon.

Já citei com estima, mas sem muito entusiasmo, Baglivi, um médico cheio de talento. Ele renovou esta ideia, em seus escritos e em suas aulas. Este trabalho lhe rendeu grande parte de seu sucesso. Se, algumas vezes, ele se perdeu, foi somente por não ter sido bastante fiel a este trabalho. Enfim, Barthez desenvolveu também esta ideia e a sustentou com todas as provas possíveis, em uma obra plena de grandes pensamentos médicos, filosóficos e eruditos.

Desde os tempos de Hipócrates, a medicina já se encontrava alterada pelos sistemas filosóficos e cosmogônicos. Hipócrates reconheceu, com muita sagacidade, os inconvenientes que resultavam desta mistura. Este observador assíduo viu, claramente, que a natureza não dá importância aos devaneios com que se pretende explicá-la e que a natureza viva, em particular, tem seu próprio movimento. Ele viu que é preciso estudar baseando-se nos fatos e não querer fazer adivinhações através de vãs conjecturas e cálculos. Ele atacou fortemente este abuso. O respeito pela verdade deve vir primeiro que o respeito pelos homens, não importa qual seja a sua genialidade e seus serviços. O respeito pela verdade não

nos permite dissimular mais de uma vez. Ele próprio cedeu a estas inclinações. No lugar de certas doutrinas, envelhecidas e desmentidas, Hipócrates introduziu doutrinas novas, mais próximas dos fatos, mas que continuavam sendo ainda puras hipóteses. É a ele que devemos o sistema dos elementos, que representa um papel tão grande nos escritos dos antigos, tanto quanto nos de seus modernos compiladores. Sistema que logo deu nascimento ao sistema da constituição fisiológica, organizado tal como estava em sua primeira classificação. Hipócrates foi ainda mais longe: ele indicou esta aplicação, feita mais metodicamente depois dele, nas qualidades dos humores principais e, mesmo, no caráter médico das estações, onde cada uma comporta o caráter de um dos elementos que passa a presidir uma qualidade dos humores.

O sistema de Galeno mais derrubou as opiniões dominantes, precedentes a ele, do que destacou a verdadeira medicina hipocrática. Seu autor desenvolveu, de modo clássico, diferentes pensamentos que se encontravam dispersos nas obras do médico de Cós ou nas obras que seus discípulos lhe atribuíram.

O leitor já sabe que este sistema reinou despoticamente nas escolas, durante vários séculos. Atacado pelos admiradores de Hipócrates, pelos químicos, pelos empíricos observadores, ele resistiu por muito tempo a estes golpes. A prática se ressentia ainda desta longa tirania. Nenhum homem, realmente esclarecido, ousaria se declarar sectário de Galeno.

Já vimos que Asclépio fundou sua medicina sobre a filosofia corpuscular. O temperamento dos Romanos era, de alguma forma, mais forte. Sendo assim, eles resistiram à

medicina de Asclépio como ele, anteriormente, tinha resistido à medicina de Catão, o censor.

Os metodistas substituíram Asclépio: nova teoria, novos planos de tratamento.

Os primeiros químicos tinham razão quando foram contra as escolas. Eles massacraram o galenismo com a ajuda do raciocínio e dos fatos. Eles descobriram vários grandes remédios. Com a ajuda destes, eles sabiam produzir milagres, quer dizer, poderosas curas e efeitos, até então desconhecidos. Estes mesmos remédios faziam também a fortuna dos charlatões que os manipulavam com mais audácia que os homens esclarecidos. Estes remédios matavam com frequência, mas curavam de vez em quando. Para eles, Isto já era o bastante. Paracelso, por meio do ópio e de diferentes preparações à base de mercúrio, tinha sempre a pose de um Deus que comandava a natureza.

Logo, o que acontecia nos balões e nos alambiques tornou-se, para estes ousados experimentadores, a imagem fiel do que se passava nos corpos vivos. As funções vitais e os movimentos orgânicos, de todos os tipos, eram somente fermentações, neutralizações e sublimações. Se o coração e as artérias têm a faculdade de se contrair, se os músculos têm a faculdade de mover os membros, todos os efeitos que se relacionavam a estas propriedades gerais se deviam às efervescências e às explosões especiais. A produção da inteligência era, para eles, uma verdadeira sublimação, onde o crânio representava o papel de uma tampa de alambique. Os ácidos e o álcali iriam determinar ou modificar a maior parte das funções orgânicas se fossem combatidos fortemente ou se fossem neutralizados de forma pacífica. O suco ácido do pâncreas, junto com a bile alcalina, completava a grande fermentação digestiva. A mistura do

ácido do quilo com os sais ou o enxofre do sangue produzia o calor animal, etc., etc..

Levado por estas repetições, devo evitar pelo menos a sua multiplicação. Terminarei, então, lembrando que um destes químicos, Tachénus, chegou ao cúmulo de dar, aos ácidos dispersos pelo corpo (que ele via como a causa de todas as doenças), a capacidade de julgar e escolher, entre o álcali, os alimentos ou remédios, qual deles seria mais apropriado para neutralizá-los.

Antes que a experiência racional pudesse dissipar lastimosas quimeras, a aplicação sistemática delas, no tratamento das doenças, já tinha feito muitos estragos. O espírito filosófico trabalha sobre a dúvida, ele anda a passos lentos. O espírito de convicção e de certeza, próprio dos entusiastas, é tão ágil quanto decisivo. As desordens e a infelicidade se multiplicavam a cada dia, os homens pareciam se perder cada vez mais. Entretanto, uma certa ousadia parecia sacudir as opiniões. Uma certa inquietação que, mesmo não conduzindo diretamente à verdade, estava pelo menos impedindo de seguir, por muito tempo, o caminho do erro. Pois então, esta ousadia e esta inquietação podiam ainda, no meio de tantos objetos entristecedores para o filósofo e para o verdadeiro médico observador, dar-lhes esperanças para o futuro. Isto não parece típico dos erros químicos introduzidos na medicina em diversas épocas? Eles quase sempre a esconderam, sem dúvida, mas nunca atrasaram realmente os progressos da medicina. A prática deve a suas tentativas, as mais arriscadas, vários remédios poderosos.

Durante o século XVII, a geometria e a álgebra foram cultivadas com muito ardor e sucesso. Pode-se dizer que elas se tornaram uma espécie de moda. Por volta da

metade do século XVIII, o entusiasmo pareceu se renovar. Fontenelle e Maupertuis contribuíram mais com suas conversas do que com suas obras. Maupertuis, com sua imaginação ardente e suas visões audaciosas e gigantescas, estimulava as imaginações ociosas, sempre ávidas por novas impressões. Fontenelle tinha uma visão mais fina, por sua maneira de simplificar os objetos mais complicados, de aproximar os mais distantes e de traduzir em linguagem vulgar as verdades mais afastadas das idéias recebidas. Ele fazia com que seus auditores e leitores entendessem e soubessem o que ele tinha a passar, de modo rápido, mas nítido.

Como já vimos, a filosofia de Descartes reinava quase que exclusivamente nesta época. Aplicando um novo instrumento às áreas importantes e difíceis da ciência da extensão, Descartes fez disso uma ciência completamente nova. Um novo cálculo, mais ousado em suas visões, mais potente em seus efeitos, parecia colocar realmente a geometria no topo das ciências. Acreditou-se que as fórmulas rigorosas eram um meio de provar todas as verdades.

Como os médicos poderiam ser simples espectadores diante deste entusiasmo geral? Eles viam a maioria dos grandes fenômenos da natureza serem submetidos ao cálculo. Para poderem ser capazes de aplicá-lo, não bastava que os fenômenos da natureza seguissem uma ordem regular? O surgimento, os retornos e as mudanças dos fenômenos não deviam oferecer pontos de vista constantes, sob os quais pudéssemos analisá-los sem problemas? As funções do sistema natural pareciam

apresentar estas características⁵⁰. A geometria e a álgebra lhas foram, então, aplicadas com confiança. Os médicos pensaram que a segurança do instrumento seria transmitida aos resultados.

A Europa dos sábios acreditou nisso e os resultados publicados, com tom de certeza, passaram muito tempo por oráculos.

Assim, Borelli, geômetra clássico da medicina, supôs que os alimentos, comprimidos pelos músculos do baixo ventre, do diafragma e das membranas do estômago, eram triturados ou moídos no estômago, durante a digestão. Com esta suposição, ele calculou a força que estes músculos empregavam para produzir este efeito. Ele viu que esta força era igual ao peso de 261.186 libras. Já Wrainwright a avaliou em 260.000, Fracassini em 117.088 libras e Pitcarn em 12.900. Ora, hoje está provado que a digestão é feita por outros meios, que não há trituração no estômago e que o movimento desta víscera, assim como nos intestinos, não é percebido no estado normal, mesmo após uma refeição copiosa.

Segundo Borelli, a força reunida dos dois ventrículos e das duas aurículas do coração é de 180.000 libras, Hales a calculou em 51 e Keil a reduziu a uma libra. Esta diferença gritante nos resultados do cálculo, que deveriam ser sempre os mesmos se os dados tivessem alguma precisão, demonstra a falsidade de todos eles.

Antes que as injeções de Swammerdam e de Ruisch tivessem mostrado as séries decrescentes dos vasos

⁵⁰ Sem dúvida, os fenômenos da vida podem, sob alguns pontos de vista, se submeter ao cálculo. Entretanto, estes pontos de vista são pouco importantes e seu exame mais profundo não lança nenhuma luz sobre os verdadeiros problemas fisiológicos e médicos.

condutores dos diferentes humores, a hidráulica, ainda pouco aperfeiçoada, representava somente um pequeno papel na medicina. Mas desde esta época, memorável por belas descobertas, os tubos, as válvulas e os êmbolos herdaram a nomenclatura médica. As leis do equilíbrio (aquelas dos atritos e das resistências), as modificações (trazidas pela ação das forças impulsivas), o número, o diâmetro ou a direção dos tubos ajudaram, como dados indispensáveis, na explicação dos fenômenos da vida. Quase todas as doutrinas adotaram várias destas explicações. Logo, a própria prática considerou o corpo humano como um conjunto sistemático de canais que se comunicavam entre si e nos quais se fazia circular, livre e facilmente, os humores.

Traçando este quadro, me vejo forçado a voltar a alguns assuntos já vistos pelo leitor. Sinto ainda a necessidade de abreviar estas repetições.

Seria necessário expor todas as consequências exageradas, mesmo ridículas, que as diferentes doutrinas dos solidistas modernos provocaram com algumas observações? É necessário lembrar que funções gerais, e muito essenciais, foram atribuídas a certos órgãos que, na realidade, eram somente secundários e limitados? E que importantes relações foram estabelecidas entre órgãos ou fenômenos que, na verdade, não tinham nenhuma relação entre si?

Estas opiniões incoerentes, desmentidas umas pelas outras, são o único fruto produzido pelas comunicações prematuras que o orgulho científico queria estabelecer entre a medicina e as outras ciências. O exame de todas as outras hipóteses, produzidas pelo mesmo espírito, oferece sempre o mesmo quadro.

Por quantos erros tivemos que nos lastimar! Erros que os práticos só viram depois que mataram tantas vítimas! As ciências que não têm sua aplicação diretamente ligada às nossas necessidades, ou aquelas cujas faltas podem ser facilmente remediadas, mesmo assim, os erros das suas teorias vão sempre chocar os bons homens que verão, em um único mau raciocínio, o princípio de falsas e perigosas consequências. O sistema do mundo de Ptolomeu revelou e prolongou a infância da astronomia, mas não tinha, na prática, nenhum efeito perigoso. Ele era suficiente para as operações usuais. A teoria do flogístico de Stahl não matou ninguém, que eu saiba, e mesmo os progressos da química não parecem ter sido atrasados por sua teoria.

Na medicina, não é a mesma coisa. A aplicação das regras traçadas é direta, assim, não se pode errar impunemente em sua escolha. O menor falso pensamento acarreta consequências e trata-se aí da vida dos homens. Quantas mortes cruéis e prematuras, quantas existências debilitadas e valetudinárias pagaram pelas loucuras dos teóricos! Estas loucuras são sempre sedutoras! O estudo de um sistema é mais fácil que o da natureza, na prática ele parece remover todas as dificuldades. A razão se repousa sobre princípios que ela acredita poder colocar no lugar da observação. Quando um assentimento se torna um tipo de símbolo para os homens fracos e imitadores e, conseqüentemente, a infelicidade se instaura e as vítimas perecem por causa desta falsa novidade, então, iremos procurar a razão deste infortúnio em circunstâncias frívolas. Ficamos até tentados em acusar as leis eternas, sem nos lembrar de que elas não podem nunca errar conosco.

X

A Medicina tende a hipóteses, pela própria natureza do objeto ao qual ela é aplicada

Duas questões se apresentam naturalmente ao espírito:

1ª) Como tantos homens esclarecidos, que sempre tinham os quadros de doenças e de tratamentos sob seus olhos, puderam ser seduzidos por ideias que podiam ser desmentidas a todo instante por estes mesmos quadros?

2ª) Como os autores das mais lastimosas teorias puderam ser, algumas vezes, sábios médicos e práticos bem-aventurados?

A primeira questão será fácil de ser respondida.

A natureza parece ter imprimido falsos traços de semelhança em suas diversas obras. Para falar mais claramente, podemos ver relações quiméricas entre estas obras. Podemos também descobrir relações reais, mas estranhas para o objetivo principal de nossas pesquisas. Mais os objetos são importantes, ou se distanciam de nossas primeiras noções, mais estas relações infieis os desfiguram diante de nossos olhos.

No meio desta imensa variedade de produções e fenômenos, nossa razão se apressa em classificá-los e procurar, entre eles, analogias que os aproximem. Ora, é impossível não encontrar características em comum, mesmo nos objetos que diferem essencialmente uns dos outros. Podemos encontrar estas características nos objetos que apresentam alguns traços de semelhança verdadeira, mas eles podem ser de pouca importância ou totalmente estranhos ao tipo de considerações pelas quais queremos reuni-los.

Os diferentes corpos, oferecidos à nossa observação, são regidos por leis próprias que nos servem para distingui-los e classificá-los.

Aqueles que não apresentam nenhum traço de organização e nenhum sinal de movimento automático determinado por sua estrutura são levados pelo movimento geral do universo e submetidos à lei comum das massas. Lei que parece agir sozinha sobre eles.

Outros corpos também inertes aparentemente se encontram, entretanto, reunidos em uma ordem regular. A ciência os leva ao cálculo e a arte, por sua vez, imita e reproduz. Temos, como exemplo, os cristais, os sais e muitas outras substâncias minerais. Neste estado dos corpos, que pode ser considerado como um segundo grau de existência, as leis particulares que os regem lhes imprimem caracteres distintos e constantes.

Sobre esta terra que habitamos, incontáveis famílias de vegetais, cujo aspecto encanta nossos olhos, nos fornecem moradia, alimento, roupas, meios rápidos para empregar o fogo e, através dele, nos concedem inúmeros e novos prazeres. Examinados com cuidado, suas formas e propriedades os distinguem, mas certas qualidades comuns e certos modos de existência os unem. As descrições, que expressam estas qualidades e estes modos de existir, formam o caráter do que denominamos reino vegetal. Terceiro grau da existência.

Uma organização quase perfeita e uma sensibilidade quase especial distinguem os animais entre si, mas todos sentem e todos são organizados para sentir, como convém a seu destino. Uns permanecem fixados no lugar que o acaso lhes atribuiu. Eles têm somente uma vida vegetativa.

Outros receberam o movimento progressivo. Eles podem desdobrar suas atividades e satisfazer suas necessidades em diferentes pontos da terra ou das águas. Podemos dizer que eles são, de alguma forma, mais animais que os outros, pois só esta circunstância já multiplica seus apetites e os meios de satisfazê-los.

Todos estes seres, tão diversos, são dotados de uma faculdade em comum que pode se tornar mais especial se for exercida por órgãos menos rudimentares. Esta faculdade pode também se estender, à medida que os apetites da espécie, ou do indivíduo, se dirigirem para mais objetos. Esta mesma faculdade estabelece uma relação geral entre todos os seres sensíveis. Entretanto, ela os separa de todos os seres que não sentem, através de uma linha de demarcação bem distinta.

Está aqui o quarto e último grau da existência, pelo menos para nós que não vemos e, conseqüentemente, não podemos imaginar nenhum sistema de organização mais complicado, donde possam nascer qualidades novas. Assim, somos levados a emprestar as qualidades dos seres, conhecidos pela observação, aos seres que nossa imaginação pode pintar. Seres jogados em outros mundos, semelhantes ao nosso, ou espalhados, como uma força vivificante, na imensidão do universo.

A estas diferentes classes de leis que regem todos os seres, dos quais o homem tem conhecimento, é preciso acrescentar as leis da decomposição dos corpos, que a natureza opera, ou que a arte imita ou inventa os meios de produzi-la. Leis que, sem dúvida, englobam todas aquelas que podem, em suas modificações variadas e em suas novas combinações, acompanhar os resultados ou os novos seres obtidos por esta decomposição.

Os seres e as propriedades que se desenvolvem nestes últimos fenômenos, de acordo com o movimento eterno dos corpos, poderiam se encontrar em um dos quatro graus precedentes. Esperamos, um dia, poder relacioná-los a estes graus. Para isso, várias questões importantes deverão ter sido resolvidas e, talvez, alguma grande descoberta deverá nos fornecer novos meios para a análise química, antes que os fenômenos da combinação e da decomposição dos corpos possam ser levados para as leis da física geral.

Assim, da matéria morta até a matéria viva; da massa inerte, que dorme no seio da terra, até o ser que sente e que se torna capaz de ter afecções e pensamentos; tudo isso se liga e se encadeia. Entretanto, linhas de separação parecem ter sido traçadas pela própria natureza e o método, ao fixá-las, empregou distinções reais. Podemos perceber estas distinções entre um grande número de objetos que elas separam, sobretudo, entre os mais importantes.

É preciso perceber que as leis que caracterizam cada classe se encontram, também, na classe que lhe é anterior ou posterior. Assim, as substâncias cristalizáveis nos oferecem fenômenos que lhes são próprios e que são absolutamente distintos dos fenômenos das massas confusas. Ao mesmo tempo, elas estão submetidas às leis da física geral, devido às suas propriedades de corpos alongados, pesados, etc.. Devido a alguns fenômenos, os vegetais parecem, por sua vez, estar ligados à classe das substâncias cristalizáveis. Por outro lado, eles se aproximam dos seres sensíveis e vivos. Estes, por sua vez, aproximando-se gradativamente dos mais perfeitos de sua própria classe, se confundem, através de suas espécies inferiores, com algumas espécies da classe dos vegetais.

Na classe dos animais e, sobretudo, na espécie humana que anda por seus próprios pés, podemos observar séries de fatos comuns a todas as outras classes.

Alguns fenômenos do sistema animal pertencem, pelo menos sob alguns pontos de vista, à simples mecânica. Outros são uma consequência direta da estrutura dos órgãos e de suas relações mútuas. Daí, resultam leis às quais está submetido o curso dos fluidos em qualquer aparelho de canais. Uns são puramente químicos, outros se devem exclusivamente à ação da sensibilidade.

No movimento progressivo, e em todos os esforços que o produzem, o poder dos músculos é exercido da mesma maneira que as alavancas, segundo as mesmas leis. Sua ação é avaliada como a ação de toda força motriz, sempre que as circunstâncias desta ação, a natureza da resistência e o peso do corpo forem bem conhecidos. A formação dos ossos e de algumas concreções doentias parecem se relacionar à cristalização, considerando esta palavra em seu sentido mais geral e amplo.

Não foi à toa que os observadores, mais atentos, deram o nome de vegetação carnuda à germinação de certas partes animais, desprovidas de sensibilidade. Aquelas que parecem nascer e se desenvolver nos corpos vivos, como as plantas parasitas. Viu-se mesmo, como uma espécie de vegetação, a formação e a própria existência do animal no ventre de sua mãe, onde ele vive dos sucos bombeados por suas raízes ou pelos vasos venosos da placenta, antes que necessidades mais amplas e mais variadas tenham desenvolvido seus apetites, seus gostos e seus interesses. Poderíamos dizer que ele só se torna realmente animal quando sente desejos distintamente percebidos e está pronto para combinar as sensações que

dependem destes desejos ou dos meios de satisfazê-los. Também, quando julga, escolhe e concebe vontades. Até aí, toda sua existência se limita ao instinto, que necessita da aplicação dos sucos nutritivos. Embora, eu tenha me alongado por muito tempo nestas analogias, não foi totalmente sem propósito. Pude fazer algumas conjecturas sobre este primeiro estado dos corpos animados que se aproxima do estado constante dos vegetais.

Enfim, certas decomposições que se operam diariamente no sistema animal; a produção ou formação de certos fluidos aeriformes; a neutralização de certas substâncias e as efervescências que a acompanham; a maneira pela qual se comportam os alimentos ou os remédios diversamente associados; penso que todos estes fenômenos pertencem realmente à química. Embora, eles não aconteçam somente no estômago, no canal intestinal ou em certas partes que recebem, naturalmente ou acidentalmente, somente uma pequena influência vital, os fenômenos não puderam fornecer uma base sólida aos dogmas de uma medicina química, mas sim entrar como elementos nas combinações dos práticos.

Estas observações respondem à primeira questão que nos fizemos. Os caracteres diversos, misturados com a maioria dos fenômenos do sistema animal, bastam para explicar, talvez desculpar, tantas hipóteses que podem sempre invocar, a seu favor, o testemunho de alguns fatos⁵¹. Os homens não se perderam tão frequentemente, e de forma tão funesta, que não puderam colorir seus erros com certos motivos plausíveis. Normalmente, as opiniões mais absurdas devem sua origem ao abuso de algumas

⁵¹ Era isto que devia ser dito aos antigos: o corpo humano é um pequeno mundo que apresenta, de alguma maneira, amostras ou modelos de tudo o que acontece no grande mundo.

observações incontestáveis. Os erros mais grosseiros são o resultado de certas verdades reconhecidas, às quais se dá uma extensão forçada, ou das quais se faz uma má aplicação.

A segunda questão consiste em saber como é possível que teóricos tão insensatos tenham sido sábios práticos. A resposta pode ser tirada da natureza dos objetos, que a medicina abraça, e da maneira de proceder mais familiar para o homem. Talvez, este fenômeno singular se deva a hábitos filosóficos que os médicos mais sensatos são, por assim dizer, forçados a adquirir na prática de sua arte. Hábitos que podem, também, ser observados em homens medíocres.

Como seria possível considerar a natureza viva, sob todos os aspectos; assistir à produção de tantos fenômenos; acompanhar a existência do ser físico e moral, em suas passagens da saúde à doença e da doença à saúde, da vida à morte; como tudo isso seria possível sem se ter ideias mais justas sobre o homem, suas faculdades, o emprego destas e do verdadeiro objetivo de sua existência? Analisando todos os traços que caracterizam seus diversos estados, muitas observações impediram que preconceitos surgissem. Quantos objetos interessantes foram oferecidos à curiosidade! A contemplação destes objetos a excita e a regula ao mesmo tempo. Somente quadros que desvelam os homens e as coisas, mesmo aos olhos menos penetrantes!

Primeiramente, toda doença reduzida a um problema (do qual se procura uma solução), ou a um enigma (do qual se procura a palavra), encerra nela mesma os dados de seu tratamento. Estes dados estão no caráter, no número e na influência recíproca de seus fenômenos. Desde então, para

ser mais seguro, mais fácil e mais rápido, este tratamento deve estar relacionado, com exatidão, a estes fenômenos. Porém, não podemos acreditar que existe somente um método que possa curar⁵². Existe realmente, em cada caso, um método melhor que todos os outros. O talento do verdadeiro médico consiste em se aproximar dele, tanto quanto a natureza das coisas e nossa inteligência permitirem. Entretanto, métodos diferentes, ou mesmo contrários, podem nos conduzir ao mesmo objetivo: a cura. Como é quase sempre impossível avaliar os perigos do método que se seguiu, com êxito, o médico e o doente são persuadidos a pensar que ele é o mais perfeito. Já disse que não há, nesta maneira de sentir e de concluir, tantos inconvenientes quanto se poderia imaginar.

Em segundo lugar, embora guiados por teorias ruins, alguns práticos hábeis tiveram, como Sydenham, a sabedoria de não fazer nenhuma aplicação arriscada. Eles não saíram se apoiando cegamente nelas, depois que lhes tinham sido fornecidas. Em seus tratamentos, eles evitaram olhá-las como regras seguras para os novos casos. Sendo assim, seus erros sistemáticos não tinham, para eles, quase nenhuma má consequência prática.

De fato, pode-se dizer que a diferença é quase nula entre o empírico racional, que não se afasta dos raciocínios imediatos tirados da observação, e o teórico, que aplica sua teoria somente em fenômenos idênticos àqueles que sua análise fundou. Um e outro, em circunstâncias semelhantes, tomariam o mesmo partido, quer dizer, tomariam o partido de que a experiência lhes fez reconhecer como útil. Se os tratamentos diferem não é por

⁵² Veja a obra intitulada *O grau de certeza da Medicina*.

causa da teoria adotada por um dos dois médicos e rejeitada pelo outro, é somente por causa da diversidade dos métodos curativos que conduziram suas experiências. Assim, os erros do teórico, que permaneceria dentro dos seus limites, seriam erros somente para as pessoas que os quiseram adotar. Estas mesmas pessoas, não tendo os mesmos quadros em sua memória, como poderiam estreitar a aplicação dos princípios (que são o fundamento) em seus limites exatos? Os sectários, mais do que os próprios inventores, não estão sempre mais dispostos a levar as idéias sistemáticas até o extremo e até as mais loucas consequências? Junto com os seus amigos íntimos, Leibnitz zombava dos mônadas e da harmonia preestabelecida. Wolff estava longe de rir disso. Stahl zombava, livremente, das aplicações indiscretas que vários de seus discípulos faziam de seu sistema. Ele os admirava por serem mais stahlianos que ele próprio. Para eles, nada lhes era mais penoso que as zombarias de seu mestre. A fé destes discípulos não era de forma alguma abalada, mas eles se esforçavam a esconder as zombarias de Stahl, como os filhos de Noé ao tentarem ocultar sua nudez.

XI

A aplicação de uma filosofia mais rigorosa para a medicina fez com que ela se privasse das verdadeiras riquezas?

Este é o ponto em que a medicina filosófica chegou. Ela derrubou a maioria das teorias e ridicularizou as outras. As observações, ou os fatos relativos a cada ramo da arte, são quase tudo o que sobrou desta espécie de naufrágio universal.

Reduzindo a medicina a esta certeza, aparentemente tão limitada, não teriam os métodos filosóficos atacado a própria ciência? Não teriam eles censurado por orgulho, rejeitado por desdém e destruído por repugnância? Esta grande revolução, como a maioria daquelas que a precederam, não estaria ligada unicamente ao desejo do novo, à triste necessidade de negar os trabalhos de nossos predecessores e a esta atividade turbulenta que leva alguns homens a começar tudo de novo sobre novos planos?

Primeiramente, seria uma ideia simplória olhar a revisão da ciência como um ataque dirigido contra ela mesma, e a rejeição das hipóteses como uma negação de todo o princípio. As visões gerais devem ser deduzidas dos fatos. Se elas decorrerem realmente dos fatos, então, nós as perceberemos tão bem quanto aqueles que as deduziram e estaremos, assim, mais certos de sua exatidão. Sendo assim, nenhum interesse particular nos ligará mais a uma do que a outra e, também, estaremos mais dispostos a receber as visões, ainda desconhecidas, com o mesmo zelo que recebemos aquelas transmitidas pelos antigos. Hoje, os sábios defendem esta opinião, não com o intuito de serem reconhecidos, mas sim para fazer prova de um bom espírito, procurando sinceramente a verdade e reconhecendo seus erros. Chegar a este ponto significa ter dado um grande passo.

Ocupados em multiplicar os conhecimentos reais e, sobretudo, contestá-los, os verdadeiros filósofos são, antecipadamente e perfeitamente, indiferentes aos resultados de suas pesquisas. Que estes resultados estejam, ou não, de acordo com qualquer opinião recebida, o que importa? A única questão para os filósofos é assegurar que eles sejam exatos. Esta disposição de espírito é ainda

fortalecida pelo caráter dos métodos atuais que estão longe de aguçar a vaidade. Cada vez mais, a maioria dos seus trabalhos, com os quais a sociedade consegue mais glória e frutos, leva a procedimentos mecânicos, se pudermos nos expressar dessa maneira.

Descarte, ao propor a reforma das ideias, exigia, como condição preliminar, que todas as ideias já tidas fossem consideradas como nunca existentes. Ele queria que um novo exame fizesse reconhecer a solidez dessa reforma. Os homens mais fracos ficaram assustados com este plano de reforma, pois acreditavam que se tratava de desestabilizar a base das certezas humanas. Como foram inúteis estas inquietações! Como se a discussão pudesse ser temida por outra coisa que não fosse o erro! Como se a verdade não saísse sempre desta luta mais pura e mais brilhante! São somente os exames incompletos que confundem as ideias, que fazem com que o espírito flutue entre o dogmatismo e ceticismo. A boa análise nos desvia de várias pesquisas inúteis. Sob sua luz, não temos problema em reconhecer quais são os objetos que nos é para sempre impossível esclarecer. Entretanto, ela dá mais evidência a todas as verdades. Ela nos une mais fortemente a estas verdades. Somente ela nos indica os meios para fazer e verificar todas as descobertas que nos são reservadas para o futuro.

Ocorre o mesmo com a medicina como para os outros objetos de nossos estudos. Repetindo o exame dos fatos e das opiniões, não somente não nos arriscamos em perder alguma das verdades descobertas, mas também descobrimos muitas outras que estão encerradas nas observações, que nem mesmo desconfiávamos. As reais riquezas das ciências se encontram nas verdades constantes e reconhecidas, e não no aparelho dos sistemas. Elas são

medidas pela exatidão e não pelo número ou pela aparente grandeza das ideias. Mesmo quando os métodos de exame são perfeitamente seguros, deve-se reiterar inúmeras vezes sua aplicação aos mesmos objetos. É assim que os conhecimentos se apuram cada vez mais. Sem dúvida, nada seria mais vantajoso do que fazer, de tempos em tempos, uma severa revisão dos conhecimentos, mesmo que não nos dessem nenhum motivo de incerteza.

XII

O que resta fazer para a reforma da medicina?

Como deve ser feita, na medicina, esta revisão de nossos conhecimentos? (Ela é supostamente feita no momento em que as hipóteses se encontram afastadas e sem retorno) Ou melhor, como reorganizar este monte de observações e de experiências que foram sucessivamente o centro de união ou ponto de apoio e que permanecem esparsas e sem ligação em comum?

Todas as ciências de observação se compõem de fatos. Cada uma delas existe no conjunto dos fatos que lhe são próprios. A indústria humana os observa, os constata e, algumas vezes, os produz artificialmente. O raciocínio os encadeia, conforme a ordem na qual os fatos se manifestam, ou conforme a ordem que pareça melhor para indicar as relações. Ele os classifica, os aproxima ou os coloca em oposição. Ele fixa as relações gerais ou particulares, em razão de sua importância direta, ou da importância dos resultados que estas relações acarretam, e das visões posteriores que os resultados indicam.

Estes são os passos que devem ser dados, quando seguimos em uma boa estrada, e esta é a estrada que devemos nos esforçar sempre em seguir. A parte teórica de uma ciência deve, então, ser o simples enunciado do encadeamento, da classificação e das relações de todos os fatos que compõem a ciência. Ela deve ser a sua expressão sumária. Se a teoria não respeitar estes limites estreitos, não serão mais quadros metódicos de objetos reais que ela apresentará, mas sim, conjuntos de resultados estranhos aos fatos, fantasmas que ela produzirá.

Quando olhamos todos os fatos da medicina, que os séculos recolheram, o espírito se encontra perdido em sua quantidade e em sua diversidade. O que fazer então? O que faz um homem que se coloca ao lado de um monte de objetos misturados? Encarrega-se de distingui-los e classificá-los, indicando, na própria ordem de distribuição, as relações que podem ser observadas entre eles.

Primeiramente, este homem se deterá nas grandes diferenças, naquelas que são mais incontestáveis, mas ao mesmo tempo, mais fáceis de compreender. Ele vai tirar seus primeiros meios de divisão. Em seguida, ele voltará a cada uma das classes gerais. Considerando, com mais atenção, os objetos que elas encerram, ele reconhecerá as diferenças menos gritantes, entretanto especiais, que lhe servirão para traçar divisões secundárias. Assim, pouco a pouco, ele vai classificando, dividindo e subdividindo, até que todos os objetos tenham encontrado o lugar que melhor lhes convém.

É preciso observar que este lugar pode ser muito diferente, segundo a natureza da meta que é proposta na classificação. Os objetos não são considerados sob o mesmo ponto de vista em todas as ciências. Em cada uma

delas, eles podem ter, ou têm efetivamente entre eles, relações específicas e particulares. Embora o método geral das classificações seja sempre o mesmo, cada classificação pode e deve oferecer diferenças na ordem e no encadeamento dos objetos.

Dar conta desta ordem e deste encadeamento; expor e desenvolver os motivos; mostrar todas as relações dos objetos ou dos fatos, organizados em um quadro; tirar destas relações, todas as consequências que podem ser deduzidas imediatamente; eis o que os melhores pensadores fizeram em algumas áreas do conhecimento humano. Eis o que resta a ser feito na medicina. Assim, a ciência ou, pelo menos, as obras destinadas a apresentar o seu quadro mais fiel se reduziriam, por um lado, a coletâneas de observações completas e bem ordenadas. Por outro lado, elas se reduziriam a curtas exposições teóricas, onde se consideraria:

1º) com que espírito estas coletâneas são e devem ser formadas,

2º) os resultados mais diretos que podem ser tirados destas diferentes observações.

Pringle dizia que a medicina era uma ciência onde se raciocinava muito, com base em poucos fatos. Para ele, era necessário, no futuro, se fazer o contrário: raciocinar menos, com base em muitos fatos. Na maneira de “elementar” a arte de curar, o desejo deste empírico seria satisfeito. Não seriam mais necessários os sistemas ilusórios e nem as visões hipotéticas. As idéias teóricas, que não são a consequência evidente e incontestável das observações e das experiências, poderiam se sustentar ao lado do quadro racional destas experiências e observações?

Não seria também uma forma de trazer a paz e estabelecê-la solidamente entre as duas grandes doutrinas que dividem a medicina desde seu nascimento, ou seja, os dogmáticos e os empíricos? Os homens mais sábios, de cada partido, não encontrariam nestes quadros tudo o que eles concordam em ter em um bom sistema e nada do que eles reprovam mutuamente?

Que não se diga que isto significaria cortar as asas do gênio e reduzi-lo ao emprego servil de copista ou de fazedor de tabelas áridas! Primeiramente, eu me pergunto se, nas ciências que demandam antes de tudo atenção e exatidão, é tão necessário dar asas ao gênio. Ou como diz Bacon (difícil acusá-lo de tímido), que seria melhor pôr chumbo nos seus pés.

Além disso, o gênio e o zelo terão ainda com o que se exercer nesta grande reforma... para nossa tranquilidade. A carreira que se abre diante deles é inteiramente nova e, por assim dizer, ilimitada. Não seria bom dar falsos passos, realmente perigosos. Hoje, vinte e cinco ou trinta anos seriam suficientes para verificar todas as observações (exceto aquelas que se relacionam às constituições epidêmicas). O mesmo espaço de tempo bastaria para repetir todas as experiências e contestar seus resultados.

Terminado este primeiro trabalho, teríamos somente que aperfeiçoar os métodos práticos. Eles já teriam recebido importantes melhorias das observações e das próprias experiências. Com a ajuda do tempo, o espírito filosófico lhes daria toda a segurança que eles precisam. Todos os problemas seriam, enfim, resolvidos. A medicina se encontraria no nível das outras ciências, devido à sua certeza e à alta importância dos diferentes objetivos que ela deve se propor.

XIII

Exposição mais detalhada dos procedimentos da análise filosófica aplicada à medicina

A maneira de aplicar a análise filosófica a objetos ligados à medicina, tão numerosos e variados, não é suficientemente explicada por esta indicação geral. É necessário ainda entrar em alguns detalhes.

Em qualquer objeto que ela seja aplicada, a análise é no fundo sempre a mesma. Entretanto, podemos considerar os objetos sob diferentes ângulos e, conseqüentemente, procurar relações de diferentes gêneros. Assim, os procedimentos, pelos quais reconhecemos estas relações, oferecem certas diferenças relativas à natureza das pesquisas, ao objetivo que se propõe e ao caráter das ideias nascentes. Então, por exemplo, podemos olhar um corpo sob o simples ponto de vista de sua grandeza, de sua forma, das relações de suas partes, de sua situação em relação a um ou vários outros corpos, das semelhanças ou diferenças que a natureza aplicou entre estes corpos. O que faz então a análise? Ela *descreve* com exatidão este corpo, lhe indica o lugar que ocupa em relação àqueles que consideramos estarem juntos dele. A isto damos o nome de *análise descritiva*.

Se as pesquisas não se limitam às qualidades externas e a estas relações de situação; se quisermos conhecer os elementos que compõem um corpo, quer dizer, as partes da matéria cuja íntima combinação o constitui; se separarmos estas diversas partes para examinar a natureza de cada uma, ou pelos menos os caracteres que nos são

manifestados; então, o resultado da análise não será mais uma simples descrição deste corpo. Para estudá-lo sob este ponto de vista, é necessário decompô-lo. Se chegarmos a recompô-lo, combinando novamente suas partes constitutivas, a análise será perfeita. É por isto que os químicos modernos fizeram tantas maravilhas. Foi esta análise que garantiu a glória de seus trabalhos. Podemos chamá-la de análise de *decomposição e recomposição*.

Porém, os objetos de nossas pesquisas nem sempre se oferecem simultaneamente ao nosso olhar. Nem sempre são corpos capazes de serem fixados sob nossos olhos, mas sim, fenômenos que se sucedem, podendo ser independentes entre si, ou se encadeiam em uma ordem compreendida através da observação. Algumas vezes, quando se analisa certos corpos, o observador estudará as mudanças que eles sofreram. Ele terá a necessidade, então, de traçar o quadro das mudanças anteriores. No estudo destes fenômenos, queremos descobrir se existe alguma relação entre eles ou verificar se não há nenhuma. No quadro destas mudanças, ele procura reconhecer todas as propriedades que a natureza dotou os corpos. Quando as observações e as experiências necessárias para completar um trabalho são realmente reunidas, temos como resultado histórias bem argumentadas. Daí se sucede os fatos relativos aos objetos de nossas pesquisas, que se desenvolverão em uma ordem natural. Nós a denominaremos *análise histórica*.

Enfim, não devemos considerar os objetos em si, mas as ideias que foram desenvolvidas. Elas podem surgir em nosso cérebro como sensações imediatas. Em outras palavras, após ter percebido distintamente estas sensações, devemos compará-las, determinar suas relações, reconhecer

quais são as novas ideias que cada uma traz e deduzir, assim, longas séries de verdades que nascem umas das outras.

Penso que não são mais os objetos diretos e materiais de nossas sensações que se tornam o sujeito de nossas pesquisas. Nós operamos sobre os produtos de nosso entendimento, ou melhor, sobre seus signos. Este é o único meio pelo qual podemos representá-los e submetê-los ao exame. Quando os signos são bem feitos, expressam e circunscvem com precisão as ideias, podemos sempre confirmar se cada uma destas abarca uma ou várias outras ideias. Seguimos, sem problema, a ordem de seu encadeamento. Vamos, de consequência em consequência, com total certeza. Também podemos, a cada instante, tornar perceptível a demonstração de todos os resultados. Este conjunto de operações de nossa inteligência pode ser chamado de *análise dedutiva*.

Dissemos que o método filosófico é sempre o mesmo nestas diferentes aplicações. Seria fácil nos convenceremos disso, ao fazermos um exame mais atento e detalhado.

Condillac, querendo dar uma ideia clara do que ele entende por análise, imagina um homem chegando a uma casa de campo, da qual ele não conhece as imediações. No dia seguinte, ele abre as janelas e descobre, de repente, um belo campo, cujo aspecto lhe apresenta vários pontos de vista variados. Logo, as janelas se fecham e ele se encontra mergulhado em uma escuridão absoluta. Ele registrou, com um breve olhar, todo este campo tão rico e brilhante. Será que ele teria, em sua mente, um quadro fiel do que viu? Claro que não. Porém, se a janela se abrir novamente e permanecer aberta por um certo tempo, então, nosso contemplador recomeçará o exame desta paisagem. Após

receber a primeira impressão do conjunto, seu olho distinguirá as partes, as examinará separadamente, as comparará, tentará fixar suas relações, em seguida, as reunirá novamente e, enfim, ele poderá recompor totalmente este quadro. Sem esta espécie de dissecação, ele teria somente uma ideia vaga deste campo. Nestas operações sucessivas, que têm como objetivo e resultado a exata descrição da paisagem, podemos perceber:

- a decomposição e recomposição do objeto;
- as deduções de ideias e consequências tiradas destas deduções, através dos julgamentos feitos sobre a relação das diversas partes;
- através de um exame mais longo da paisagem (para que cada uma das partes seja iluminada de várias maneiras diferentes pelo sol), uma sequência de mudanças ou de fenômenos relativos a seu estado externo.

Este último ponto não parece pertencer à *análise histórica*?

As análises, histórica e dedutiva, não oferecem (cada uma em sua operação) circunstâncias perfeitamente análogas, ou mesmo semelhantes, àquelas que são particularmente próprias a todas outras espécies de análise? Na análise dedutiva se encontram também descrições de objetos, decomposições e recomposições de ideias e, também, operações de resultados que podem ser fornecidos somente pela *análise histórica*. Esta última apresenta, por sua vez, descrições e deduções e, além disso, decompõe e recompõe os objetos, ou os fenômenos e mudanças, que ela tem por objetivo encadear em sua ordem natural e traçar em seus fiéis quadros.

Em sua obra, Condillac apresenta de outra forma os procedimentos da análise. Um homem quer estudar a estrutura de uma máquina, por exemplo, um relógio. O que ele deve fazer? O mais certo, como o mais simples de todos os meios, seria desmontar peça por peça, observar bem a forma e as partes especiais da engrenagem, em seguida, recolocar estas diferentes peças em seu lugar certo, após ter conhecido suficientemente seus pontos de união, ou de contato, e ter determinado suas relações mútuas. Quando se faz, cuidadosamente, todas estas operações para se ter na mente a imagem nítida do conjunto da máquina, e de cada parte, conhece-se realmente toda sua estrutura e pode-se, assim, apreciar e mesmo predizer os seus movimentos.

O leitor verá que este caso se assemelha à análise dos químicos – a análise de *decomposição e recomposição*. Trata-se, na verdade, somente de engrenagens e peças mecânicas, e não dos elementos íntimos das partes integrantes e constitutivas. Mas quem não vê que os elementos de uma máquina são as peças que a tornam capaz, graças a sua estrutura e união, de produzir uma certa sequência de movimentos? As verdadeiras engrenagens de um corpo quimicamente considerado, ou melhor, as causas que determinam suas propriedades específicas e produzem os diversos fenômenos que o corpo pode oferecer, quando está em contato com outros corpos, são os elementos que entram em sua composição, em suas partes constitutivas ou nos corpos simples que são descobertos através de sua análise.

Enfim, em vários de seus livros e, principalmente, na linguagem dos cálculos, Condillac estabelece que a *análise* é somente uma sequência de traduções, de ideias ou

propostas, sobre as quais se desenvolvem nossas pesquisas. Estas traduções nos fazem passar de *identidade* em *identidade*. Quando fazemos uma descoberta, nós a tiramos necessariamente daquelas que já foram feitas. O que ignoramos está encerrado no que já sabemos. Segundo Condillac, a identidade perfeita das propostas, ou das ideias, se conserva em cada tradução e permanecerá a mesma, tanto na última tradução quanto na primeira. Este pensador, tão conseqüente, tem como princípio que o *desconhecido* e o *conhecido* são uma única e mesma coisa. Sem dúvida, este resultado é extraordinário.

Esta última análise é aquela que chamamos de *dedução*. Seu método deve se encontrar e se manifestar em toda a língua. A linguagem só será bem feita quando este método presidir sua formação. Ela só terá um uso seguro, na busca da verdade, quando o método direcionar seu emprego. A análise algébrica é somente uma aplicação particular da língua, mas os seus signos e a sua sintaxe são tão perfeitos e as operações executadas são tão seguras que o método encara os objetos somente sob um único ponto de vista muito simples. Ele considera somente um único gênero de relações, cujos elementos são invariavelmente determinados. Segundo a maneira pela qual Condillac se expressa a este respeito, na língua dos cálculos, pode-se pensar que ele tenha reduzido todo o artifício do raciocínio à *análise dedutiva*, quer dizer, a esta forma especial de raciocínio que os antigos “lógicos” denominavam *sorites*. Se coubesse entrar aqui no exame dos seus motivos, não seria difícil provar que sua opinião está longe de ser desprovida de fundamento.

XIV

Aplicação das quatro espécies de análise nos diferentes objetos dos trabalhos da medicina

Temos uma *análise descritiva* quando procuramos, por exemplo, determinar ou traçar um vegetal, através das formas de sua haste, de suas folhas, de suas flores, de suas sementes, de suas raízes e, também, a grandeza e a situação respectivas de suas partes, a cor de cada uma delas, enfim, todas as circunstâncias externas que o caracterizam. A união de várias destas análises e a comparação dos diferentes vegetais, cujas características são estabelecidas por estas análises, nos fazem descobrir relações entre eles, em virtude das quais podemos organizá-los e classificá-los em uma ordem mais do que em outra. Daí resulta um quadro metódico onde todos os indivíduos, que se encontram nele, recebem uma existência comum e se inscrevem juntos na memória, servindo-se mutuamente de ponto de apoio. Qualquer que seja a quantidade de elementos, este quadro é somente o produto de uma *análise descritiva*.

Não podemos deixar de notar que, para ser completa, a descrição botânica de um vegetal deve levar em conta as diversas mudanças ou os diversos fenômenos apresentados em diferentes épocas de sua vida. Conseqüentemente, a análise histórica entra nesta descrição e, por sua vez, a análise descritiva entra nos procedimentos da análise histórica. Quando tivermos que anotar os fatos de onde se deduzem as propriedades de uma planta, usaremos os procedimentos da análise histórica. Para reconhecermos os elementos que compõem este vegetal, nos apoiaremos nos procedimentos da análise química. Estou me servindo da

expressão análise química, mas em um sentido incompleto, pois estou falando dos vegetais como dos animais. E estes podem ser decompostos, mas não recompostos. Não podemos nem mesmo recompor suas partes menores. Isto prova que há, em sua formação, algum elemento desconhecido ou esta análise depende de certos procedimentos da natureza que a observação não pode perceber e que, sobretudo, a arte não saberia imitar.

Um quadro que apresenta a forma, a cor, a situação de um órgão, suas relações de aproximação ou distanciamento, a semelhança ou a diferença com outras partes, este quadro é, insisto em dizer, o produto de uma *análise descritiva*.

Ao indicar o lugar de um músculo, determinar seu volume e extensão ocupada, a direção de seus feixes, os ligamentos de suas extremidades tendinosas; ao desfazer a estrutura do coração e seguir, em seu curso, os vasos dos quais ele é o centro; ao mostrar o cérebro, a medula alongada, a medula espinhal e, a partir daí, ver o ponto de partida de todos os nervos que marcam seu trajeto até as partes onde suas incontáveis ramificações trazem vida e sentimento; tudo isto se resume em uma simples descrição. Ao fazer isto, estamos nos assemelhando ao geógrafo que se contenta em pintar os lugares, sem traçar todas as mudanças físicas ocorridas no decorrer dos anos, sem se lembrar dos acontecimentos políticos desta região e nem das revoluções sucessivas que podem ter agitado seus habitantes.

Entretanto, se fizermos uma exposição das funções deste mesmo órgão ou se procurarmos determinar os movimentos que este mesmo músculo executa ou contribui, então, teremos uma análise histórica. É a partir

de seus resultados que deve ser formado um novo quadro. Se você quisesse reconhecer quais são os corpos simples, já conhecidos, que entram na composição da parte submetida às suas pesquisas, você só poderia atingir este objetivo com a análise química. A conclusão, à qual você estaria induzido, só poderia ser justa se ela fosse a consequência imediata e necessária dos fatos constatados e representados pela análise. Assim, os produtos de suas operações poderiam ser expressos sumariamente neste quadro.

Uma boa análise histórica deve percorrer, com atenção e escrúpulo, toda a cadeia de mudanças e fenômenos pelos quais passa o corpo ou o objeto examinado. Esta análise os expõe em sua ordem sucessiva, pinta-os com todas as características que os distinguem, procura desvendar o gênero ou o grau de influência que eles exercem uns sobre os outros, esforça-se em determinar a qual fenômeno todos os outros se relacionam e que pode ser visto como fonte ou laço comum entre eles.

Para se fazer um quadro fiel das funções do estômago, precisa-se primeiramente levar em conta que :

- este órgão recebe os alimentos em sua cavidade;
- estes alimentos mudam de natureza quando estão ainda no estômago, quer dizer, os alimentos quando saem, depois de um certo tempo, manifestam novas características e novas propriedades;
- estas mudanças trazem o nome de digestão estomacal.

Esta digestão é função própria do estômago. Se reconhecermos as condições necessárias para sua execução, as circunstâncias que a perturbam ou a favorecem e, também, os agentes que são encarregados por este

processo, então teremos uma ideia mais exata das funções deste órgão. Assim, a observação terá uma ideia mais fiel de todos os fenômenos principais.

Por mais obscuro que se apresente o estudo da sequência de movimentos que compõem a vida dos seres animados, ele não é mais obscuro, difícil e arriscado que o estudo das mudanças que determinam a doença nestes seres. Os erros que podemos cometer por causa destas mudanças, quer dizer, por causa do fenômeno principal que origina todos os outros fenômenos ou os influencia, enfim, estes erros quase nunca permanecem fechados na teoria. Ao fornecerem falsas visões para os tratamentos, eles trazem para a prática perigosas desordens. Estes erros são bem mais graves que aqueles que se relacionam com a função orgânica. Estes últimos são mais fáceis de serem verificados, quando se limitam a dar ridículas explicações ou indicações repetidas inúmeras vezes.

A análise histórica de uma doença deve ser feita com grande exatidão, pois sem esse cuidado não poderíamos nos precaver de qualquer conjectura ou ideia estranha aos próprios fatos que temos sob nossos olhos. É preciso ver o que é, e não o que se imagina. Ao reproduzir este quadro, é necessário pintar o que se viu, sem misturar no próprio corpo da narrativa o que se deduziu. Quanto mais simples e fiel for a narrativa, mais a ordem, a intensidade, a duração e as outras características dos fenômenos serão melhor traçadas. Quanto mais perfeita for a análise, mais sólidos e puros serão os resultados ou as induções fornecidas por ela, seja diretamente e por ela mesma, seja indiretamente e pela comparação com outras análises traçadas sobre o mesmo modelo.

Hipócrates nos deixou admiráveis histórias de doenças individuais que os antigos chamavam como a mais casta contemplação da natureza. Dos seus quadros especiais, e tão verdadeiros, cujas circunstâncias se traçam nitidamente aos olhos do leitor, Hipócrates não teve dificuldades em extrair vastas e belas generalidades sobre a influência das estações, as variações da atmosfera, os seus efeitos, as diferentes constituições epidêmicas, enfim, leis que regulam o curso das doenças, todas organizadas em gêneros ou espécies. Podemos perceber certas características externas ou certas sequências de fenômenos constantes nas diferentes espécies de animais e vegetais. Temos, ainda, algumas histórias de doenças, traçadas pelos modernos, menos perfeitas quanto à sua exatidão e, sobretudo, quanto à maneira de registrar na natureza seus traços mais característicos e mais finos. Entretanto, sua leitura é muito instrutiva, sob alguns aspectos, graças aos sábios detalhes de tratamentos que elas contêm. Reconheçamos (e ninguém pode contestar) que estas histórias, onde os alunos buscam mais solidamente sua instrução, são as mesmas pelas quais os autores se aproximaram mais do método de Hipócrates, na exata e fiel pintura dos fenômenos observados. Mesmo que o hábito de ver doentes se relacione pouco com o hábito de ler com reflexão, reconhece-se logo que os quadros da natureza nem sempre são como a imaginação os organiza. É preciso desconfiar de quadros cuja ordenação parece muito regular e, também, daqueles cuja exatidão e fidelidade não deixam muitas dúvidas, pois todos eles têm certas lacunas no encadeamento dos objetos ou dos fenômenos. Talvez, não exista nenhum quadro, segundo a maneira de ver do homem, em que a harmonia não seja alterada por alguma irregularidade.

A análise química pode ser aplicada a todos os corpos da natureza. Quaisquer que sejam as características e as propriedades destes corpos, podemos conhecer os elementos que foram combinados para sua formação. Quando esta análise, após a decomposição de um corpo, puder recompô-lo com todas as partes, reunindo seus produtos, colocando-os nas circunstâncias favoráveis para sua recomposição, poderemos afirmar que a análise foi completa. Conhecemos os elementos deste corpo e sabemos quais são os corpos que não foram decompostos até o momento. O corpo é uma combinação destes últimos. A viva luz que este poderoso instrumento, manipulado de maneira segura e delicada pelos químicos franceses, já lançou sobre as operações da natureza será mais temida pelos charlatões do que todas as discussões dos pensadores e todos os gracejos de observadores espertalhões.

Entretanto, a análise química nem sempre chega a este grau de demonstração. Algumas vezes, após ter operado a decomposição de um corpo, mesmo tomando todo o cuidado em recolher e conservar todos os produtos deste corpo, ela fará esforços em vão para recompô-lo. Isto ocorre não somente com seres orgânicos e substâncias animais ou vegetais, mas também com corpos ou matérias nos quais a vida não imprimiu seu caráter particular. Nestas diversas e pouco favoráveis circunstâncias, as conclusões da análise terão como apoio somente fracas probabilidades. Embora, em vários casos, estas probabilidades possam equivaler à certeza, é preciso que o tempo e as múltiplas experiências tenham confirmado a solidez das conclusões. Isto é verdadeiro, sobretudo quando estas conclusões são aplicadas aos fenômenos da vida, em todos os níveis, e

quando elas sugerem o emprego de certos meios de ação sobre os corpos e órgãos vivos.

A análise de decomposição e recomposição é, frequentemente, dirigida pela análise descritiva ou, pelo menos, ela lhe solicita seus materiais. Pela análise histórica, ela pode ser esclarecida e colocada na direção de novas descobertas. Por sua vez, ela é um guia indispensável para a análise histórica. Enfim, ela oferece à análise dedutiva pontos de partida melhor determinados e objetos de raciocínio que são mais fáceis de serem representados por sinais claros, simples e precisos.

A análise dedutiva pode solicitar objetos, sobre os quais ela vai operar, a todas outras espécies de análise. Ela mesma, por sua vez, se mistura às diversas operações das outras. Como esta análise é exercida sobre as ideias, ou melhor, sobre os signos que as representam, todas as vezes que estes signos forem bem feitos e as consequências teóricas forem tiradas, ela poderá andar com total segurança. Isto deve ser necessariamente feito, pois os signos das ideias representam somente as ideias que foram colocadas. Quando são exatos e regulares, estes signos traçam claramente as ideias e as circunscrevem com precisão.

Esta análise tem por objetivo descobrir se uma ideia está encerrada em outra. Ela visa também chegar a conclusões, através de uma sequência de transformações ou raciocínios, que não podiam ser confirmadas na primeira ideia ou na primeira forma. Os ideólogos comparam esta sequência de ideias ao jogo de pequenas caixas fechadas umas nas outras. O primeiro elo dos raciocínios seria a primeira caixa que encerra todas as outras. Abra a primeira, em seguida tire a segunda, da

segunda vem a terceira, e assim por diante, até que a pequenez das últimas não permita mais distingui-las com clareza. Condillac já tinha se servido da mesma comparação. Ao ver a análise como um único e mesmo método, ele a pintava em diversas imagens, ou de acordo com os objetos aos quais ele é aplicado, ou de acordo com os pontos de vista pelos quais eram considerados.

Acabamos de dizer que a análise dedutiva pode andar por caminhos perfeitamente seguros e dar total certeza a suas conclusões, se sua linguagem for exata e regular e não se desviar da teoria. Esta certeza se remete somente à aceção da primeira ideia, que serve de ponto de partida, ou dos signos que a representam e que formam o primeiro elo dos raciocínios. Se o conteúdo desta ideia se encontrar incompleto ou vagamente representado, a sequência dos raciocínios pode ser perfeita, mas as conclusões a seu respeito serão ilusórias. Eis porque as análises dedutivas que são exercidas sobre quantidades ou grandezas, capazes de serem reduzidas a quantidades, são absolutamente isentas de erros. Os signos que elas empregam têm uma tal precisão que é impossível haver qualquer confusão de termos. As ideias que estes signos representam se relacionam a objetos simples que oferecem somente um único ponto de vista. Consequentemente, poderemos fazer um quadro justo. Se não der, é melhor que nenhum seja feito. Enfim, os objetos destas ideias são unicamente obra da razão. Eles se confundem com as ideias e com os signos que os traçam e fixam suas relações. Quando conseguimos circunscrever, com a mesma exatidão, os outros objetos de nossas pesquisas e dar à linguagem, empregada neste estudo ou na exposição das ideias fornecidas, o mesmo grau de precisão e de clareza, a certeza das conclusões será

a mesma que nas análises que tratam das propriedades dos números ou das grandezas.

Entretanto, pela própria natureza de nossa inteligência, pela natureza de nossas necessidades e das relações que nossa maneira de sentir estabelece entre a gente e as coisas externas, esta certeza completa só pode existir em relação às visões puramente teóricas. No momento em que entramos nas aplicações práticas, iremos nos conduzir somente de acordo com certas conjecturas, fundadas sobre motivos não muito sólidos. Iremos fazer somente cálculos de probabilidades.

Os cálculos de probabilidades são, geralmente, de duas espécies diferentes. Na primeira espécie, a verdade flutua entre dois limites conhecidos, podendo ser colocada em todos os pontos de intervalo que separa estes limites, mas se encontrará necessariamente presa neste espaço. Poderemos nos aproximar mais dela através de alguns métodos que diminuam cada vez mais o campo da incerteza, embora seja impossível chegar a resultados totalmente precisos. O cálculo reúne, a favor de uma opinião ou de uma conclusão, uma certa quantidade de motivos importantes. Se a avaliação destes motivos for rigorosa, seremos autorizados a acreditar que esta conclusão, ou esta opinião, é a verdadeira.

Arquimedes, ao querer determinar a relação do diâmetro do círculo com a sua circunferência, chegou à grandeza de sete para vinte e dois. Ele sabia muito bem que este valor era aproximativo. Mélius, chegando à grandeza de cento e treze para trezentos e cinquenta e cinco, diminuiu consideravelmente o intervalo no qual a proporção flutuava incerta. Enfim, Wolf e Rudolphe de Ceulen se aproximaram de um limite mais rigoroso e

outros poderão se aproximar mais ainda, sem que ele nunca seja atingido. Eis um exemplo da primeira espécie de cálculo.

Veremos agora um exemplo da segunda espécie. Não temos certeza alguma se o sol nascerá amanhã e se a próxima noite será, como as anteriores, substituída pelo dia. Entretanto, ninguém duvida disto. Nós esperamos o dia de amanhã com tamanha certeza que toda a nossa vida é organizada de acordo com esta expectativa. Em que baseamos esta certeza, tão firme em nosso espírito? Não é somente na experiência, nesta imensidão de fatos que nos atestam que uma certa ordem reina no curso dos astros e que os fenômenos reproduzidos no passado não podem deixar de se reproduzir no futuro? Cada ano, cada mês e cada novo dia confirmam esta certeza. Se um homem visse o sol nascer pela primeira vez e não tivesse nenhuma noção da marcha deste astro, é lógico que ele não teria motivo nenhum em aguardar seu retorno no dia seguinte, após tê-lo visto subir nas alturas e, à noite, desaparecer no mar. Mas quando a experiência dos séculos nos provou que esta ordem é constante, quando todos os monumentos e narrativas nos atestam que esta ordem nunca foi alterada, então, não temos mais nenhuma dúvida sobre sua continuidade futura. Mais os fatos formadores das provas desta ordem se multiplicam, mais a experiência terá peso e as conclusões deduzidas adquirirão certeza aos nossos olhos.

O primeiro destes cálculos trata de objetos mais simples, seus dados são fixos e precisos – ele pertence à pura teoria. Já o segundo trata de um evento fácil de ser observado, rodeado por um pequeno número de circunstâncias pouco variáveis e suas conclusões não

apresentam nenhuma ambiguidade em seus motivos. Mas quando se trata de aplicações práticas, os dados do cálculo são multiplicáveis ou móveis. Temos muita dificuldade em reunir e fixar todos estes dados, quer dizer, expressá-los em valores fixos. Temos, principalmente, muita dificuldade em nos assegurar que preenchamos realmente esta condição. Assim, o intervalo que pode nos separar da verdade torna-se maior ou a probabilidade torna-se menor.

Tomemos alguns exemplos na própria medicina. Vamos tomá-los em sua parte prática onde os objetos são, ao mesmo tempo, mais multiplicáveis e mais variáveis, onde temos mais dificuldade em recolher e determinar, com precisão, os diferentes dados do cálculo.

Quando vimos, pela primeira vez, que a quina curava a febre intermitente, este fato bem constatado sobre certo número de indivíduos foi, sem dúvida, uma grande intuição. Tivemos razão em pensar que a medicina acabava de fazer uma útil aquisição. Entretanto, cada novo caso que indicava o uso desta planta, o médico (prudente) tinha que pesar bem as circunstâncias que podiam contra indicá-la ou as influências que podiam modificar sua ação. A idade, a constituição física, as disposições anteriores dos doentes, a estação do ano e o caráter da constituição reinante tornavam mais incertos os motivos que determinavam o uso deste remédio. Tudo isto abalava, também, a esperança que se podia ter sobre sua poderosa eficácia. Foram necessários inúmeros exemplos e observações para se reconhecer, com certeza suficiente, em quais circunstâncias ele era útil, ou prejudicial, e quais eram as combinações com outros remédios ou as modificações que seu uso demandava. Quando todas estas questões foram esclarecidas e todas as dificuldades resolvidas, o emprego

da quina, em cada caso particular, teve que ser conduzido por um cálculo sábio e rápido. Este cálculo tinha que traçar todos os resultados importantes das observações e dos testes anteriores. Da comparação destes resultados com todas as circunstâncias que apresentava o estado do doente, tinha que se tirar a justa indicação do remédio e o método de sua aplicação.

A ipecacuanha faz vomitar e a jalapa faz purgar. Podemos lhes atribuir estas virtudes, pois tivemos várias ocasiões de observar seus efeitos. Temos poucos motivos para duvidar que um purga e o outro faz vomitar, pois os novos casos oferecem poucas particularidades semelhantes àquelas que devem ser reconhecidas como capazes de impedir a ação destes dois remédios.

Quando se trata de determinar a dosagem dos remédios, que são indicados pelo caráter da doença, e de determinar, por exemplo, a quantidade de sangue que convém tirar em uma afecção inflamatória, certas circunstâncias, pesadas e comparadas, como a idade, a constituição física, as forças do doente, o local ou a gravidade da inflamação, a estação do ano, a tendência geral das doenças que reinam e que terminam por um tipo de crise, devem dar como resultado esta quantidade pesquisada, que tem somente um valor aproximativo. Quando se trata de fixar a dosagem de um vomitivo ou de um purgativo, será entre dois limites extremos, para mais ou para menos, que esta dosagem deverá ser encontrada. O limite mínimo indicará o ponto abaixo do qual o remédio não terá nenhuma ação. E o limite máximo, se for ultrapassado, trará inconvenientes. Procura-se, então, o ponto certo. Se causas particulares fizerem variar muito o

valor procurado, elas serão então avaliadas com mais cuidado e rigor.

Não levarei mais adiante o exame destas questões. Indico somente princípios gerais. Não tenho o objetivo de traçar um método completo para o estudo da medicina. Este tema seria digno das reflexões de nossos grandes mestres, ninguém pode tratá-lo casualmente. Devemos ter cuidado em acreditar tê-lo apreendido e mesmo compreendido toda sua importância e sua extensão, se tivermos que dar por este método um catálogo razoável de livros, como aquele que devemos à erudição de Boerhaave e de seu sucessor Haller.

XIV

Ensino analítico da medicina

As visões, que defendem a reforma da medicina, são as mesmas que devem dirigir seu ensino. Só elas podem fornecer um bom plano de escolas e um bom sistema de aulas para cada área. Um dos pontos mais importantes é o de sempre apresentar aos alunos os objetos na ordem mais natural, quer dizer, começar pelos objetos mais conhecidos ou pelos mais fáceis de serem conhecidos. Sucessivamente e gradualmente, passar para aqueles que demandam uma observação mais profunda, os sentidos mais aguçados ou mesmo novos instrumentos. É preciso se aplicar a desenvolver as ideias na ordem de sua geração. Ora, esta ordem é a mesma que aquela na qual os objetos e suas partes se apresentam a nós. Depois de termos compreendido a cadeia que os liga, devemos percorrê-la desde o primeiro elo até o último, evitando saltar os intermediários.

A verdadeira instrução dos jovens médicos é aquela que eles recebem no leito dos doentes e não nos livros, nem em uma fria escola, e sim na presença da própria natureza, quer dizer, no aspecto dos diversos temas de seus trabalhos. A grande influência do mestre se encontra no método de observação que ele traça, na maneira pela qual ele próprio considera os temas, como ele faz interrogar a natureza, como ele dirige a atenção e os ensaios de seus alunos. Do alto de sua cátedra, o professor desenvolve, em vão, as mais interessantes verdades. O espírito dos auditores, entorpecido em uma atenção passiva, guarda somente leves traços do que foi dito. Entretanto, as verdades que eles mesmos procuraram, encontraram e reconheceram, com a coordenação do professor e através de uma sequência de combinações ativas, estas sim permanecerão eternamente em suas memórias. Por este meio, os conhecimentos não serão somente mais nítidos e mais sólidos, eles serão mais originais e mais semelhantes ao aspecto particular de cada indivíduo. O hábito de tirar o conhecimento dos próprios objetos faz com que a mente renuncie a qualquer outra maneira de adquiri-lo.

Entretanto, não é preciso levar a prática deste método até o pedantismo. Este método é o melhor e mais seguro para formar nossas ideias, mas não é o único. Frequentemente, recebemos impressões ao acaso. Ideias esparsas se alojam, desordenadamente, na memória e adormecem até que sensações análogas venham despertá-las. Aí, elas irão se combinar e se encadear em conjuntos, mais ou menos, gerais e regulares. É então que começa o trabalho posterior, aquele que submeterá, a um exame, esta classificação primeiramente fortuita. Só aí, os bons pensadores, avaliando rigorosamente cada uma de suas

ideias, determinarão sua ordem natural, o lugar autorizado por esta ordem e acabarão unindo todas elas a alguns princípios gerais que lhes servirão de ponto de apoio.

Se, no ensino, começamos com os dados para passar gradualmente aos resultados, podemos algumas vezes anunciar primeiramente os resultados e apoiá-los na indicação dos principais dados. Sem prejuízo de voltar aos dados para expô-los em detalhes, quando se faz necessário demonstrar mais metodicamente a proposição. Independentemente da perda de tempo inevitável que acarreta o método dos inventores, aplicado rigorosamente e sem exceção a todos os casos (perda importante, sob vários aspectos, e que nem sempre é compensada por vantagens), acontece, às vezes, que as aulas tomam um caráter trivial e mesmo desagradável, por causa da uniformidade e (é preciso dizer?) da própria facilidade dos procedimentos. O aluno, que nenhum traço curioso e nenhuma dificuldade o reanima, se entedia e se apaga devido aos próprios meios que deviam facilitar o exercício e as operações de sua atenção. Mais do que apresentar ideias inesperadas e surpreendentes por sua grandeza ou por sua novidade, o professor deve excitar o interesse e despertar a curiosidade dos alunos. Conforme o caráter dos objetos, o professor deve passar da análise à síntese e da síntese à análise, corrigindo sempre as indicações mais audaciosas da síntese com a ajuda das formas mais regulares e seguras da análise. Este professor manterá os alunos em uma atividade mais real e mais constante, desenvolverá mais os seus pensamentos, sem correr o risco de que eles tomem o caminho errado. Talvez, este seu método seja mais apropriado para a natureza e para a maneira de proceder do ser humano.

Não me parece, como se acreditava, que foram defeitos de estilo que impediram as obras de Condillac a obterem o sucesso merecido, desde sua primeira aparição. Suas obras foram sempre escritas com pureza, muita elegância e mesmo, algumas vezes, de maneira bastante animada e quase brilhante. Entretanto, a razão tão iluminada deste excelente analista não prepara e nem reserva surpresas e nem dificuldades para o leitor. Cada parágrafo anuncia o seguinte e a primeira frase indica as outras. O esforço do leitor é tão poupado que ele acaba se acomodando. O autor pensou tão bem por este leitor que ele não pensará mais por si próprio.

Acredito que estas reflexões não sejam inapropriadas, pois neste momento todos os amigos das luzes celebram a excelência e a grande utilidade do método analítico. Todos aqueles que cuidam do progresso das ciências, e também do seu ensino, veem este método como a única luz que pode guiar seguramente o ser humano e fazê-lo sair para sempre do caos das opiniões hipotéticas. Esses mesmos homens veem o método analítico como única maneira de cultivar ou empregar nossas faculdades intelectuais. Método que pode introduzir os hábitos do bom senso não somente em todos os trabalhos dos sábios e dos pensadores, mas também nos trabalhos dos artesãos e dos operários, em todas as ideias, tendências, em todos os atos do homem social. Partilho totalmente esta opinião e estas belas esperanças. Mas, o verdadeiro método analítico caminha por todas as estradas que podem levar à verdade. A estrada mais segura, para cada circunstância, é aquela que o método escolhe. Frequentemente, o método reúne cuidadosamente os dados para recolher os resultados. Raramente se apodera dos resultados, certo de que os

dados se organizarão em torno desses resultados. As duas vias lhe são familiares e, normalmente, o método trabalha com as duas ao mesmo tempo. As pessoas que pensam que o método deve sempre seguir o caminho dos inventores, compreendem-no só parcialmente. Pela ação reiterada de querer fixar o gênio, ou regular seu progresso, essas pessoas acabariam entorpecendo-o e paralisando-o.

Aqui termino a exposição destas visões gerais que demandam, sem dúvida, muito mais desdobramentos, mas a extensão e a importância da matéria me levaram além do limite que eu tinha me fixado. Porém, eu não posso deixar de voltar ainda a alguns objetos particulares do ensino médico.

CAPÍTULO IV

Considerações particulares sobre os diversos ramos da Medicina

I

Anatomia

Antes de Hipócrates, a anatomia apenas existia. Galeno afirmava que os Asclepiades, família onde a medicina ficou por muito tempo encerrada, ensinavam a seus alunos a estrutura do corpo humano pela via indireta das dissecações de animais. Ele dizia que as aulas começavam desde a mais tenra idade e o hábito tornava os objetos tão familiares que não era necessário inscrever suas descrições nas lições escritas. Entretanto, esta opinião, arriscada como várias outras do mesmo autor, foi formalmente desmentida por Calcidius, antigo crítico de Platão. Calcidius afirma que Alcmeon, discípulo de Pitágoras, foi o primeiro a dissecar animais.

É verdade que encontramos em Hipócrates várias descrições dos órgãos do homem, traçadas semelhantemente às suas analogias infiéis, mas elas provam que a própria estrutura dos animais era imperfeitamente conhecida. Mesmo que tenha sido pouco estudada, o conhecimento da estrutura animal já teria bastado para dissipar vários erros grosseiros que o pai da medicina adotou com confiança. Seu Tratado sobre o coração é bastante exato. Os admiradores dos antigos podem ver aí uma espécie de pressentimento da circulação, mas é preciso confessar que este grande homem não era um bom

anatomista. Os ossos foram as únicas partes que ele conheceu bem a estrutura, pois esqueletos humanos eram facilmente obtidos.

As feridas e as doenças que expunham as vísceras ou outras partes escondidas pela espessura dos membros; o hábito de embalsamar os corpos, que já datavam de tempos imemoráveis no Egito; corpos humanos jogados pelas águas nas beiras dos rios; corpos abandonados no campo de batalha, após uma batalha vencida; acidentes imprevistos que os entregavam aos animais selvagens ou às aves de rapina; estas eram as circunstâncias dadas aos médicos para estudar a verdadeira anatomia humana. Porém, examinar com curiosidade os mortos era um sacrilégio, tocá-los era uma infâmia. Conseqüentemente, estas concepções criaram uma barreira, quase intransponível, para o progresso desta ciência. Aristóteles diz que, em seu tempo, um cadáver humano nunca havia sido dissecado.

Foi na época de Herófilo e Erasítrato que este escrúpulo supersticioso foi consideravelmente enfraquecido pelas luzes e, assim, se pôde estudar a organização do homem no próprio homem. O preconceito durou mais tempo para os Romanos, que eram mais ignorantes. Plínio diz que a lei proibía de se ver as entranhas humanas. Entretanto, o desejo de conservá-las foi mais forte para os imperadores que o respeito pela opinião pública. Eles permitiam, aos médicos, de dissecar os corpos dos criminosos ou dos inimigos. Uma ordem de Marco Aurélio lhes fez ter acesso aos corpos dos alemães. Galeno, que narra este fato, pôde dissecar vários destes corpos. Porém, ao lermos suas descrições anatômicas, podemos notar que ele só dissecou diferentes animais,

sobretudo um grande número de macacos devido à semelhança com o homem. Embora sejam bem extensos seus livros de anatomia, e cheios de boas coisas para a época, podemos acreditar que ele nunca viu nos cadáveres humanos os objetos que ele descreve.

A anatomia de Galeno reinou despoticamente até o tempo de Vesale. Como os objetos são palpáveis e fixos nesta área, seus erros eram mais fáceis de serem detectados do que os erros da medicina prática que podem se multiplicar e se modificar. Seus erros eram revelados em todas as escolas. Ninguém ousava combatê-los e nem se atrevia a suspeitar que fossem erros. Vesale, desprezando esta idolatria, atacou corajosamente Galeno e seus sectários. A medicina lhe deve, em grande parte, a evolução mais audaciosa e mais firme vivida, desde então, e que continuou a sê-lo, mesmo em meio a seus desvios. Foi, principalmente, para a anatomia que ele prestou serviços imortais. Pela audácia e pelos trabalhos deste célebre homem, a anatomia se livrou de suas fraldas e todas as belas descobertas puderam ser preparadas, dando à prática da cirurgia uma grande segurança.

A partir deste momento, o progresso da anatomia foi contínuo e rápido. Eis aqui alguns dos frutos importantes do zelo infatigável de muitos homens trabalhadores que, graças à sequência ininterrupta de seus trabalhos, levaram a anatomia do homem ao último grau de perfeição: a descoberta da circulação sanguínea e as variedades de sua circulação no adulto e no feto; a descoberta dos vasos do quilo, seu reservatório e o conduto torácico; o aparelho desconhecido, desvelado em vários órgãos pelas injeções de Ruysch; a estrutura das glândulas; o funcionamento e as funções dos vasos linfáticos; as pesquisas fisiológicas e

patológicas sobre o tecido celular; as brilhantes e, frequentemente, infieis experiências nas partes irritáveis e sensíveis; o aparelho absorvente e glandular, descrito com mais precisão, e suas verdadeiras funções, melhor determinadas.

Esta ciência, ligada ao ensino da medicina, apresenta diferentes pontos de vista que merecem ser examinados.

1º) Ela faz parte das descrições físicas e entra na história natural propriamente dita. 2º) Como base e texto das explicações fisiológicas, ela forma um ramo necessário da física animal.

3º) Enfim, servindo de guia para a arte de curar e, sobretudo, para sua parte cirúrgica, ela se mostra agora inseparável da prática, garantindo o sucesso desta.

No primeiro ponto de vista, esta ciência pertence à análise descritiva. É uma espécie de topografia curiosa, mas inanimada. No segundo, ela toma um caráter mais interessante, aproximando-se da medicina e da cirurgia. No terceiro, ela está, continuamente, ligada aos diversos objetos de estudos das áreas citadas acima. Ela está associada à maioria dos trabalhos destas áreas, embora nem sempre represente o papel essencial que lhe é atribuído.

A anatomia, considerada como descritiva, não tem limites. À medida que os objetos mais surpreendentes são esclarecidos, outros menos fáceis de compreender se apresentam. Novos mundos se abrem diante de nós e os limites do horizonte recuam sempre que acreditamos atingi-los. Entretanto, para se fazer maiores descobertas em anatomia, seria necessário inventar instrumentos mais perfeitos ou algum método, semelhante ao das injeções, que pudesse aumentar e desenvolver as partes cuja

estrutura escapa aos nossos meios atuais. Assim, por exemplo, a fábrica íntima do cérebro não parece poder ser desvendada nem pelo escalpelo, nem pelos nossos microscópios comuns, nem pelas injeções, pelo menos da maneira que são praticadas ainda hoje. Felizmente, esta fina anatomia é mais um objeto de curiosidade física do que de utilidade médica. Embora não se deva bani-la e mesmo que, um dia, ela possa nos trazer alguma vantagem, ela é totalmente inútil hoje. Além disso, somos levados a crer que poderíamos viver, para sempre, sem ela.

A anatomia fisiológica é mais limitada que a descritiva. Entretanto, ela é menos limitada que a anatomia terapêutica. A explicação das diferentes funções vitais, fundada na própria estrutura dos órgãos que as executam, já fez e promete ainda fazer progressos. Porém, a anatomia, propriamente dita, é menos do que uma sequência de boas observações feitas sobre o ser vivo. Conhecemos muito bem a organização de diversas partes, mas seu uso nos é inteiramente desconhecido. As experiências a serem feitas, para ser possível acompanhar sua ação, são geralmente difíceis, algumas até parecem impossíveis, pelo menos com nossos meios atuais. A anatomia, que eu chamo de terapêutica e que é aplicada diariamente pela arte de curar, se encerra em limites mais estreitos. A opinião contrária, bem propagada, se deve talvez às crenças da ignorância e a um saber adquirido através de trabalhos penosos e desmotivadores. O médico precisa conhecer, profundamente, a estrutura, a situação e as conexões das vísceras, a distribuição dos principais troncos dos vasos e dos nervos, a forma e a disposição dos ossos, os ligamentos dos músculos, as expansões das aponevroses e, talvez ainda, alguns pequenos objetos, não menos fáceis de

compreender. Talvez fosse permitido acrescentar que a delicada anatomia é raramente útil para as operações cirúrgicas. Sobre este ponto, ousou apelar para a franqueza dos cirurgiões anatomistas mais esclarecidos.

Cada demonstrador tem sua ordem e seu método de ensino. Toda ordem e todo método são bons, com a condição de que sejam claros. Se for somente uma simples exposição de formas, o ângulo por onde começamos não é importante. Estudando a geografia, podemos partir indiferentemente de qualquer ponto ou começar por um país que julgamos mais apropriado. Basta que a memória retenha o quadro dos locais e suas situações respectivas. O mesmo ocorre com a anatomia. Entretanto, a maneira pela qual a natureza nos mostra seus objetos não é totalmente fortuita. Se tivéssemos o trabalho de observá-la melhor, veríamos que não é permitido invertê-la, oferecendo os objetos para a observação dos alunos. Winslow, em sua exposição anatômica, parece não ter ignorado esta maneira mais natural pela qual os objetos nos são oferecidos. Lieutaud foi um homem de bom senso, e mesmo de alguma genialidade, embora seus dois compêndios, de matéria médica e de prática, estejam abaixo do medíocre. Mesmo assim, ele vislumbrou mais longe. Ele quis, em sua anatomia, descrever como o próprio inventor da ciência podia procurar e descobrir precisamente os objetos, supondo que um só homem fosse capaz de acompanhar todos os trabalhos e fazer todas as descobertas. Era uma bela visão, mas o autor não conseguiu executá-la. Qualquer anatomista de talento, mais ligado aos métodos filosóficos, pode tirar partido da anatomia e só a ele que ela pertencerá

realmente, pois projetar significa pouca coisa, executar bem é quase tudo⁵³.

Entretanto, é fácil prever um maior sucesso aos demonstradores, pois eles poderão se aproximar mais, em seu ensino, do método particular que esta visão indica, sendo ela própria apenas um ramo do método geral do qual falamos tantas vezes.

A anatomia mais interessante, sem dúvida, é aquela que tem como objetivo buscar, nas lesões orgânicas, a causa e o local das doenças. Esta é a verdadeira anatomia médica. Ela corrige muitos erros, dissipa muitas crenças e se torna mais útil para a prática quanto mais perigosa for para a vaidade dos práticos. Quem não percebe, à primeira vista, todas as vantagens ligadas à exata comparação dos fenômenos da doença, ou das revoluções vividas por ela, com o estado em que se encontram, após a morte, as partes que parecem ter sido a fonte do mal ou, simplesmente, as partes que não demonstraram nenhum sinal de alteração? Quem não vê que a fisiologia pode, como a prática, tirar disso uma quantidade enorme de observações importantes e resultados curiosos?

Entretanto, se nada for mais evidente e mais certo que o estado em que se apresentam os órgãos, nada será mais infiel e mais enganador que as conclusões deduzidas daí. Normalmente, é difícil traçar, em um cadáver, o limite exato que separa o estado natural de uma parte do estado em que a doença pôde sozinha levar o indivíduo à morte. O que atribuímos à doença, que o matou, pode se dever a vícios primitivos ou a particularidades de organização.

⁵³ Quando escrevi isto, a Anatomia de meu amigo Boyer não existia ainda. Sobre o meu ponto de vista, este grande cirurgião não deixou nada a fazer para o futuro.

Antigas desordens da saúde podem ser a causa. Enfim, as alterações descobertas nas inspeções cadavéricas são, frequentemente, o produto imediato da própria morte. É preciso estar muito atento, ser muito sagaz e, sobretudo, poder comparar o máximo de observações do mesmo gênero, para analisar o valor de cada uma e fixar, com exatidão, as circunstâncias que podem aproximá-las ou distingui-las. Esta área da medicina oferece, mesmo após as belas coletas feitas por Bonnet, Morgagni, Lieutard e Portal, um vasto campo para a atividade dos anatomistas e dos práticos. Ela só pode ser completa após uma longa sequência de trabalhos.

Outra anatomia, talvez não menos interessante e quase totalmente nova, seria aquela que atribui as mudanças ocorridas às diferentes épocas da vida no estado saudável, ou aos diferentes períodos das doenças, agudas ou crônicas. Mudanças que a morte, alguns acidentes ou as revoluções da vida podem fazer desaparecer. Seria um tipo de anatomia viva, digna de toda a atenção dos médicos filósofos. As dificuldades ligadas a este tipo de pesquisa não devem desencorajá-los. Grandes e belas verdades serão o prêmio a ser recebido.

II

Fisiologia

Vários ramos da fisiologia fizeram verdadeiros progressos nos últimos tempos. Há, sem dúvida, uma grande distância entre o Tratado *De usu partium* de Galeno e os escritos de Stahl, Hoffmann, Boerhaave, Hamberger, Robert Whitt, Haller, Cullen, Bordeu, Fouquet, Grimaud, Dumas e Richerand. O mecanismo dos órgãos é geralmente conhecido e suas funções são bem

determinadas. O caos das causas ocultas, cujas explicações eram obscurecidas pelos antigos, é substituído pela dúvida filosófica ou por teorias sábias. Se estas teorias sofrem ainda dificuldades, pelo menos elas se aproximam das outras partes de nossos conhecimentos, através de uma linguagem mais exata. Foi recolhida uma grande quantidade de fatos preciosos sobre a sensibilidade geral, suas modificações nos diversos órgãos e as comunicações que esta sensibilidade estabelece entre eles. Deram-se alguns passos sobre a explicação dos mistérios da digestão, da sanguificação, da reprodução. Se a causa do movimento muscular e os meios íntimos e diretos, através dos quais ele se executa, permanecem ainda envolvidos em um véu impenetrável, sabe-se, pelo menos, que este movimento é fortalecido ou debilitado, acelerado ou reduzido, reanimado ou apagado, segundo certas leis. Estas leis foram descobertas e constatadas graças a uma sequência de observações bem feitas. Reconheceu-se, em certos agentes, a faculdade de produzir estes diversos efeitos. Submeteu-se, ao cálculo médico, a energia da força motriz e a energia destes mesmos agentes que são capazes de modificá-la. Quase todos os fenômenos da visão são demonstrados matematicamente: o olho é somente um instrumento de dióptrica. A relação constante entre o estado dos sólidos e o dos fluidos se manifesta nas experiências mais delicadas como nos fatos mais aparentes. Alguns fatos incontestáveis forneceram brilhantes percepções sobre a respiração e a formação do calor animal, já outros parecem combater ou, pelo menos, limitar as conclusões extensas, ou apressadas, que se quis deduzir dos primeiros. Pelo menos, foi recolhida uma grande quantidade de observações e experiências curiosas. Os diferentes pontos de vista nos deixam entrever, em um futuro próximo, resultados mais

exatos. Enfim, a natureza e a combinação dos elementos, concernentes às partes animais, se tornaram o tema de pesquisas engenhosas. Podemos esperar que estas pesquisas lancem alguma luz sobre vários fenômenos da vida e, particularmente, sobre os fenômenos que ocorrem imediatamente após a morte.

É preciso reconhecer que os traços característicos da doença e da saúde, as leis gerais dos fenômenos vitais, as relações maravilhosas estabelecidas entre as diferentes partes do sistema, as afecções e os hábitos da natureza foram bem observados e descritos pelos antigos. Por menos que exerçamos a leitura de seus escritos, não podemos deixar de reconhecer a solidez dos princípios de teoria e das regras de prática que estes admiradores atentos da natureza tiraram de suas observações. Talvez, desde Hipócrates, as hipóteses adotadas sobre a física animal tenham sido mais prejudiciais para os progressos futuros do que úteis para a glória efêmera de seus autores.

As explicações dos antigos eram baseadas na simples observação do homem são ou doente, sem a ajuda da anatomia, dos conhecimentos fisiológicos, das experiências (arte quase totalmente ignorada nos seus tempos) e das ciências colaterais que nos esclarecem ou nos fornecem novos instrumentos. Nem sempre estas explicações foram substituídas de forma positiva. Existem várias que, de tempos em tempos, reaparecem com brilho e devem sobreviver a todas as outras explicações que as derrubaram. É neste ponto que o caráter da natureza parece tão fortemente marcado, pois cada novo progresso da ciência confirma estas explicações. Enfim, os pais da medicina as deixaram imprecisas e, após incontáveis esforços inúteis para lhes dar mais precisão, devemos talvez deixá-las

permanecer para sempre neste lugar. Os limites mais rigorosos, empregados pela ciência moderna, se tornam muito defeituosos quando estabelecem, como certas, as relações que não foram reconhecidas através de exames atentos.

Eis o que uma boa fisiologia deve expor com simplicidade e coragem.

Apesar da superioridade das luzes de nosso século, talvez não seja inútil insistir sobre as razões que fazem com que os antigos estejam acima de nós, nas ciências ou nas artes de pura observação. Deveríamos atribuir esta falta de profundidade, de originalidade e de verdade ao sentimento de confiança que nossa superioridade nos inspira, à facilidade de acesso a livros de todas as áreas, enfim, ao hábito de buscar nestes livros todos nossos conhecimentos? Falta bem exemplificada pelos observadores modernos. Mesmo uma grande parte do tempo sendo empregada em buscar nos livros o que os verdadeiros observadores viam na natureza, os modernos continuam vendo pouco. O que se tirava com tanto trabalho desta natureza rebelde, encontra-se hoje tão facilmente nos livros! As grandes vantagens, que resultam da comunicação das ideias e dos diferentes trabalhos, não impedem que a razão ganhe em extensão o que perde, na mesma proporção, em atenção. A memória dos sinais fica sobrecarregada por causa das sensações. Resumindo, não podemos negligenciar o que existe e o que pode ser visto, para seguir o que os outros pensaram e disseram.

O quadro racional das funções é o objeto principal da fisiologia, ou melhor, é a própria fisiologia. Basta que os princípios, ou as visões, sejam apresentados em uma ordem certa e sempre como conclusões de todos os fatos

observados. A escolha das funções, ou dos fenômenos pelos quais se deve começar, pode ser bastante arbitrária. Embora haja nisto, como em tudo, uma ordem que pode ser chamada natural, visto que é a ordem que melhor encadeia as ideias. Diferentes métodos factícios foram empregados com sucesso. Vários parecem ser muito bons. De fato, tudo se apoia e se liga no sistema animal, de modo que não existe fato que se possa olhar como o primeiro ou como o último. A circulação depende da ação dos nervos; a ação dos nervos depende, por sua vez, da circulação. A respiração é necessária para todas as duas e, sem a ajuda delas, a respiração não pode ser executada.

Se quisermos classificar os objetos, segundo as diferenças e a divisão das partes, não iremos avançar. Encontraremos sempre partes de todas as ordens e de todos os gêneros que entram como elementos nos diversos órgãos. Os músculos contêm artérias, veias, nervos; as membranas das artérias apresentam nervos, veias e também fibras musculares⁵⁴, e assim por diante. Segundo a expressão de Hipócrates, é um círculo onde não se reconhece nem o começo e nem o fim. Quando se traça um círculo, não importa a partir de qual ponto começaremos a mover a extremidade do raio. Sua completa evolução, em torno do centro, deve descrever a circunferência. Poderíamos, talvez, fazer da mesma forma com a fisiologia: cada um poderia seguir a ordem que melhor lhe conviesse para conceber os objetos e melhor gravá-los na memória. Entretanto, é muito fácil aplicar neste estudo, como em todos os outros, o método natural

⁵⁴ A analogia dos grandes animais, nos quais elas são evidentes, autoriza a pensar que estas fibras existem também, mas são muito sutis para poderem ser percebidas nas artérias do corpo humano.

de observação. Método onde se começa pelos objetos primeiramente observados, pelos fenômenos mais aparentes, em seguida, passa-se gradativamente do mais conhecido ao menos conhecido, até chegar aos objetos mais distantes, ou mais especiais, que são, conseqüentemente, aqueles que a natureza deixou por último para nosso olhar e nosso exame.

III

Relações da Medicina com a Moral

Começa-se, hoje, a reconhecer que a medicina e a moral são dois ramos da mesma ciência que, reunidas, compõem a ciência do homem. As duas repousam em uma base comum, no conhecimento físico da natureza humana. É na fisiologia que elas devem procurar a solução de todos seus problemas, o ponto de apoio de todas suas verdades especulativas e práticas. Da sensibilidade física ou da organização que determina e modifica a fisiologia, resultam as ideias, os sentimentos, as paixões, as virtudes e os vícios. Os movimentos, desordenados ou regulares da alma, têm a mesma origem que as doenças ou a saúde do corpo. Esta verdadeira fonte da moral se encontra na organização humana, da qual dependem nossa faculdade e nossa maneira de sentir. Lá, estão escritos, em caráter indelével e pelas próprias mãos da natureza, estes princípios eternos, único fundamento sólido de nossos direitos e deveres. A igualdade, a liberdade, a virtude, a felicidade, ligadas estreitamente uma à outra, se confundem com nossa existência. A opressão, as preferências iníquas, o vício, a infelicidade, igualmente inseparáveis e ligados como em um invencível e fatal sistema, dependem sempre dos golpes desferidos, sobre nossa natureza, pela subversão das

relações estabelecidas entre o homem e seus semelhantes – sua organização comum.

As grandes ideias e as ideias justas, a razão e a virtude, os sentimentos gerais estão ligados ao bom uso de nossas faculdades, ao respeito pela voz interior (que fala bem alto quando se quer ouvi-la), à observação escrupulosa e refletida direcionada aos objetos mais simples - os nossos impulsos inatos imediatos -, enfim, à atenção e à reflexão sobre si mesmo e sobre os outros, sobre suas próprias sensações e sobre os objetos destas sensações. Pode-se acrescentar que todos os erros, todos os vícios e todos os crimes abomináveis se devem ao desprezo por esta voz realmente divina, ao abuso dos dons da natureza, ao esquecimento estúpido de nós mesmos e das leis eternas que regem o universo. É importante, e mesmo necessário, perceber esta relação constante dos diferentes estados físicos com os diferentes estados morais. Ao mostrar como as sensações se aguçam ou se enfraquecem; como as ideias se elevam e crescem, ou se arrastam e se apagam; como as paixões nascem, se desenvolvem, adquirem uma energia que derruba todos os obstáculos, ou permanecem entorpecidas, ou têm recaídas e ficam paralisadas para sempre; enfim, ao compreender todas estas rédeas invisíveis da natureza humana, poderemos nos vangloriar em conduzi-la por caminhos mais seguros em direção à felicidade. Por este meio, transformamos o bom senso em hábito, a moral em necessidade. Além disso, podemos desenvolver todas as faculdades do homem, depurar e multiplicar todos seus prazeres, satisfazer, através de objetos reais, este instinto inquieto que o leva para fora de si mesmo, este desejo insaciável por novas impressões que não respeitam os limites do espaço e do tempo. É assim

que, em sua estreita e curta existência humana, a ideia e a certeza de um aperfeiçoamento sempre progressivo podem lhe proporcionar o infinito.

Torna-se evidente a necessidade de buscar, no conhecimento do homem físico, os meios de dirigir e de aperfeiçoar a natureza humana, quando se considera as relações que ligam o desenvolvimento de certos órgãos à formação de certas tendências e ideias. Podemos perceber, também, esta necessidade, ao estudarmos profundamente os efeitos morais de certas restrições em algumas doenças, de algumas disposições primitivas da organização ou de alguns estados acidentais do sistema vivo.

Veja uma criança que, graças à leveza de seus gostos, passa de objeto em objeto por todas as sensações. Seus costumes incertos, suas ideias vivas, mas sem sequência, não seriam a imagem fiel da maneira pela qual a natureza esboça a vida nesta criança? Estes costumes e estas ideias não seriam também a imagem fiel das digestões rápidas, mas imperfeitas, desta pulsação viva, desigual e irregular? A marca da infância física não se encontraria impressa em todos os traços da infância moral? Será que esta última poderia ser modificada por meios que não agem diretamente sobre as funções dos órgãos e sobre o funcionamento dos movimentos vitais?

O adolescente, perseguido por uma vaga inquietude, mergulhado em devaneios sem fim, emocionado até as lágrimas com as menores sensações, começa a encontrar quadros, em sua imaginação, e tendências desconhecidas, em seu coração. Ao mesmo tempo, o fogo das paixões se acende em seu peito. Sua alma, se apegando a tudo que a rodeia, se precipita em direção a objetos antes ignorados. Sua estatura, seus traços, seu rosto, seus olhares, o som de

sua voz tomam um outro caráter. Seu passo é mais firme, mais impetuoso. Sua fisionomia torna-se mais animada, as maçãs de seu rosto se pintam com uma cor mais viva, seus olhos expressam, ao mesmo tempo, seus desejos, sua ignorância ou a incerteza de seu objetivo. É somente aí que a natureza o torna sensível para a paixão. Assim, a natureza lhe ensina a arte e o uso do coração. Suas tendências, suas ideias, suas disposições físicas estão em sintonia. As grandes mudanças, que acabaram de criar um novo ser, não dependem unicamente da maturidade de um sistema de órgãos, quase inertes até o momento?⁵⁵

Esta época tem, talvez, algo de mais importante e mais decisivo entre as meninas. As relações do moral com o físico são marcadas por traços mais leves e mais finos na aparência, mas, de fato, são mais definidos e profundos. Uma jovem, cujos órgãos começam a sair do sono da primeira idade, não faz um movimento, não diz uma palavra, não lança um olhar que conserve o caráter da infância. Observadores mais atentos ficam sempre surpreendidos com esta mudança. A timidez, o embaraço, os caprichos tentam, em vão, ser disfarçados. A incerteza e a imprecisão do olhar são substituídas por uma expressão que não quer ser percebida, por uma chama que brilha tanto que tenta ser dissimulada com esforço e cuidado. Todas estas circunstâncias reunidas não deixam nenhuma dúvida sobre a revolução que acabou de se operar, sobre este ato importante da natureza que prevê e prepara as mudanças e sobre atos ainda mais importantes e mais necessários para a realização de seu plano total. Os seios,

⁵⁵ Falo, aqui, da raça humana em geral. Na obra intitulada *Relações do físico e da moral do homem*, todas estas ideias estão desenvolvidas mais detalhadamente. Veja, em particular, a dissertação sobre *a influência dos sexos*.

cujas ondulações pintam os movimentos do coração e parecem ser somente o objeto de doces desejos, já se encontram dispostos a preparar o alimento do novo ser que estes mesmos desejos chamaram à vida. Um sistema inteiro de órgãos, lar das tendências mais vivas, cuja influência modifica não somente todo o sistema animal, mas também desenvolve tantas ideias novas e tantos sentimentos morais antes ignorados, é para a natureza somente o meio pelo qual ela garante a duração indefinida do gênero humano.

Já podemos ver que, na idade madura, a regularidade da pulsação, a energia constante das funções, a teimosia das doenças correspondem a gostos mais uniformes, ideias mais fixas, paixões menos fortes, mas mais profundas e mais indeléveis.

Veja, enfim, como o corpo gelado do velho, sua circulação regular, porém lenta, suas sensações fracas e infantis, suas doenças quase sempre catarrais e das quais a natureza não ousa provocar crises, são o emblema fiel deste espírito tardio e sem calor, destes gostos pueris e sem energia, desta repugnância por empreendimentos que o indivíduo não espera poder terminar. Em uma palavra, o estado físico do velho não seria o anúncio e a imagem de uma alma que, ao se concentrar gradativamente nela mesma, não estaria se preparando para se desapegar de suas afecções?

Nos diferentes estabelecimentos onde a sociedade recolhe a demência, naqueles onde as leis acorrentam o crime, e que não deixa de ser ele próprio um outro tipo de demência, você encontrará provas surpreendentes destas relações constantes entre o físico e o moral. Você verá que certas disposições orgânicas, manifestadas pelas formas

externas, pelos traços, pela fisionomia, acompanham sempre os hábitos culposos e os desvios da razão. Você reconhecerá, como um amigo dos homens, que estas duas espécies de desordens se confundem frequentemente e estão sempre ligadas entre elas.

Vou me limitar a estas observações, cujos objetos se encontram à vista de qualquer pessoa, podendo ser feitas a qualquer instante⁵⁶.

Sendo assim, o fisiologista não poderia deixar de recolher, para o futuro, todos os fatos que o estudo do homem, na saúde e na doença, pode fornecer sobre esta matéria. Os resultados recolhidos devem servir de fundamento para todas as ciências morais. A partir daí, quem poderia tratar dos temas que se relacionam com estes resultados, sem conhecer, de forma exata e detalhada, a ligação dos bons e maus hábitos físicos com os bons e maus hábitos da inteligência e da vontade? A partir daí, pode-se aprender a aperfeiçoar uns pelos outros. Através destes dados, pode-se estar pronto para traçar as regras deste aperfeiçoamento, dirigindo-se aos indivíduos para lhes ensinar a arte de fazer aumentar sua própria felicidade, ou indicando às sociedades por quais meios elas podem fazer eclodir todos os bens de seu destino. Enfim, através destas considerações, pode-se traçar, com segurança, o quadro de uma prosperidade sempre crescente, pois até então os pensadores e filantropos só tinham entrevisto a possibilidade, sem terem uma ideia completa dos meios que podem conduzir a raça humana a esta prosperidade.

⁵⁶ Este assunto foi tratado na obra, já citada acima, *Relações do físico e do moral do homem*, a qual se dedica especialmente a este tema.

O método empírico racional, que reúne os fatos para classificá-los e indica assim as leis a partir de suas relações, encontra sua inteira aplicação na fisiologia. Muitas observações já foram feitas, bastando apenas encadeá-las em uma ordem natural. Outras ainda devem ser feitas e podem, algumas vezes, ser indicadas antecipadamente. O importante é determinar com que espírito, e com a ajuda de quais procedimentos, todas as pesquisas deste gênero devem ser feitas, para darem frutos, e como os resultados devem ser obtidos, visando a segurança. Devemos determinar também como reconhecer a solidez destes resultados e como convém ligá-los àqueles que já formam a base ou os princípios da ciência, a fim de que eles se esclareçam e se retifiquem mutuamente.

IV

Patologia, Semiótica, Terapêutica

A patologia, ou o conhecimento das afecções morbíficas, a semiótica, ou o conhecimento dos sinais, e a terapêutica, ou a arte de tirar de uma e de outra os planos de tratamento, formam juntas a parte prática da medicina.

A multiplicidade das matérias, e talvez a ideia que dividindo e distinguindo podia-se simplificá-las, esclarecê-las e facilitar seu estudo, levou os escolásticos a separar o que nunca devia ter sido separado. Ao mesmo tempo, outras razões, também impensadas, os levaram a misturar objetos que não tinham nenhuma relação entre eles. É evidente que a exposição descritiva e histórica de uma doença, o quadro dos sinais que a caracterizam e o método de lhe aplicar os meios curativos são absolutamente inseparáveis. Para ser mais claro, este método só pode ser

fundado sobre este quadro fiel e sobre esta exposição detalhada.

Entretanto, o uso prevaleceu nos livros sistemáticos. A divisão, da qual eu falo, é ainda observada com bastante rigor e ninguém se pergunta se ela se encontra na natureza ou se ela resulta das vantagens reais de seu emprego.

Na metade deste século, ao classificar as doenças da mesma forma que os botânicos classificam as plantas, Sauvages trouxe para a prática um quarto ponto de ensino. Ele lhe deu o nome de Nosologia. Desde então, Sagar, Linné, Vogel e Cullen traçaram Nosologias sobre planos pessoais. Em cada um destes sistemas, as doenças foram traçadas de acordo com a semelhança suposta pelo autor. Nem a própria arte e nem o método de seu ensino ganharam muito com estas classificações. Porém, quadros muito limitados pelo espaço que ocupam, muito vastos pela matéria que abarcam, e onde os principais objetos da ciência podem ser percorridos, persuadem facilmente o leitor que acredita conhecer estes objetos somente porque conhece o título.

Devemos, realmente, a Sydenham a ideia das classificações das doenças. A opinião de Boerhaave encorajou principalmente Sauvages em seu trabalho. Os sucessores, ou imitadores, deste último acreditaram poder aperfeiçoar seu método, reduzindo-o a uma árida nomenclatura. O leitor procura, em vão, nestes autores as sábias discussões do professor de Montpellier.

Sydenham desejava construir tabelas que pudessem, sob cada título, lembrar-lhe suas próprias observações, e também de outros, que remetessem a histórias correspondentes às doenças e aos tratamentos.

Aparentemente, nada parecia mais sábio e mais útil. Mas este excelente gênio não se lembrou de que para ser boa, uma tabela deve ser feita pelo próprio médico. Ao serem transmitidas, as indicações vão sempre se alterando. Um prático só consegue fazer pinturas verdadeiras para aqueles que receberam as mesmas impressões que ele diante dos objetos. Consequentemente, os leitores aplicam erroneamente estas ideias. A longa observação da natureza não os familiarizou com todos os fenômenos. Sendo assim, eles não chegam ao ponto de poder reconhecer, como diziam os antigos, *o leão na inspeção da garra* (ex ungue leonem). Esta falsa aplicação das ideias, mesmo as mais justas, torna-se a cada dia uma fecunda fonte dos mais grosseiros erros.

A patologia escolástica se aperfeiçoou, gradativamente, nas mãos de alguns professores que tinham a função de trazer método para as classificações, mesmo as mais falsas. Entre os trabalhos publicados sobre este tema, traçados neste espírito sistemático, um dos mais estimados é o de Gaubius, aluno de Boerhaave e célebre por muitos trabalhos úteis ou eruditos. Mas a verdadeira patologia se encontra sobretudo nos trabalhos dos antigos, aos quais um pequeno número de observadores modernos fizeram felizes acréscimos. Hipócrates, Aretée, Alexandre de Tralles, Aëtius, Paul d'Egine, Galeno e dois outros médicos árabes nos deixaram quadros que são os mais exatos que a arte possui até hoje. Nenhum homem de boa fé pode discordar. Suas regras gerais de tratamentos, tiradas do próprio seio da natureza, nos surpreendem pela grandeza das visões, pela sua sabedoria e pela sua eterna verdade.

A patologia dos antigos se identifica sempre com sua semiótica. Algumas vezes, suas histórias das doenças são

isoladas das histórias dos tratamentos. Mas estes tratamentos, apoiados em uma ou outra doença, as iluminam com uma nova luz, já que somente a observação dos movimentos espontâneos da natureza não pode sempre fornecer esta luz.

Os trabalhos dos antigos foram resumidos em vários escritos modernos. O pequeno quadro das doenças de Lommius apresenta resumidamente o que Sennert e Riviere abreviaram, mas com detalhes. Duret, Houiller, Baillou, Jacot, Prosper Martian, Piquer, e outros, explicam e fortalecem este quadro com muitas observações. Estes monumentos, erigidos para a glória da antiguidade, são ainda hoje fecundos e ricos em sólida instrução. A leitura destes trabalhos é muito útil, principalmente o quadro de Lommius que é um dos mais lucrativos para os jovens médicos. Acrescentando o Tratado de *præsagiendá vitá vel morte* de Prosper Alpin e alguns livros do *Methodus Medendi* de Galeno, teríamos não somente a patologia e a semiótica completas dos antigos, mas também o conjunto dos dogmas ao qual sua prática se dedicou⁵⁷.

Os abreviadores e os classificadores, ao oferecerem o resultado de muitas observações, não nos dispensam de estudá-las. As observações dos antigos, reunidas com mais genialidade em suas obras, ligam-se facilmente às visões sumárias que eles tinham deduzido. A memória recebe estas visões e as retém com tanta facilidade que elas tornam-se o produto do verdadeiro empirismo racional. Raramente, as visões dos modernos têm esta característica

⁵⁷ Não falarei aqui dos escritores e professores que se ocuparam em trazer a reforma para a patologia, mas não posso deixar de falar do nosso excelente Pinel, cuja Nosografia não é somente um dos melhores ensaios de classificação, mas também um compêndio exato e completo da medicina prática

positiva. Talvez, isto se deva ao fato que os objetos mais importantes já tenham sido compreendidos e pintados com grandes traços. Talvez, este eminente espírito de observação, que respira em Hipócrates, em Aretée e em alguns outros, nos tenha excitado menos por causa das circunstâncias físicas e políticas. Talvez, os homens do norte e do ocidente da Europa sejam menos sagazes que os da Grécia, da Ásia menor e das ilhas de Hellespont.

Não importa o que seja, nossas melhores observações continuam ainda esparsas. Os livros dogmáticos, que as resumem, não nos dispensam de recorrer aos observadores originais. É necessário ler muitos volumes para poder recolher estes quadros diversos. A erudição, que fortalece algumas cabeças robustas, mas que também pode sufocar as inteligências comuns, é ainda uma indispensável necessidade para os médicos.

Sem dúvida, um dos principais objetivos, que devem ter os homens dignos de ajudar na reforma da ciência, é procurar colocá-la, tanto quanto possível, ao alcance de todos os homens e liberá-la, ao mesmo tempo, de seu falso jargão e de seu aparato científico. Já está na hora de se fazer o recenseamento e a escolha das verdades.

Já está na hora, também, de se fazer a escolha dos livros. Todos aqueles que não são realmente originais, ou diretamente instrutivos pelo método de exposição, devem ser cuidadosamente percorridos. É preciso extrair tudo o que eles podem conter de útil e, em seguida, colocá-los de lado, talvez para sempre. O inventário de nossos conhecimentos sendo bem feito, sua história rapidamente esboçada e a rota das grandes descobertas traçada com exatidão, os bons pensadores, sem se esgotar em leituras estéreis e enfadonhas, devem dedicar uma parte do seu

tempo, que eles gastam consultando livros, para a consulta da natureza. Formados pelo estudo daqueles que foram realmente capazes de fortalecer, crescer e dirigir seus julgamentos, estes homens não podem ter pressa em lutar com os próprios objetos de seus trabalhos.

No estudo da prática, onde os fenômenos e os pontos de vista são tão variados e tão fecundos, esta posição é, sem dúvida, indispensável e até mesmo vantajosa. As leituras dos jovens práticos podem se reduzir a alguns livros originais e a coletâneas de observações bem escolhidas e bem ordenadas. Estas leituras devem ser feitas no leito dos doentes. São os novos fatos, oferecidos pela natureza, que lhes servirão de comentário. O papel do professor se limita a indicar e a fixar os objetos que devem ser examinados e reconhecidos, a mostrá-los aos alunos, do ponto de vista apropriado, e a traçar um bom método de observação e exame.

Os médicos de Cos, que não faziam tantas divisões inúteis e que não acreditavam que a arte pudesse consistir nestas vãs e sutis classificações, estavam longe de imaginar que a história das doenças, o conhecimento dos sinais e a ciência das indicações pudessem ser distintos e tratados à parte. Eles imaginavam, menos ainda, que a medicina prática pudesse ser ensinada do alto de uma cátedra, longe dos objetos sobre os quais ela devia agir.

O ensino médico se compõe de matérias diferentes a elas mesmas, mas diferentes também na maneira pela qual podem ser expostas. Algumas se desenvolvem bem nas lições escritas ou nas sábias conversas de um bom professor. Os livros, preferidos para este tipo de instrução, submetem o ensino médico a quadros que a entonação da voz e o aspecto dos auditores podem torná-los mais

animados. Eles o submetem também a explicações que, se não forem longas e cansativas, podem proporcionar mais energia à inteligência e à atenção dos auditores. Além disso, podem ser reproduzidas nos livros, por várias vezes e sob novas formas, as coisas que parecem não ter sido bem compreendidas. Entretanto, as matérias deste gênero são em pequeno número. Em todas as outras, o professor só poderá ser bem entendido se estiver na presença dos objetos. Querer pintar um músculo, uma doença, uma operação química para aquele que nunca viu esta operação, esta doença e nem este músculo, é querer fazê-lo experimentar o sabor de um fruto que ele não conhece ou o odor de um perfume que ele nunca sentiu.

Os gregos ensinavam a medicina prática no próprio leito dos doentes. É por isto que eles davam o nome de clínica. A natureza fornecia o texto das lições e os dogmas se confirmavam ou se corrigiam a partir dos fatos.

Em Roma, onde a arte de curar não era somente praticada pelos gregos, o mesmo método foi constantemente usado. Os médicos mais reconhecidos levavam seus alunos para a casa dos doentes. Eles os acostumavam, assim, a ver a natureza sob seus diferentes aspectos, a monitorá-la em todas as mudanças, a prever os resultados de seus esforços espontâneos, a calcular o efeito dos remédios. Para o doente, além dos inconvenientes da doença, era terrível ser descoberto e apalpado por todos os alunos de seu médico.

Nos impérios do Oriente, os hospitais, mantidos cuidadosamente, se dedicavam ao alívio dos pobres doentes, ao progresso da arte e à instrução dos jovens alunos. O mesmo acontecia com os árabes. Suas escolas, do Oriente e da Espanha, tinham sempre um hospital na

vizinhança. Os médicos árabes viam uma grande enfermaria como o laboratório necessário para as observações e as experiências do prático, e a viam também como uma galeria, onde os jovens alunos podiam encontrar expostos quadros instrutivos que os livros traçavam sempre imperfeitamente. Resumindo, eles acreditavam que não podiam mais ficar sem ter, em suas escolas, uma reunião de doentes, uma coleção de remédios, um laboratório de química e de farmácia, um jardim de plantas empregadas nos tratamentos.

Na Europa, algumas escolas gozaram das mesmas vantagens, sobretudo com o renascimento da medicina de Hipócrates. Porém, foi só um tempo depois que verdadeiras escolas clínicas, que faziam parte do ensino das universidades, foram formadas sobre um plano digno das luzes e da filosofia do século. Não quer dizer que não se sentia, antes da sua formação, a necessidade de ver as doenças para conhecê-las, de acompanhar os tratamentos para compará-los, julgá-los, repeti-los ou corrigi-los. Alguns professores, esclarecidos e zelosos, transportaram o ensino da verdadeira medicina prática para os hospitais. Porém, a maior parte das aulas, se pudermos dar este nome, eram dadas nas salas das universidades. Assim, nada podia confirmar as asserções do professor, quando tinham fundamento. Nada podia combatê-las, quando eram contrárias às observações. Compreendia-se um livro, mas não se via a natureza.

As duas escolas de Viena e de Edimburgo foram as primeiras a preencher esta lacuna. A filosofia e o zelo de

Joseph II⁵⁸ fizeram com que a escola de Viena fosse, por muito tempo, superior a tudo o que se podia conceber até o momento. A escola de Edimburgo, representada por uma reunião de homens eminentes, não só lançou um grande brilho sobre o saber, como também formou excelentes práticos que prestam, ainda hoje e em quase todas as partes da Europa, grandes serviços à humanidade.

Em um pequeno trabalho sobre os hospitais, publicado nos primeiros momentos da revolução, eu propus o estabelecimento das escolas clínicas na França. Fiz sentir as vantagens e mostrei a sua necessidade. Era o desejo de todos bons homens que se interessavam pelo progresso da arte. Expliquei, neste mesmo trabalho, os ensaios feitos por meu querido mestre, o virtuoso Dubreuil, sob a proteção do marechal de Castries, então ministro da marinha. Lembrei que as duas escolas clínicas de Brest e de Toulon eram frutos deste desejo e os serviços que elas prestavam me forneceram provas da clareza das visões que dirigiram sua formação.

Em 1792, a comissão dos hospitais de Paris, da qual tive a honra de ser membro, quis executar projetos com o apoio de homens mais esclarecidos e comandados pelo interesse público. Ela tinha escolhido, para o estabelecimento da primeira escola clínica, o asilo chamado Caridade. Os planos estavam prontos, os meios calculados e previstos. Mas, logo, a França inteira caiu nas mãos da famosa comuna de Paris. Os encarregados dos hospitais, não se vendo mais úteis, pediram demissão ou foram afastados. O pouco que eles podiam ter feito se dissipou

⁵⁸ Apesar da ação que este imperador tinha tomado contra a França, é preciso louvá-lo pelo que ele fez de bom. É preciso louvá-lo, sobretudo, pelo espírito de tolerância que ele quis introduzir em seus estados

em grande parte. O que eles tinham preparado ficou em suspenso até tempos mais felizes.

Enfim, a primeira lei de organização das escolas de medicina ordenou que, desde então, os alunos recebessem as lições clínicas nestas escolas. Todos os meios, que podiam tornar estas lições mais proveitosas, foram reunidos com muita inteligência e cuidado nestas três escolas, principalmente na de Paris. A única coisa de que elas precisavam era não serem incomodadas em seu trabalho.

Motivações especiais poderiam ter transformado, facilmente, todos os asilos em pequenas escolas práticas. Nada seria mais vantajoso. Os jovens encontrariam, por toda parte, esta verdadeira instrução prática, a mais necessária de todas. Entrando nas grandes escolas, eles trariam o hábito da observação. As outras partes do conhecimento médico se organizariam com muito mais ordem e clareza em suas mentes. Assim, eles recolheriam os materiais com os sentidos aguçados, por este mesmo hábito, e com um julgamento habituado a ser exercido sobre impressões imediatamente produzidas pelos objetos.

É inútil insistir sobre as vantagens das escolas clínicas. Perceberemos, mais facilmente, como a multiplicação destes estabelecimentos nos hospitais pode se tornar vantajosa. Primeiramente, os doentes destes hospitais serão mais bem cuidados. Quando eles são o tema de observações úteis, eles são também o foco de uma atenção especial. O médico, mais diretamente interessado pelo sucesso dos tratamentos, vai combiná-los com mais atenção e dirigi-los com mais cuidado. Ele tomará mais precauções para que os efeitos do regime ajudem nos efeitos dos medicamentos. Sob seus olhos, e quase sem sua

participação, se formarão jovens alunos cuja instrução será cada vez mais sólida e, até certo ponto, independente dos talentos do professor. No exercício contínuo de sagacidade e de julgamento do aspecto dos quadros, todos compostos de fatos, os alunos contrairão o hábito de melhor percebê-los e terão repugnância por qualquer raciocínio que não esteja conforme. Eles irão adquirir o verdadeiro espírito filosófico que está fundado, na medicina, sobre este hábito e este gosto. Coletâneas completas de observações, sobre todas as enfermidades humanas, se encontrarão formadas nos diários mantidos pelos professores. De sua comparação, resultarão regras mais seguras sobre as modificações exigidas pelo tratamento das mesmas doenças: o local, as estações, o estado do ar, a idade dos doentes, sua constituição física, etc. As epidemias gerais, comuns a diferentes países, e as epidemias particulares, próprias de certos lugares, serão observadas com mais cuidado em suas variações e em seus retornos. Elas serão descritas mais escrupulosamente em seus fenômenos mais sutis. Enfim, através de numerosos testes, serão verificadas a potência e a utilidade de todos os meios conhecidos. Serão feitas tentativas indicadas pela analogia. Correspondências, ou comunicações rápidas, serão estabelecidas entre esta multidão de observadores, todos igualmente interessados em não esconder o fruto de suas pesquisas. Destes ricos materiais, deverão surgir corpos de doutrina mais completos, mais regulares, mais exatos que se aproximarão cada vez mais da natureza. Como serão mais capazes de se curvarem e se adaptarem a todas as circunstâncias, estes corpos de doutrina reunirão, em proveito de um sábio dogmatismo, todas as vantagens do verdadeiro empirismo racional.

V

Higiene

A Higiene nos ensina a preservar a saúde. Não é somente uma parte essencial da medicina, é também uma parte importante da moral. A moral é, de fato, a arte da vida. Como esta arte poderia ser completa sem o conhecimento das mudanças que o indivíduo pode passar e dos meios capazes de produzi-las? A higiene e, conseqüentemente, algumas noções sucintas de anatomia e fisiologia deveriam entrar em todo sistema de educação. Para usufruir de nossas faculdades intelectuais e para conduzir nossas tendências e nossos desejos para o objetivo mais vantajoso, isto é, nossa felicidade, é absolutamente necessário conjugar todos nossos hábitos físicos ao nosso trabalho e às disposições morais que queremos cultivar em nós mesmos. Algumas vezes, uma boa disciplina é suficiente para ordenar nossas ideias e regular nossos sentimentos. De qual fonte eles derivam? Não seria das impressões recebidas nos diversos órgãos? A vontade põe em jogo quais forças para executar suas determinações? Não estariam estes mesmos órgãos submissos à natureza, como se fossem dóceis serviçais? Como é prejudicial ignorar a estrutura e as funções diretas destes preciosos instrumentos pelos quais recebemos sensações, concebemos desejos e executamos nossos trabalhos! Como é vergonhoso ignorar as causas que podem aperfeiçoar ou modificar sua ação! Quantos preconceitos ridículos, quantos medos inúteis e quanta credulidade ingênua são nutridos por esta ignorância, mesmo em espíritos esclarecidos!

Os livros dietéticos de Hipócrates, os primeiros neste gênero, continuam ainda sendo os primeiros pelo caráter das observações. Vários médicos as comentaram em diferentes épocas. Lorri, em seu Tratado dos Alimentos, as adotou e as fortaleceu com tudo o que a física e a química podiam acrescentar.

Devido a uma saúde delicada, Marsile Ficin era forçado a ter cuidados extremos com a alimentação. Assim, ele recolheu muitas observações sobre este assunto e traçou, para si mesmo, regras que acreditava serem úteis e seguras. Porém, como sua cabeça estava cheia de ideias astrológicas e visões hipocondríacas, não podemos confiar no seu julgamento e nem mesmo na exatidão de suas citações.

Cardan, gênio penetrante, mas pouco verídico e pouco sensato; Bruyerin que acrescentava ao conhecimento profundo dos médicos gregos o verdadeiro espírito de observação; Sébisius que Boerhaave coloca acima de todos os escritores de higiene; todos eles deixaram pouco a desejar para os preceitos gerais. Sanctorius abriu um novo caminho. Cornaro e o autor da Coletânea inglesa, *Longas vidas observadas nos três reinos*, indicaram certas práticas especiais para a preservação da saúde. Lommius e, mais recentemente, Makensie trataram do mesmo assunto como médicos. Cheyne não chegou a se aprofundar, mas sua obra apresenta algumas visões finas. Arbuthnot, de quem se esperava uma obra realmente filosófica em seu *Tratado da natureza dos alimentos*, considerou este objeto somente sob um único ponto de vista.

Enfim, eu poderia indicar algumas outras obras que tratam da ginástica⁵⁹, do regime das doenças ou do uso diário dos diferentes alimentos. Existem algumas que contêm coisas úteis ou curiosas, mas nenhuma abarca a dietética em toda sua extensão. Somente Bacon, por algumas percepções lançadas ao acaso, parece ter feito mais que todos eles para o progresso posterior desta área⁶⁰.

Enfim, deixemos de lado esta imperfeita nomenclatura de livros e autores. Observa-se que, em diversas épocas da vida como nas diferentes doenças, os mesmos alimentos não produzem os mesmos efeitos. Cada idade tem seus hábitos físicos e seus interesses próprios. Tanto estes hábitos quanto estes interesses, conduzidos de acordo com o desejo da natureza e contidos nos limites que ela lhes permite, ajudam na preservação da saúde física e moral, assim como no desenvolvimento do indivíduo.

Nos diferentes climas e nas diversas situações topográficas, a temperatura e o estado do ar, a natureza das águas, as exalações do solo, o caráter dos alimentos que ele fornece, o caráter dos trabalhos que ele impõe ou as necessidades que ele produz, tudo isto age, junto ou separadamente, para produzir certos hábitos particulares de cada local. A diversidade destes hábitos surpreende o viajante, mesmo o mais desatento. Ele não pode deixar de perceber que estes hábitos estão relacionados à sua verdadeira causa e à diversidade dos lugares. Ele vê que estes hábitos podem ser úteis ou necessários em um lugar, mas perigosos ou mesmo funestos em outro. Tudo lhe

⁵⁹ A obra de Mercurialis merece ser citada.

⁶⁰ Evito falar dos tratados, parciais ou gerais, publicados por autores vivos. Anuncia-se, há muito tempo, o tratado do professor Hallé. Este trabalho será, sem dúvida, digno de seu autor e, conseqüentemente, das luzes do século.

prova que eles se tornam, por sua vez, a causa direta das formas externas e, mesmo em grande parte, do caráter próprio a cada nação.

É certo que o homem, embora seja aparentemente o animal mais frágil, no fundo é o mais forte. Ele se acostuma a todas as temperaturas e a todas as formas de viver. Ele se habitua aos grandes trabalhos, aos excessos de qualquer gênero. Ele pode se tornar mais resistente e mesmo passar, sem inconvenientes, pelas alterações mais bruscas. Suas fibras, tenazes e ágeis, se prestam a tudo. As circunstâncias que parecem acabar com todas suas forças e destruí-las, ele pode encontrar nelas os meios para desenvolver novas faculdades surpreendentes.

O uso de certos alimentos fortalece ou diminui alguns hábitos morais. Este uso age diretamente, ocasionando impressões imediatas, através dos estados diversos das doenças, ou da saúde, que ele determina. E, ainda, através das disposições dos humores e dos sólidos que resultam do seu uso. Estas diferentes modificações se manifestam nas disposições habituais da inteligência e da vontade.

O estado físico não poderia ser fortemente influenciado pelos interesses, a forma de pensar, o caráter dos trabalhos intelectuais, o hábito de certos pensamentos e sentimentos, que podem também surgir subitamente? Não temos, diante de nós, exemplos surpreendentes da influência que o moral exerce sobre o físico? Influência que pode parecer incompreensível somente quando se procura, fora dos órgãos⁶¹, a ligação destas íntimas relações. Quantos homens foram mortos ou curados pela imaginação! Quantas constituições foram alteradas e

⁶¹ Influenciados pelas impressões e capazes de agir e reagir uns sobre os outros

arruinadas, ou restabelecidas e rejuvenescidas, por direções não habituais de ideias e sentimentos! Bacon dizia que fazer, todos os dias, novos projetos é um meio de prolongar a vida. Dizia, também, que a prudência convida o homem a hábitos constantes e pacíficos, mas que os loucos, devido à disposição contrária, teriam probabilidades mais fortes de longevidade, se suas extravagâncias não os precipitassem a perigos diretos.

Pode-se afirmar que o abandono dos trabalhos habituais prejudica a ordem dos movimentos vitais, antecipa a velhice e a morte. Já se curou doenças crônicas, arrancando o doente do langor do repouso ou da monotonia e impondo-lhe novos deveres e mudando a natureza de seus trabalhos.

Todos os fatos, relativos a estas diferentes visões gerais, devem ser recolhidos, discutidos e comparados com cuidado. Pode-se tirar daí regras úteis de higiene, também aplicáveis a todos os sistemas de educação privada ou pública. Esta parte, ainda nova, da física e da moral oferece um campo vasto e fértil para ceifar.

Não devemos nos limitar à história dos alimentos, à exposição de sua origem, à determinação de seus efeitos. É preciso, ainda, indicar as cadeias de impressões, ideias, apetites ou tendências que podem ser a sequência de seu uso. É preciso apreciar cada gênero de vida, em relação à sua influência sobre as disposições habituais do sistema, sobre as disposições de cada órgão, sobre suas faculdades e suas funções. Seria pouco citar a utilidade do exercício, em geral, ou o efeito específico de cada gênero de exercício. É necessário percorrer os diversos trabalhos aos quais o homem pode se submeter nos diferentes pontos do globo e nas diferentes circunstâncias da vida. É preciso examinar

como estes trabalhos podem se tornar úteis ou prejudiciais. É preciso conhecer os meios de corrigir seus efeitos ruins ou fazer com que aqueles que são bons se tornem mais completos, mais constantes e mais seguros.

Considerando a poderosa influência dos sentimentos e das ideias sobre o estado dos órgãos, sobre o desenvolvimento destes e sobre suas funções, não devemos mais nos contentar com enunciados vagos e gerais, defendidos até hoje por médicos e moralistas. É preciso entrar nas particularidades de uma aplicação direta. Através das observações já feitas e daquelas que a experiência diária fornece a olhares atentos, devemos ver se não poderíamos tirar regras sobre o emprego das afecções da alma, para o restabelecimento ou preservação da saúde. Resumindo, ao abraçarmos, de uma só vez, o físico e o moral e indicarmos as relações e os meios pelos quais eles agem um sobre o outro, devemos fazer com que estes conhecimentos sirvam para o aperfeiçoamento de todos os indivíduos. Como já disse antes, mas que é bom lembrar, a observação constante dos séculos atesta que as disposições físicas se transmitem de pais para filhos. Além disso, alguns fatos, várias analogias de grande peso e todas as leis do sistema animal levam a crer que certas disposições morais se propagam igualmente através das gerações. Devemos, então, olhar mais longe ao traçarmos regras de regime. É ao aperfeiçoamento geral da espécie humana que devemos aspirar.

VI

Cirurgia. Operações cirúrgicas

A cirurgia, nascida junto à medicina, foi separada desta última somente em tempos de ignorância e barbárie.

Nestes tempos em que os sacerdotes e os monges eram, e queriam ser, os únicos médicos da Europa. Um pretense horror da Igreja pelo sangue, ou melhor, a degradação profunda em que a cirurgia caiu, pelas mãos de homens rudimentares e desprezíveis, fez com que estes monges e sacerdotes pensassem que era conveniente e político abandonar a medicina operatória aos barbeiros e charlatões.

No tempo de Hipócrates, esta separação não existia e nem podia existir. Parece que algumas operações eram, exclusivamente, reservadas a certas pessoas em particular. Hipócrates jurou, em seu voto solene, não praticar a litotomia, talvez porque ele visse as feridas da bexiga como mortais. Na França, esta mesma operação foi, por muito tempo, o patrimônio de uma mesma família. Uma tolerância implícita e a crença pública lhe davam o direito de exercê-la, de pai para filho.

Hipócrates era médico, cirurgião e farmacêutico. Ele escreveu sobre estas três partes da ciência. Suas obras de cirurgia não são indignas das outras. Pode-se ainda buscar, nestes livros, novos conhecimentos e recolher os primeiros vislumbres das luzes que os séculos modernos distribuíram sobre quase todos os ramos da arte. Seu Tratado sobre as feridas da cabeça contém muitas observações úteis. Ele manifesta a verdadeira genialidade cirúrgica.

Celse, ao traçar e resumir a medicina dos gregos, fez também o quadro de cirurgia destes médicos. Paul d'Egine o enriqueceu com várias invenções e tratamentos que lhe são próprios. Com os árabes, a cirurgia fez também algum progresso. Quando Vésale desestabilizou o jugo do galenismo e das escolas, quando a física abriu novos caminhos, foi neste mesmo período que a anatomia

renasceu e a cirurgia pôde voar audaciosamente. Ambroise Paré, Fabrice de Hilden, Fabrice d'Aquapendente, Marc-Aurèle Severin, Jean de Vigo, Gui de Chauliac, e outros, são os pais da cirurgia para os modernos. O século XVII lhe deu vários homens distintos, mas o séc. XVIII a levou longe, graças ao caráter dos homens que a cultivaram, à importância das verdades que eles estabeleceram ou das crenças e erros que eles fizeram desaparecer. Palfin, Dionis, Duverney, Solingen, La Peyronie, Raw, Heister, Petit, Lamotte, Quesnay, Monro, Louis, Pouteau, Pott, os dois Hunter, Cheselden, e vários outros, que eu levaria tempo em nomeá-los, são alguns que deram importância à cirurgia. Uns abraçaram todas as partes da arte e a trataram de maneira sistemática. Outros, dirigindo sua atenção para pontos escolhidos por sua genialidade ou pelas circunstâncias, a fizeram crescer, a simplificaram e a aperfeiçoaram. Perdemos há pouco tempo grandes mestres, tais como os Dessault, os Choppart, etc.. Ainda há aqueles que estão por aí, mas me abstenho em cita-los para evitar mostrar preferência por meu país, ao nomear somente cirurgiões franceses. Estes grandes mestres não pararam de aumentar os limites da arte, através de seus trabalhos infatigáveis, e formar alunos capazes de substituí-los.

Quase todas as partes importantes da cirurgia foram, sucessivamente, revistas e submetidas a úteis mudanças. O tratamento das fístulas, principalmente das fístulas do ânus, as grandes amputações, as doenças dos ossos, a operação de cálculo renal, das hérnias, dos aneurismas, os partos, etc., fizeram, há menos de um século, progressos tão consideráveis que podemos olhar a arte como quase totalmente renovada.

Não preciso dizer que o estudo da cirurgia, como o da fisiologia, se relaciona com as três análises: descritiva, histórica e dedutiva. Já o estudo da higiene usa, especialmente, as duas últimas análises. Talvez não seja inútil observar que as lições de cirurgia, sendo dadas necessariamente na presença dos objetos, se prestaram menos do que as lições de certos ramos da arte de curar às divagações do charlatanismo e aos desvios da imaginação. As melhorias que esta parte do ensino pode ainda solicitar são muito fáceis, para que o exemplo de um único mestre, impregnado de métodos filosóficos, possa concluí-las e empregá-las para sempre.

Quanto às melhorias que tratam da própria arte, as resistências encontradas se devem em parte aos vícios de sua linguagem científica, em parte ao caráter muito mecânico de seus princípios gerais. Vimos como e até que ponto é possível remediar o primeiro inconveniente e quais novas desordens podem nascer de semelhante reforma. O segundo inconveniente se deve à própria natureza dos estudos cirúrgicos. As pessoas lentas e limitadas, que são sempre as mais numerosas, encontram aqui apoios visíveis e palpáveis para seus raciocínios e suas teorias. Raciocinar sobre objetos, que temos sob nossos olhos, inspira uma grande confiança. Mas, infelizmente, um tato grosseiro e conhecimentos limitados nem sempre bastam para se adivinhar o caráter dos objetos, envolvido em seu invólucro externo. Este hábito de considerar tudo materialmente pode acarretar muitos erros. Normalmente, este hábito é insuficiente na aplicação. É, então, para a melhoria da fisiologia e da patologia que os verdadeiros cirurgiões devem dirigir seus esforços.

A parte instrumental e manual se aperfeiçoa por si própria. Porém, o tratamento de uma chaga um pouco grave, a influência de uma operação maior sobre todo o sistema, algumas mudanças profundas que as doenças universais e as doenças cirúrgicas exercem umas sobre as outras, merecem maior atenção. O talento não consiste somente em fazer com que uma operação se torne inútil, que se cure uma chaga ou qualquer outra afecção local com tratamentos internos e gerais, ao invés de aplicar tópicos ou instrumentos mais engenhosos. É preciso que a cirurgia se apoie nas visões médicas, da mesma forma que a medicina precisa do socorro cirúrgico.

VII

Matéria médica

A exposição dos meios que a arte emprega para curar as doenças forma o que se chama matéria médica. Estes meios, ou medicamentos, são produções da natureza. A química e a farmácia os combinam e os preparam, a clínica os administra e anota seus efeitos. O conhecimento das substâncias animais, vegetais ou minerais, das qualidades externas que servem para classificá-las, da maneira como elas se formam, do país que as produz, das mudanças que sofrem pelo tempo, tudo isto é uma parte da história natural. Todas as decomposições, associações e combinações que sofrem antes de serem postas em uso; todas as modificações sofridas, ou que podem sofrer, com estas novas combinações, ou na sua aplicação em corpos vivos; tudo isto diz respeito à química e à farmácia. As observações feitas, na cabeceira do doente, sobre as virtudes dos medicamentos, distribuídas na mesma ordem que as observações das doenças, pertencem à clínica.

Somente os observadores-práticos podem fornecê-las ou imprimir-lhes o selo da verdade.

Olhando, tocando, vendo, farejando e experimentando os remédios, aprende-se a reconhecê-los. Vendo-os se decomporem e se recomporem, observando as qualidades de seus produtos ou de suas novas associações, adquire-se noções justas sobre suas qualidades químicas. Vendo-os serem preparados nas farmácias, tem-se uma ideia nítida de suas transformações, das qualidades perceptíveis que as diversas preparações podem lhes imprimir. Enfim, durante uma prática atenta e suficientemente extensa, aprende-se a conhecer as verdadeiras propriedades dos medicamentos e a avaliá-los, não de maneira vaga, mas através dos efeitos constantes bem determinados, bem circunscritos e relacionados com casos individuais, nos quais eles se oferecem para observação.

Sem dúvida, nada é mais difícil que atribuir aos remédios o papel real que eles podem ter nas mudanças ocorridas após seu uso. As observações e as experiências sobre esta matéria apresentam muitas incertezas e dificuldades. Elas estão sujeitas a muitos erros. Tem-se realmente muita dificuldade em constatar se os remédios têm, de fato, qualquer influência sobre estas mudanças. Tantas circunstâncias desconhecidas podem ter produzido os fatos observados ou, pelo menos, tê-los alterado a ponto de ser impossível reconhecer sua verdadeira causa! O que é ainda mais difícil de desvendar é a qualidade particular que torna um remédio capaz de produzir realmente tal ou tal efeito.

Quando se percorre as coletâneas de matéria médica, fica-se surpreendido em encontrar a mesma substância organizada em várias classes e em vários gêneros

totalmente diferentes. Ou ela é purgativa, ou estimulante de apetite, ou expectorante, etc. É, sobretudo, entre os calmantes que se encontram drogas tiradas de quase todas as outras classes. Um crédulo tem muita dificuldade em não ter dúvidas a este respeito. Aplicados nos corpos vivos, os remédios agem de forma diversa, conforme as circunstâncias. Às vezes, é um purgativo que acalma, às vezes, é um tônico, um ácido, um fel, etc. que fazem este papel. O mesmo remédio pode se tornar, a cada vez, evacuante, diurético, sudorífico. É preciso, então, que uma sequência de ensaios, repetidos por diferentes observadores, em diferentes locais e circunstâncias, fixe as incertezas que nascem desta diversidade de efeitos. Algumas vezes, é necessário ver se há propriedades verdadeiras e constantes no remédio que é o foco do exame.

Assim, a melhor matéria médica seria aquela que apresentasse, segundo a ordem dos tratamentos ou da classificação dos efeitos gerais, o levantamento fiel das observações recolhidas, no leito dos doentes, sobre as propriedades dos medicamentos. Este o plano que Vogel queria ter proposto, mas infelizmente ele se contentou em tomar o resultado das observações, sem entrar nas circunstâncias que poderiam caracterizar o efeito observado. Quando ele fala das propriedades da quina, por exemplo, ele diz que esta casca foi empregada com sucesso em tal e tal doença particular. Entretanto, ele não dá nenhum detalhe, nem mesmo nenhum resultado geral, sobre os fenômenos destas doenças, a época do ano, a constituição física do doente, o momento da administração do remédio, enfim, todas as circunstâncias capazes de modificar sua ação, sem o conhecimento das quais é

impossível analisá-la. Qual utilidade estas longas listas de observações, frequentemente contraditórias, podem ter para o leitor? De qual meio ele pode se servir para conciliar estas contradições e descobrir, em cada caso particular, a verdadeira causa do efeito obtido? O trabalho de Vogel, excelente em alguns aspectos, deve ser refeito ou, pelo menos, revisto. Os práticos experientes, aproveitando das pesquisas laboriosas de Vogel, poderiam recolher e classificar os fatos que ele indica, limitando-se a compreender seus traços principais. Prestariam, assim, um serviço essencial aos jovens alunos. Este novo trabalho seria ainda mais instrutivo se os autores unissem suas próprias observações aos numerosos fatos citados por Vogel, com o intuito de dar suporte às consequências destes fatos ou para combatê-las e retificá-las.

Pode-se perceber que, antes de observar por si mesmo, o aluno tem muita dificuldade em entender as observações gerais de outrem. Quando se faz um quadro de remédios, dos quais se conhece os efeitos por sua própria experiência, não se procura mais as indicações nos livros. Nossa matéria médica já é muito rica. Não é de novos remédios que precisamos, mas sim, de um bom método para empregar aqueles que possuímos. Cappivacius dizia a seus alunos: *Discite meam methodum, et habebitis arcana mea.*

Esta maneira de tratar a matéria médica seria totalmente clínica. Repito, é somente no leito dos doentes que sua parte essencial pode ser ensinada.

VIII

Química, Farmácia

A química está ligada à medicina prática somente por relações bem restritas. Conhecer as alterações que os alimentos, ou os remédios, podem sofrer por causa de sua mistura com as diferentes matérias no estômago é, sem dúvida, necessário para a prática da arte de curar. Porém, estas alterações são bem menos variadas e menos importantes do que se pensa. Se fossem mais, seria muito difícil analisá-las com exatidão. Como dizia Stahl: *Chemiae usus in medicina nullus, aut fere nullus*. Esta opinião de Stahl, verdadeira para seu tempo, pode continuar a sê-lo ainda hoje. O novo brilho que os químicos modernos, sobretudo os franceses, deram à ciência e os esforços louváveis de alguns dentre eles para tornar as descobertas diretamente úteis para a arte de curar não parecem ainda ter dado resultados mais extensos e seguros. Não devemos, entretanto, deixar de esperar que um dia possamos ter mais conhecimento da relação dos corpos animados, em seus diferentes estados, com os outros corpos da natureza. Sabemos que tipo de ajuda a higiene e a medicina prática podem encontrar neste conhecimento. Mas as experiências necessárias para atingir este objetivo não poderão ser feitas nos laboratórios. Não será com a operação de instrumentos desprovidos de vida e de sensibilidade que se poderá chegar a resultados aplicáveis e exatos. É na observação da natureza sensível e viva, no leito dos doentes e nas vastas enfermarias que se deve praticar esta nova química, esta química animada, cuja suspensão da vida altera, rapidamente, a natureza de qualquer produto. Para poderem ser aplicados à dietética e à medicina prática, estes produtos e as conclusões teóricas resultantes devem ser fornecidos somente por observações próprias a uma quanto à outra. Eles só poderão ser sólidos quando se basearem em fatos tirados imediatamente de seu seio.

No estado atual de nosso conhecimento, a química é a luz da história natural. Ela ensina às artes os meios de se apropriarem das riquezas. Ela prepara, combina e multiplica as matérias que podem ser aplicadas às nossas necessidades. Ela começa a difundir sua luz sobre diversas partes da física propriamente dita. Vários fenômenos, mal concebidos até o momento, entram na classe das combinações ou das decomposições das quais a química descobriu as leis. Enfim, esta ciência, à qual quase todas as artes pedem ajuda, nasceu com a arte de preparar medicamentos. Ela participou disso e é dela que a medicina recebeu a maior parte de seus meios mais poderosos.

A química, após ter sido por muito tempo controlada pelos charlatões e visionários, tornou-se enfim o domínio de homens mais esclarecidos e das melhores mentes de seu século. Após ter servido, por tantas vezes, de instrumento para o desatino, após ter influenciado na corrupção de várias partes das ciências naturais, ela tomou enfim um caráter mais filosófico, tendo um andar mais rígido e seguro. Esta é a verdadeira causa de seu sucesso, tão rápido quanto brilhante.

A química farmacêutica seguiu este mesmo passo. Ela foi animada pelo mesmo espírito. Seus procedimentos se tornaram mais simples e mais racionais. Aquele velho monte de códigos e dispensários vai desaparecendo pouco a pouco. Embora a reforma esteja longe de ser completa, a maneira pela qual ela começou não deixa espaço para as inaptidões e criancices que abundavam, antigamente, nas preparações e nas fórmulas de fundo de quintal.

Esta reforma é, em grande parte, obra de Baumé⁶². Ele foi, pelo menos, o primeiro a atualizar todo o absurdo e a inutilidade de várias preparações, além das manobras pouco delicadas dos droguistas e farmacêuticos. Depois dele, muitos abusos foram reformados, até onde a natureza comercial permitia, já que a probidade tinha como vigilante somente ela mesma. As farmacopeias foram, gradualmente, reduzindo o número de suas fórmulas e banindo os procedimentos antigos, cujo desatino é mostrado pelas luzes atuais.

Não é lendo que se aprende química e farmácia. É vendo operar, ou operando, familiarizando seus olhos e suas mãos com os objetos das operações e com os instrumentos usados.

Ainda uma vez, este método, aplicável a todos os estudos práticos, é tão bom que o talento do professor torna-se quase inútil. A própria natureza, quer dizer, a presença dos objetos, repara quase todos os erros que o professor pode cometer em seu ensino oral.

Não preciso terminar falando que a análise de decomposição e recomposição é especialmente própria da química. Sabemos como esta ciência tirou vantagem da aplicação regular dos métodos filosóficos. Empregando-os em objetos materiais e palpáveis, esta ciência aperfeiçoou seus procedimentos. Esta mesma análise, manipulada de maneira sábia e pensada e que é usada habitualmente pela ciência, pode também ser usada sobre os objetos intelectuais.

IX

⁶² Quando meu respeitável colega DEYEUX tiver publicado sua Farmácia, poderemos ver esta reforma como concluída.

Botânica

Os antigos trataram algumas áreas das ciências com muita genialidade e sucesso. Porém, deixaram várias outras no estado infantil. A prática de Hipócrates é admirável, mas sua anatomia e sua matéria médica estão abaixo de medíocre. A história dos animais de Aristóteles é um modelo, seja pela maneira de registrar os grandes traços e as grandes relações, seja pela fidelidade dos detalhes. Nunca se pintou a natureza com um pincel tão firme. Em compensação, sua física é totalmente indigna de seu trabalho. Podemos, até mesmo, dizer que é um tecido de opiniões absurdas e bizarras, fruto de uma imaginação desregrada e sutil. Quanto à linguagem que ele emprega, seria difícil encontrar em outros autores um lengalenga tão tenebroso.

Ao lado de certos ramos da filosofia natural que se desenvolviam com vigor e rapidez, outros se arrastavam em uma espécie de torpor. Eles ficavam para trás, apesar do movimento fecundo que pareciam imprimir a seus estudos, do sentimento de necessidade e, mesmo algumas vezes, da crença do público.

Um destes ramos foi a Botânica. Antes de Hipócrates, ela ainda não existia. Este grande homem falava muito das plantas, mas como médico e não como botânico. Foram Théophraste e Dioscoride que criaram esta ciência. Plíne e Galeno a enriqueceram, mas sem pôr nenhuma ordem. Os árabes a deixaram quase no mesmo estado em que tinham recebido dos antigos.

Já os modernos como Mathiole, Fallope, Fabius Columna, a ressuscitaram. Jean e Gaspard Bauhin, Cesalpino, Gessner a refundiram e a rejuvenesceram. Ela

foi novamente manipulada e reformada por Tournefort. Após mostrar o vício dos métodos conhecidos em seu tempo, ele ousou oferecer seus serviços e concluiu o plano de sua inteira reforma. Este plano, ao mesmo tempo amplo e simples, só poderia ser concebido por uma mente forte e ser executado graças aos infatigáveis trabalhos.

Embora vivendo sozinho no campo, quase sem livros e sem meios para empreender grandes viagens, Jean Ray pesquisou e propôs visões muito úteis. Primeiramente, ele sentiu que era necessário, para se evitar confusão, classificar as plantas, não pela semelhança de uma parte, mas pela semelhança de todas as partes ou, pelo menos, das mais importantes. Se na prática, este sistema passa por dificuldades, não podemos deixar de reconhecer que ele tem a vantagem da exatidão e se reporta melhor às formas externas das plantas e mesmo às suas propriedades.

Entre os sistemas propostos, iremos nos referir, a partir de agora, ao de Linné. Ele serve ainda de base ou, pelo menos, ele se associa a sistemas que surgiram em nossos dias graças a conhecimentos mais amplos, além de ser uma maneira mais saudável de filosofar.

Fundado em uma observação engenhosa, este sistema lhe deve toda sua celebridade. Talvez suas vantagens reais se devam ao estudo puramente botânico das plantas ou ao conhecimento do uso destas. Talvez suas vantagens se reduzam a pouca coisa. Os ilustres autores do sistema adotado no Jardim Nacional parecem ter julgado da mesma forma. Eles não acreditaram que tinham que se limitar a um único caráter, em consideração aos vegetais. A classificação feita por estes homens abarca e combina todos os tipos de vegetais. Unindo suas próprias

observações àquelas de seus predecessores, eles não podiam deixar de fazer um útil e bom trabalho.

Os botânicos parecem, geralmente, ter tido o mesmo cuidado em fazer desaparecer os pontos de ligação de sua ciência com as outras. Entretanto, eles deviam ter feito o contrário, quer dizer, procurar estes pontos e multiplicá-los. Eles evitaram encarar os vegetais sob outro aspecto que não fosse aquele de sua simples descrição. Suas propriedades e seus usos não existiam para eles. Alguns poderiam até se aborrecer se as classificações oferecessem alguma ideia sobre isso. Transportar para sua ciência as visões da medicina ou das artes seria, segundo eles, alterar a sua natureza.

Mas esta maneira de isolar a botânica e reduzi-la à condição de uma árida nomenclatura não seria a principal causa do desgosto de muitos bons homens? Não seria unicamente a isto que era preciso atribuir sua propriedade extraordinária, cansar as memórias que podiam fixar os objetos somente pelo raciocínio? Enfim, se muitos homens iluminados lhe recusaram o título e as características de uma verdadeira ciência, não seria então o momento de acusá-los por não terem deixado que ela tivesse alguma útil aplicação?

Eu sei que quando devemos classificar vinte e cinco ou trinta mil plantas, das quais somente um pequeno número é conhecido por suas propriedades, podemos ver como supérfluo este caráter tão essencial aos olhos dos ignorantes. Talvez seja pior para aqueles que podem aprender e decorar tantos nomes e frases descritivas, aos quais não se acrescenta nenhuma ideia a não ser aquela de algumas formas ou de alguns traços externos!

A botânica se apresenta aqui sob dois pontos de vista muito diferentes:

1º) como simples classificação de todos os seres do reino vegetal;

2º) como um dos grandes armazéns da natureza, onde a medicina pede emprestados vários remédios eficazes, e as artes, um monte de materiais úteis.

Sob o primeiro ponto de vista, ela seria somente uma simples nomenclatura se nos obstinássemos a seguir este sistema de isolamento, do qual acabei de falar. Ora, podemos precisar consultar uma nomenclatura, mas este árido aspecto não desperta o interesse da imaginação nem da razão.

Sob o segundo ponto de vista, a botânica abre um campo vasto para pesquisas experimentais. Ela tem como objetivo registrar relações úteis, ao serem conhecidas, e curiosas, ao serem descobertas. Os métodos sistemáticos, que poderiam representar fielmente estas relações, podem oferecer um espaço para a avidez do saber e, também, para o desejo de trazer os resultados de cada ciência para a prática da vida e fazê-los servir à satisfação de nossas necessidades diárias. Esta botânica usual não seria, de forma alguma, formada sobre o plano mesquinho de Chomel. Nem mesmo ele consegue ser bom para a parte médica à qual se limita. Ela abarcaria todas as utilizações dos vegetais e sua distribuição seria feita conforme a analogia de suas propriedades.

Seria, talvez, conveniente fazer duas classificações. Uma destinada às espécies nutritivas, farmacêuticas ou venenosas. A outra destinada às espécies que são empregadas pelas artes, em certas áreas de interesse menos

imediatos, ou àquelas em que os erros e a ignorância são menos prejudiciais. Não seria, então, o meio de fazer nascer um interesse geral por esta ciência, cujos objetos podem nos trazer tantos prazeres? A natureza se apraz em embelezar os vegetais com as mais belas e mais ricas cores, impregná-los com os perfumes mais doces. Nós respiramos uma vida nova com as emanações restauradoras dos jardins e dos bosques. Quem nunca se sentiu mil vezes seduzido? Porém, uma maneira fria e clássica de considerar as plantas mancharia estas felizes impressões e deixaria pouca coisa na memória. Os brilhos da imaginação, as lembranças mais caras para o coração, confundidos com as flores e o verde, não impedem que o estudo de um catálogo seja insípido e monótono. O prazer de observar produções atraentes e curiosas pode se perder no meio de tantos esforços para guardar nomes, quase sempre insignificantes, e frases que são somente nomes mais detalhados ou definições arbitrárias.

Porém, a botânica traz nela mesma os princípios fecundos de novas descobertas. Os homens mais distintos, que a cultivam, não se contentam mais com estas frias classificações. Após terem esgotado as descrições externas, eles sentiram que os fenômenos, que caracterizam a vida dos vegetais, eram mais dignos de suas pesquisas. De fato, o quadro da germinação, do desenvolvimento, da frutificação, das doenças e da morte desta classe de seres tão variados, não é somente muito curioso, ele faz parte também da física. Ele pode, além disso, ser de utilidade direta para os progressos da jardinagem e da agricultura. Ele pode fornecer meios para aumentar as riquezas da sociedade.

A fisiologia dos vegetais deve se fundar na sua anatomia, como ela mesma deve servir de base para sua patologia e sua terapêutica. Estudou-se, assim, a estrutura íntima de seus órgãos e das partes elementares dos quais os vegetais são compostos.

Eis uma nova e nobre carreira aberta para os botânicos observadores. Unindo o estudo dos fenômenos apresentados pela vida vegetal à pesquisa das diferentes transformações, combinações ou decomposições, das quais os vegetais são os instrumentos ou podem ser os sujeitos, os botânicos chegarão, um dia, a desvendar o mistério de sua formação e de seu desenvolvimento.

A botânica médica se aprende, sem dúvida, nos jardins, nos campos e nas montanhas. Mas ela se aprende, também, nas farmácias e nos secadouros. É necessário acompanhar as alterações da mesma planta, não somente em sua dissecação, mas também em suas preparações diversas. É bom comparar o gosto e o odor que ela tem no pé com o odor e o gosto que ela adquire quando está murchando, secando, se alterando, ou quando ela se comunica com outras substâncias, se combinando com elas. Enfim, o conhecimento desta botânica se confirma e se completa no leito dos doentes. Vemos facilmente que ela entra na matéria médica da qual ela é, de fato, uma parte e da qual não pode ser separada, relacionando-se continuamente com a medicina.

X

Medicina veterinária

Podemos dizer que a medicina veterinária acabou de nascer. Porém, já encontramos em Aristóteles, em

Xenofonte, em Pline e nos *Rei rusticae Scriptores*, um grande número de observações, recolhidas pelos antigos, sobre a arte de cuidar de bois, cães, cavalos, quando estão com saúde, e também como tratá-los nas doenças às quais eles estão sujeitos. A criação de cavalos foi, em todos os tempos, objeto de cuidados especiais. A criação de cães de caça e de pássaros tornou-se objeto de uma arte erudita. Como todos os animais ficam frequentemente doentes, fomos forçados a procurar meios de curá-los. Mesmo com estas primeiras tentativas informes, estava-se longe de uma verdadeira medicina veterinária. Embora Ramazzini e alguns outros tenham descrito com exatidão certas epizootias; embora eles tenham pesquisado as relações que elas podiam ter com epidemias humanas e os métodos que deviam dirigir seu tratamento; embora tenhamos tratados bem extensos sobre Hipiátrica; a arte, propriamente dita, ainda não existia. Ela não formava um corpo de doutrina, fundado em uma coleção racional de fatos.

Pode-se afirmar que ela data de Bourgelat. De fato, este célebre hipiatro foi o primeiro a levar os procedimentos empíricos a princípios gerais, a ligá-los a conhecimentos anatômicos e fisiológicos muito mais exatos. Ele encadeou, de maneira metódica, os resultados das observações e também indicou com que espírito se devia observar. A ele devemos o primeiro estabelecimento onde a arte veterinária foi objeto de um verdadeiro ensino clínico, onde as lições eram dadas, como na medicina prática, conforme o próprio aspecto das doenças, objeto de suas pesquisas.

Os alunos de sua escola, e os grandes mestres da escola de Chareton, não deixaram esquecer a importância deste feliz impulso impresso na arte nascente. No seio

destas duas escolas, esta arte fez progressos rápidos. Elas formaram vários homens, de mérito raro, que temos ainda a felicidade de conviver⁶³. Discípulos, oriundos de todos os países da Europa, já tinham mostrado à França, sob o antigo regime, uma riqueza que ela parecia desdenhar.

A multiplicação, a conservação, o aperfeiçoamento dos animais são objetos diretamente úteis, fazendo-se necessário provar quanto o progresso da arte, que se relaciona a eles, interessa à prosperidade pública.

Além disso, não é um dever para com seres tão sensíveis, como a gente, e que dividem tão pacientemente nosso trabalho, prestar-lhes todos os cuidados que podem tornar sua existência mais doce? Eles não fazem parte da família humana? Não são eles os mais úteis instrumentos de tantos empreendimentos que multiplicam as riquezas e os prazeres do estado social? Se nossas necessidades nos forçam a privá-los da vida, antes do final que lhes foi atribuído pela natureza, não poderíamos fazer com que estes poucos dias, que lhes deixamos e que tiramos proveito, sejam tão suportáveis quanto a escravidão permitir? Poderíamos esperar do homem que, pela sua bondade, ele cuidasse dos seus úteis companheiros e tivesse o sentimento de reconhecimento junto ao interesse pessoal? Acho que não. A bondade verdadeira, aquela de todos os momentos, aquela que se exerce no silêncio, é mais rara que as imaginações melancólicas e os corações depravados. O mal é sempre visível, brilhante por sua própria natureza, o bem, ao contrário, é pouco nítido. Muitas pessoas cuidam de seus animais como se fossem

⁶³ Depois que escrevi isto, perdemos o excelente GILBERT. Perda lastimável pelas sublimes qualidades de sua alma e, também, pelos talentos e luzes que, mesmo tão jovem, lhe fizeram adquirir tanta reputação.

amigos. Os camponeses choram quando os perdem. Esta afeição está muito próxima do sentimento que une os homens, merecendo assim ser cultivada nos corações. As pessoas que unem a sensibilidade (sem a qual o homem moral não existe) à reflexão, não desprezarão nenhuma afeição indireta. Elas sabem que esta mesma afeição cultiva, por assim dizer, tanto a razão quanto a sensibilidade. Elas sabem que nada melhor que a afeição para mostrar a direção mais favorável. Como seria bom despertar nas almas, que não estão totalmente depravadas, este sentimento humano, fonte fecunda dos prazeres mais doces da vida! É para nossa própria felicidade que devemos desenvolver este sentimento, cultivá-lo atenciosamente e afastar tudo que possa manchá-lo. Como podemos presenciar, indiferentes, espetáculos bárbaros que a estupidez nos apresenta todos os dias? Como podemos nos tornar cúmplices da crueldade com que se tratam os animais? Nunca é demais evitar qualquer mau trato, sem motivo, para com nossos companheiros e ajudantes. Sejamos mais justos, procuremos fazê-los mais felizes. Eles embelezam e preservam nossa vida, quando não sofrem privações. Este motivo já seria digno de se juntar a todos aqueles que podem aperfeiçoar a arte que vela pela criação e saúde dos animais.

Basta indicar as relações desta arte (veterinária) com a medicina humana. Não repetirei tudo o que já disse sobre este assunto. Sabemos que todos os ramos da arte de curar se mantêm e se esclarecem mutuamente.

CAPÍTULO V

Objetos acessórios

I

História natural

Não coloquei a história natural entre os estudos médicos, porque as partes desta ciência, que se relacionam com a medicina, entram ou na filosofia (ela mesma compreende a história das leis físicas dos corpos animados e das suas tendências e hábitos), ou na química (vista como instrumento analítico geral dos diferentes corpos da natureza), ou na botânica, sobretudo na botânica usual (que está próxima da química vegetal e nos faz conhecer melhor os materiais que fazem parte da organização dos seres vivos).

A história natural sistemática, que se limita a classificar as diversas produções da natureza, tem sem dúvida maior utilidade para a organização das coleções. O conhecimento das visões gerais, sobre as quais a classificação de cada autor é formada, pode exercitar a inteligência ou atizar a curiosidade dos jovens alunos. Ela ajuda a memória, cansada de tantos esforços, onde não há lugar para o raciocínio. Algumas vezes, ela até proporciona felizes percepções ao gênio da observação. Estas classificações, mais metódicas do que se supõe, são para o homem comum o mesmo que um catálogo é para uma biblioteca ou que uma lista de nomes é para uma assembleia.

Reduzida a este estado, a história natural seria totalmente estranha para a medicina, que já tem por demais suas próprias classificações.

II

Física

A física descobriu quais são as leis gerais que movem os grandes corpos da natureza. Ela mediu os diferentes diâmetros das órbitas que os astros descrevem em seu curso. Estas leis, às quais estão submetidos os movimentos dos astros, regulam as estações e toda variedade de cenas e efeitos que resultam delas. A física nos desvendou as leis próprias do fluido derramado, em pequena ou grande quantidade, sobre todas as partes do globo. Correndo em sua superfície, caindo em seus abismos, flutuando como vapores no ar, este fluido parece destinado a rejuvenescer todos os corpos, favorecer suas reproduções regulares ou suas contínuas transformações. Foi ainda a física que soube medir e pesar o ar, avaliar suas forças, decompor os raios luminosos, enfim, submeter ao cálculo este agente universal e sempre infatigável que é o movimento. Ela analisou o movimento produzido nos e pelos fenômenos mecânicos, nas alterações que as diferentes substâncias sofrem pela sua ação enérgica, nas impressões diretas que recebem os seres vivos.

Não podemos ignorar as relações que unem estes conhecimentos aos diferentes ramos da arte de curar. As leis do equilíbrio, da expansão, da densidade, do choque dos corpos podem esclarecer várias questões médicas ou cirúrgicas. Quando uma pessoa, que se feriu em uma

queda, nos procura, não podemos ignorar as leis da gravidade. Se as ignorarmos, não poderemos estimar com exatidão a gravidade do ferimento. Esta maneira de provar a utilidade da física na prática da arte de curar pode parecer um pouco ridícula. Mas devemos saber que os corpos que nos rodeiam, ou que são empregados no nosso dia a dia, produzem sobre nós impressões muito diferentes, devido ao estado em que se encontram. É muito importante, para a cura das doenças quanto para a preservação da saúde, conhecermos as leis de todas as mudanças que estes corpos podem sofrer.

Hipócrates aconselha, e mesmo prescreve aos jovens médicos, o estudo da astronomia, como sendo indispensável, não aquela que calcula a rota dos corpos celestes, mas sim aquela astronomia que reconhece e determina o tempo e o local da aparição no céu de alguns astros, cujas diferentes posições em relação à Terra regulam o curso do ano, quer dizer, a astronomia de observação. Para melhor explicar seu pensamento, ele acrescenta que, graças a esta astronomia, podemos conhecer as mudanças que os corpos sublunares podem sofrer nas diferentes estações e nos diferentes estados do céu. Ele diz que o sol, a lua, a constelação da Ursa e a constelação das Plêiades exercem sobre o ar, a terra, enfim, sobre tudo que nada e anda, uma influência que não pode passar despercebida. É extremamente útil relacionar estes efeitos às diversas fases destes astros. Assim, as doenças que surgem com a constelação da Ursa diferem daquelas que a constelação das Plêiades provoca. Várias doenças acompanham o curso da lua e quase todas pioram ou melhoram com o nascer ou pôr do sol.

Desde Hipócrates, avançou-se muito na doutrina da influência dos astros. Os médicos simplórios fizeram uso desta doutrina para apoiar loucas visões. Os charlatões abusaram dela para poder fascinar os homens. Mas é certo que vários fenômenos vitais seguem, com exatidão, as evoluções do sol e da lua, sem que se saiba quais relações encadeiam fatos tão diferentes e tão distantes entre si. Escritores, mais verídicos, relatam um grande número de observações que não deixam nenhuma dúvida a este respeito. Mesmo a prática mais limitada apresenta, a cada dia, provas desta influência⁶⁴.

Quem não conhece os efeitos da luz sobre os vegetais, quando ela se combina com eles nas operações que manifestam sua vida particular, ou quando ela representa o papel de um estimulante necessário para a integridade de suas funções? É certo que os vegetais se definham e tornam-se hidrópicos na ausência da luz e renascem e retomam suas cores quando ela lhes é devolvida.

Muitos fatos, recolhidos por Pascal, médico italiano, e citados por Morgagni, parecem provar que, em certas horas do dia, como em certas épocas lunares e solares, as mortes são muito mais frequentes. Os práticos de todos os países o confirmam, unanimemente, a respeito do solstício e do equinócio. Alguns observadores perceberam que algumas horas do dia parecem mais favoráveis ao nascimento de crianças e filhotes de várias espécies de animais⁶⁵.

Como são exatos todos estes fatos e as conclusões já tiradas, sua enunciação não pode deixar de mostrar a

⁶⁴ Veja, sobre esta matéria, Mead, *de imperio Solis et Luna*.

⁶⁵ Meu pai já tinha observado que os filhotes de pássaros saem normalmente do ninho pela manhã. Veja seu *Ensaio sobre os princípios do enxerto*.

utilidade dos conhecimentos físicos na prática da arte de curar. Precisamos que estes conhecimentos entrem no ensino desta arte ou que, pelo menos, façam parte do seu estudo. Um pouco de atenção basta para poder constatar que os pontos de vista da física se relacionam com os objetos que se encontram na fisiologia, na matéria médica ou no quadro geral das observações práticas.

III

Ciências matemáticas

Já vimos como as tentativas feitas até o presente, com o intuito de aplicar a geometria e a álgebra nas partes mais importantes da medicina, foram infrutíferas⁶⁶. Os fenômenos vitais dependem de tantos poderes desconhecidos e estão ligados a tantas circunstâncias valorizadas pela observação, que os problemas, não podendo ser expostos com todos os seus dados, privam-se totalmente do cálculo. Quando os mecânicos e os geômetras quiseram submeter as leis da vida aos seus métodos, eles deram ao mundo o espetáculo mais surpreendente e mais digno de toda nossa reflexão. Os termos de sua língua eram exatos, as formas de raciocínio eram seguras e, entretanto, todos os resultados estavam errados. E pior! Embora a língua e a maneira de usá-la fossem as mesmas para todos os calculistas, cada um encontrava um resultado diferente. Resumindo, pelos procedimentos uniformes e rigorosos da verdade, mas

⁶⁶ Volto ainda neste assunto, porque é muito importante e, além disso, o exemplo das ciências matemáticas é mais apropriado para se fazer sentir com quanta reserva a ideia de uma ciência estrangeira é trazida para a medicina.

empregados fora do tempo, estabeleceu-se os sistemas mais ridículos, mais falsos e mais diversos.

Quem pode ignorar, ou negar, as vantagens amplas e diretas que a aplicação da geometria e do cálculo proporcionou às ciências físicas em geral? Porém, não podemos abusar deles dois. Não podemos ter a pretensão de aplicá-los a objetos que se recusam a isso. Todas as vezes que estes objetos, ou suas relações, não puderem ser rigorosamente avaliados⁶⁷, o emprego destes preciosos instrumentos torna-se perigoso. Quando este emprego não for imediatamente útil, ele se torna prejudicial. Os geômetras medíocres podem, sozinhos, ostentar um saber pouco familiar ao saber comum dos leitores de medicina. Eles podem ter prazer em se apoderar de uma área, cuja posse permanecerá sempre duvidosa. Qual vantagem poderia haver em traduzir para uma língua desconhecida o que a língua vulgar expressa claramente? E transformar em doutrina científica, acima do alcance dos alunos, o que um simples enunciado pode ser passado claramente a todas as pessoas? Os verdadeiros geômetras ficam também enciumados com este tipo de sucesso.

Entretanto, nem todas as partes da física animal recusam a aplicação da geometria e da álgebra. Se, por um lado, a causa do movimento muscular e os meios diretos que determinam a contração das fibras carnudas permanecem ainda desconhecidos; se não podemos relacioná-los com as leis que regem os corpos não organizados; por outro lado, o poder de ação dos músculos, ou melhor, a avaliação das forças ativas empregadas em cada movimento, pôde tornar-se o objeto

⁶⁷ Quer dizer, serem avaliados em grandezas ou em números determinados.

de demonstrações rigorosas. Pode-se demonstrar, matematicamente, a maneira pela qual os raios luminosos, ao caírem sobre a superfície convexa da córnea, se refratam através dos diferentes humores dos olhos para pintar a imagem dos objetos sobre a retina. É verdade que a própria sensação desta imagem, ou as circunstâncias especiais que nos advertem de sua presença, permanecem envoltas pelo desconhecido. O olho, na qualidade de órgão material da visão, se encontra realmente reduzido ao estado de um simples instrumento de dióptrica. Somente suas operações são mais perfeitas que as de todos os outros. As diversas refrações dos raios são tão bem compensadas que as imagens se pintam sobre a retina, de forma simples, bem acabada e bem circunscrita. Elas nunca são incertas e nunca oferecem refrações diversas ou íris artificiais.

As funções do ouvido são muito mais obscuras que as da visão. A estrutura da orelha, perfeitamente demonstrada por vários anatomistas célebres, não pôde nos ensinar como os leves e variados movimentos do ar externo podem ocasionar tantas impressões delicadas sobre a extensão polposa do nervo auditivo interno. As vibrações do corpo sonoro, suas relações mútuas, as leis de sua propagação através de diferentes meios, as leis de suas combinações para produzir os acordes, foram submetidas à precisão do cálculo. As sensações agradáveis causadas pela música viraram problemas de geometria. As ciências exatas não são somente recomendáveis, aos olhos dos médicos, pelas operações fisiológicas que elas podem esclarecer. A teoria das artes, da qual é preciso se ter pelo menos uma ideia geral para que se possa conhecer melhor as leis da sensibilidade, pede a estas ciências explicações que ela procurava antes, em vão.

Não é só através destes pontos de vista particulares que a utilidade destas ciências é mais extensa. Não basta considerar a geometria e o cálculo como instrumentos universais, aplicáveis à maioria dos objetos da curiosidade humana e a vários trabalhos usuais da vida. É preciso, ainda, apreciar as suas vantagens, pelo caráter particular que dão ao pensamento. A geometria: aperfeiçoando a memória do raciocínio; aumentando a força e, por assim dizer, a conduta da imaginação; ensinando, através de uma prática habitual, a arte de tirar demonstrações umas das outras. A álgebra: desnudando a verdadeira ideologia da numeração e o mecanismo da análise; acostumando o homem às diversas transformações que as questões precisam se submeter para serem resolvidas; habituando o homem à exclusão sucessiva dos dados que se atrapalham ou que se compensam mutuamente; fixando certos limites entre os quais a verdade deve ser encontrada; fornecendo meios de se aproximar do ponto exato que a verdade ocupa; oferecendo exemplos contínuos de generalizações que a própria natureza dos objetos torna sempre tão justos quanto vastos e brilhantes. A geometria e a álgebra, por estes efeitos incontestáveis e diretos, podem se tornar, sem dúvida, o mais útil complemento da lógica. Nestas lutas vigorosas, o espírito adquire mais força e constância de ação. Ele pode, também, adquirir mais perspicácia, agilidade, flexibilidade, extensão, todas as qualidades que ele traz, vantajosamente, para todos seus outros estudos e trabalhos.

Não quer dizer que a geometria e a álgebra sejam capazes de corrigir os pensamentos falsos ou desajeitados. Não quer dizer que um calculista, capaz de resolver questões das quais todos os termos são representados por

grandezas ou por números, possa raciocinar com a mesma exatidão e a mesma certeza ao operar sobre objetos cujos dados são mais variados, mais incertos ou mais flexíveis. Muitos exemplos provaram que ocorre frequentemente o contrário. A mania de aplicar o cálculo às matérias que não o admitem, faz com que os geômetras sejam mais falsos que os outros maus pensadores. O emprego vicioso de um bom instrumento não pode impedir que se desconheça sua verdadeira utilidade.

IV

Métodos filosóficos

A ciência, cujas teorias e ensino exigem toda a perfeição dos métodos filosóficos, é sem dúvida a medicina. A dificuldade das pesquisas, a imensidão de materiais, o caráter fugidio e versátil dos objetos submetidos à observação, exigem muita reserva, sagacidade, uma imaginação flexível que respeite todas as flutuações dos fenômenos, um julgamento firme que não saia nunca dos fatos reais e, além disso, a faculdade de receber todas as impressões e não se deixar dominar por nenhuma. Entre estas qualidades, tão diferentes e vistas como contraditórias, as que estão ligadas à maneira de sentir são exclusivamente obra da natureza. Tudo que uma cultura assídua pode fazer é aperfeiçoá-las e facilitar seu emprego. Por sua vez, esta última pode sozinha desenvolver as faculdades racionais. A arte da razão demanda uma longa e difícil aprendizagem.

Hoje, podemos relacionar o aperfeiçoamento dos métodos filosóficos ao dos métodos de observação experimental. Aos primeiros devemos todas belas descobertas, com as quais a química e a física se

enriqueceram nos últimos tempos. É certo que as contribuições de Locke fizeram com que as ciências mudassem de cara. As ciências, onde a análise era necessária pelo caráter de seu objeto ou de sua meta, fizeram, sozinhas, progressos constantes e seguros. Todas as outras vão gozar, agora, das mesmas vantagens. Quem pode calcular, ou prever, até que ponto o homem pode chegar com a ajuda destas ciências? A verdadeira força do homem se encontra muito mais nos instrumentos do que nele próprio. Sua genialidade se desenvolve, sobretudo, com a invenção destes instrumentos e com a arte de empregá-los. É isto que impõe a maior distância entre o indivíduo e o indivíduo, entre as nações e as nações. Os métodos da razão são, de alguma forma, suas alavancas e seus aeróstatos. Através deles, o homem pode mover facilmente corpos enormes ou se elevar até as puras fontes da luz. Busquemos, então, aperfeiçoar, a cada dia e cada vez mais, estes instrumentos preciosos. Estejamos convencidos que, se nos estudos e trabalhos mais simples estes instrumentos são ainda úteis, então, eles serão absolutamente indispensáveis quando os objetos, destes trabalhos ou destes estudos, forem mais complicados. Sozinhos, eles podem garantir nossa marcha e nos prometer, antecipadamente, grandes êxitos.

Depois de tudo que foi dito em diferentes pontos deste livro, eu dispensei maiores detalhes.

V

Filosofia moral

Já vimos, anteriormente, que todas as ciências morais devem ser fundadas no conhecimento físico do homem. Porém, teríamos um conhecimento incompleto do homem

físico, se negligenciássemos o estudo das funções orgânicas, que ajudam na formação do pensamento e da vontade, e a influência que estes exercem sobre o conjunto ou sobre as diversas partes do corpo vivo. Assim, a filosofia racional e moral são, igualmente, necessárias ao médico. Já falamos suficientemente da primeira. Quanto à moral, a maneira com que ela se identifica, a cada instante, com todos os detalhes da medicina prática, faz parecer que as duas são irmãs e companheiras. Os erros da imaginação, ou das tendências e dos desejos, são evidentemente a causa de quase toda infelicidade do homem. Suas próprias doenças são, quase sempre, consequência de seus próprios erros ou da sociedade. Elas podem ser agravadas pelo estado desregrado do moral. Como os falsos julgamentos e tendências confusas podem confundir a ação dos órgãos! Como os hábitos viciosos se imprimem em todas as funções! Se for verdade que o crime é, como a loucura, uma doença física, então, por quantas vezes as doenças não serão o produto da loucura, que pode trazer a desordem para todos os movimentos vitais, ou produto do crime, que é somente uma de suas variantes!

Infeliz o médico que não aprendeu a ler o coração do homem tão bem quanto reconhece o estado febril! Infeliz aquele que, cuidando de um corpo doente, não sabe discernir nos traços, nos olhares, nas palavras, os sinais de um espírito desordenado ou de um coração ferido! Como ele pode compreender o verdadeiro caráter destas doenças, que se escondem sob a aparência de uma afecção moral, destas alterações morais, que apresentam todo o aspecto de algumas doenças? Como ele pode devolver a calma a este espírito agitado, a esta alma consumida por uma melancolia inesgotável, se ele ignora quais lesões orgânicas podem

ocasionar estas desordens morais e à quais desordens das funções estas lesões estão ligadas? Como ele pode reacender a chama da vida, em um corpo desfalecido ou devorado pelas angústias, se ele ignora quais aflições devem ser suavizadas e quais ilusões devem ser dissipadas?

Sem dúvida, é o médico que deve trazer para o doente, deitado no leito da dor, as mais doces e sábias consolações. É ele que pode penetrar na confiança do infortunado e do fraco. É ele que pode derramar sobre suas chagas o bálsamo mais salutar. Pela mesma razão, é ele que não pode ignorar a natureza e o destino dos infelizes e fragilizados homens. Não lhe é permitido ser impiedoso com as misérias e os erros que podem, ao contrário, ser partilhados. Ele deve ser indulgente e bom, tanto quanto circunspecto e razoável. Qualquer um pode odiar os vícios, se revoltar com as loucuras, mas o médico, pelo menos aquele que sabe ver e julgar, que tem bom senso e é justo, este só pode se lamentar. Ele deve redobrar o zelo com estas criaturas degradadas, com estes doentes que estimulam sua compaixão ao desconhecerem seu infeliz estado.

Quem já não viu alguns infortunados, vítimas de agitações funestas, se arrastarem para o túmulo, pedindo um mínimo de interesse, mais do que a própria vida? Quem não teve a ocasião de observar as agitações cruéis das imaginações amedrontadas, que ao se atormentarem com seus próprios fantasmas, misturam a este delírio sentimentos da mais sublime virtude? Há gozo maior que apaziguar estas dores sem razão de ser, estes terrores sem objeto? E também fazer ouvir a voz da razão em meio a tantas perplexidades? Os seres, a quem a faculdade de sentir e compadecer é levada ao mais grau, não merecem

um interesse especial da parte de um médico virtuoso e sensível? Qualquer um, que não seja indiferente aos sentimentos que constituem realmente o homem, não ficaria profundamente emocionado com as dores daqueles que nunca viram a dor e tentaria assim socorrê-los? Ele poderia deixar de cuidar afetuosamente daqueles que vivem somente para suas afecções?

Entrando nas considerações puramente médicas, podemos observar que os métodos de tratamento, frequentemente uniformes e simples quando se aplicam a indivíduos cujo espírito ou sensibilidade são pouco cultos, tornam-se extremamente complicados, variados e difíceis quando se trata de pessoas com existência moral totalmente desenvolvida. Quantas fibras podem ser abaladas pelas menores causas, quando a cabeça recebe e combina muitas sensações e quando muitos sentimentos fermentam no coração! Sem falar dos hábitos demandados por diferentes trabalhos, quando se sai da vida puramente animal ou quando se deixa de ser um homem comum. O tratamento de cada doença exige combinações que, talvez, não se relacione com a própria doença. Assim, a medicina prática se reduz a poucas fórmulas nos campos e nos hospitais, mas ela é forçada a multiplicar, a variar, a combinar seus recursos no tratamento dos homens de negócios, dos sábios, das pessoas das letras, dos artistas e de todas as pessoas cuja vida não está voltada para trabalhos simplesmente manuais.

VI

Letras e Artes

Como já vimos, a formação das ideias se deve, em grande parte, ao uso dos signos que as representam ou que

as fixam. O caráter destes instrumentos artificiais não pode deixar de se encontrar nas próprias ideias que eles ajudam a fazer nascer. Vemos como são irracionais os discursos pomposos de médicos pedantes contra os estudos literários dos jovens alunos. O estilo oratório ou os ornamentos poéticos, que não podem nunca ser de bom gosto ou de bom tom na língua das ciências, devem ser banidos severamente. Porém, as ciências têm sua própria eloqüência. A língua das ciências, bem longe de alterar a verdade, a depura e lhe dá mais energia e poder. Uma linguagem precisa, elegante e mesmo animada, anuncia as ideias onde um sentimento vivo e distinto forneceu as primeiras impressões, onde uma reflexão escrupulosa colocou em ordem todos os materiais, onde um julgamento severo fechou a trama para demonstrar, assim, todas as conclusões. Vários escritores devem a maior parte de seus erros ao estilo bárbaro que se permitiram. Vemos que mesmo pensadores mais judiciosos ficam em falta com a clareza, a precisão e a pureza, que eles tentaram transmitir em suas obras. Se Stahl, por exemplo, não tivesse adotado esta língua escolástica e bizarra que torna sua leitura tão cansativa; se ele não se perdesse neste estilo tenebroso, neste disparate de latim, grego e alemão, como se quisesse jogar um véu sobre o fundo de seu pensamento; ele não o teria travestido tão ridiculamente e não teria jogado, na sua maneira de expressar, os germes de tantos erros. Todas as obras de Hipócrates, quer dizer, todas aquelas que são incontestavelmente atribuídas a ele, não brilham somente pelas suas ricas ideias, grandes e fecundas. O seu estilo é sempre rápido, preciso, fácil e puro. Este estilo não é, de forma alguma, o de Platão, de Demóstenes, de Xenofonte ou de Lucien. Reconhece-se o grande escritor neste cuidado em guardar a cor e o tom que convêm aos

assuntos tratados. Embora Hipócrates evitasse em deixar ver nele o aluno dos oradores mais célebres de seu tempo, quem poderia deixar de sentir, em sua leitura, todas as belezas da linguagem que lhe são familiares? Seu talento é tão perfeito, que ele sabe disfarçar este artifício na rapidez de seus pensamentos e nesta aparente desatenção que parecem se dever à abundância de pensamentos e ao pouco tempo que lhe resta para redigi-los.

Quando a verdade se anuncia pelo próprio caráter da expressão ou quando ela se torna mais ela mesma, parecendo, à primeira vista, ser somente seu adorno, então, é muito importante para sua propagação que ela seja mostrada sob as formas que podem surpreender os homens e prender a sua atenção. As ideias mais justas só vão fazer parte da opinião pública quando passarem pelas mãos do talento. Os preconceitos são os mais difíceis de serem desenraizados.

Não podemos esquecer que o verdadeiro espírito culto é composto de numerosas impressões. Vou me contentar em dar um só exemplo. O conhecimento do homem se aplica a todos os objetos práticos da vida. Este conhecimento é necessário para todos que vivem entre seus semelhantes. Ora, não é notório que certas obras, vistas como pura recreação, são as únicas pinturas fiéis da natureza humana, e que para aquele que sabe lê-las, observando o mundo, elas podem acelerar a experiência das coisas da vida mais que todos os moralistas de profissão? Podemos acrescentar que a leitura destas obras excita a atividade do espírito, ao poli-lo, e as imagens agradáveis oferecidas irão fazê-lo descansar, após seu árido trabalho, e farão com que ele retome estas obras sempre com novo interesse.

Podemos dizer o mesmo para as artes, não que o mesmo homem possa abraçar tantos objetos ao mesmo tempo. É importante estender e cultivar a sensibilidade, aplicando-a sucessivamente em diferentes gêneros de impressões.

Todas as impressões diversas, quando são vivas, distintas e justas, deixam na memória preciosos materiais dos quais, cedo ou tarde, o julgamento tirará proveito. Além disso, as diversas línguas dos sentimentos devem ser familiares para aquele que estuda o homem em seu todo.

Vemos, então, sob quais relações e até que ponto, a cultura das letras e das artes de recreação pode se ligar aos trabalhos severos da arte de curar.

VII

Línguas antigas e modernas

Durante muito tempo, o estudo das línguas formou a base da instrução, consumindo grande parte da infância e da juventude. Este tipo de saber era um objeto de ambição, um título de glória. Como os escritores gregos e latinos foram nossos únicos preceptores, não tínhamos como escapar. Para aprender o que eles sabiam, era necessário conhecer estas duas línguas. E continua sendo assim. Para nos tornarmos astrônomos, engenheiros ou navegadores, é necessário que saibamos álgebra e geometria. Mas depois que as línguas modernas, pelos menos aquelas das nações mais esclarecidas, produziram bons livros sobre quase todas as matérias, o conhecimento das línguas antigas tornou-se menos indispensável. Consequentemente, elas foram cultivadas com menos ardor.

Alguns filósofos foram mais longe que o público. Eles acusaram o estudo das línguas como o culpado em nos fazer perder um tempo precioso e irritar a inteligência, ao exercitar somente a memória e não se ater muito ao raciocínio. Eles diziam que as boas traduções podiam nos transmitir tudo de útil que está nos livros escritos, em línguas mortas ou estrangeiras. Quanto às belezas particulares do estilo, segundo eles, o sacrifício do tempo necessário para degustá-las é um preço alto demais que não é compensado pelo prazer que não deixa nenhum fruto concreto, depois da leitura.

Apesar do peso das autoridades que são a favor desta opinião, confesso que não concordo.

Primeiramente, o estudo das línguas, feito de forma filosófica, esclarece os procedimentos do homem. Os pensamentos úteis que ele fornece só podem ser completos, quando comparados com vários idiomas. A ordem, na qual as ideias e os elementos podem ser representados ou reproduzidos, deve ser conhecida para que possamos afastar muitos erros relativos à sua ordem natural e mesmo à sua formação. Erros que são dificilmente evitados, e nunca corrigidos, quando consideramos somente uma única combinação de signos. Em segundo lugar, as impressões que acompanham as mesmas ideias, enunciadas em diferentes línguas, estão longe de serem as mesmas. Não podemos negar que a arte de falar e escrever bem não consiste somente em saber despertar nos outros as ideias e os sentimentos, ou melhor, despertar as impressões que os produziram e fortalecê-los com impressões de efeito mais forte e distinto. Ora, esta arte pode trazer algumas impressões das línguas antigas para as que fazemos uso agora e, assim, aperfeiçoar os

indispensáveis instrumentos da inteligência humana. Nada fortalece mais o espírito, lhe dá mais flexibilidade, preenche a memória com mais sensações, imagens e movimentos variados que a leitura de bons escritores, em diferentes línguas. A instrução será somente um esboço se não compreendermos, em seu idioma natal, o modo de falar intraduzível dos gênios originais que são ainda os benfeitores da humanidade.

Enfim, os escritores, que merecem ser lidos e nos quais podemos buscar conhecimentos úteis e necessários, não foram todos ainda traduzidos para as línguas dos povos mais civilizados. Devemos, sempre, buscar instrução nas línguas antigas ou naquelas de outros povos, nossos contemporâneos.

Não estou me desviando do assunto, que é a medicina. Todo mundo sabe que muitos bons livros, que tratam desta ciência, são escritos em latim, outros em inglês, em italiano, em alemão. Entre estes livros, vários não foram traduzidos, ou foram de forma tão negligente que o seu conteúdo ficou travestido. Os gregos perderam toda cor e todo caráter nas versões latinas “ao pé da letra”, deixadas por seus discípulos ocidentais dos últimos séculos. A maioria das traduções francesas os desfigurou ainda mais. Embora muito próximos de nós, pelos lugares, pelos hábitos e mesmo pela língua, os latinos têm motivos de se queixarem dos seus tradutores. Digo a estes tradutores que eles nunca reproduziram os modelos destes escritores. E digo mais, todo leitor que conhece somente as versões dos grandes escritores da antiguidade, não os conhece na realidade.

O estudo das línguas não deve ser negligenciado na educação geral e nem na particular. Ele não deve ser

negligenciado na educação dos jovens que se destinam à arte de curar.

Sem dúvida, os diferentes objetos, que acabamos de discutir, não entram de forma direta nos estudos desta arte. Uns devem ser vistos como preliminares essenciais e os outros, como acessórios úteis. Insisto mais uma vez, devemos pensar que tudo está ligado à ciência: mais sabemos, mais descobrimos novas relações entre os seus ramos. Embora a fragilidade das faculdades humanas e a brevidade da vida não nos permitam tudo abarcar, o verdadeiro homem de mérito não deve ficar indiferente aos conhecimentos, já que o objeto habitual e principal de seus trabalhos pode precisar de esclarecimentos e ajuda.

CONCLUSÃO

Estas foram as principais revoluções da arte de curar. Estas são as observações que seu estado presente faz surgir, a fim de que possamos compreendê-la por si só ou compará-la com as outras partes de nossos conhecimentos, compreendendo assim suas relações mútuas. Enfim, estas são as visões que, em minha opinião, devem presidir a sua reforma e dirigir seu ensino. Embora estas visões e estas observações não sejam todas igualmente importantes, ou novas, acredito que continuam sendo úteis. Embora tal trabalho prometa pouca glória, vejo como um dever de minha parte homenagear o público com estes escritos. Mesmo que só uma ideia seja proveitosa, assim mesmo ficarei feliz em tê-la oferecido a estes jovens médicos, sobre quem repousam as mais belas esperanças da arte.

A época atual faz parte destes grandes períodos da história para os quais a posteridade se voltará e consultará sempre aqueles que puderam fazer evoluir, rapidamente e seguramente, o gênero humano em direção ao seu aperfeiçoamento. Somente poucos gênios favorecidos podem exercer esta grande influência, mas no estado em que se encontram as ciências e as artes, não há ninguém que não possa contribuir para seu progresso. O menor aperfeiçoamento concreto que se faça na arte mais obscura refletirá sobre todas as outras. As relações estabelecidas entre os diferentes objetos de nossos trabalhos fazem com que todos participem do progresso de cada um. Sem dúvida, os antigos entreviram estas relações. Eles sentiram que todas as ciências e todas as artes estão unidas,

formando assim um todo. Porém, eles sentiram sem ver claramente. Eles disseram sem sabê-lo exatamente. Somente hoje, após considerar os esforços da indústria humana em todas as suas aplicações e direções tomadas, após submeter estes esforços a regras e procedimentos comuns, que se pode compreender claramente as relações mútuas que unem as ciências e as artes, a influência que elas exercem ou que podem exercer umas sobre as outras. Vemos, sabemos, demonstramos, hoje, que não há nada isolado nos trabalhos do homem. Eles se entrelaçam, por assim dizer, como os povos em suas relações comerciais. Eles se ajudam mutuamente como os indivíduos unidos por laços sociais.

Agora, é permitido aos homens, sem brilho, que prestem serviços importantes. É permitido aos sábios, aos homens das letras (qualquer gênero que eles cultivem), aos artistas, aos mais simples artesãos, fechados em seus trabalhos particulares, que prestem serviços gerais e contribuam para o aperfeiçoamento comum dos homens.

Nós, devotados ao alívio da humanidade sofredora, temos em nossas mãos os interesses mais caros para o coração do homem. Será que nós, cuja importância destes interesses nos força a buscar esclarecimentos em toda parte e cujos estudos abarcam quase todos os conhecimentos físicos e morais, poderíamos deixar de servir, através de nossos trabalhos, o gênero humano no seu todo e ajudar no seu progresso? Sem dúvida, não. Vamos reunir, então, nossos esforços, trazer para os estudos e para a prática de nossa arte esta filosofia e esta razão superiores que, sem elas, esta arte poderia se tornar uma calamidade pública. Ousemos ligá-la, por novos laços, às outras áreas do conhecimento humano. Que ele receba novas e puras

luzes! No momento em que a nação francesa consolidar sua existência republicana, a medicina, com toda sua dignidade, deve começar uma nova era, rica em glória e fecunda em benfeitorias.

Auteuil, 50 germinal ano III⁶⁸

FIM

⁶⁸ (N.T.): Germinal ano III - Sétimo mês do calendário republicano (de 21 ou 22 de março a 18 ou 19 de abril).

Índice de temas e autores
[A COMPILAR]

Índice de temas e autores
[A COMPILAR]

Índice de temas e autores
[A COMPILAR]

[PÁGINA EM BRANCO]

POSFÁCIO

ANTECEDENTES, CONTEXTOS E IMPACTOS DA REFORMA CABANIS*

Naomar de Almeida Filho

Neste Posfácio, pretendo fazer uma avaliação dos contextos e do impacto do pensamento-ação de Pierre-Jean Georges Cabanis sobre modelos de formação e modos de cuidado em saúde hegemônicos no mundo ocidental, mediante o processo de construção ideológica e institucional que proponho designar como Reforma Cabanis, visando identificar rastros de sua presença e influência na universidade contemporânea, em particular no ensino médico. Para isso, nada melhor que recorrer a Michel Foucault como guia.

Nos escritos foucaultianos sobre medicina e saúde, Cabanis é, sem dúvida, personagem central.⁶⁹ Em vários momentos de sua obra historiográfica, Foucault traz frequentes manifestações de respeito e admiração em relação a Cabanis, reconhecido como “gênio”, intelectual precursor da modernidade tecnocientífica, operador político eficiente, reformador criativo e pensador indispensável para se compreender a hegemonia filosófica, científica e cultural francesa no século XIX. Não obstante, por razões que analisei em outra oportunidade (Almeida-Filho, 2017), curiosamente Foucault concede pouca atenção ao *Coup d'oeil*. Interessam-lhe sobretudo as novas formas de organização da rede institucional e das práticas de cuidado emergentes no contexto pós-revolucionário. Na perspectiva foucaultiana, condições de transmissão de saberes e práticas e desenvolvimento de modelos e métodos do ensino médico de fato constituem efeitos secundários, advindos do processo

* - Posfácio à primeira edição em Português da obra de Pierre-Jean Georges Cabanis, *Coup d'oeil sobre Revoluções e Reforma da Medicina*. Gostaria de agradecer a inestimável contribuição de Jacques Salah, Professor Titular de Literatura Francesa e Coordenador do Curso de Tradução do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, ex-Presidente da Alliance Française e ex-Cônsul da França na Bahia, por sua generosa leitura crítica dos textos auxiliares deste volume, além de revisar a tradução de citações do original em Francês. Primeiro rascunho completo; não citar nem circular.

⁶⁹ - Em *O Nascimento da Clínica* (Foucault, 2011[1963]), Cabanis é referido 43 vezes, em uma de cada dez páginas; na *História da Loucura na Época Clássica* (Foucault, 2014[1961]), são 21 ocorrências em 17 das 550 páginas de texto.

político de recriação da sociedade francesa após a Revolução de 1789, que repercutiriam nas formas de organização da educação superior na modernidade.

Na primeira fase da sua obra, meticulosa história crítica das ciências humanas, da medicina e da loucura, Foucault postula uma abordagem conceitual e analítica que foi por ele designada como arqueologia do saber. Nessa perspectiva, matrizes de pensamento (*epistemes* ou racionalidades) organizariam o conhecimento humano a partir de normatividades (mediante regras de lógica e estruturas de linguagem) que, de modo inconsciente ou como *habitus*, pautam condutas individuais e práticas sociais como sistema de positivities que, num determinado tempo e lugar, condiciona limites e configura formações discursivas (Foucault, 2012[1969]).

No plano conceitual, a arqueologia foucaultiana articula-se a uma epistemologia histórica baseada em descontinuidades, na trilha aberta por Georges Canguilhem (2009[1966]). Do ponto de vista metodológico, em sintonia com o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989), Foucault propõe o conceito de ‘arquivo’ como *corpus* referencial, conjunto de discursos manifestos como dados históricos, narrativas, documentos e outros registros, a serem tratados como dispositivos organizadores de operações discursivas para construção de representações sociais e produção de práticas sociais de uma dada cultura ou época. Como eixos de análise, a arqueologia foucaultiana baseia-se em quatro pontos: (i) rupturas – momentos e pontos críticos no espaço-tempo que indicariam descontinuidades históricas; (ii) latências – origens, fósseis, mitos, ausências, sobretudo lacunas persistentes; (iii) detalhes – prospecção de traços, indícios, rastros, incluindo sinais ocultos ou camuflados; (iv) ícones – personagens representativas ou eventos significativos (individuais ou coletivos) de um dado momento ou processo histórico, sem evidentemente reduzir a análise histórica ao estudo de personalidades, feitos e datas.

Com os devidos ajustes, considerando limites e objetivos restritos do presente texto, tomemos essa perspectiva como referencial para uma história social da saúde. No registro das descontinuidades, no processo histórico do cuidado em saúde na cultura ocidental, podemos identificar três rupturas em matrizes de pensamento, saberes e práticas: o empirismo aristotélico presente na medicina hipocrática, preservado na Escola de Alexandria e resgatado pela medicina árabe no século X; o iluminismo racionalista preconizado pelos reformadores da modernidade na virada do século XIX; e o pragmatismo tecnocientífico aplicado no início do Século XX. Podemos considerar que, no plano dos modelos de formação em saúde, tais rupturas correspondem a personagens

marcantes ou ícones históricos, respectivamente nessa ordem: Hipócrates, Avicena, Georges Cabanis, Abraham Flexner.⁷⁰

Em outro texto (Almeida-Filho, 2010), busquei analisar a ruptura Flexner, em particular sua ressonância imaginária, quase mitológica, no discurso político-social sobre a saúde no contexto brasileiro. Recentemente, abordei o papel de Cabanis como reformador do ensino médico na modernidade, a partir de matrizes epistemológicas, conceituais e pedagógicas originárias do pensamento cartesiano, levantando uma hipótese preliminar sobre as raízes da educação superior em saúde e da prática médica no Brasil (Almeida-Filho, 2017). Proponho complementar esse estudo com uma análise, necessária e oportuna, de Georges Cabanis como ícone dessa ruptura, aproveitando esta valiosa oportunidade de, pela primeira vez, contar com o *Coup d'oeil* em tradução direta do Francês ao Português. Neste Postácio, interesse-me principalmente pelas correlações dessa obra com a ordem política e social instaurada pela Revolução de 1789 e subsequente restauração burguesa, particularmente implicações para a expansão mundial do modelo de formação em saúde baseado em faculdades, diplomas, hospitais e disciplinas.

No presente ensaio, contextualizando o valor histórico e político-pedagógico do *Coup d'oeil*, pretendo avaliar com mais profundidade impactos diretos e indiretos da Reforma Cabanis para a reconfiguração dos sistemas de formação acadêmica e profissional em saúde a partir do início do Século XIX. Para isso, na primeira parte do texto, proponho analisar o processo de reestruturação do sistema francês de educação desencadeado pela Revolução de 1789, indicando a contribuição de Georges Cabanis, principalmente em suas dimensões ideológicas e político-institucionais. Em segundo lugar, pretendo discutir o protagonismo de Cabanis na reforma do modelo de assistência à saúde da França setecentista, coroadando a sequência de ciclos históricos por ele designados como revoluções da Medicina. Terceiro, destaco os principais elementos do que proponho chamar de Reforma Cabanis do ensino médico, indicando sua influência na reorganização geral do sistema francês de educação, com destaque para a educação superior, promovida por Napoleão Bonaparte. Em quarto lugar, avalio a difusão da obra de Cabanis e sua contribuição ao “afrancesamento” do sistema educacional em geral, em particular da educação superior e, especificamente, do ensino médico, sobretudo na esfera de influência cultural latino-mediterrânea, com foco na Argentina e no Brasil. Finalmente, com base nos pontos discutidos no texto, pretendo analisar algumas questões a respeito das matrizes epistemológicas da

⁷⁰ - Por contribuir pouco à problematização das formas contemporâneas de ensino-aprendizagem, e pelos limites de minha competência, não pretendo focalizar as rupturas de Hipócrates e Avicena, tão distantes no tempo que seus efeitos se perdem nas fundações arcaicas dos saberes médicos e, exceto como simbologia e discursividade, não mais se pode reconhecê-las nos atos de cuidado da medicina contemporânea.

prática médica dominante no Brasil do século XIX e primeira metade do século XX, focalizando o modelo de formação em saúde ainda hegemônico no Brasil.

Condorcet, Cabanis e a Reforma da Educação

Nos momentos iniciais da Revolução Francesa de 1789, duas medidas redefiniram os rumos da educação no novo regime: o fim do monopólio religioso no cenário educacional e a supressão sumária de universidades e academias. No *Ancien Régime*, a monarquia era assumida como parte do direito divino, o clero constituía o Primeiro Estado (estamento principal da estrutura social da França sob os Luíses), a instituição escolar estava completamente sob tutela da Igreja Católica Romana e a religião se declarava como propósito último da educação (Verneuil, 2013). Nenhuma surpresa, portanto, que um dos primeiros alvos políticos da rebelião popular seria a expropriação do enorme patrimônio e poderio do clero, atingindo particularmente sua influência sobre o sistema de ensino.

Igualmente, o sistema de educação superior baseado em instituições universitárias de grande porte e centralizadas, formadas por faculdades e academias compostas pela elite intelectual e diretamente regidas pelo poder real, era criticado por sua anacrônica tradição escolástica e sua indiferença (e até mesmo reação) ao avanço das ciências modernas (Weisz, 1983, p.18). Sobre os motivos da extinção de academias e universidades nos momentos iniciais da Revolução Francesa, Louis Liard (1894, p.III) fez a seguinte apreciação:

Em vez das universidades do antigo regime, mortas por sua constituição, por seus abusos, por sua hostilidade contra a filosofia do século XVIII, a Revolução, que nasceu precisamente desta filosofia, queria ter, para o ensino e a cultura das ciências, instituições concebidas e organizadas de acordo com a referência própria da ciência e das ciências.⁷¹

De imediato, instaurou-se na Assembleia Nacional intenso debate sobre a educação e problemas correlatos, porém na prática pouco se fez no sentido de superar o caos institucional produzido pela súbita retirada dos principais pilares do sistema educacional da França setecentista (Barnard, 1969). Relatórios apreciados, propostas avaliadas, algumas mudanças pontuais foram feitas, mas a turbulência social e os conflitos políticos tornavam difíceis acordos e consensos necessários para aprovar planos gerais de reforma do sistema francês de educação.

⁷¹ - A la place des universités de l'ancien régime, tuées par leur constitution, par leurs abus, par leur hostilité contre la philosophie de XVIIIe siècle, la Révolution, née précisément de cette philosophie, voulut avoir, pour l'enseignement et pour la culture des sciences, des établissements conçus et organisés d'après le type même de la science et des sciences.

Nos seus primeiros atos deliberativos, ao retirar do clero a prerrogativa de gestão do ensino e ao extinguir corporações, academias e universidades, a Assembleia Nacional tomou uma decisão radical com base em diretrizes claras de política educacional. Em vez de instituições de ensino promotoras de pensamento filosófico doutrinário, saberes abstratos e cultura erudita, a serviço de uma aristocracia diletante e alienada, a nascente República precisaria mais de uma rede eficiente de órgãos públicos para formação política, técnica e profissional de cidadãos livres. Primeiro, do ponto de vista filosófico, o movimento político dos representantes do povo incorporava a noção de progresso social dos intelectuais iluministas, tomando como base o conhecimento científico organizado na *mathesis* universal da *Encyclopédie*. Segundo, como base conceitual, fundava-se no valor da educação como bem natural comum, único capaz de efetivamente promover igualdade e liberdade, conforme princípios rousseauianos reformulados pelo filósofo Claude-Adrien Helvétius [1715-1771]. Terceiro, do ponto de vista político-social, a Revolução definia a educação como “instrução pública”, direito a ser garantido pelo Estado igualmente para todos os cidadãos da República.

Em 1790, a Convenção Nacional nomeou um *Comité d'instruction publique*, presidido inicialmente por Dominique-Joseph Garat, a fim de coordenar a reordenação da educação na França, tendo como prioridade política reduzir ao máximo a influência religiosa na formação dos cidadãos. Garat conseguiu inserir na Constituição Francesa, aprovada em 1791, a educação como direito de todos, garantido mediante “*uma instrução pública comum a todos os cidadãos*”. Muitos aspectos de uma nova configuração do sistema educacional foram objeto de preocupação geral, incluindo direitos das famílias, deveres e prerrogativas do Estado, situação econômica da nação, necessidades e especificidades do ensino superior, urgência em se formar professores e condições da profissão docente no novo regime.

Nenhum desses temas era estranho ao jovem revolucionário Cabanis, mesmo porque formavam a base do argumento do *Travail sur l'éducation publique*, coletânea de discursos do Conde de Mirabeau, organizada e publicada por Cabanis no auge da Revolução. São quatro discursos sobre diferentes aspectos da educação que, conforme registra Cabanis (referindo sua própria autoria com sutil ambiguidade), teriam sido encontrados na casa de Mirabeau após sua morte em 1791 (Pouliquen, 2013). O primeiro discurso propunha total reorganização do sistema de educação superior em colégios, faculdades e não em universidades, como tinha sido no Antigo Regime. O segundo se referia aos eventos públicos civis e militares como estratégias de pedagogia política dirigida às massas. O terceiro discurso propunha, sem detalhar, o estabelecimento de um sistema de ensino médio público, em rede nacional, de acesso universal, totalmente gerido pelo Estado. O quarto discurso tinha um caráter quase alegórico, especulando sobre que tipo de educação seria pertinente a um suposto herdeiro da coroa, capacitando-o a tornar-se um

governante sábio e comprometido com ideais republicanos. A ideia básica que atravessa esses textos é que a educação, como direito do cidadão, deve ser pública e gratuita, portanto, será necessário todo o esforço do Estado para conciliar o caráter público do ensino com as demandas da iniciativa privada liberal. Não obstante, a educação deve assegurar a manutenção das novas instituições políticas criadas como promotoras de liberdade, explicitamente afirmando que essa liberdade deve ser garantida mesmo contra o monopólio das academias, congregações docentes e corporações profissionais.

Para Mariana Saad (2014), não há dúvidas de que o próprio Cabanis teria sido o autor dos textos do *Travail*, considerando sua condição de membro ativo do *Atelier*. Essa hipótese se aplica sobretudo ao primeiro discurso, que propunha um modelo hierarquizado de instrução pública e justificava uma nova estrutura de ensino superior sem universidades. O texto desse discurso traz como anexo um projeto de decreto legislativo composto por cinco Títulos: 1º – *Académie*; 2º – *Collèges et Ecoles publiques*; 3º – *Ecoles de médecine*; 4º – *Théâtre*; 5º – *Musée, Jardin de botanique, et bibliothèques publiques*. Nesse projeto, a extinção de academias temáticas e sociedades científicas daria lugar a um único órgão nacional, a *Académie française*, com funções oficiais totalmente novas de coordenação, regulação e supervisão científica, técnica e profissional dos campos de saberes e práticas previstos na *Encyclopédie* – a propósito, subintitulada *Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. A formação em todas as profissões civis e militares, exceto Medicina, seria realizada por *collèges* e *écoles spéciales*, com plena autonomia administrativa e financeira, porém submetidos à vigilância epistemológica da Academia. Instituições que formavam oficiais e engenheiros militares seriam integradas às escolas de engenharia civil formando o que depois se chamaria de *écoles polytechniques*. O ensino religioso seria restrito a mosteiros e conventos; chega a insinuar que se poderia suprimir as faculdades de Teologia e de Direito sem prejuízos para o clero e a magistratura.

Nesse primeiro discurso, as propostas relativas ao ensino médico mostram-se desproporcionais (quicá hipertrofiadas), conforme reconhecido pelo próprio autor: *Vós não sereis então surpreendidos, Senhores, [ao ver] que a Medicina ocupa um lugar considerável no meu plano de instrução pública.*⁷² De fato, sete das 35 páginas do texto do discurso abordam a arte de curar, citando explicitamente medicina, cirurgia e farmácia. O Título III da minuta de decreto legislativo compreende 29 artigos sobre faculdades de medicina (quatro a mais do que o Título II, pertinente a todas as outras formações!), culminando com a proposta de abertura de escolas médicas em todos os departamentos da República Francesa. Reforçando a hipótese de que, de fato, trata-se mais de uma proposta do jovem médico do que efetivamente do brilhante tribuno, alguns excertos

⁷² - Vous ne serez donc point étonnés, Messieurs, que la *médecine* occupe une place considérable, dans mon plan d'*instruction publique*.

desse importante documento nos autorizam, por justiça, a citá-lo como Plano Mirabeau-Cabanis (1791):

Quanto à Medicina, e tudo o que é pertinente à arte da cura, é a parte mais considerável dos estudos que a lei deve supervisionar e dos trabalhos cujo exercício o magistrado não pode abandonar ao azar. (p.29)

[...]

Aprende-se Medicina, Cirurgia e Farmácia por uma série de observações e operações que cada um deve realizar. Se sua prática, ou pelo menos as formas pelas quais se adquire o direito de exercê-la, devem ser cuidadosamente vigiadas pelo poder público, seu ensino, pelo qual se poderia culpar quem demonstrasse indiferença, deve ser encorajado, facilitado por todos os meios que sugerem a experiência e a razão. (p.30)

[...]

O objeto da Medicina e da Cirurgia é o estudo do corpo humano, são e doente. Seu objetivo é a cura da doença ou a preservação da saúde. Todos os conhecimentos necessários para cumprir este objetivo também se adquirem pela observação, sobretudo ao lado do leito dos doentes. Existem várias ciências naturais que parecem se relacionar à arte da cura, mas não são de grande utilidade. É razoável dar-lhes mais importância do que àquelas que a constituem essencialmente? Queremos formar médicos úteis, não médicos feitos para brilhar nos salões ou nas academias. (p.31) ⁷³

Naquele momento, um dos membros mais atuantes do Comité era o Marquês de Condorcet, amigo e parceiro político de Cabanis. Aproveitando sua condição de Deputado eleito pela comunidade de Paris, Condorcet apresentou à Assembleia Nacional uma plataforma para a reforma educacional da Revolução, em três etapas.

Na primeira etapa, nesse mesmo ano, Condorcet divulgou uma série de textos de cunho político-pedagógico num volume intitulado *Cinq mémoires sur l'instruction publique* (Condorcet, 1791). A primeira memória tinha como tema o

⁷³ - Quant à la médecine, et à tout ce qui tient à l'art de guérir, c'est la partie la plus considérable des études que la loi doit surveiller, et des travaux dont le magistrat ne peut abandonner l'exercice au hasard (...). Vous ne serez donc point étonnés, Messieurs, que la médecine occupe une place considérable dans mon plan d'instruction publique. [...] La médecine, la chirurgie, la pharmacie, s'apprennent par une suite d'observations et d'opérations qu'il faut faire soi-même. Si leur pratique, ou du moins les formes par lesquelles on acquiert le droit de s'y livrer, doivent être attentivement surveillées par le pouvoir public ; leur enseignement, pour lequel il seroit coupable de témoigner de l'indifférence, doit être encouragé, facilité par tous les moyens que l'expérience et la raison suggèrent. [...] Le sujet de la médecine et de la chirurgie est l'étude du corps humain, sain et malade. Leur but est la guérison de la maladie ou la conservation de la santé. Toutes les connoissances nécessaires pour remplir ce but, s'acquièrent également par l'observation. C'est sur-tout au lit des malades qu'on les puise. Il est plusieurs sciences naturelles qui paroissent liées à l'art de guérir, mais qui n'y sont pas d'une grande utilité. Est-il raisonnable de leur donner plus d'importance qu'à celles qui les constituent essentiellement ? Nous voulons faire des médecins utiles, et non des médecins propres à briller dans les cercles ou sur les bancs.

próprio conceito de ‘instrução pública’, arrolando razões filosóficas e políticas para a igualdade na educação, defendendo com firmeza que as mulheres devem compartilhar a mesma educação recebida pelos homens. A segunda memória estabelecia a base da instrução comum a todas as crianças, pertinente para o domínio do repertório mínimo de conhecimentos para prosseguir sua formação aos níveis seguintes. A terceira memória dizia respeito à instrução necessária para a emancipação política, formando cidadãos livres, enquanto a quarta memória tratava da educação para as carreiras profissionais necessárias à república. Finalmente, a mais filosófica dessas memórias propunha que todo o conhecimento científico fosse inter-relacionado e que, para uma instrução pública igualitária e libertadora, seria pertinente criar institutos multidisciplinares para a formação de professores e cientistas, considerando os avanços das ciências naturais aplicadas.

Num segundo movimento, em abril de 1792, Condorcet apresentou à Assembleia Nacional um documento intitulado *Rapport et projet de décret sur l'organisation générale de l'instruction publique* (Condorcet, 1792). Avançando bastante em relação a uma proposta de reforma educacional apresentada por Talleyrand,⁷⁴ em setembro de 1791 e liminarmente recusada, tratava-se de um plano ambicioso (e completo, do ponto de vista estrutural) de reorganização do sistema de educação, a partir dos princípios políticos da Revolução Francesa. Incluía níveis de formação, estrutura curricular, conteúdos e modalidades de instrução, cobertura territorial, rede institucional e recursos humanos necessários. O modelo proposto compreendia uma ampla rede pública destinada a prover educação gratuita em todos os níveis, com acesso universal, mediante a seguinte estrutura hierárquica: a) uma *école primaire* para cada vila ou bairro com até 1.500 habitantes; b) uma *école secondaire* para cada vila ou bairro com até 6.000 habitantes; c) em todo o país, 140 *instituts*, destinados ao ensino básico e aplicado de ciências matemáticas e físicas, ciências morais e políticas, ciências aplicadas e literatura e belas-artes; d) em todo o país, nove *lycées*, um em cada região, especializados no ensino superior inicial nas áreas científicas e artísticas; e) uma *société nationale des sciences et arts*, para a supervisão e coordenação central dos liceus e institutos. Em apêndice, o documento de Condorcet incluía proposta orçamentária e estudo de viabilidade, além de uma minuta de decreto legislativo que, bastante minuciosa, estabelecia desde uma base curricular comum até programas de bolsas de permanência e mobilidade estudantil. O impressionante grau de detalhamento revela que não se tratava de proposição individual e sim de construção coletiva, tendo contribuições reconhecidas de Garat, Daunou e Cabanis, que seriam membros do futuro grupo dos *Idéologues*. A despeito de ter sido apresentado em nome do *Comité*, com ampla divulgação patrocinada pela Convenção, inclusive com publicação na *Imprimerie nationale*, o projeto foi rejeitado pela Assembleia.

⁷⁴ - Charles Maurice de Talleyrand-Périgord [1754-1838], religioso, político e diplomata francês.

O terceiro movimento de Condorcet resultou num pequeno artigo intitulado *Sur la nécessité de l'instruction publique*, publicado em *Les Cahiers patriotiques*, em janeiro de 1793. Trata-se do último escrito de Condorcet dedicado à questão da educação pública, respondendo aos ataques de Jean-Paul Marat [1743-1793] e reagindo à rejeição de suas propostas de reforma educacional e constitucional. O texto defende a urgência de se instituir uma instrução pública de fato oferecida para todos, a fim de garantir a igualdade jurídica e política proclamada pela Revolução. Compreende dois argumentos: o Estado deve garantir a independência da educação pública frente ao poder político; a determinação do conhecimento básico que se deve ensinar é papel dos cientistas e intelectuais. Se essas condições não forem respeitadas, a educação pública perderá sua condição de libertadora e a igualdade dos cidadãos se tornará mera retórica. Trata-se de vigoroso e destemido documento de posição (Condorcet, 1793, p.394):

A inteira igualdade entre mentes é uma quimera; mas se a instrução pública é geral, estendida, se abraça a universalidade do conhecimento, essa desigualdade é totalmente favorável à espécie humana, que se beneficia dos trabalhos dos homens de gênio. Se, pelo contrário, esta instrução é nula, fraca, mal dirigida, então a desigualdade somente existe a favor de charlatães de todos os tipos, que procuram enganar os homens em todos os seus interesses.⁷⁵

Perseguido durante o Terror, em sua fuga, durante uma noite inteira insone, num impulso quase febril, Condorcet escreveu seu testamento político-filosófico intitulado *Esquisse d'un tableau historique de progrès de l'esprit humain*, deixando os originais sob a guarda de seu fiel amigo Cabanis. Esse texto veio a compor uma edição das Obras Completas de Condorcet organizada por Cabanis, com ajuda de Garat e Barbier; financiada por Madame de Condorcet, compreendia 21 volumes publicados em 1804, simultaneamente em Paris e Leipzig; o volume IX trazia os textos sobre educação pública acima citados.

Com o esgotamento da turbulência política do Terror, em 1794, ao alcançar maior estabilidade institucional, o governo revolucionário pôde enfim priorizar a reforma educacional. Pierre-Claude François Daunou [1761-1840], um dos mais ativos membros do *Comité d'Instruction publique*, redigiu uma proposta de lei orgânica da educação pública, submetida à Convenção em outubro de 1795 e em seguida aprovada. Recuperando parcialmente tanto a proposta Mirabeau-Cabanis quanto o projeto de Condorcet, essa lei estabelecia a formação de professores como principal prioridade nacional, criando-se a *École normale* de Paris, com base num currículo que incluía "a moral republicana e as virtudes

⁷⁵ - Une égalité entière entre les esprits est une chimère ; mais si l'instruction publique est générale, étendue, si elle embrasse l'universalité des connaissances, alors cette inégalité est toute en faveur de l'espèce humaine qui profite des travaux des hommes de génie. Si au contraire cette instruction est nulle, faible, mal dirigée, alors l'inégalité n'existe plus qu'en faveur des charlatans de tous les genres, qui cherchent à tromper les hommes sur tous leurs intérêts.

públicas e privadas”, bem como técnicas de ensino de leitura, escrita, aritmética, geometria prática, história e gramática francesas. Por outro lado, e nisso distanciava-se do Plano Condorcet, o *Comité* propôs um modelo centralizado de educação apenas parcialmente pública, com abertura de *écoles centrales* de ensino médio, sendo um estabelecimento para cada 300.000 pessoas, incluindo biblioteca pública, jardim botânico e museu de história natural, bem como um conjunto de aparelhos científicos, máquinas e modelos relacionados a artes e ofícios. Um piso salarial foi estabelecido pelo governo nacional para os professores; o financiamento seria responsabilidade do governo provincial; as escolas seriam dirigidas por um comitê docente que se reuniria a cada semana.

Apesar desse esforço de reorganização, a qualidade da educação pública na França pós-revolucionária continuava precária e a situação do ensino cada vez mais preocupante, evidenciando o fracasso de uma política educacional focal e centralizadora. Algumas escolas, localizadas nos principais centros urbanos, conseguiam ministrar ensino de qualidade, contrastando com o resto do país, onde a situação continuava caótica. As escolas de ensino fundamental continuavam fora da coordenação e gestão do Estado, muitas delas em mãos de ordens religiosas e sem professores treinados nas diretrizes científicas, políticas e sociais da República (Barnard, 1969).

Em 1796, Destutt de Tracy tornou-se secretário geral do *Comité d'Instruction publique*, convidando seu amigo Cabanis como colaborador, dado que, juntos, começavam a articular um agrupamento de jovens intelectuais, frequentadores do *salon* de Madame Helvétius em Auteuil, que se tornaria conhecido como *Les idéologues* (Williams, 1994). Aos ideólogos interessava sobremaneira a teoria sensualista do conhecimento elaborada pelo Abade de Condillac, consolidada como aplicação política e pedagógica por Condorcet, que havia aprofundado sua análise do conhecimento humano no *Esquisse*. Antecipando em quase dois séculos a noção contemporânea de “democracia cognitiva”, os ideólogos defendiam que somente haveria progresso social com igualdade intelectual para todos os seres humanos, mediante acesso amplo ao conhecimento através de uma educação libertadora.

Mais uma vez em convergência com Mirabeau e Condorcet, Cabanis considerava a instrução pública como crucial numa república moderna fundada nos princípios da liberdade e da igualdade individuais, na medida em que o sistema democrático dependia de que todos os cidadãos tivessem uma compreensão adequada de seus direitos e deveres, bem como plena capacidade para participar dos processos deliberativos, da avaliação de dirigentes e do julgamento da representatividade política. Essa nova política, por sua vez, exigiria uma nova ciência e uma nova pedagogia, ambas fundadas numa epistemologia revolucionária, uma verdadeira “ciência dos métodos”. Essa metaciência, a ser fundada, envolveria uma fisiologia dos sistemas psíquicos e

uma lógica dos modos de pensamento, embrião para o que Destutt de Tracy logo intitularia como *Idéologie*.⁷⁶

Posteriormente, o próprio Cabanis contribuiria decisivamente para aprofundar essa perspectiva sensualista e naturalista, com uma abordagem original da questão cartesiana da relação corpo-mente, primeiro no *Rapports du physique et du moral de l'homme* e depois no *Coup d'oeil*. Ao propor abordar as complexas interações inerentes às experiências humanas à luz do olhar biomédico, Cabanis não pretendia reduzir o físico à determinação orgânica da vida humana, nem o moral ao aparato jurídico-legal que o conforma numa normatividade vital, como posteriormente analisaria Canguilhem no clássico *Le Normal et le Pathologique* (2009[1966]). Note-se o sentido de 'físico' e de 'moral' em Cabanis: não se trata de polos estabelecidos por uma dualidade excludente, na medida em que se inter-definem justamente pela situação de *rapport* inextricável, radicalmente interrelacionados em demandas, determinações, dinâmicas e especificidades do mundo histórico, do corpo político e da vida social.

Nem, por outro lado, a dimensão material do ser humano e sua ecologia podem ser reduzidas ao substrato físico-químico da existência humana, pois, para Cabanis, o moral é físico e o físico, moral. Nessa perspectiva, longe de ser compreendido basicamente pelo estudo físico do homem e pelo estudo histórico de suas normas e leis, o "ponto de vista moral" precisa ser entendido de modo ampliado, certamente longe do senso-comum de moralismo e moralidade.

Durante toda a década de 1790, as ideias de progresso social e de *perfectibilité* (termo cunhado pelo filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau [1712-1778] para designar uma tendência à busca da perfeição, inata entre os humanos) e suas implicações foram objeto de intensos debates (Saad, 2016, p.235-6). Georges Cabanis explicitou seus argumentos sobre a questão da perfectibilidade numa carta ao editor publicada em 1799, em *La Décade philosophique*, periódico onde os ideólogos divulgavam os principais textos gerados em seus acalorados debates. O artigo replicava alguns pontos centrais do *Coup d'oeil* (que, como vimos, já tinha sido em parte apresentado ao *Institut National de France*) e foi publicado como resposta a posicionamentos precoces de crítica aos ideólogos, acusados de serem defensores de um materialismo mecânico, numa perspectiva ateísta da perfectibilidade sem a presença da divindade.

⁷⁶ - Num pequeno texto que se tornou clássico, intitulado *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, Louis Althusser (1976, p.36) atribui a primazia pela formulação do conceito de 'idéologie' primeiro a Cabanis e, somente depois, a Destutt de Tracy e seus companheiros ideólogos. Assinala que Marx se apropria do termo cinquenta anos depois, em sua obra filosófica da juventude, dando-lhe outras conotações ainda influenciadas pelo pensamento pós-revolucionário.

No *Coup d'œil*, Cabanis reitera que os seres humanos seriam tendencialmente submetidos a um vetor orientado à perfectibilidade, simultaneamente natural e cultural, no sentido de constante busca de aperfeiçoamento como indivíduo e como espécie (no léxico da época, ele usa o termo *race*), em dois aspectos: físico e moral. O primeiro envolve uma evolução da saúde física e das capacidades individuais herdadas, numa perspectiva claramente lamarckiana.⁷⁷ A herdabilidade das características adquiridas significava que os seres humanos seriam capazes de transformar suas próprias naturezas para que, ao longo de várias gerações, "não existam os mesmos homens nem a mesma raça"; desenvolvimentos sociais, morais e políticos introduziriam uma grande distância entre os diferentes homens com "disposições primitivas iguais". O segundo aspecto se refere à determinação social do aperfeiçoamento humano, viabilizado por políticas educacionais universalistas, pois a educação "desenvolve a inteligência, cultiva afeições [e] dirige todas as tendências da natureza ao objetivo mais útil de garantir a felicidade de cada um e de todos" (Cabanis, 2018[1804], p.??). NÚMEROS DE PÁGINA ESTABELECIDOS APÓS PAGINAÇÃO

Conforme Saad (2016, p.236), a noção de perfectibilidade capturava duas formas de pensar o progresso social, presentes no fim do século XVIII: uma convergente, segundo a qual "as capacidades humanas convergiriam gradualmente" levando a uma "integração social crescente", e outra diversificadora, onde o processo histórico implicava "crescente diferenciação social", na medida em que "as capacidades humanas divergiam gradualmente". Ambas as perspectivas tomavam a igualdade como valor subjacente e postulavam a superação das desigualdades sociais como meta ética e política. Nesse sentido, Cabanis propunha mitigar os efeitos da diversidade física e moral, promovendo o que definiu como "igualdade de meios" através de três planos de intervenção: a política – garantindo igualdade de direitos, a medicina – encarregando-se de reduzir as desigualdades físicas e mentais inatas, a educação – gerando igualdade de oportunidades sociais.

Ao notar que a Lei Daunou tinha sido omissa em relação à educação superior e, mais ainda, ao nela verificar ausência total de referência à medicina e ao ensino médico, Cabanis se dedicou a estudos históricos e filosóficos sobre o que chamava, cerimoniosamente, de arte de curar. Desse esforço, resultaram ensaios, relatórios e propostas apresentados perante diferentes instâncias de debate e deliberação, como o Círculo de Auteuil, o *Institut de France*, o Conselho

⁷⁷ - Conforme Staum (1983, p.187), Cabanis antecipou algumas ideias e, ao mesmo tempo, foi influenciado por seu contemporâneo Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, Chevalier de Lamarck [1744-1829], famoso pela teoria de evolução das espécies via transmissão genética de caracteres adquiridos, divulgada em 1809.

dos Quinhentos⁷⁸ e o próprio *Comité d'Instruction publique*. Foucault (2011[1963]) comenta que, nessa fase, não obstante seu interesse por aspectos pedagógicos e filosóficos da educação médica, evidentemente articulados às propostas de reforma educacional em todos os níveis de instrução, Cabanis considerava mais prioritária sua participação em outros espaços políticos, sobretudo nas sucessivas comissões e órgãos envolvidos com a redefinição da política médica, especialmente o papel dos hospitais e a reorganização do sistema de assistência à saúde.

Vicq d'Azyr, Cabanis e a Revolução da Medicina

Tal como na maioria dos países europeus nessa fase tardia do pós-renascimento, o cenário francês de assistência à saúde revelava uma situação de enorme desigualdade e segregação social (Weisz, 1983; Ramsey, 1988; Brockliss & Jones, 1997). A população pobre tinha acesso a cuidados de saúde prestados por barbeiros-cirurgiões e boticários, geralmente treinados em relações mestres-aspirante, que circulavam pelas feiras do interior do país fazendo pequenas cirurgias, reduzindo fraturas, extraindo dentes e dispensando remédios, em geral fitoterápicos. Sob a gestão de ordens religiosas, hospitais eram lugares de acolhimento de moribundos, hospedaria para viajantes e vagabundos, asilos para loucos e, em muitos casos, serviam como prisões políticas, pouco funcionando como lugares de cuidado e cura (Foucault, 2011[1963]). As profissões de saúde eram dominadas por homens, restando às mulheres atuar como parteiras ou prestar serviços clandestinos, preferencialmente a outras mulheres, correndo o risco de serem denunciadas por bruxaria (Bromhall, 2004).

Nessa conjuntura, a nobreza era atendida por médicos clínicos (antes chamados físicos) ou cirurgiões que prestavam serviços de saúde com duvidosa efetividade e cobertura reduzida às famílias da aristocracia, onde serviam como membros das cortes de famílias nobres. Segundo Weisz (1983, p.20), esses médicos eram geralmente formados em uma das 18 escolas de medicina ou cirurgia (apenas três delas vinculadas a universidades) credenciadas em todo o reino francês. A partir de 1730, cirurgiões militares passaram a ser aceitos nessas universidades e em algumas escolas especializadas. Químicos, botânicos, boticários e cirurgiões veterinários podiam completar seus estudos no *Jardin du Roi*, principal órgão de pesquisa em história natural aplicada na França iluminista. Durante o Século XVIII, ocorreu um processo de gradual ampliação, fortalecimento e legitimação da "comunidade médica corporativa", definida como "um conjunto complexo tripartite de médicos, cirurgiões e

⁷⁸ - Assembleia nacional encarregada da recomposição política e da reconstrução institucional que se seguiram aos anos turbulentos do Terror, para a qual Cabanis fora eleito representante do Departamento de Auteuil graças ao seu trabalho como médico dos pobres.

boticários agrupados em várias coletividades legais reconhecidas" (Brockliss & Jones, 1997, p.8).

Em novembro de 1790, o cirurgião e médico veterinário Vicq d'Azyr apresentou à Assembleia Nacional um *Nouveau plan de constitution pour la médecine en France*, aprovado pela *Société Royale de Médecine*, da qual ele era fundador e secretário vitalício. Cirurgião da corte de Luis XVI e médico particular da Rainha Maria Antonieta, Félix Vicq d'Azyr foi o principal personagem de um episódio narrado por Foucault que, em outra oportunidade (Almeida-Filho, 1986), propôs considerar como evento fundante da Epidemiologia moderna e semente da sua integração com a Clínica Médica. Em 1776, após dois anos em campo, coletando amostras, dissecando animais e mapeando casos para estudar metodicamente a epizootia que dizimava rebanhos no Sul da França, Vicq d'Azyr recomendou medidas efetivas que permitiram controlar o flagelo que devastava a indústria têxtil e comprometia a já combalida economia francesa. Com isso, no mesmo movimento, desmoralizou a corporação dos físicos encastelados nas velhas faculdades de medicina, que haviam falhado em resolver o problema, e demonstrou que conhecimentos científicos seriam bastante úteis para a economia de uma nação que se preparava para entrar na primeira era industrial. Assim, convenceu as autoridades a criar a *Société Royale de Médecine*, compondo uma rede nacional de coleta de dados e vigilância epidemiológica para controlar epidemias e detectar problemas de saúde, não só em relação aos animais, mas também aos seres humanos.

A principal marca do *Nouveau plan* de Vicq d'Azyr era a unificação definitiva entre Medicina e Cirurgia, formalizando a superação de uma separação histórica vigente desde a Idade Média, além de valorizar a Higiene (e sua proto-epidemiologia) como matéria fundamental para a prática médica. Além disso, sua proposta defendia a necessidade de combinar medicina humana com medicina veterinária; a confirmação diagnóstica se daria sempre que possível por meio de correlação anátomo-patológica de achados clínicos; para isso, hospitais deveriam ter *salles d'autopsie* e todos os óbitos seriam confirmados por anatomistas credenciados. Na interface com a educação médica, Vicq d'Azyr propunha que, não só a fisiologia, mas qualquer conhecimento relacionado a doenças e seu tratamento deveria ser subordinado à anatomia. Dessa forma, estabelecia, por um lado, uma ligação prática entre clínica, patologia e anatomia e, por outro lado, demonstrava a importância da anatomia comparada na história natural (Schmitt, 2009). Nos cursos médicos, uma cátedra única deveria reunir anatomia e fisiologia, a partir de uma justificativa metodológica que distinguia estrutura e processo. Na sua obra maior, a *Encyclopédie méthodique*, escreveu Vicq d'Azyr (apud Rey 1993, p.38): *A anatomia sozinha é, por assim dizer,*

*o esqueleto da ciência; é a fisiologia que lhe dá movimento: uma é o estudo da vida, a outra é somente o estudo da morte.*⁷⁹

Infelizmente, Vicq d'Azyr sucumbiu à perseguição do Terror e não sobreviveu para completar sua contribuição à reforma da assistência médica francesa. Denunciado aos tribunais populares por suas ligações com a família real destituída, foi indiciado pelo temido *Comité de salut public* por protestar publicamente contra o afastamento do espírito da Revolução na nova constituição republicana, aprovada por uma assembleia que excluiu os deputados girondinos. Perseguido pelas milícias populares, desnutrido e delirante, morreu de modo misterioso em 1793, pouco antes de ser preso.

Em 1802, Cabanis foi convidado a apresentar ao *Institut de France* um elogio póstumo de Vicq d'Azyr, contribuindo ao movimento de sua reabilitação política, no início da era bonapartista. Pouliquen (2013, p.225-226) interpreta o tom frio e o estilo informativo, quase metódico, desse documento como demonstração de inveja e ressentimento de Cabanis em relação ao médico-cientista de carreira mais rápida e brilhante de sua época. Pelo contrário, Thillaud (1986) encontra nesse texto demonstração de amizade íntima e respeito profundo, trazendo mesmo um elemento de suspeita: teria Cabanis ajudado seu amigo e antigo líder fornecendo o *pain des frères* envenenado que o livrou da tortura e da guilhotina, do mesmo modo como acabara de ajudar a Condorcet? Como indício de uma contradição, argumenta que o *éloge* a Vicq d'Azyr, escrito por Cabanis, é o único documento a mencionar uma “febre aguda do peito” como causa da morte do desafortunado médico, relacionando-a a seu caráter depressivo e ao profundo medo de ser preso, humilhado e executado.

A contribuição científica e acadêmica desse talentoso anatomista de tão trágico destino foi excepcional. Suas concepções de método e de análise, desenvolvidas para justificar as bases científicas da anatomia comparada, permitiram ao seu sucessor intelectual, o jovem médico Marie-François Xavier Bichat [1771–1802], revolucionar a fisiologia e sua relação com a patologia, ao introduzir o conceito de tecido, reformulando as ciências morfológicas modernas numa nova disciplina científica, a Histologia (Staum, 1980). De todo modo, em termos práticos, o *Nouveau plan* de Vicq d'Azyr serviu de base para todas as propostas de reforma da Medicina que se seguiram no período pós-revolucionário, tanto no plano administrativo-institucional, objeto desta seção, quanto no plano da formação, a ser tratado adiante. Em todas elas, foi fundamental a presença ativa de Georges Cabanis como pensador, proponente, gestor e operador político.

⁷⁹ - L'anatomie seule n'est pour ainsi dire que le squelette de la science ; c'est la physiologie qui lui donne du mouvement : l'une est l'étude de la vie, l'autre n'est que l'étude de la mort.

Ao dedicar toda uma seção à atuação de Cabanis como reformador do sistema francês de assistência à saúde, Foucault (2011[1963], p.85-94) focaliza seu *Rapport et Projet de Résolution sur un mode provisoire de police médicale* (Cabanis, 1798), por ele considerado como importante contribuição ao Corpo Legislativo do Conselho dos Quinhentos. Esse texto aborda inicialmente a natureza (social, cultural, institucional) da medicina e do cuidado em saúde e propõe, em linhas gerais, uma teoria da economia política da profissão médica capaz de justificar intervenções profundas na incipiente rede social de assistência em saúde, campo sensível e tão estratégico para o projeto político da Revolução. A questão central dessa conjuntura então se apresenta com clareza: como conceder à corporação médica proteção institucional e lhe atribuir uma justa reserva de mercado de trabalho, sem retroceder às estruturas corrompidas e perversas do Antigo Regime, nem recair em formas arbitrárias de controle do Estado sobre os cidadãos que poderiam trair valores republicanos?

Antecipando em quase dois séculos os conceitos de mercado imperfeito e de bens quase-públicos, centrais para a teoria pós-utilitarista da Economia da Saúde formulada por Arrow (Svedoff, 2004), Cabanis postula distinguir duas categorias de bens ou objetos econômicos. Para alguns objetos ou mercadorias, os próprios consumidores podem ser avaliadores finais de sua utilidade na medida em que a consciência generalizada da sua utilidade seria suficiente para determinar o seu valor. Em outros casos, o valor não pode depender da consciência pública, por dois motivos: ou por serem úteis para fixar o valor de outros objetos (como metais preciosos sob a forma de moeda) ou por envolverem riscos à pessoa humana, situação em que erros ou fraudes podem ser fatais. Em qualquer situação, tanto num mercado verdadeiro de puro valor de troca de ativos monetários, quanto num quase-mercado de riscos, danos virtuais e bens voláteis (como o cuidado à saúde), o objeto, bem, produto, processo ou serviço adquire valor intrínseco e potencial não imediatamente visível, sendo, inevitavelmente, vulnerável a fraudes e descaminhos. Para Cabanis (1798), mais que controle de mercado (diretamente pela oferta e demanda num regime liberal de compra e venda) e controle social pela aceitação coletiva implícita de seu valor de uso, a nascente República precisaria organizar estrutura e prover dispositivos de regulação e meios de funcionamento e controle do Estado sobre a economia, visando a regular a produção e utilização desses processos e produtos, sobretudo em espaços sociais estratégicos como aqueles onde se realiza a prática médica.

Essa posição já havia sido manifestada anteriormente por Cabanis (1790) no seu relatório-programa *Observations sur les hôpitaux*, apresentado com a colaboração de Philippe Pinel. Portanto, para evitar riscos, perdas e danos aos cidadãos, sobretudo num contexto histórico incerto, com alto grau de desordem social, seria imprescindível o controle do Estado, particularmente sobre o mercado de trabalho profissional, mesmo em oposição aos princípios do liberalismo econômico vigentes naquela conjuntura histórica. Em termos

práticos, uma questão preliminar e fundamental seria a delimitação do conjunto de sujeitos que, a partir do controle institucional de órgãos de governo, estariam autorizados a compor o contingente dessa nova corporação de profissionais.

Para viabilizar essas medidas, Cabanis priorizava duas soluções: o credenciamento oficial do exercício profissional numa conjuntura de caos social e o reconhecimento dos *officiers de santé*, profissionais práticos formados naquele momento de grande carência de médicos. Engenhosamente, propôs adotar uma única estratégia para resolver os dois problemas: um exame de Estado que, para profissionais de saúde estrangeiros e para aqueles formados fora das faculdades, será limitado ao “conhecimento fundamental da arte, e à sua prática,” mas que, para validação de estudos médicos regulares, deve incluir provas escrita e oral, além de “exercícios de anatomia, cirurgia e medicina clínica.” As competências técnicas aferidas por tais exames poderiam garantir a vida segura dos cidadãos, pois o Estado se encarregaria de fiscalizar com rigor o exercício profissional (Cabanis, 1798, p.91):

Um Estado livre que busque manter seus cidadãos livres de erro [...] não pode autorizar o livre exercício da Medicina. [...] Todo aquele que praticar medicina sem exames ou escola ou sem ser colocado perante os júris especiais serão multados e condenados à prisão em caso de reincidência.

Sem indicar uma possível contraposição ou disputa com Vic d’Azyr, Foucault (2011[1963], p.87) informa que nessa oportunidade a proposta de Cabanis foi rejeitada, porém, “nas suas linhas fundamentais, sinalizou uma solução que dotaria a medicina do estatuto de profissão liberal e protegida que ela manteria até o século XX”. De fato, a legislação sobre a prática da medicina em França, finalmente aprovada pelo Consulado de Bonaparte em 1802 (leis de 21 germinal e 19 ventôse do Ano XI), mostrava-se consistente com as propostas de Cabanis em todas as suas dimensões. Por um lado, estabelecia uma hierarquia de dois níveis na profissão médica: doutores em medicina e cirurgia graduados em uma das seis faculdades autorizadas; e oficiais de saúde ativos, remanescentes dos quadros militares e das *écoles de santé* (substituídas pelos novos estabelecimentos oficiais de ensino da medicina). Por outro lado, introduziu o licenciamento para exercício profissional mediante aprovação em quatro exames (anatomia e fisiologia, patologia e nosologia, matéria médica, higiene e medicina legal), além de uma prova prática de medicina interna ou externa, respectivamente para os que queriam ser médicos ou cirurgiões. Nesse momento, de modo pioneiro, estabeleceu-se o conceito de exercício ilegal da profissão, na medida em que qualquer cidadão não licenciado, que se arriscasse a praticar a medicina, incorreria em penalidades, de multas à prisão (Foucault, 2011[1963]).

Juntamente com Vic-d’Azyr, Fourcroy, Bichat, Pinel e tantos outros, Cabanis confirma assim seu protagonismo num processo histórico rápido, sinuoso e

complexo de criação de um sistema institucional de cuidados em saúde orgânico à nova ordem econômica, social e política instaurada pela revolução burguesa na França. Em doze anos, com idas e vindas, avanços e recuos, mudanças profundas foram introduzidas na medicina e na organização dos serviços de saúde, culminando com a segmentação e isolamento (alguns preferem falar de elitização) da prática médica mediante a obrigatoriedade da certificação profissional mediante diploma obtido em faculdades credenciadas.

No plano institucional, para a reforma do sistema assistencial nessa perspectiva da restauração conservadora ajustada à matriz ideológica da nascente burguesia, três medidas foram cruciais: definição do papel social dos hospitais como instituições laicas; reconstituição das academias e sociedades médicas; abertura de Faculdades de Medicina autônomas. Para viabilizar esse novo modelo assistencial, consolidar transformações e sustentar sua reprodução, seria ainda necessária uma profunda reforma do modelo de formação de quadros científicos, técnicos e profissionais, num processo histórico que, por uma questão de justiça intelectual, em outra oportunidade propus designar como Reforma Cabanis (Almeida-Filho, 2017).

Fourcroy e as *écoles de santé*

Foucault (2011[1963]) descreve em detalhes o contexto da formação médica na França no final do período que ele designa como época clássica, o caso da ordem aristocrática num país devastado por guerras, desgoverno e fome. Naquele momento histórico, em que se ensinava uma medicina retórica, representada por doutrinas distanciadas das descobertas científicas e das críticas filosóficas do Iluminismo, “o ensino canônico ministrado na Faculdade não responde mais às exigências da prática” (Foucault, 2011[1063], p.48). O sistema de ensino se compunha de escolas médicas de baixa qualidade, onde as cátedras eram cargos disputados pela nobreza decadente como fonte segura de renda pois os catedráticos eram os únicos autorizados a ministrar cursos pagos. A formação prática se fazia fora dos espaços acadêmicos formais, pois os aprendizes de médico precisavam seguir, em visitas domiciliares, “um médico renomado a quem é preciso indenizar” e, além disso, pagavam caro pela preparação dos exames de qualificação; tudo isso inflacionava os custos da educação médica.⁸⁰

Laurence Brockliss (1998, p.71), o mais notório dos historiadores britânicos especializados na Revolução Francesa, faz um duro comentário crítico às

⁸⁰ - Essa descrição crítica do cenário do ensino médico na França, no fim do século XVIII, parece muito com o contexto norte-americano estudado por Abraham Flexner, e desconstruído com ajuda do seu famoso Relatório, na segunda década do Século XX (Almeida Filho, 2010). Mais incrível ainda é que tal cenário continua atual em várias partes do mundo, como no Brasil, nesta segunda década do século XXI (Almeida Filho, 2011).

condições de formação profissional vigente nas faculdades de medicina das universidades francesas, antes da Revolução de 1789, destacando dois aspectos:

Por um lado, o sistema estava deteriorado pela corrupção na medida em que professores preguiçosos concediam graus acadêmicos sem um exame adequado do conhecimento do candidato. Por outro lado, e esses dois aspectos não eram desconectados, o currículo das faculdades de medicina era completamente inadequado como treinamento para a prática médica.⁸¹

Para superar essa situação, herdada do Ancien Régime, quando a educação superior era monopólio de uma casta privilegiada, tornando-a mais um dos privilégios da nobreza setecentista, a pauta dos líderes políticos da Revolução Francesa incluía inicialmente medidas radicais como extinção de sociedades científicas, corporações e guildas, fechamento de academias, universidades e faculdades e aprovação de planos de reforma institucional (Foucault, 2011[1963], p.75). Tais medidas foram complementadas por duas estratégias de médio e longo prazo: por um lado, como vimos na seção anterior, uma regulamentação rigorosa, condicionando o direito de exercício da profissão médica a uma formação profissional credenciada pelo Estado; por outro lado, reorganização profunda da estrutura e do próprio sistema de ensino, objeto desta seção.

Em 1792, o médico e farmacêutico Antoine de Fourcroy, *protégé* e herdeiro intelectual de Vicq d'Azyr, apresentou à Convenção uma proposta de recriação do sistema francês de educação superior para superar “*les gothiques Universités e les aristocratiques Académies*” através do “ensino livre das ciências e das artes”, com foco na formação em saúde. Em termos concretos, o Plano Fourcroy propunha total reestruturação do ensino médico a partir de uma “medicina em liberdade”, substituindo as egrégias faculdades de medicina por *écoles de santé* destinadas a graduar *officiers de santé* (Crosland, 2004). Recrutando jovens estudantes de “boa conduta, costumes puros, amor à República e ódio aos tiranos, cultura bem cuidada e, sobretudo, conhecimento de algumas ciências que servem de preliminar para a arte de curar, [...] a nova escola de saúde [deve ensinar] em vez das vãs fisiologias, a verdadeira ‘arte de curar’, [bem diferente] da antiga faculdade, o lugar de um saber esotérico e livresco” (Foucault, 2011[1963], p.76). Além de integrar Medicina e Cirurgia, Fourcroy propunha também incluir Farmácia e Administração Pública como matérias fundamentais para uma formação profissional mais aberta, polivalente e eficiente para atender às demandas de saúde da população.

Sem detalhamento curricular e pedagógico, num estilo bem diferente das densas contribuições (*mémoires, rapport, projet*) de Condorcet, o Plano Fourcroy

⁸¹ - On the one hand, the system was marred by corruption in that professors were lazy and degrees were awarded without a proper examination of the candidate's knowledge. On the other, and the two were not unconnected, the curriculum of the medical faculties was completely inadequate as a training for medical practice.

não era um texto teórico consistente nem um documento técnico sistemático. No plano conceitual, configurava-se mais como um libelo político, ao empregar um tom sombrio e dramático (quase violento) para descrever a precária situação sanitária e o caos da prática médica herdados do período monárquico, em contraste com uma retórica triunfalista ao apresentar as soluções concebidas para superar os problemas herdados. Na dimensão pedagógica, mesmo apresentada de modo sumário, já se antevia uma perspectiva integradora da formação médica, propondo substituir a velha instrução retórica por soluções didáticas baseadas na prática laboratorial, no caso reconfigurada pela demonstração experimental da química. Nesse aspecto, a proposta de Fourcroy se afastava do *Nouveau plan* de Vicq d'Azyr que, em sua fundamentação inicial, propunha a anatomia como disciplina dominante na instrução médica. Não obstante as divergências iniciais com seu pupilo, Vicq d'Azyr apoiou a proposta, negociando uma posição intermediária para maior integração disciplinar entre as matérias básicas da clínica, valorizando a anatomia comparada, a fisiologia e a farmacoquímica como eixos curriculares. Com amplo leque de apoios, acolhido com entusiasmo pelos próceres da Revolução, o Plano Fourcroy foi aprovado pela Assembleia em fevereiro de 1794, sendo ampliado para mais duas escolas de saúde nas províncias, em Montpellier e Estrasburgo, tradicionais centros de educação médica (Rosen, 1946).

A primeira *École de santé*, a de Paris, foi instalada justamente no prédio onde funcionava a academia médico-cirúrgica que tinha sido desativada, em imóvel descrito como monumental. Apesar de contar com sede física satisfatória, a formação se daria na rede de hospitais recém-estabelecida pelo *Comité* presidido por Thouret, que foi nomeado primeiro Decano da nova instituição. Eis a lista de matérias (Rey, 1993): Anatomia/Fisiologia, Química/Farmácia, Física Médica e Higiene, Patologia Externa, Patologia Interna, Medicina Operatória, Partos, Clínica Interna, Clínica Externa, Clínica de Aperfeiçoamento, Matéria Médica, Botânica, Demonstração de Instrumentos, Droga Usuais, História da Medicina, Medicina Legal. Havia três classes de alunos regulares (*officiers de santé, chirurgiens, médecins*), além de alunos ouvintes (*auditeurs libres*). A classe de cada estudante se definia mediante exames públicos, ligeiramente diferentes em conteúdo: anatomia, operações e curativos, matéria médico-cirúrgica, se o objetivo fosse graduar-se em Cirurgia; anatomia e fisiologia, campo médico, história natural das doenças internas e externas, se o candidato postulava a graduação em Medicina. A duração da formação variava: *officier de santé*, três anos; *chirurgien*, quatro anos, *médecin*, cinco anos.

Para os graduandos que pretendiam seguir a carreira médica, além da aprovação nos exames, era preciso elaborar e defender uma *Thèse de Doctorat en Médecine*. Uma análise de conteúdo do *corpus* bibliográfico das teses defendidas na *École de Santé de Paris*, no apogeu do seu monopólio como principal polo de formação de profissionais de saúde em todo o território francês (1797-1799),

revela um surpreendente e sofisticado grau de integração epistemológica. Conforme Rey (1993, p.39):

Essas preocupações [de integração curricular] são refletidas nas teses não apenas pela presença relativamente grande da anatomia (cerca de 30% das teses), mas pelo princípio da sua combinação com outras disciplinas, concretizada por monografias, associando anatomia, fisiologia e patologia, tal como desejavam Cabanis e Pinel. A monografia corresponde a um estado de conhecimento que necessariamente precede, e sem dúvida persiste por muito tempo ainda, a síntese: primeiro deve-se identificar um objeto particular sob todos os aspectos para poder compará-lo aos outros e classificá-lo corretamente na tabela nosológica. Esta abordagem provavelmente explica porque estas teses raramente se relacionam com uma disciplina específica e que a situação mais frequente é a associação de patologia (interna ou externa) com a química médica e, em menor grau, com a anatomia, ou ainda, anatomia com fisiologia ou com medicina legal.⁸²

Acesso amplo de postulantes oriundos das classes populares à educação universitária anteriormente reservada às elites? Educação geral profissional a partir de uma formação cidadã em Política, Artes, Filosofia & Ciências? Ensino superior livre, ativo e solidário em vez de "góticas universidades e aristocráticas academias"? Formação de profissionais de saúde em escolas de saúde em vez de especialistas em morbidade nas escolas de doença que, desde sua origem e até o presente momento, são chamadas de Faculdades de Medicina? Ensino-aprendizagem rigorosamente baseado em evidências científicas, a partir da articulação anátomo-clínica para correlações diagnósticas e fármaco-química-cirúrgica para definição de estratégias terapêuticas? Integração interdisciplinar *avant la lettre* na estrutura curricular e nos processos de formação, articulando teoria e prática em contextos reais de formação? Conforme comentei em outro texto (Almeida-Filho, 2017), realmente impressiona a pertinência política e atualidade dessas relevantes questões que compunham a primeira pauta de reforma social da Revolução.

O título de *officier de santé*, elemento chave da proposta, enfatizava uma noção prática de saúde positiva, mesmo que ainda incipiente, e possivelmente foi muito bem aceito num primeiro momento porque ajudava a superar a distinção tradicional entre médicos e cirurgiões. Além disso, mostrava-se convergente

⁸² - Ces préoccupations se traduisent dans les thèses non seulement par la présence relativement importante de l'anatomie (environ 30 % des thèses), mais par le principe de sa combinaison avec d'autres disciplines, concrétisée par des monographies, associant, comme le voulaient Cabanis et Pinel, anatomie, physiologie et pathologie. La monographie correspond à un état du savoir qui précède nécessairement, et sans doute pour longtemps encore, la synthèse : il faut d'abord cerner un objet particulier sous tous ses rapports pour pouvoir ensuite le comparer aux autres et le classer correctement dans le tableau nosologique. Cette démarche explique sans doute que les thèses se rapportent rarement à une discipline déterminée et que la situation la plus fréquente soit l'association de la pathologie (interne ou externe) avec la chimie médicale, et dans une moindre mesure avec l'anatomie, ou encore de l'anatomie avec la physiologie, ou avec la médecine légale.

com o conceito republicano de assistência à saúde como direito de todos, homens e mulheres, estabelecido na Constituinte de 1791. Além disso, o formato institucional proposto reproduzia uma organização militar, inclusive com uniforme e hierarquia de carreira, o que em tese facilitaria sua aceitação social numa conjuntura de guerra, já declarada contra o novo regime pela aliança liderada pela Inglaterra. Na virada do século, a França já contava com 3.309 *officiers de santé*, formados em diferentes instituições. Nesse momento, após três anos de funcionamento, as *écoles de santé* já registravam 4.027 estudantes; desses, 406 eram *thésards*, portanto postulantes à Medicina (Rey, 1993).

Na prática, o Plano Fourcroy sofreu recuos estratégicos que terminaram definindo sua inviabilidade, devido principalmente à consolidação de um modelo de corporação profissional organicamente articulado com a rede política republicana. Foucault (2011[1963]), revelando incontida ironia, assinala a rápida decadência do modelo institucional das *écoles de santé*, e adverte que a nova ordem política tinha outros planos. Por sua vez, Crosland (2004) analisa o desgaste semântico do termo *officier de santé* como indicativo da falência do modelo. Ambos concordam que tais processos paralelos podem ser explicados por três motivos articulados: primeiro, nos primeiros anos da Revolução, a liberdade de auto-designação e consequente desregulamentação teria produzido respostas sociais abusivas, com grande número de profissionais desqualificados, mesmo charlatães, atuando no cuidado à saúde sem qualquer controle; segundo, a partir do Thermidor, as corporações profissionais ressurgiram com força e pressionavam para um retorno aos seus antigos papéis; terceiro, academias e sociedades científicas retomaram protagonismo político e passaram a lutar pela reabertura plena das faculdades. Na normatização da prática médica de 1802, realizada pelo Consulado e mantida pelos movimentos de restauração ainda por mais meio século, o título de *officier de santé* era destinado àqueles que haviam recebido treinamento mais curto e simplificado para prestar serviços assistenciais nas províncias, com atribuições limitadas, sendo por isso discriminados pelos médicos e cirurgiões como profissionais de saúde de segunda classe (Tabuteau, 2010).

Portanto, nas dimensões da prática clínica e da formação em saúde, os vetores da recomposição política que se seguiu ao governo do Diretório deslocaram propostas revolucionárias originais mais claramente orientadas à emancipação dos sujeitos. Em vez de uma prática clínica como “momento essencial não só da coerência científica, mas também da utilidade social e da pureza política da nova organização da medicina”, fomentava-se a recuperação institucional da velha medicina como “um meio de por fim à perigosa experiência da liberdade, um modo, no entanto, de lhe conceder sentido positivo, como também uma via para restaurar, conforme o desejo de alguns, as estruturas do Antigo Regime” (Foucault 2011[1963], p.75).

Como vimos, a luta por uma educação libertária, encaminhada pela esquerda jacobina entre 1790 e 1792, terminou superada no plano político pela criação das grandes *écoles* especializadas e pela reativação das sociedades científicas e academias que, nos albores da era napoleônica, ressurgiram ainda mais poderosas. O consenso político e social alcançado pela solução conservadora produziu então modelos de educação superior com forte viés vocacional, capazes de responder às demandas imediatas da conjuntura econômica, orgânicos à mentalidade católica restaurada e, ao mesmo tempo, congruentes com a nascente ideologia burguesa materialista, individualista, produtivista e laica.

A Reforma Cabanis

Uma vez confirmada a insustentabilidade política e institucional do Plano Fourcroy, abriu-se espaço para o ressurgimento de faculdades, reforçadas por academias, sociedades e corporações fortemente empoderadas, agora independentes e sem o controle central de universidades. Em 1797, conforme Williams (1994, p.72), mesmo a *Société de santé de Paris*, fundada pelos médicos que formavam o corpo docente das escolas de saúde, foi renomeada como *Société de médecine de Paris*. Na virada do século XIX, já no contexto bonapartista (como veremos adiante), todas as instituições de ensino médico haviam abandonado a denominação *école de santé* a favor da designação mais tradicional de *Faculté* (ou *école de médecine*).

Aproveitando sua atuação como professor da *École de Santé de Paris* e sua posição política no Conselho dos Quinhentos, além de colaborador no *Comité d'instruction publique*, Cabanis veio a se confirmar como quadro intelectual importante nesse processo. Assim, sob sua liderança competente e ativa, registra-se a elaboração, proposição e aprovação de um conjunto de atos que, com certo distanciamento histórico, podemos chamar de Reforma Cabanis. Como dispositivo propositivo (ou *arquivo*, desdobrado em distintos documentos), etapa inicial para uma reforma do ensino médico com maior viabilidade política na conjuntura pós-revolucionária, a Reforma Cabanis compreende cinco elementos estruturais: a) habilitação profissional mediante certificação acadêmica; b) um modo peculiar de organização institucional; c) redefinição de espaços laicos de ensino-aprendizagem; d) nova estrutura curricular; e) filosofia pedagógica inovadora.

Vejamos na sequência cada um desses pontos:

1 – Inicialmente focando na prática médica, a Reforma Cabanis introduziu o conceito de “licenciatura” (*license*) certificada mediante diploma universitário que, formalmente reconhecido, tornava-se dispositivo legalmente habilitador ao exercício profissional. O licenciamento da prática médico-cirúrgica, mediante certificação outorgada por uma instituição de ensino superior

credenciada, permitiria, diretamente ou através de mecanismos de mediação (como exames ou revisões periódicas de competência), maior controle do Estado sobre uma esfera central da vida civil necessária para modernização das relações de trabalho e proteção da saúde das pessoas. Nesse modelo de articulação educação-sociedade, a instituição de ensino superior tem a responsabilidade de emitir diplomas ou certificados que, formal e tacitamente, são reconhecidos como válidos e, portanto, habilitadores para a prática profissional. O caráter de instrumento regulatório do diploma médico se estendeu rapidamente a outras profissões que implicavam, por um lado, responsabilidade civil e relevância social e, por outro lado, acesso a mercados de trabalho de impacto econômico prioritário e maior acumulação de capital político.

2 – O ensino médico deveria ser realizado em faculdades independentes, com o maior grau de autonomia possível perante o Estado regulador e o organismo universitário central, tanto nos aspectos pedagógicos da prática acadêmica quanto na condução das atividades de formação. No modelo cabanisiano de educação superior, ao preencher critérios definidores do perfil ideal estabelecidos por conselhos acadêmicos formados pelos professores catedráticos, os estudantes entrariam diretamente em faculdades ou escolas médicas. Como estrutura interna, as faculdades seriam organizadas no regime de cátedra, definida como a unidade produtiva da instrução, gerida acadêmica e administrativamente por uma única liderança intelectual capaz de dominar todo o conhecimento sobre aquela matéria, o catedrático. O perfil de competências profissionais definido nesse modelo configurava uma prática diagnóstica de base semiológica, orientada por conhecimentos científicos naturalistas, confirmada por respostas terapêuticas e correlações anátomo-clínicas.

3 – Para modernizar o modelo de formação dos profissionais de saúde, seria necessário redefinir espaços de aprendizagem adequados a uma nova prática clínica fundada em conhecimento nosológico sistemático, a partir do processo de laicização dos hospitais, transformando-os em instituições de cuidado em saúde. Assim, em vez da relação mestre-aprendiz, própria da formação clínica praticamente artesanal que era propiciada pelo acompanhamento de médicos particulares em visitas domiciliares, a Reforma Cabanis tornaria obrigatória a instrução profissional em hospitais, com a invenção do internato (*internat des hôpitaux*) que depois evoluiu para o conceito moderno de residência médica. Não obstante, o ensino das disciplinas básicas e da matéria médica continuaria sendo realizado em anfiteatros e salas de aula organizados de acordo com as cátedras respectivas. Com a unificação entre Medicina e Cirurgia, foi recomendada a implantação de teatros cirúrgicos, além das *salles d'autopsie* preconizadas por Vicq d'Azyr (1790).

4 – Propunha-se uma nova estrutura curricular baseada no conceito de disciplina, onde o conhecimento seria decomposto em suas partes constitutivas

equivalendo, na dimensão cognitiva, ao conceito de cátedra, na dimensão de organização institucional. Nesse sentido, a disciplina compreendia o conjunto de saberes e conhecimentos de acesso restrito aos *discipuli* de um *magister* – o catedrático. No caso do conhecimento operativo do saber médico, foco original da Reforma Cabanis, as disciplinas deveriam ser diferenciadas com precisão e, para efeito de estrutura curricular, agrupadas em história natural (ciências básicas), matéria médica (ciências clínicas e terapêuticas) e ciências morais (Cabanis, 2018[1804]). As principais cátedras básicas arroladas no *Coup d'oeil* seriam Anatomia, Fisiologia, Farmacoquímica, Patologia, Semiótica, Botânica e Zoologia; as cátedras clínicas incluíam Nosologia, Terapêutica, Cirurgia, Farmácia, Higiene, Medicina Veterinária; as ciências morais compreendiam Filosofia, Moral e, após a restauração bonapartista, retorna Teologia. Matérias acessórias seriam História Natural (Biologia), Física, Matemática, Línguas, Letras e Artes. Além disso, principalmente visando à incorporação da prática cirúrgica experimental, o ensino de medicina humana precisava ser articulado ao ensino da medicina veterinária. A principal consequência desse modelo de organização curricular disciplinar sobre os modos de cuidado em saúde foi a fragmentação da prática (inicialmente cirúrgica e depois clínica) em especialidades médicas, como veremos adiante.

5 – A Reforma Cabanis implicava uma estratégia pedagógica inovadora, por ele denominada (por inspiração de Garat, como vimos acima) de método analítico de ensino, equivalente à análise racional dos ideólogos. O conhecimento científico somente seria validado se decomposto e recomposto pela ordem linear cartesiana, da matéria mais simples à mais complexa, numa operação de exaustividade própria do enciclopedismo. Assim, a pedagogia analítica baseada na disciplinaridade corresponderia à fragmentação, análise e posterior ordenação de blocos de conteúdos, modos de prática e, principalmente, conhecimentos, memorizados, armazenados, codificados e classificados segundo as doutrinas científicas vigentes. Conforme indicado em vários escritos cabanisianos anteriores – por exemplo, já no seu primeiro trabalho, *Du degré de certitude de la Médecine* (Cabanis, 1798) – pretendia-se formar um novo tipo de médico, capacitado a se relacionar com seus pacientes de modo menos hierarquizado e distante. Conforme preconizado nos discursos do *Travail* (como vimos acima, atribuídos a Mirabeau, porém escritos por Cabanis), isso exigiria a superação da retórica como modelo pedagógico, com o conseqüente abandono do Latim como cripto-linguagem técnica, codificada como elemento de diferenciação e elitização da corporação profissional.

Assim, a Reforma Cabanis buscava uma integração de propostas parciais, cada uma delas de natureza conjuntural e carregando simultaneamente um sentido prático e um forte viés político. Articulava, de modo preciso, objetivo e até criativo, diversos movimentos de reforma da instrução pública e de organização do cuidado à saúde que haviam sido propostos no período pós-revolucionário, inspirados no racionalismo cartesiano e seus desdobramentos.

Nesse sentido, tinha a pretensão de harmonizar medidas e soluções por vezes contraditórias ou, pelo menos, componentes formais de modelos conceitualmente antagônicos ou complementares. Do primeiro discurso Mirabeau-Cabanis, além da emblemática rejeição do Latim como língua franca científica, a Reforma Cabanis propunha a superação da universidade como conceito e como organismo coordenador, delineando uma estrutura institucional descentralizada, baseada em faculdades e escolas isoladas. Do Plano Condorcet, defendia uma rede pública de educação gratuita em todos os níveis, com acesso universal, composta, na esfera da educação superior, por uma grande diversidade de órgãos isolados e especializados de formação profissional. Do Plano Thouret-Pinel de redefinição do papel dos hospitais, adotou a organização de enfermarias por classificação mórbida como espaço de instrução adequado para a ilustração comparativa de casos. Do Plano Vicq D’Azyr, aproveitou a unificação Medicina-Cirurgia, aceitando o domínio da anatomia comparada como eixo metodológico das ciências básicas, bem como o resgate das academias e sociedades científicas que tinham sido proscritas pela Revolução. Do Plano Fourcroy, incorporou sem problemas a orientação terapêutica da farmacoquímica, resultando numa tripla condensação entre Medicina-Cirurgia-Farmácia, além dos elementos de Filosofia Moral necessários à formação cidadã politicamente engajada do novo perfil de médico, naquele momento preconizado para consolidar (e talvez superar) a pauta liberal da revolução burguesa.

Nos planos filosófico-conceitual e político-pedagógico, a Reforma Cabanis revela com clareza sua linhagem intelectual, manifesta sob a forma de propostas concretas nas várias dimensões e etapas da revolução da medicina e da reforma do ensino médico. Do ponto de vista conceitual, revelava-se, desde o início, delimitada pelas filosofias naturalistas do Iluminismo e pelas biociências emergentes, instituídas sob o rótulo de história natural, num momento inicial da modernidade. Em sua obra clínica, Cabanis articulava a filosofia sensualista de Condillac e Helvétius à fisiologia vitalista neo-hipocrática da escola de Montpellier, formulando uma teoria semiótica que integrava fisiologia, patologia e terapêutica, com base na ideia de que a dinâmica saúde-doença poderia ser melhor interpretada como uma linguagem. Numa perspectiva geral, Cabanis pretendia uma articulação orgânica entre medicina, filosofia e política, expressa na “associação de conhecimento e análise médica com um projeto político” (Saad, 2016, p.29).

De ponto de vista pedagógico, o projeto da Reforma Cabanis se institui na interface entre a clínica, a política e a didática, implicando igualmente uma mudança crítica no uso da retórica, em três aspectos: Primeiro, em vários momentos de sua obra, Cabanis rejeitava uma instrumentalização da retórica nas estratégias pedagógicas de formação no campo da saúde, substituindo o discurso de autoridade por maior ênfase na prática didática baseada na experimentação. Segundo, a metáfora do pensamento como secreção

fisiológica e do conhecimento como matéria física, argumento central de sua obra maior, o *Rapports du physique et du moral de l'homme* (Cabanis, 1802), junto com a metódica cartesiana, justificava a fragmentação sistemática tanto do processo de formação quanto do objeto de ensino-aprendizagem. De fato, o modelo de formação resultante se baseava numa apologia da disciplinaridade como modo de organização e catalogação do conhecimento humano numa estrutura racional e sistemática herdada da gramática de Port-Royal, mediado pelo enciclopedismo. Por último, postulava uma nova retórica para reorganização da lógica (no caso, lógica indiciária) na formulação do raciocínio diagnóstico baseado em sinais e sintomas no processo de constituição do objeto da clínica (Ginzburg, 1989, p.177). Esse aspecto compõe o cerne de sua obra mais conhecida no campo da história da clínica, *Du degré de certitude de la Médecine*, conforme comenta Pender (2012, p.41):

No *Du degré*, Cabanis conjura a história da retórica como um entreposto a partir do qual os médicos podem gerar métodos e modelos de raciocínio sobre os sintomas, a fim de negociar a relação entre o geral (concepções de enfermidade) e o particular (casos individuais).⁸³

Seria justo e pertinente considerar o *Coup d'oeil sur les révolutions et réforme de la médecine* como de certa forma o manifesto histórico-pedagógico dessa reforma radical do sistema de ensino médico da França que estamos propondo designar como Reforma Cabanis? Na minha avaliação, tudo indica que sim, por vários aspectos.

Concebido num contexto intelectual ainda fortemente impactado pela *Encyclopédie*, o *Coup d'oeil* integra-se ao projeto grandioso dos ideólogos de criar uma nova epistemologia para um novo paradigma de ciência comprometida politicamente com o progresso humano. Essa *nuova scienza* teria começado a se delinear na proposta apresentada por Cabanis de uma ciência moral baseada na medicina (uma proto-antropologia médica denominada *science de l'homme*), e no desenvolvimento de uma epistemologia aplicada, sistematizada no ambicioso, mas inconsistente, compêndio de síntese entre filosofia, gramática e lógica intitulado *Éléments d'Idéologie*, de Destutt de Tracy (1803). Nesse quadro, o *Coup d'oeil* se apresenta desde o início como um estudo de história da saúde e da educação, com a intenção de contribuir à nova pedagogia necessária para uma reforma do ensino médico, por sua vez imprescindível para a sustentabilidade da revolução realizada nos sistemas de saúde da França, no limiar do iluminismo para a modernidade. Sobre isso, George Rosen (1946, p.332), talvez o mais representativo dos historiadores da saúde da escola anglo-saxã, comenta:

⁸³ - In *Du degré*, Cabanis conjures the history of rhetoric as an entrepôt from which physicians might draw methods and models for reasoning about symptoms, for negotiating the relationship between the general (conceptions of illness) and the particular (individual cases).

É à luz desses ensinamentos que se deve considerar o programa de reforma e reconstrução na educação médica que foi iniciado e realizado na França durante os anos entre a reação Thermidoriana e o surgimento de Napoleão.⁸⁴

No introito ao *Coup d'oeil*, Cabanis refere que seu amigo Dominique Garat, na posição de Comissário da Instrução Pública designado pela Convenção, interessado em suas ideias sobre como aplicar o método analítico às ciências médicas, teria lhe convidado a participar de um projeto maior: tornar a educação fator imprescindível à consolidação da nova democracia. Num discurso preliminar à apresentação do projeto da *École normale* de Paris, em 1794, de fato Garat defendeu que, por seu potencial de produzir igualdade e liberdade, a análise deveria ser adotada como método universal para a educação em todos os campos do conhecimento humano. Em suas palavras (*apud* Saad 2016, p.27):

a análise aplicada a todos os tipos de ideias, em todas as escolas, destruirá a desigualdade das luzes, ainda mais fatal e mais humilhante do que a desigualdade da riqueza. A análise é, portanto, essencialmente um instrumento indispensável numa grande democracia.⁸⁵

Cabanis sempre demonstrou particular interesse em contribuir para a realização do grande projeto de vida de Mirabeau e Condorcet, seus saudosos amigos e parceiros políticos: a reorganização do sistema francês de ensino em todos os setores e níveis. A demanda de Garat simplesmente o encorajou a avançar num projeto ambicioso e eminentemente político: nada menos que "a libertação da espécie humana". Uma vez eleito para o *Institut de France*, Cabanis lançou-se num processo auto-imposto de preparação intelectual para uma cruzada político-ideológica, buscando aplicar as regras de análise formuladas por Locke e Condillac ao conjunto dos conhecimentos humanos, tendo como foco principal a medicina e a educação. O *Coup d'oeil* resulta desse esforço intelectual e político.

No conjunto da curta, porém densa obra cabanisiana, o *Coup d'oeil* quase que pede desculpas por parecer um esboço, porém, como vimos, seu autor de forma alguma abdicou de uma mirada panorâmica, integradora da ciência, da política, da medicina e da educação. Essa obra de fato constitui uma espécie de testamento intelectual, sob a forma de um plano-piloto para uma parte específica (ensino superior na área de saúde) de uma ampla reforma educacional, por sua vez incluída numa pauta de reforma social determinada

⁸⁴ - It is in the light of these teachings that one must consider the program of reform and reconstruction in medical education which was initiated and carried out in France during the years between the Thermidorian reaction and the rise of Napoleon.

⁸⁵ - [...] l'analyse appliquée à tous les genres d'idées, dans toutes les écoles, détruira l'inégalité des lumières, plus fatale encore et plus humiliante que l'inégalité des richesses. L'analyse est donc essentiellement un instrument indispensable dans une grande démocratie.

pelo refluxo de uma revolução política. Implicitamente, também se apresentava como um projeto de restauração de valores políticos e ideológicos que teriam sido ameaçados pelas propostas de cunho radical dos jacobinos à esquerda da Assembleia Nacional (Quinlan, 2007). Nesse aspecto, diferentemente de Foucault, Rosen (1946, pg. 337) concede máximo valor ao *Coup d'oeil*, reconhecendo-o como marco intelectual dessa era dourada de invenção cultural da medicina científica:

Este trabalho é ao mesmo tempo uma história da medicina e um programa para a reforma da educação médica. Embora as ideias apresentadas neste livro não postulem [explicitamente] a restauração das escolas de medicina, elas de fato refletem a filosofia básica da instrução dada aos estudantes da Faculdade de Medicina de Paris.

Em princípio, a Reforma Cabanis se restringia ao ensino médico, porém, dado o enorme capital político acumulado pela atuação de médicos-políticos-gestores na queda do *Ancien Régime*, efetivamente foi inspiradora e quiçá catalizadora de uma reforma geral do sistema educacional francês. A centralidade da Medicina e do papel dos médicos no imaginário da sociedade burguesa emergente sem dúvida havia influenciado a recriação do ensino superior no período pré-Bonaparte, da Convenção ao Diretório. Com esse regime institucional, justamente nessa fase histórica – uma sociedade liberal pós-aristocrática resultante de um novo modo de produção – consolida-se uma arquitetura curricular linear e exclusiva para formação em carreiras profissionais mediante um ensino superior cada vez mais especializado, sobretudo na esfera da educação médica, dominada por faculdades com alto grau de independência político-institucional.

Ainda se discute bastante sobre a origem da especialização na formação profissional universitária, particularmente no campo da saúde. Uma hipótese mais antiga, sugerida por Max (Karl-Emil Maximilian) Weber [1864-1920] no seu pequeno clássico *Ciência como Vocação* (2000[1919]), atribui o surgimento da especialização profissional à especialização acadêmica, com diferenciação e ocorrência de subdivisões entre disciplinas científicas, resultante da Reforma Humboldt na universidade prussiana. Nessa perspectiva, com a difusão internacional do modelo de universidade de pesquisa, a especialização disciplinar das ciências teria se estendido à estrutura curricular do ensino médico e, posteriormente, à organização das práticas profissionais de saúde (Habinek, 2010).

George Weisz (2006) propõe uma trajetória inversa: a especialização teria se iniciado em Paris, entre 1830 e 1850, particularmente no campo profissional da saúde, no processo de acomodação entre cirurgia, clínica, farmácia e medicina veterinária, com a conformação de espaços de formação profissional, determinada por um mercado de trabalho já de início competitivo, e daí à consolidação de trajetórias curriculares especializadas. Nessa segunda hipótese, a dupla reforma (tanto prática quanto pedagógica) protagonizada por Cabanis

pode ser ressaltada como movimento crucial de articulação entre uma estrutura epistemológica (ou ideológica, no sentido próprio dos ideólogos) fundada em disciplinas científicas básicas para a formação médica e um contexto de práticas profissionais especializadas e exclusivas. Em outras palavras, podemos considerar que a Reforma Cabanis teria sido também indutora da tendência à divisão-diferenciação de especialidades médicas, que se tornaria um reconhecido demarcador do modo de cuidado à saúde que seria predominante no século XX. A principal consequência desse processo, pelo menos na esfera de influência do modelo francês de educação, foi a hegemonia de uma formação disciplinar fragmentada numa universidade que, antes uma casa das ciências, das artes e da cultura, numa perspectiva ampla e integradora, tornara-se promotora de formação técnica e profissional especializada. Ou seja, uma instituição vocacional, numa perspectiva reducionista, orgânica ao novo modo de produção fundado na produção industrial massificada.

Em apenas seis anos, entre 1794 e 1800, ideias, soluções e ações que vieram a compor a Reforma Cabanis, sintetizadas em diferentes propostas e documentos, concretizaram-se primeiro na reorganização da Faculdade de Medicina de Paris, com ativa participação de Cabanis, entre outros contemporâneos. De fato, a reforma do ensino médico serviu como modelo para todo o sistema de ensino superior francês, naquela época estruturado como uma rede de instituições isoladas de ensino superior, tais como a Escola Politécnica e a Escola Normal Superior, exteriores à universidade, que tinham por objetivo atender às exigências da revolução industrial e às demandas por quadros dirigentes para a burocracia estatal. Com a Revolução Francesa e seus desdobramentos, e graças à Reforma Cabanis, o novo regime poderia contar com uma educação superior dominada pelas novas profissões legitimadas e controladas pelo Estado burguês, sem perder os atrativos da tradição acadêmica que, em certa medida, tinham sido proscritos pela Revolução e que seriam rapidamente restaurados pelo Consulado e pelo Império que se seguiria.

Nesse complexo processo de regeneração institucional do Estado, do regime jurídico, do modo de cuidado em saúde e do sistema de educação, a Reforma Cabanis propiciou emergência e consolidação, na esfera da educação superior, do chamado regime linear de formação, em todos os cursos e carreiras profissionais reconhecidas na jovem República. No regime linear de formação, a instrução tem como base escolas ou institutos isolados. Nesse modelo, a pessoa não se forma na universidade, e sim numa faculdade, operando sob a hegemonia de uma dada profissão legitimada pelo Estado. No modelo cabanisiano de educação superior, portanto, não havia lugar para o conceito de Universidade enquanto formato secular de instituição de formação geral, normalmente propiciando uma iniciação de sujeitos na cultura.⁸⁶ Pertinência,

⁸⁶ - No *Coup d'oeil*, por exemplo, o termo 'universidade' tem apenas cinco ocorrências, todas referidas à história da medicina em épocas remotas.

qualidade, utilidade e validade do conhecimento ou da matéria objeto da instrução seriam julgadas por academias e corporações profissionais. Produção de conhecimento e desenvolvimento tecnológico poderiam ser melhor conduzidos e coordenados por sociedades científicas ou organismos estatais, o que efetivamente terminou acontecendo, como veremos adiante.

A Reforma Cabanis resultou enfim em faculdades de medicina dotadas de autonomia e capacidade para decidir de modo independente sobre normas, disciplinas e cursos, deslocando a universidade como eixo institucional da educação superior na ordem social do capitalismo emergente no advento da modernidade. Para consolidar esse quadro, faltava apenas reorganizar o arcabouço geral do sistema de educação, capaz de cuidar da reprodução de um novo regime que se livrara da velha ordem aristocrática, mas que, de fato, não tinha como projeto político priorizar os segmentos sociais pobres, oprimidos e explorados pelo modo de produção emergente. Essa etapa seria cumprida em seguida, na ampla e profunda reforma educacional viabilizada pelo Consulado e Império de Napoleão Bonaparte.

A Reforma Educacional de Bonaparte

Em 1799, após uma série de campanhas militares vitoriosas, aclamado como salvador da pátria, Napoleão Bonaparte protagonizou um *coup d'état*, conhecido como o Golpe do 18 Brumário, que estabeleceu um sistema de governo chamado Consulado. O jovem general foi escolhido pelo Diretório como primeiro cônsul, liderando um triunvirato formado ainda por Roger Ducos e Emmanuel Sieyès. O Círculo de Auteuil, então reconhecido por Napoleão como importante núcleo de debate intelectual e elaboração política, sob a liderança de Cabanis e Destutt de Tracy, apoiou o governo do Consulado na formulação da ampla proposta de reformas em todos os níveis, da profissionalização das forças armadas à organização da burocracia estatal, do código civil ao sistema de educação (Role & Boulet, 1994). Compreensivelmente, a reforma educacional se destacava na lista de prioridades de Napoleão, que atendia em grande parte às demandas da nova classe média burguesa e aos interesses políticos de uma aliança com a maioria católica da sociedade francesa, bem como às pretensões de tornar a França uma potência bélica e industrial, consolidando-a como centro mundial de produção científica e tecnológica (Chateranne & Papot, 2012).

Em maio de 1802, um decreto estabeleceu um novo sistema de educação que seria a base para o modelo ainda hoje vigente na França e em vários países de cultura latino-mediterrânea. No nível primário, *écoles populaires* seriam responsabilidade municipal. A rede de escolas secundárias estaria sob a direção de uma autoridade central, incluindo escolas particulares e clericais, mas todas controladas pelo estado. Napoleão pessoalmente esboçou um sistema de

ensino secundário que distinguia a instrução pública para carreiras civis e militares (Chateranne & Papot, 2012). Carreiras civis estudavam línguas, retórica e filosofia; a educação militar enfatizaria matemática, física, química e matérias militares específicas, como balística, logística, estratégia. Após um acordo com o Vaticano, Napoleão restabeleceu a educação religiosa e permitiu que algumas escolas fossem geridas por ordens religiosas (Markham, 2010). O ponto forte do novo sistema de educação era uma rede de *lycées*, totalmente mantidos e controlados pelo Estado, substituindo as *écoles centrales* a fim de ampliar as oportunidades educacionais aos egressos das escolas secundárias. Precusores dos *liberal arts colleges* dos Estados Unidos, os liceus originalmente foram concebidos como transição entre a educação básica e o ensino superior; para isso, seu currículo incluía línguas, literatura moderna, artes, ciências e outros estudos necessários a uma educação "liberal".

O novo sistema tinha como objetivo formar uma elite de quadros civis e militares, a partir de uma classe média economicamente bem-sucedida na conjuntura pós-revolucionária. Eram fornecidas bolsas de estudo aos melhores alunos das escolas secundárias, com prioridade para filhos de militares e funcionários do governo. O governo deveria proporcionar um salário fixo para os professores, mas também previa fornecer bônus e outros incentivos para professores bem-sucedidos. Havia grande ênfase ao patriotismo nas escolas, em paralelo ao grau de controle e centralismo do novo regime sobre todo o sistema educacional, o que aumentaria durante os anos do império. O clima de belicosidade, o pacto com a religião católica, a revelação do autoritarismo de Napoleão e, particularmente, a rejeição do programa dos ideólogos no que se refere a educação e à pesquisa científica, provocaram o afastamento dos ideólogos que, em sua maioria passaram a se posicionar, individualmente e como grupo, em franca oposição ao regime bonapartista (Pouliquen, 2013).

Em dezembro de 1804, coroado Imperador da França, para consolidar o controle político do país, Napoleão aprofundou a série de reformas sociais iniciadas no Consulado. Particularmente preocupado com a independência das escolas secundárias e dos liceus, Napoleão buscava estabelecer um regime ainda mais rigoroso e centralizado de controle do sistema educacional francês. Com essa intenção, incluiu na reforma educacional o conceito de "Universidade Imperial", inicialmente definido como um tipo de congregação docente nacional, como uma carreira de Estado sem vínculo institucional específico. O projeto de lei da reforma da educação entrou na pauta do Conselho de Estado a partir de fevereiro de 1806. Os debates se desenvolveram durante meses, com a ativa participação de Napoleão, que insistia na ideia de que a universidade "virtual" assim criada deveria ter plena autonomia em relação aos ministérios, já que responderia diretamente ao Imperador (Boudon, 2006).

Para Jacques-Olivier Boudon (2004), reconhecido especialista em historiografia da era napoleônica, Antoine de Fourcroy foi o verdadeiro *maître d'oeuvre* da reforma educacional bonapartista. Revolucionário de primeira hora, personagem maior na política educacional, científica e cultural da Convenção, foi recrutado pessoalmente por Bonaparte, que o nomeou para o Conselho de Estado do Consulado. A partir de setembro de 1802, Fourcroy assumiu a Direção Geral de Instrução Pública, com a missão de elaborar, negociar e defender nos plenários deliberativos uma lei de reforma da educação para todo o Império. Já nesse momento encontrava-se distanciado dos ideólogos e teria renegado publicamente seu próprio plano de reforma do ensino médico.

Na Assembleia Legislativa, Fourcroy defendeu que o projeto de lei não questionava, e sim aperfeiçoava, a legislação anterior que ele, em grande medida, ajudara a formular. Em suas palavras, seria um despropósito destruir, e não consolidar, as novas instituições, unindo as várias partes delas, visando a estabelecer, de maneira invariável, as relações necessárias com a administração geral. Seu pronunciamento termina com um elogio desabrido ao Imperador, ao declarar que se aplaudiria por toda a vida por ajudar a reorganizar a instrução pública, “de acordo com os pontos de vista do grande homem que, não contente de ter iluminado seu século e feito a felicidade de seus contemporâneos, prepara os altos destinos da geração que deverá nos suceder”.⁸⁷ Nesse mesmo registro de franca bajulação, ainda em 1806, Fourcroy concede a Napoleão todo o crédito pela ideia da Universidade Imperial como um corpo docente nacional, coordenado por um único órgão:

Além das altas considerações políticas que justificam essa instituição, o estabelecimento de um corpo docente ainda é o único meio de salvar a própria educação pública da ruína total. Os restos das antigas corporações docentes foram suficientes até agora para sustentar o edifício; mas esses recursos se esgotam todos os dias [...]. Uma corporação, como a que Vossa Majestade concebeu e planejou, pode sozinha regenerar a educação pública e garantir a prosperidade.⁸⁸

A Lei da Reforma Educacional foi finalmente aprovada pela Assembleia Legislativa em 10 de maio de 1806, com a seguinte redação do seu Artigo 1º: *Será formado, sob o nome da Universidade Imperial, um corpo encarregado exclusivamente*

⁸⁷ - Conforme registrado por Cambacérès (*apud* Boudon, 2004, nota 11): je m'applaudirai toute ma vie d'avoir concouru à réorganiser l'éducation et l'instruction publique, d'après les vues du grand homme qui, non content d'avoir illustré son siècle et fait le bonheur de ses contemporains, prépare de hautes destinées à la génération qui doit nous succéder.

⁸⁸ - Cf. Aulard (1911, p.152-153): Outre les hautes considérations politiques qui appellent une pareille institution, l'établissement d'un corps enseignant est encore le seul moyen de sauver l'instruction publique elle-même d'une ruine totale. Les débris des anciennes corporations enseignantes ont su jusqu'à présent pour soutenir l'édifice ; mais ces ressources s'épuisent chaque jour [...]. Une corporation, telle que celle dont Votre Majesté a conçu la pensée et tracé le plan, peut donc seule régénérer l'instruction publique et assurer la prospérité.

*do ensino público e da educação em todo o Império.*⁸⁹ Nesse sistema, que ficou conhecido como “monopólio universitário” (Aulard, 1911), nenhuma instituição educacional podia ser estabelecida fora da Universidade Imperial, ninguém poderia abrir uma escola ou atuar no ensino sem ser membro do corpo docente da Universidade e sem ter se graduado em uma de suas faculdades ou escolas superiores.

O *Décret d'application* dessa lei somente foi aprovado em 17 de março de 1808, acrescentando à definição de Universidade Imperial o caráter de órgão de Estado que detinha o monopólio das atividades de educação, integrando e controlando todas as instituições educacionais de todo o Império, compreendendo um corpo docente com dedicação exclusiva ao ensino. Nesse decreto, definia-se também a estrutura hierárquica do sistema de ensino como um todo, composto por diferentes tipos de instituição educacional, numa perspectiva muito semelhante ao Plano Condorcet de 1792, acima referido: *Petites écoles; Collèges; Instituts (Écoles Normales); Lycées centraux; Lycées des Arts et Métiers; Écoles Polytechniques; Grandes écoles; Facultés.*

Os *collèges* eram escolas secundárias municipais ou comunais, ensinando francês, latim, geografia, história e matemática. Havia também escolas independentes conhecidas como *instituts*, de nível mais ou menos equivalente aos colégios, sendo alguns chamados de *écoles normales*, destinados à formação de professores para o ensino primário. Os *lycées* continuavam, como antes, escolas mantidas pelo Estado, com internato, pensionato e bolsas de estudo, ministrando um curso de seis anos, com foco em estudos clássicos e matemática. O que hoje se chamaria de formação técnica profissionalizante era realizada numa categoria especial, o *Lycée des Arts et Métiers*, e em *écoles polytechniques* para a formação em nível superior nas Engenharias e carreiras militares. *Grandes écoles* se encarregavam do ensino superior em carreiras científicas e acadêmicas clássicas, sendo que as *facultés* eram as únicas instituições autorizadas a formar quadros nas profissões de maior prestígio social e capital político da época: Direito e Medicina.

Essa ideia peculiar, uma Universidade Imperial, simultaneamente como organismo de controle geral da rede de ensino de um dado território e como corpo único de professores de todo um sistema educacional, não tem paralelo na história ocidental. Mesmo na França, não sobreviveu ao próprio Napoleão Bonaparte, na medida em que, a partir de 1815, o órgão central de controle do sistema educacional francês passou a se chamar *Commission nationale d'Instruction publique* e seus membros professores tiveram sua lotação distribuída na rede institucional. Em reação ao rigoroso controle da burocracia estatal durante a era napoleônica, tão logo se questionou a competência legal da Universidade

⁸⁹ - Il sera formé, sous le nom d'Université impériale, un corps chargé exclusivement de l'enseignement et de l'éducation publiques dans tout l'Empire.

Imperial, os diversos órgãos dedicados à educação superior se retiraram do sistema unificado de educação, confirmando sua autonomia institucional como academias, escolas, institutos e faculdades isoladas e independentes (Charles & Verger, 1996).

Boudon (2007) levantou dados referentes ao cenário da educação superior francesa no fim do Primeiro Império. Em 1814-1815, cerca de metade dos 6.000 estudantes franceses de nível superior frequentavam uma das 9 faculdades de direito, concentrando-se na Faculdade de Paris, reúne quase um quarto de todos os estudantes. As três faculdades de medicina de Paris, Montpellier e Estrasburgo acolhiam quase 1.200 alunos, enquanto as três escolas de farmácia registravam menos de 400 estudantes. Em 1808, a criação das faculdades de ciências e letras obrigou o governo a recrutar professores fora das profissões ditas imperiais. Cada faculdade de letras deveria oferecer pelo menos três cátedras (literatura, filosofia, história), cada faculdade de ciências teria pelo menos quatro cátedras (matemática, mecânica, físicoquímica e história natural). Em 1813, havia somente 145 professores de ensino superior em todo o país, 89 em letras, 56 em ciências. Em 1814-1815, as 21 faculdades de letras agrupavam 1.332 estudantes. A Faculdade de Letras de Paris, abrigada na Sorbonne, não era a mais importante do Império: tinha apenas 70 alunos matriculados, além dos estudantes da *École normale supérieure*. As nove faculdades de ciências tinham um alunado muito menor, composto por 326 estudantes, porque a maioria dos alunos atraídos por carreiras científicas encontravam-se em escolas militares como a *École Polytechnique de Paris*. Finalmente, nove faculdades de teologia recrutavam alunos principalmente em seminários e escolas católicas.

Com um regime institucional dominado por academias, faculdades e escolas isoladas e relativamente independentes das universidades, é justamente nessa fase histórica (*circa* 1800) que se introduz, em todo o subsistema de educação superior francês, uma arquitetura curricular linear e exclusiva para formação de carreiras profissionais mediante ensino superior específico, exclusivo e especializado. Como vimos, essa medida foi adotada nas reformas da medicina de 1802-1803 e da educação de 1806-1808, num momento em que a sociedade francesa compactuava com o crescente controle governamental sobre a formação e a prática das novas categorias profissionais que buscavam consolidar sua hegemonia naquela conjuntura política de transição. Concretizado durante o período napoleônico e ampliado no Segundo Império, o modelo francês de ensino superior, além de confirmar a supressão da universidade, caracteriza-se igualmente pela forte segmentação de qualidade entre as várias unidades de educação superior e entre ensino profissional e formação acadêmica científica (Charles & Verger, 1996).

Somente na Terceira República, após a derrota frente aos alemães em 1870, modificações substanciais no sistema de educação superior francês vêm

permitir a recuperação, ainda que parcial, da ideia original de universidade na França (Weisz, 1983). Louis Liard, Diretor de Educação Superior a partir de 1884, sintetizou as bases dessa proposta num pequeno opúsculo intitulado *Universités et Facultés*, onde compara os dois formatos institucionais para demonstrar que a opção francesa pela educação superior baseada em faculdades teria sido um enorme equívoco histórico, a ser rapidamente corrigido (Liard, 1890). Posteriormente, admitindo suposta superioridade no modelo norte-americano de educação superior para o desenvolvimento econômico, científico-tecnológico e social, Liard (1894, p.III) propôs uma teoria republicana da universidade,

Concebida como um vasto organismo, uno e múltiplo ao mesmo tempo, uno como a mente humana a partir da qual vem toda a ciência, múltiplos como os vários objetos aos quais este espírito se aplica, aberto a tudo o que pode ser objeto de estudos e pesquisas, abstrações matemáticas, realidades físicas, realidades morais, criação literária, criações das artes, aplicações das ciências às artes técnicas, com tantos compartimentos quanto houver divisões naturais nas coisas, compartimentos distintos, mas não separados, nos quais circularia uma mesma vida, um mesmo espírito.⁹⁰

Cautelosa e gradualista, a nova reforma compreendia uma série de decretos que concediam às faculdades autonomia para receber apoio financeiro, gerenciar recursos e criar cátedras e cursos (Weisz, 1983; Boudon, 2007). Um decreto de 1885 criou, em cada faculdade ou *grand école*, dois órgãos deliberativos, a assembleia da faculdade e o conselho acadêmico. Um passo adicional foi dado por um decreto de 1889 que concedeu às faculdades orçamento próprio composto por taxa de inscrição e subvenções do orçamento do Estado. Com a autonomia, aumentaria o corpo docente pela criação de cátedras especializadas nas faculdades. De fato, a independência administrativa das faculdades avançou, porém, os decanos continuavam nomeados pelo ministro, se bem que em listas propostas pelas faculdades. Essa reforma culminou com a lei que se tornou conhecida como Lei Louis Liard, aprovada pelo Parlamento francês em julho de 1896, concedendo personalidade jurídica ao corpo docente de faculdades constituídas como instituições agregadas e, para essas, autorizava o uso legal do nome 'universidade'. Nesse processo, de imediato ocorreu a refundação da Universidade de Paris, como Sorbonne, em novembro de 1896,

⁹⁰ - Conçut comme un vaste organisme, un et multiple à la fois, un ainsi que l'esprit humain d'où vient tout science, multiple ainsi que les objets divers auxquels cet esprit s'applique, ouvert à tout ce qui peut être sujet d'études et de recherches, abstractions mathématiques, réalités physiques, réalités morales, création des lettres, créations des arts, applications des sciences aux arts techniques, avec autant de compartiments qu'il y a de divisions naturelles dans les choses, compartiments distinctes, mais non séparés, dans lesquels circulerait une même vie, un même esprit.

seguinto-se a criação de mais 15 universidades no interior do país (Boudon, 2007).

A Reforma Liard, não obstante sólida argumentação, consistente formulação e cuidadoso encaminhamento, foi considerada um fracasso por historiadores da educação (Weisz, 1983; Charles & Verger, 1996; Boudon, 2007; Prost, 2007). No modelo de ensino superior, consolidado na França da *Belle Époque*, um século depois da supressão das “universidades góticas” pela Revolução de 1789, o poder das faculdades continuava ainda mais fortalecido, particularmente nas chamadas faculdades superiores (Medicina e Direito, uma vez que a Faculdade de Teologia perdera espaço nas repúblicas oitocentistas) e nas escolas politécnicas, formadoras das profissões imperiais. Com a hegemonia do ensino profissionalizante no modelo francês de ensino superior, restava às novas faculdades de letras e ciências a formação de professores de escolas secundárias. Nesse contexto, universidades tinham existência meramente nominal, na medida em que constituíam uma instância sem poder na prática, limitada à mediação política e à representação perante o Estado de um conjunto de faculdades que detinham autonomia política, financeira, administrativa, acadêmica e simbólica.

Dessa forma, tanto na matriz histórica francesa quanto nos países onde modelos mediterrâneos de ensino superior continuam hegemônicos, prevalecem resíduos e traços das características mais anacrônicas dessa curiosa universidade republicana, renegada por dentro, a partir de suas próprias estruturas institucionais, conforme comenta criticamente Antoine Prost (2009):

Primeiro, uma concepção pobre e estreita das universidades, resumida ao ensino que produzem. A comparação com universidades estrangeiras é esmagadora neste ponto. Criar comunidades de vida e não apenas de aprendizado não estava na agenda dos republicanos, inspirados nos seminários alemães, não nos *colleges* anglo-saxões.

Em seguida, a força da tradição das Faculdades, simbolizada pelo retorno rápido, após 1968, do título de decano, do nome faculdade, e pela concomitante raridade e precariedade das formações nas duas antigas faculdades.

Enfim, a dificuldade, que parece diminuir, de acomodar formações aplicadas em ciências e sobretudo em letras, onde a preparação dos concursos para docentes do segundo grau continua estruturando o ensino: quando tudo está paralisado pela contestação, mantém-se somente os cursos de agregação [formação docente]. Aqui se encontra o santuário do nosso ensino superior literário.⁹¹

⁹¹ - D'abord, une conception pauvre, étroite, des universités, résumées à l'enseignement qu'elles dispensent. La comparaison avec les universités étrangères est accablante sur ce point. Créer des communautés de vie et non seulement d'étude n'était pas au programme des républicains. Ils se sont inspirés des séminaires allemands, non des collèges anglo-saxons.

Não obstante, durante as primeiras décadas do século XX, o modelo de ensino superior que se consolidou na França na segunda metade do século XIX rapidamente difundiu-se no espaço de influência cultural francesa, sobretudo nos países mediterrâneos de cultura latina, línguas românicas e matriz religiosa católica romana e suas ex-colônias. Entretanto, após a II Guerra Mundial, esse modelo sofreu rápida decadência, implodindo simbolicamente na revolta urbana do Maio de 1968, em Paris (Prost, 2009). Em função de uma série de eventos na segunda metade do século XX, culminando com o Processo de Bolonha iniciado em 1999, mesmo os países europeus que o tinham adotado paulatinamente abandonaram o modelo de universidade iniciado na Reforma Cabanis.

Influência de Cabanis na Europa no século XIX

Apesar das turbulências políticas, a década de 1790 foi marcada por avanços e inovações no sistema assistencial e no modelo de educação médica inaugurados na França, que rapidamente se destacou na pesquisa e no desenvolvimento tecnológico, principalmente nos campos da saúde e da organização militar. Muitos intelectuais de vários países aproveitaram curtos intervalos na instabilidade política do novo regime para verificar *in loco* os avanços sociais e culturais na França pós-Revolução, conforme comenta Brockliss (2000, p.120). Com o tratado de Amiens, em 1802, encerrando uma guerra de quase dez anos, a nova França se tornou a meca de liberais progressistas de todo o mundo dito civilizado; nesse contexto, um grupo (pequeno, mas significativo) de médicos ingleses viajou ao continente especificamente para conhecer a medicina revolucionária. Para o que nos interessa, o exemplo mais notável dessa peregrinação político-cultural talvez tenha sido a temporada de estudos de Wilhelm von Humboldt [1767-1835] em Paris, entre 1797 e 1801. Filólogo, jurista e educador alemão, Humboldt logo se tornaria célebre como criador da Universidade de Berlim e reformador da universidade moderna.⁹²

Ensuite, la force de la tradition facultaire, que symbolise le retour rapide après 1968 du titre de doyen, du nom de faculté, et la rareté comme la précarité des formations à cheval sur deux anciennes facultés.

Enfin, la difficulté, qui semble se réduire, à accueillir des formations appliquées, en sciences et surtout en lettres où la préparation des concours du second degré continue à structurer l'enseignement : quand tout est bloqué par la contestation, seuls les cours d'agrégation continuent à se dérouler. Là est le saint des saints de notre enseignement supérieur littéraire.

92 - Christoph Lüth (2007) analisou as redes que Wilhelm von Humboldt estabeleceu com intelectuais e políticos franceses durante duas estadias em Paris. Na sua primeira e rápida passagem por Paris em agosto de 1789, Humboldt conheceu de perto Mirabeau e, sem dúvida, Cabanis. Durante a segunda viagem a Paris (1797-1801), Humboldt se dedicou – através de seus amigos intelectuais, incluindo alguns dos ideólogos, provavelmente Cabanis – a estudar o Plano Condorcet. Lüth especula se Humboldt teria sido por eles influenciado ao elaborar seu

Desde meados do Século XVIII, livros, revistas, compêndios e tratados científicos e filosóficos produzidos na França eram exportados e logo traduzidos em outras línguas. A obra de Cabanis não foi exceção, tendo sido largamente difundida em toda a Europa, desde os primeiros anos do século XIX, mas principalmente nas décadas de 1820 a 1840.⁹³ O *Coup d'oeil*, objeto deste volume, foi logo traduzido e publicado em inglês dois anos após sua primeira edição. Sua primeira tradução em castelhano foi publicada em Madrid, em 1820, sob o título *Compendio Histórico de las revoluciones y reforma de la Medicina* (Cabanis, 1820). Uma segunda edição em castelhano foi publicada em Paris 11 anos mais tarde (Cabanis, 1831), aproveitando uma retomada geral de interesse pela obra dos ideólogos durante a década de 1830.

Na sua formulação, o pensamento de Cabanis exibe uma dialética peculiar que, de modo discreto, quase silencioso, se reflete na posterior difusão e configura uma ironia histórica. Em trajetória de rápidos acontecimentos e vários desdobramentos, emerge de uma tradição filosófica em tese conservadora, contrapõe-se a um radicalismo político revolucionário, alimenta uma postura de crítica intelectual moderada, apoia um processo inicial de restauração econômico-social e ideológica, posiciona-se radicalmente contrário a uma ordem política emergente e a uma academia tendencialmente conservadora e, de modo surpreendente, termina sendo valorizado, acolhido e incorporado por abordagens políticas e teóricas que, em vários aspectos, são contraditórias entre si e com a própria perspectiva cabanisiana. Nessa virada final, na primeira metade do século XIX, perseguido tanto pelo bonapartismo quanto pela restauração da Casa de Bourbon, o pensamento cabanisiano tornou-se dupla fonte de inspiração. Por um lado, no plano dos saberes e práticas de cuidado em saúde, as teorias de Cabanis contribuem para a hegemonia de uma perspectiva materialista da filosofia da ciência e das ciências da vida, em geral, e das ciências da saúde, em particular. Por outro lado, no plano político senso-estrito, o pensamento-ação de Georges Cabanis (nesse caso, em conjunto com seus pares, *les idéologues*) muito contribuiu para as teorias sociocríticas que inspiraram e subsidiaram líderes revolucionários e movimentos de rebelião política do século XIX.

Vejamos primeiro o impacto da obra de Cabanis no campo da medicina e da saúde pública. Stephen Jacyna (1987, p.118) comenta que, na França de 1830-1850, a maioria dos médicos pesquisadores adotavam as concepções de

próprio plano de reforma do sistema escolar prussiano, apresentado em 1809. Uma questão fascinante a ser explorada é o quanto Humboldt teria se apropriado, mesmo criticamente, da Reforma Cabanis na montagem do modelo que ficou na história da educação como universidade humboldtiana.

⁹³ - Traduzido ao idioma alemão por Ludwig-Heinrich Jakob, com o título *Über die Verbindung des Physischen und Moralischen in dem Menschen*, o *Rapports du physique et du moral de l'homme*, por exemplo, foi publicado em Leipzig apenas um ano após a primeira edição francesa, já em 1804.

Cabanis e Bichat sobre os fundamentos antropológicos do que chamavam de *science de l'homme* e as bases anatômicas e fisiológicas dos fenômenos da saúde-enfermidade humana.⁹⁴ Os ideólogos com formação médica, como Cabanis, Pinel e Bichat, acreditavam que a revolução da medicina, juntamente com a reforma do ensino médico, desempenharia um papel fundamental na "regeneração" moral da nação porque, em sua prática, diminuiria os efeitos mórbidos das enfermidades nos pacientes e nas populações, o que permitiria desenvolver, prescrever e aplicar princípios salutogênicos e, desse modo, inculcar hábitos virtuosos em cidadãos sadios, produtivos e livres (Quinlan, 2007).

Efetivamente, tal como outros médicos orientados para a reforma política no período pós-revolucionário, Cabanis insistia que a recém-desenvolvida ciência da higiene jogaria um papel central na melhoria tanto do bem-estar individual quanto na evolução (ou "perfectibilidade") da humanidade em geral. De fato, no *Rapports du physique et du moral de l'homme* e, numa perspectiva diferente, também no *Coup d'oeil*, Cabanis recorre a princípios e conceitos hipocráticos como fundamentação histórica, filosófica e científica para estudo de determinantes sociais e ambientais da saúde, visando a identificar formas pelas quais tais fatores poderiam ser modificados para obter resultados harmoniosos para os indivíduos e para a sociedade (Caponi, 2009). Toda uma geração de higienistas – tendo Louis-René Villermé [1782-1863], Julien-Joseph Virey [1775-1846], Pierre-Charles Alexandre Louis [1787-1872], Adolphe Quételet [1796-1874] e Jules Guérin [1801-1886] como seus mais ilustres representantes – se formou entre 1815 e 1850, reconhecendo suas raízes científicas e intelectuais nas ideias de Cabanis e de Bichat (cf. Williams, 1994, pp.151-166). Dessa forma, no plano político da saúde, Cabanis também teria sido um precursor da Medicina Social tal como se desenvolveu no contexto europeu em meados do Século XIX, que posteriormente serviu de referência histórica para os movimentos de retomada da Medicina Social no contexto latino-americano contemporâneo, a que chamamos, no Brasil, de Saúde Coletiva (Vieira-da-Silva, Paim, Schraiber, 2014).

No campo da medicina mental, a teoria fisiológica da saúde de Cabanis também produziu grande impacto durante todo o século XIX, não somente por sua interlocução, nem sempre convergente, com o amigo e parceiro Philippe Pinel, autor de duas obras fundantes da medicina moderna: o tratado seminal da nosologia científica, intitulado *Nosographie philosophique, ou la méthode de l'analyse appliquée à la médecine* (1798), e o *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale* (1801), clássico inaugural da psiquiatria moderna.

⁹⁴ - O que serviu como terreno fértil para a emergência da microbiologia de Louis Pasteur [1822-1895] e da fisiologia experimental de Claude Bernard [1813-1878], eixos fundamentais da medicina científica francesa na segunda metade do século XIX (Canguilhem, 2009[1966]).

Vários autores – Patrick Valas (1986), Jan Goldstein (1990), Serge Besançon (1997) e Mariana Saad (2006) – encontram na obra de Georges Cabanis indícios que, em muitos aspectos, o qualificariam como precursor da psicanálise. De fato, os textos fundamentais da psicanálise freudiana – nomeadamente *Projeto de Psicologia para Neurólogos* (Freud, 1895), *Estudos sobre a Histeria* (Freud & Breuer, 2016[1895]) e *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1973[1899]) – revelam forte influência do *Rapports du physique et du moral de l'homme*. Nos dois primeiros textos, a metáfora hidráulica de fluxos e massas de energia como ilustração da função cerebral permite formular uma teoria da dinâmica neuronal extremamente atual para a época. No terceiro texto, encontra-se uma citação direta por referência à “afinidade íntima entre o sonho” e as “transformações que a vida onírica experimenta nas psicoses” (Freud, 1973[1899], p.402). No *Estudos sobre a Histeria* (Freud/Breuer, 2016[1895], p.277), particularmente chama a atenção uma nota de rodapé, com a seguinte citação no idioma francês:

A concepção de energia do sistema nervoso central como uma quantidade de distribuição flutuante e variável no cérebro é antiga. (Citado por Janet, *État mental II*, p.277) “*La sensibilité*”, disse Cabanis, “*se comporte à la manière d'un fluide, dont la quantité totale est déterminée, et qui, toutes les fois qu'il se jette en plus grande abondance dans un de ses canaux, diminue proportionnellement dans les autres.*”⁹⁵

Valas (1986, p.10) comenta que, anteriormente, o papel da sexualidade na estruturação do psiquismo era considerado secundário e que, graças a Cabanis, “vai-se começar a atribuir à sexualidade, como vetor da reprodução da espécie, o essencial da determinação de toda a esfera de relações interpessoais que são a sua expressão psicológica”. Cabanis também antecipa o conceito psicanalítico de pulsão, revisando uma ideia original de Condillac, “num sentido notavelmente similar ao que Sigmund Freud usaria o termo um século mais tarde” (Goldstein, 1990, p.51); nessa linha, incorpora a noção de instinto de conservação e de reprodução (pulsão de vida) em oposição ao instinto de destruição (pulsão de morte).

Podemos ainda identificar na obra cabanisiana outros temas que seriam depois apropriados pela psicanálise: um proto-conceito de ‘inconsciente’ como espaço de geração, atuação e armazenamento de pulsões, afetos e sentimentos resultante do que Cabanis denominava de “impressões internas das paixões” (Mitchell, 1979); a suposição de existência um *moi* profundo, primevo, de certo modo equivalente ao Isso, fisiologicamente enraizado na psique (Mrozovski, 2013, p.470); a noção de *sensibilité* como fluido, análogo à libido, “*la cause déterminante de ses volontés, de ses appétits*” (Cabanis, 1803, p.190); uma linguística

⁹⁵ - A sensibilidade parece comportar-se à maneira de um fluido, cuja quantidade total é determinada e que, todas as vezes que se lança em maior abundância em um de seus canais, diminui proporcionalmente nos outros.

radicalmente subjetiva, onde sensações (sentidos, percepções etc.) equivalem a significantes de uma linguagem íntima como chave capaz de decodificar o pensamento como uma escritura (Cabanis, 1802, p157); e, enfim, a concepção de que o trabalho clínico constitui uma leitura de signos, na medida em que o sintoma é sobredeterminado como linguagem (Saad, 2016).

Sobre a questão geral da originalidade da contribuição de Cabanis a uma teoria da medicina mental, vale a pena reproduzir a apreciação geral de Besançon (1997):

Cabanis inventa a psique moderna ao lado da alma e considera o cérebro como "o órgão do pensamento". O que o interessa não é a união da alma e do corpo, o que tornaria Cabanis um autor banal, mas a união da alma e do pensamento. Separar a alma do pensamento é tornar seu estudo possível de acordo com critérios médicos e científicos, por isso não é surpreendente que encontremos a herança de Cabanis em Schopenhauer, cuja influência sobre Freud conhecemos.⁹⁶

Vejamos agora, com brevidade, alguns pontos da obra de Georges Cabanis que contribuíram para a rica construção teórica e prática dos movimentos sociais e políticos que agitaram a Europa, na segunda metade do século XIX. Marie Gaille (2014) sugere que a interrogação política fundamental de Cabanis seria: como instituir uma sociedade realmente livre, isto é, formada por cidadãos e cidadãs conscientes, ilustrados e de fato emancipados como sujeitos? Para ele, o ser humano é dotado não só da faculdade do sentimento, mas também da capacidade de compartilhar afetos e criar conflitos com outros seres conscientes, começando por seus familiares e companheiros próximos, estendendo-se a outros com quem mantém relações econômicas e sociais, de modo que estar em relação com outros (o que, no limite, o torna o animal político de que falava Aristóteles) faz parte de sua natureza, física e moral (Gaille, 2014).

Cabanis gozava de grande reputação na era pós-revolucionária como um pensador militante que preparou o caminho para uma nova abordagem da ciência política entre socialistas da primeira geração, em particular nos círculos saint-simonianos (Saad, 2016). No *Mémoire sur la science de l'homme* (1816), o próprio Saint-Simon⁹⁷ lista Condorcet, Vicq d'Azyr, Bichat e Cabanis como os pensadores mais importantes para a fundamentação do que ele chamou de "fisiologia social". Vários de seus discípulos e outros socialistas ditos utópicos

⁹⁶ - Cabanis invente la psyché moderne à côté de l'âme et considère le cerveau comme "l'organe de la pensée". Ce qui l'intéresse, ce n'est pas l'union de l'âme et du corps, ce qui ferait de Cabanis un auteur banal, mais l'union de l'âme et de la pensée. Séparer l'âme de la pensée, c'est rendre son étude possible selon les critères médicaux et scientifiques, il n'est donc pas étonnant que l'on retrouve l'héritage de Cabanis chez Schopenhauer dont on connaît l'influence sur Freud.

⁹⁷ - Claude-Henri de Rouvroy, Comte de Saint-Simon [1760-1825].

continuaram a valorizar Cabanis e outros ideólogos como inspiradores de filosofias políticas autoreferidas como "científicas" (Taylor, 1982). Dentre esses discípulos, destaca-se Auguste Comte [1798-1857], fundador e principal referência do positivismo, matriz de uma perspectiva fundante das ciências humanas e sociais contemporâneas de maior importância, inclusive do ponto de vista de organização política da sociedade brasileira após a proclamação da República em 1889. Em muitos pontos de sua obra principal, o *Cours de Philosophie Positive*, Comte (1838) reconhece o débito da filosofia positiva a Cabanis (juntamente com Bichat e Gall) por sua teoria da determinação fisiológica das funções intelectuais e morais, fundamental para compreender a ciência positiva como apogeu do progresso do espírito humano.

Nessa altura, é pertinente anotar que o materialismo dialético constitui o marco teórico que, em seus princípios, no esforço quase sacrificial de Karl Marx [1818-1883] e Friedrich Engels [1820-1895], mais se auto afirma como filosofia política e projeto de emancipação da sociedade orientado por bases científicas (Torrance, 1995). Nessa *démarche*, numa das contribuições específicas de Marx à coletânea *A Sagrada Família*, uma longa nota intitulada “Batalha crítica contra o materialismo francês”, Georges Cabanis aparece como importante personagem e sua obra como referência fundamental (Marx, 2011[1845], p.145-6): “O materialismo francês mecanicista [...] alcança seu apogeu com o médico Cabanis [...]. No fim do século XVIII, Cabanis completou o materialismo cartesiano com sua obra intitulada *Rapports du physique et du moral de l'homme*”. Além de destacar Cabanis como apogeu do materialismo francês, Marx faz uma declaração profunda e intrigante: Cabanis teria completado o projeto de filosofia materialista de Descartes! O teor dessa afirmação e o fato de que o *Rapports du physique et du moral de l'homme* é citado em tal destaque no texto, implicam sem dúvida demonstração de grande respeito intelectual de Marx por Cabanis.

Considerando o tempo curto de elaboração de *A Sagrada Família*, a grande variedade de autores e escolas filosóficas aí analisadas e sobretudo a densidade de sua argumentação, especula-se que Marx pode ter usado a obra de Cabanis como uma das suas fontes bibliográficas sobre Bacon, Condillac e Helvetius, nos seus estudos que visavam a organizar a matriz epistemológica do socialismo científico.⁹⁸ Isso se aplica especialmente em relação à apreciação positiva de Cabanis sobre Francis Bacon, reconhecido como o “verdadeiro patriarca do materialismo inglês e de toda a ciência experimental moderna” por Marx (2011[1845], p.147). Conforme Kristof (1978, p.236):

⁹⁸ - Olivier Bloch (1977) demonstrou que efetivamente a principal fonte de Marx sobre a história do materialismo, particularmente as escolas do materialismo francês, tal como apresentado em *A Sagrada Família*, foi o *Manuel de la philosophie moderne* de Charles Renouvier, publicado em Paris em 1842.

[...] lendo a obra de P.-J.G. Cabanis, pensador materialista e contemporâneo de De Maistre, que foi por este atacado veementemente ao elogiar Bacon, descobre-se uma superposição surpreendente com os escritos de Marx. O que Marx diz em *A Família Sagrada* sobre a genealogia do materialismo moderno, de Bacon a Hobbes, Locke, Helvetius, etc., parece às vezes ter sido tomado de Cabanis, quase palavra a palavra.⁹⁹

Em seguimento, Marx (2011[1845], p.148) analisou comparativamente as escolas francesa e inglesa do materialismo pós-renascimento, encontrando grande influência mútua e inter-fertilização, comentando que eventuais diferenças entre elas reproduziriam especificidades das duas culturas nacionais. Nesse aspecto, desdobra sua análise crítica do materialismo francês, nele considerando duas tendências: uma, herdeira direta de Descartes, representada pelo materialismo mecânico, “acaba se perdendo naquilo que poderíamos chamar de ciências naturais”; a segunda tendência recebe grande influência da filosofia de Locke e, enriquecida por elementos da cultura política francesa, “desemboca de forma direta no socialismo”. E conclui: “Ambas as tendências se entrecruzam no curso do desenvolvimento [histórico]” (Marx, 2011[1845], p.144).

Essas afirmações deixam espaço para especulações prudentes sobre que filósofos, dentre os materialistas franceses do século XVIII, melhor representariam esse entrecruzamento. É plausível que, na urgência de polemizar com Bruno Bauer e seus consortes, o Jovem Marx não teria estudado o *Coup d'oeil*. Não me restam dúvidas de que, se o tivesse feito, concordaria que cabe a Georges Cabanis uma merecida posição de destaque nessa interseção entre o mundo material e o mundo social, entre o físico e o moral, mediada pela educação, no sentido de predicativo humano para ensinar, aprender e ensinar-aprender. Na finalização de sua análise crítica, Marx (2011[1845]) recorre a Helvétius, comentando que “o que forma o homem é a educação, [...] não apenas a educação em seu sentido corrente, mas também o conjunto das relações de vida de um indivíduo”. E prossegue, avaliando que, para se realizar uma reforma capaz de “superar a contradição entre o interesse particular e o interesse geral”, é preciso transformar a consciência humana pela educação libertadora. No dilema entre reforma e revolução, passa a palavra a Helvétius: “As grandes reformas apenas podem ser realizadas com o enfraquecimento da adoração estúpida que os povos sentem pelas velhas leis e costumes” (p.152). Nada mais cabanisiano, pois.

⁹⁹ - [...] reading the works of P.-J.G. Cabanis, a materialist thinker and a contemporary of De Maistre, who was vehemently attacked by the latter for singing the praise of Bacon, one discovers some amazing overlaps with Marx's writings. What Marx says in the holy family about the genealogy of modern materialism tracing itself from Bacon to Hobbes, Locke, Helvetius etc., seems at times to be lifted almost word by word from Cabanis.

Impacto da Reforma Cabanis na Argentina e no Brasil

Mas retomemos a história da educação superior no Ocidente. Entre os séculos XVII e XVIII, consolidou-se em todo o mundo ocidental um modelo de educação superior vocacional, cuja missão era formar quadros capazes de operar a gestão do Estado absolutista moderno (Charle & Verger, 1996). Esse período constitui, na história das ideias, uma época em que a instituição chamada universidade, fortemente impregnada pelo poderio da religião, tornara-se conservadora e resistia à ciência, apesar desse ser, paradoxalmente, um momento de explosão do conhecimento científico no mundo. Nesse cenário de profundas mudanças econômicas e políticas, com a emergência de um novo modo de produção, ascensão de classes sociais antes subalternas e configuração de novas formas de governo, a já secular instituição de conhecimento que se chamava universidade passou a enfrentar uma séria crise de identidade e finalidade social. Ao extinguir as universidades francesas, num momento de grande turbulência política e rápida transformação social, a Revolução Francesa produziu uma solução política radical para essa crise.¹⁰⁰

A reestruturação do sistema de ensino da França pós-revolucionária, delineado nos *rappports* de Mirabeau, Condorcet, Daunou, Cabanis e outros, pautado na *idéologie* e implantado pela reforma bonapartista, aparecia como paradigma para outros povos submetidos à poderosa influência cultural francesa, durante todo o século XIX. Com a ruptura do modelo de universidade definida como organismo unificado de formação de quadros para o estado-nação aristocrático, realizada pela Revolução Francesa e consolidada na reforma educacional de Bonaparte, iniciou-se em todo o espaço cultural de linhagem católica, herdeiro da tradição intelectual francesa, principalmente na Europa meridional e nos países recém-saídos da condição de colônia, um processo de ajuste dos respectivos modelos de educação superior.

Na América Latina, dois países merecem atenção especial, na medida em que são representativos de diferentes versões do modelo mediterrâneo de educação superior baseado em faculdades, adaptados a distintos contextos pós-coloniais: Argentina e Brasil. Gregorio Weinberg, num texto tão profuso quanto desconcertante intitulado *Modelos Educativos em el Desarrollo Historico de America Latina* (1981), distingue o modelo hispânico do modelo lusitano de política educacional colonial. Ao analisar o modelo educacional da colonização espanhola, que promovia a abertura de universidades, encontrou uma solução

¹⁰⁰ - Em contraste, a solução germânica e posteriormente anglo-saxã para superar a crise implicou uma retomada ativa de valores e princípios originais da Universidade como conceito político estratégico e dispositivo civilizatório (pelo menos do ponto de vista do capitalismo eurocêntrico). Com a criação do modelo de universidade de pesquisa na Alemanha por meio da Reforma Humboldt, a partir de 1810, a articulação entre ensino e produção de conhecimento tecno-científico se tornou o principal elemento definidor das instituições universitárias na Europa setentrional (Backhaus, 2015).

para o controle político e religioso de um enorme território, subdividido em muitas províncias, distantes e diversas entre si, solução bem distinta, mas não menos efetiva, daquela da colonização portuguesa que, com a relativa unidade geopolítica de sua principal colônia, o Brasil, conseguiu sem maior dificuldade exercer um rígido monopólio ideológico e intelectual, proibindo a imprensa e o ensino superior durante mais de três séculos (Weinberg, 1981, p.53-55).

Em 1623, na Gobernación del Rio de la Plata y Paraguay, colônia espanhola que, após a independência, se tornaria a República da Argentina, foi autorizada pelo Vaticano a fundação da Universidad de Córdoba no Colégio Máximo da Companhia de Jesus da Província de Tucumán. Tomando a Universidad de Salamanca como modelo institucional, a escolástica medieval tardia como referência doutrinária e a *Ratio Studiorum* como referencial pedagógico, a Universidad de Córdoba foi a principal instituição de educação superior argentina durante quase dois séculos (Buchbinder, 2010). Com a abertura da primeira cátedra de Direito Civil em 1791, essa casa de ensino foi refundada em 1808 sob a jurisdição do governo provincial de Tucumán, mantendo sua estrutura curricular canônica e sem interromper o ensino de Teologia, mesmo após a expulsão dos Jesuítas pela Coroa Espanhola em 1767.

Cessado o monopólio educacional da Companhia de Jesus, três instituições de ensino superior foram fundadas na capital Buenos Aires, às vésperas da independência da República Argentina em julho de 1816: o Instituto Médico-Militar, a Academia de Matemáticas e Arte Militar e a Academia de Jurisprudência (Halperín, 2013). Em agosto de 1821, tendo o presbítero Antonio Sáenz como proponente e primeiro reitor, um decreto do governo provincial portenho criou a Universidade de Buenos Aires como órgão de coordenação e supervisão de atividades educacionais na província de Buenos Aires. Como vimos acima, trata-se do modelo bonapartista de Universidade Imperial, conforme descrito por Buchbinder (2010, p.45):

La casa de estudios porteña fundada por iniciativa de Sáenz administraba todo el sistema educativo que funcionaba en la órbita del estado provincial, incluso la enseñanza básica, y su creación debe entenderse en el marco de un programa más amplio de promoción de todo el sistema de educación pública.

Rapidamente se constatou que, se o conceito estrito de universidade nominal não se mantinha nem mesmo no seu país de origem após a queda do Imperador Napoleão I em 1815, não havia porque introduzi-lo na jovem República Argentina. Então, de imediato, os institutos e academias existentes foram incorporados à nova instituição universitária, compondo uma estrutura de cátedras organizadas em departamentos que revelavam equivalência com as faculdades superiores clássicas (Medicina, Jurisprudência, Ciências Sagradas), além do departamento de Ciências Exatas (Halperín, 2013). Nesse processo, indícios numerosos e intrigantes demonstram intensa e surpreendente influência do movimento dos ideólogos franceses (Di Pasquale, 2012).

A Cátedra de Lógica, Metafísica y Retórica foi a primeira cátedra da Universidade de Buenos Aires, tendo o padre Juan Manuel Fernández de Agüero [1772-1840] como seu lente fundador. Figura curiosa esse Padre Agüero, religioso espanhol que, em seu *Principios de ideología elemental abstractiva y oratoria* (publicado em 1824), defendia a inusitada combinação entre filosofia escolástica e materialismo sensualista de Condillac. Ao assumir seus deveres na universidade, renomeou sua cátedra como Cátedra de Ideologia, ampliando seu escopo para um vasto conjunto de cursos no campo das humanidades (desde filosofia, ética e lógica a história, economia política e filologia), difundindo o pensamento de Desttut de Tracy e de Cabanis. Por essas e outras, o Reitor Sáenz abriu nas instâncias administrativas e eclesiásticas vários processos contra Fernández de Agüero, acusado de práticas escandalosas e de heresia (Halperín, 2013). Discípulo de Agüero, Diego de Alcorta [1801-1842] defendeu em 1827 uma tese de doutorado em Medicina sobre Mania Aguda, considerada o primeiro documento científico da psiquiatria argentina. No currículo do departamento de Medicina, Alcorta tornou-se professor de uma matéria chamada “ideologia fisiológica”, fortemente influenciada por Pinel e Cabanis, particularmente seus respectivos estudos sobre a articulação nosologia, fisiologia e patologia e sobre as relações mente-corpo (Di Pasquale, 2012). Em 1826, o ensino preparatório jurídico, ministrado pelo Departamento de Jurisprudência antes da ascensão à Academia de Jurisprudência, foi reorganizado e passou a ser oferecido por um *Colégio de Ciencias Morales*.

Por mais de uma década, entre 1824 e 1835, esse pioneiro e peculiar sistema departamental se ampliou, resultando na multiplicação de cátedras, com grande fragmentação, frequentes duplicidades e duras disputas territoriais, gerando sucessivas crises. Nesse processo, a procura pelo ensino superior diminuiu, a evasão aumentou, o Departamento de Ciencias Sagradas foi praticamente desativado por falta de alunos e o Departamento de Ciencias Exactas terminou dividido em três áreas: Matemáticas Puras, Matemáticas Aplicadas e Historia Natural. As crises foram se agudizando até que, em 1852, culminaram com a saída da universidade de todos os professores do Departamento de Medicina para constituir uma Faculdade de Medicina autônoma (Halperín, 2013). Em 1860, a proto-universidade portenha se limitava aos departamentos de Estudios Preparatórios e de Jurisprudencia (Buchbinder 2010, p.54).

Somente em março de 1874, após intenso trabalho político do Reitor Juan María Gutiérrez, a Universidade de Buenos Aires foi reinstituída mediante decreto do poder executivo provincial (Halperín, 2013). A instituição reformada contava com um regime de governo descentralizado e uma estrutura organizacional composta por cinco faculdades: Humanidades y Filosofía, Derecho y Ciencias Sociales, Ciencias Médicas (reincorporando a Faculdade de Medicina), Ciencias Físico-Naturales, Matemática. Os efeitos imediatos dessa reforma são comentados por Buchbinder (2010, p.56):

La Universidad dejó de ser concebida entonces como un organismo unitario y se transformó en una suerte de federación de facultades. Dicho decreto sentó las bases para un nuevo régimen de gobierno de la institución que se mantendría hasta los primeros años del siglo. Se estableció entonces que el gobierno de la casa de estudios estaría presidido por un Consejo Superior encabezado por el rector e integrado por los decanos y dos delegados por cada una de las facultades. Éstas serían gobernadas ahora por academias responsables, además, de la formulación de sus reglamentos internos y planes de estudio.

Com um projeto elaborado pelo Senador Joaquín González, o Congresso da República Argentina aprovou a criação da Universidad Nacional de la Plata, a partir de uma pequena universidade provincial que havia sido fundada na Província de Buenos Aires, em 1897. González foi designado seu primeiro Reitor, em 1906. A nova universidade tinha como objetivo “formar docentes para escuelas y colegios, científicos para el desarrollo de las ciencias y las industrias, y filósofos para la conducción de la República” (apud Buchbinder, 2010, p.84). O plano institucional tinha como referência o sistema anglo-saxão de colleges, nos moldes de Oxford e Cambridge, e o modelo humboldtiano alemão com museus, laboratórios e observatórios para a formação científica avançada. Contava com um Colégio Nacional para acolher todos os novos estudantes, alguns em residência no campus, em bacharelados de formação geral. A formação científica e profissional específica se dava em cursos universitários oferecidos em cinco grandes facultades: Ciencias Naturales; Ciencias Físicas, Matemáticas e Astronómicas; Agronomía e Veterinária; Ciencias Jurídicas y Sociales; Ciencias de la Educación. Nas duas primeiras décadas de funcionamento, graças à liderança política e intelectual do Senador González, aproveitando um período de grande desenvolvimento econômico com base na exportação de carne e derivados, a Universidad de la Plata contou com apoio político, institucional e orçamentário suficiente para transformá-la em referência internacional.

Destacando o contraste com a situação das outras universidades argentinas no período, o período inicial dessa peculiar universidade foi assim narrado por Pablo Buchbinder (2010, p.89-91):

La Universidad Nacional de la Plata definió en otros ámbitos sus peculiaridades. El intercambio académico con centros universitarios europeos fue otra de las bases de la política que se implementó en la institución. Los académicos de la Universidad destacaban su inspiración en el movimiento universitario de Europa y Estados Unidos a la hora de explicitar sus proyectos. [...] Varios científicos e académicos europeos y norteamericanos fueron invitados a conocer la Universidad y a dictar cursos y conferencias. (p.89)

El programa de extensión contemplaba la visita sistemática del público a sus bibliotecas, museos y laboratorios, la asistencia de sus profesores a escuelas y colegios, una ambiciosa política editorial y, sobre todo, un plan de

conferencias públicas llevado a cabo por invitados especiales y por las autoridades y docentes de la casa de estudios. (p.90)

Los universitarios platenses conservaron siempre una serie de rasgos y una impronta que los iba a diferenciar de los egresados de las otras grandes casas de estudios. La Plata se convirtió en una típica ciudad universitaria, habitada por una comunidad académica menos tradicionalista y conservadora que las de Buenos Aires y Córdoba y provista de una mayor preocupación por las bases científicas y sociales de su tarea universitaria. (p.91)

Porém, mesmo no longínquo Cone Sur, parafraseando Foucault (2011[1963]), a sociedade conservadora e sua ordem política tinham outros planos, interessadas em criar obstáculos e barrar, mais do que apoiar, inovações, reformas e revoluções. Na prática, o Plano González sofreu recuos estratégicos, derrotas institucionais e sabotagem de toda ordem, devido à reação de um sistema corporativo profissional e acadêmico organicamente articulado com a conjuntura política nacional. Apesar de configurar um modelo de reforma da educação superior, demonstrado em sua efetividade imediata e viabilizado politicamente, não foi acolhido em nenhum âmbito universitário fora da província. Contemporâneo dessa proposta, o alienista e filósofo Alejandro Korn, intelectual crítico da história cultural argentina, considerava esse modelo de universidade como um projeto desde o início fadado ao insucesso, por ter sido uma tentativa de transplante institucional, realizado por uma geração de “positivistas universitários”, imposto sobre um contexto de desenvolvimento colonizado que revela “una desconexión entre la Universidad y la cultura nacional” (Fielbaum, 2017, p.38). Chegou a afirmar que, pouco tempo após sua implantação, a Universidad Nacional de La Plata “se había transformado en un mal remedo de la antigua Universidad situada a una hora de distancia”. E logo, completa Buchbinder (2010, p.90):

hacia finales de la década de 1910 las tensiones y los problemas de las grandes universidades se reproducían también en la casa de estudios platense. [...] Sus institutos científicos generaron escaso interés entre sus estudiantes potenciales, que optaron por las carreras tradicionales como en las casas de estudio más antiguas y buscaron el ansiado y cotizado título que permitía el ejercicio liberal de la profesión.

Assim, no começo do século XX, a Argentina passava por uma situação no mínimo curiosa: contava simultaneamente com uma universidade medieval, uma universidade humboldtiana e uma não-universidade bonapartista. De fato, cada uma de suas principais instituições de ensino superior representava um dos modelos de universidade estabelecidos na história ocidental: a Universidad de Córdoba – arcana, medieval, religiosa, escolástica; a Universidad de Buenos Aires – bonapartista, laica, profissionalizante, liberal; a Universidad Nacional de la Plata – científica, vocacional, humboldtiana, articulada com o sistema produtivo (pelo menos como projeto).

Em 1918, os estudantes da Universidad de Córdoba, apoiados por uma parcela reduzida do corpo docente, iniciaram uma greve geral que se transformou

numa rebelião pública, em luta contra a rigidez pedagógica e o anacronismo da formação, reivindicando autonomia institucional e participação mais ampla na governança da universidade (Biagini, 2000). A dura repressão política que se seguiu, desafiada pela resistência da comunidade universitária e pela solidariedade de grupos mobilizados da sociedade, resultou em profunda crise de autoridade, somente resolvida com mudanças acadêmicas e concessões políticas em todo o sistema universitário argentino. A Reforma Universitária de 1918, celebrada como importante marco político na história da educação superior latino-americana, hoje pode ser avaliada mais criticamente como incorporação ativa (porém, extemporânea) de valores democráticos e seculares da revolução burguesa da virada do século XIX, num contexto de ascensão de uma classe média orgânica ao modelo de desenvolvimento nacional, em curso no início do século XX (Weinberg, 1981, p.176). Nessa reforma, confirma-se a hegemonia do modelo estabelecido na Universidad de Buenos Aires, fortemente influenciado pela *idéologie* em seu início e, na sua implantação, dedicado ao ensino profissionalizante em detrimento da formação acadêmica de base científica (Buchbinder, 2010). Nesse regime, não custa lembrar, a universidade tinha um papel meramente nominal, na medida em que se concedia enorme poder e autonomia às faculdades, particularmente Medicina e Direito, formadoras das profissões liberais.

No Brasil, como parte de uma estratégia secular de dominação durante todo o período de colonização, até o começo do Século XIX, a coroa portuguesa proibia a imprensa e o funcionamento de instituições de educação superior. Somente a educação superior religiosa era parcialmente permitida nos colégios da Companhia de Jesus; o primeiro foi fundado pelo Padre Manoel da Nóbrega em Salvador em 1553 como *Collégio do Salvador da Bahia*, inaugurando a primeira província jesuítica estabelecida no continente americano. Em seguida, outros foram instalados em São Paulo, Porto Seguro, Rio de Janeiro e Minas Gerais. A formação era restrita a Estudos Gerais, fiel ao modelo escolástico da *Ratio Studiorum*; para completar os estudos, defender teses e colar grau era necessário se deslocar à Universidade de Coimbra, em Portugal. Os filhos da nobreza local e funcionários de alta-hierarquia em busca de educação superior laica, em Direito ou Medicina, eram enviados a outras universidades europeias, principalmente Paris, Montpellier e Edimburgo. Com a expulsão dos jesuítas em 1759, a Reforma Pombal interrompeu a hegemonia inercial sobre a educação em todos os domínios da Coroa Portuguesa, porém manteve a interdição à abertura de estabelecimentos de ensino superior nos territórios da colonização lusitana (Cunha, 2007, p.26-39).

A primeira instituição de ensino superior do Brasil foi fundada na Bahia em fevereiro de 1808 por D. João VI, Príncipe Regente de Portugal que fugiu da Europa com toda a sua corte para escapar da invasão das tropas napoleônicas. No mesmo ano, nove meses depois, uma instituição similar foi estabelecida no Rio de Janeiro, onde finalmente se instalou a corte portuguesa (Cunha, 2007).

A Carta Régia que autorizou a abertura de uma Escola de Cirurgia no Hospital Real Militar da Bahia, inaugurando o ensino superior no Brasil, explicita que o Príncipe-Regente atendia a um conselho de José Corrêa Picanço [1745-1823], cirurgião e físico com formação francesa que acompanhava o séquito real como médico da família real e Cirurgião-Mor do Reino. Brasileiro nascido em Pernambuco, filho de um cirurgião-barbeiro, aprendeu o ofício com o pai e, muito jovem, foi admitido na força militar; nessa condição, transferiu-se a Lisboa, onde estudou na Escola Cirúrgica do Hospital São José com Manoel Constâncio, considerado o fundador da cirurgia acadêmica em Portugal. Segundo seus biógrafos (Mello, 1895; Gomes, 1951; Vasconcellos, 1955), em 1767, Picanço teria viajado a Paris para completar os estudos, recebendo um diploma de *officier de santé* em 1768, submetendo-se a exames práticos e assim confirmando sua licenciatura como cirurgião. Retornaria à França em 1772, para doutorar-se em Medicina pela Universidade de Paris, a fim de assumir a cátedra de Anatomia, Operações Cirúrgicas e Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

As informações biográficas disponíveis sobre José Correia Picanço têm sido repetidamente plagiadas em várias narrativas sobre o marco histórico oficial do ensino médico no Brasil, replicando equívocos, contradições e inconsistências.¹⁰¹ Frequentemente, em artigos assinados, notas oficiais e registros em sites diversos, resume-se o conteúdo de dois textos: uma comunicação de Ordival Gomes, apresentada no I Congresso de História da Bahia, realizado em Salvador, Bahia, em março de 1949, e publicada em 1951, e uma tese apresentada por Ivolino de Vasconcellos ao II Congresso Brasileiro de História da Medicina, em Recife, em julho de 1953, publicada em 1955. Ambos os trabalhos, por sua vez, são resumos extremamente laudatórios e apologéticos de um *folio* do Comendador Antonio Joaquim de Mello, publicado postumamente no Recife em 1895, completando uma série de biografias de

¹⁰¹ - Dentre as contradições e inconsistências, ressalta, em primeiro lugar, o local exato de seus estudos cirúrgicos no exterior, se Paris, Montpellier ou mesmo Pádua: tanto Gomes (1951) quanto Vasconcellos (1955) referem os três locais, mas sem indicar fontes confiáveis (Gomes: "... regressando a Lisboa, reza a tradição, depois de frequentar as escolas de Montpellier e Pádua"; Vasconcellos: "Referências existem de que tenha Correa Picanço frequentado as Escolas de Medicina de Montpellier e Pádua"). Em segundo lugar, o conceito de *officier de santé* somente foi estabelecido na Lei de 1 de agosto de 1793 da Convenção e sua devida certificação constituía prerrogativa das *écoles de santé*, estabelecidas em fevereiro de 1794 (Crosland, 2004, p.236). Portanto, o doutor Picanço não poderia, em 1768, ter recebido um "diploma de *Officier de Santé*", conforme atesta Gomes (1951, p.160), nem este significava um "honroso título [...], novo degrau de sua ascendente carreira médica", de acordo com Vasconcellos (1955, p.239). Como vimos acima, *officier de santé* designava uma segunda classe de profissionais de saúde de formação curta, habilitados em competências limitadas, que adquiriu estatuto formal mínimo num momento fugaz da Revolução Francesa (1794-1802), permanecendo residual e inferior durante todo o século XIX, sofrendo preconceitos e reações dos físicos e dos cirurgiões, recém unificados na categoria de médicos (Rey, 1993).

ilustres pernambucanos. A credibilidade dessas informações biográficas é crucial para avaliarmos com maior precisão o grau de influência do modelo francês de ensino médico, na era pré-cabanisiana, sobre as primeiras escolas de cirurgia, precursoras do ensino médico no Brasil.

Não restam dúvidas de que Correa Picanço, seus colegas e discípulos conheciam a obra clínica de Georges Cabanis. Um dos primeiros livros publicados pela Imprensa Régia do Brasil, fundada por D. João VI no Rio de Janeiro, foi o compêndio de Cabanis sobre o diagnóstico clínico, traduzido justamente por José Correa Picanço, com o título *Do grão de certeza da medicina* (Cabanis, 1812); por sua vez, esse livro teve sua primeira versão em castelhano publicada somente em 1816, em Paris (Guerra, 1987). *Observations sur les affections catarrhales et particulièrement sur les rhumes de cerveau et les rhumes de poitrine*, uma compilação de registros clínicos escrito por Cabanis (1807), foi publicado em 1816, na Bahia, em tradução de José Lino dos Santos Coutinho sob o título de *Observações sobre as afecções catarrhaes* (Guerra, 1987).

O modelo pombalino de universidade laica, recém-saída da escolástica e ainda ressentida pela Inquisição, experimentando novas funções de formação de quadros para a nascente indústria e para as forças armadas, permanecia influente, anacronicamente moldando-se à cena ideológica pós-colonial brasileira (Cunha, 2001). As instituições criadas em Salvador e no Rio de Janeiro de fato não eram faculdades de medicina e sim Escolas de Anatomia e Cirurgia, pois os doutores em Medicina continuariam a se formar na Europa, sobretudo em Portugal. O curso tinha duração de quatro anos, e os alunos, após se submeterem a exames, recebiam uma certidão de competência, sob juramento dos Santos Evangelhos. Entre 1812 e 1815, ocorreram as primeiras reformas em ambas as escolas, que passaram a ser chamadas de Academias Médico-Cirúrgicas, ampliando-se a duração dos cursos para cinco anos. Com a reforma, houve ampliação de cinco para 14 cátedras, exigindo-se a partir daí presença obrigatória dos alunos nas aulas. Em 1826, após a Independência, o Imperador D. Pedro I concedeu relativa autonomia a essas academias, outorgando-lhes o direito de diplomar seus alunos (Machado et al, 1978, p.176-177).

Em 1829, foi criada a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, com a finalidade manifesta de promover e defender as ciências médico-cirúrgicas. Sua primeira atividade oficial foi constituir uma Comissão Temporária para elaboração de um projeto de lei para implantar faculdades de medicina no Brasil. Comenta Roberto Machado e colaboradores (1978, p.185):

Esta criação traz bem marcada sua inspiração francesa. Influência que podemos ler não somente na presença de médicos franceses entre seus fundadores – os doutores Faivre e Sigaud, que tinha sido secretário da Sociedade Real de Medicina de Marseille –, na formação francesa de vários de seus membros – como o dr. Meirelles, de quem partiu a ideia de sua criação, doutorado em Paris – mas sobretudo, e por isso mesmo, no projeto

de medicina social inteiramente baseado nos realizados na França pelas sociedades de medicina.

Durante quase dois anos, a Sociedade realizou estudos, promoveu audiências públicas e debateu as recomendações da sua Comissão Temporária. Apresentou um projeto de lei que simplesmente reproduzia os estatutos da Faculdade de Medicina de Paris e adaptava seus programas de ensino às condições locais, passando a duração da formação para seis anos. Essa proposta foi aprovada pelo Parlamento em 1832, praticamente sem alterações (Machado et al, 1978).

As duas academias médico-cirúrgicas existentes na Bahia e no Rio de Janeiro foram então transformadas em Faculdades de Medicina, seguindo à risca as diretrizes da Reforma Cabanis. A lei que as instituiu determinava que, sem título conferido ou aprovado pelas faculdades ninguém poderia curar, operar, partear ou ter botica. Até 1850, vigilância e controle do exercício profissional eram realizados pelas próprias faculdades, que aplicavam exames e conferiam graus e certificados, junto com as Câmaras Municipais, que registravam os títulos e concediam licenças para o exercício legal da profissão (Machado et al, 1978, p.178-9). Em 1854, foi definida uma “Congregação de Lentes” (professores catedráticos) para compor, com um diretor, a direção das faculdades. Somente com a reforma ocorrida em 1879 foi permitida a matrícula de mulheres nos cursos de Medicina, sendo que a primeira concluiu o curso em 1887 na Faculdade de Medicina da Bahia. Essa reforma confirmou a duração do curso em seis anos e preconizou a criação de laboratórios demonstrativos de Física Médica, Fisiologia e Farmácia. A influência francesa era marcante no ensino médico nacional: todo o material escolar – livros, métodos, regulamentos, programas, leituras – era eminentemente teórico e importado daquela cultura (Machado et al, 1978, p.180). O modelo pedagógico adotado era ritualizado e retórico, fortemente marcado pelo academicismo francês. Apesar disso, no que se refere à produção de conhecimento científico, registrava-se significativa influência germânica (vide a famosa Escola Tropicalista da Bahia, que não por acaso se estabeleceu fora dos muros da academia) e italiana (forte influência do lombrosismo na medicina legal) (Edler, 2009).

Por mais de um século, nenhuma iniciativa para organizar universidades ou instituições similares teve sucesso no Brasil, apesar de algumas propostas terem sido aprovadas em diferentes instâncias do legislativo. Destacarei apenas as mais importantes, seguindo a revisão histórica de Maria de Lourdes Fávero (2010, p.23-26). A Comissão de Instrução Pública da Constituinte de 1823, liderada por José Bonifácio de Andrada e Silva, apresentou um plano de educação pública que, mantendo as faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, previa duas universidades, em São Paulo e em Olinda, regidas pelos estatutos da Universidade de Coimbra. Essa proposta foi aprovada, com a inclusão de várias emendas, porém o Imperador Pedro I dissolveu o

parlamento constituinte, tornando sem efeito suas deliberações. Em 1842, o Senador Manoel Castro e Silva apresentou proposta similar, porém dado o grande volume de críticas e objeções nos dois anos de debates da matéria no parlamento, culminando com uma representação contrária da Faculdade de Medicina da Bahia, determinou seu arquivamento em 1845. Em 1882, o Barão Homem de Melo propôs novamente a criação de universidades na Capital Federal e nas principais cidades do país, porém prevaleceu a posição conservadora de valorização do modelo de faculdades, manifestada nos pareceres de Ruy Barbosa sobre a Lei de Reforma da Educação, que elogia o conceito de Universidade, porém admite que isso somente seria possível após uma reforma profunda em todo o sistema nacional de ensino público. Depois da Proclamação da República em 1889, a forte presença do positivismo na organização do Estado nacional ampliou o monopólio cultural francês na elite brasileira, consolidando o modelo bonapartista de educação com base no sistema de escola primária, liceu, escola normal, escolas politécnicas e faculdades (Ferreira et al, 1977).

Assim, durante o século XIX, consolidou-se no Brasil o “império das faculdades”, um modelo de educação que dispensa a figura institucional da universidade, com cursos de graduação de entrada direta, currículos fechados e diplomas licenciadores de profissões, seguindo à risca as orientações da Reforma Cabanis e seus desdobramentos. Com a abertura de faculdades de Direito em São Paulo e Recife, juntamente com escolas de minas, colégios agrícolas e escolas politécnicas no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e na Bahia, prevalecia o modelo de ensino universitário sem universidades (Fávero, 2010). Na virada do Século XX, após a criação da Faculdade Livre de Medicina e Farmácia, em Porto Alegre, em julho de 1898 (Gus, 1989), havia em todo o país apenas três faculdades de Medicina, duas de Direito, duas escolas politécnicas e nenhuma universidade.

Essa situação perdurou nas três primeiras décadas do século XX. A tentativa de unificar as faculdades superiores da capital federal na Universidade do Rio de Janeiro, por ocasião do Centenário da Independência, em 1922, teve efeito apenas simbólico (Fávero, 2010, p.30-31). A primeira universidade brasileira a funcionar como tal foi a Universidade de São Paulo (USP), instituída por lei estadual em 25 de janeiro de 1934, mediante a incorporação das seguintes instituições de ensino superior: Escola Politécnica de São Paulo, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Instituto de Educação, Faculdade de Medicina e Faculdade de Direito, além da criação de uma Faculdade de Ciências, Letras e Artes (Cunha, 2007, p.241). Por inspiração de Fernando de Azevedo, educador e intelectual representativo da aristocracia cafeeira de São Paulo, seu projeto acadêmico e institucional foi completamente replicado a partir do modelo da Universidade de Paris. Essa importante instituição, por décadas principal centro de formação científica e acadêmica no território nacional, foi organizada e consolidada com a ajuda de uma missão de jovens

acadêmicos franceses formados pela Sorbonne que incluiu Fernand Braudel, Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide, dentre tantos outros nomes ilustres.

O projeto da Universidade do Distrito Federal (UDF) foi elaborado em 1934 por um grupo extraordinário de artistas e intelectuais, convocados por Anísio Teixeira [1900-1971]; tratava-se de uma proposta inovadora, influenciada pelo modelo norte-americano de universidade urbana que Teixeira tinha vivenciado em sua formação na Universidade de Columbia, em Nova York. A UDF foi instituída pelo Prefeito Pedro Ernesto em 4 de abril de 1935, mediante um decreto municipal, e começou suas atividades no mesmo ano (Mendonça, 2002). A curta história de tão revolucionário projeto configura mais uma dessas tragédias brasileiras. A Ditadura Vargas e a Igreja Católica veem sua aliança conservadora ameaçada pelas ideias de Anísio. Alceu Amoroso Lima, líder intelectual da direita católica, inicia uma campanha de difamação, denunciando Anísio como infiel, demoníaco e, mais que tudo, comunista. Com ordem de prisão decretada, Anísio foge e se refugia em Caetité, interior longínquo da Bahia, de onde assiste Gustavo Capanema, Ministro da Educação de Vargas, nomear como Reitor da Universidade do Distrito Federal justamente Amoroso Lima, com a finalidade explícita de desmontá-la como experimento institucional (Mendonça, 2002).

Como vimos, a reforma do ensino superior da França revolucionária foi enfim uma resposta política à crise da Universidade na Europa iluminista, na virada do século XIX, porém, num processo de acomodação que durou quase um século, transformou essa instituição milenar em mero organismo articulador de entidades independentes, portadoras de identidade institucional própria e politicamente empoderadas: as faculdades. Desse modo, como efeito longínquo e tardio da Reforma Cabanis, no início do século XX, na Argentina e no Brasil, dois dos mais ricos contextos intelectuais gerados pela colonização ibérica no Hemisfério Sul, confirmava-se a hegemonia do modelo vocacional bonapartista (Weinberg, 1981).

Comentários finais

Como vimos, a Reforma Cabanis compreendia um modelo de ensino médico que influenciou desenvolvimento e adoção de um modelo de educação superior em geral, adequado à conjuntura de reconstrução do Estado liberal pós-revolução burguesa. Recapitulemos seus elementos estruturantes: (a) confirmação de um modelo de organização institucional fragmentado em unidades de ensino quase-autônomas, faculdades, escolas e institutos, dispensando ou reduzindo o papel institucional do ente chamado ‘Universidade’; (b) implantação do profissionalismo na universidade, com adoção da responsabilidade de habilitação profissional mediante certificação oficial dos graus acadêmicos numa política de saúde (*police médicale*); (c)

apropriação de espaços externos e laicos (hospitais, clínicas e dispensários no caso da saúde; laboratórios, observatórios, museus e bibliotecas, no que se refere a todas as áreas de conhecimento), trazendo-os para controle interno institucional e ajustando-os às atividades próprias de ensino-aprendizagem; (d) implantação de uma estrutura curricular programada e linear, orientada pela disciplinaridade, substituindo o antigo sistema de educação geral, mais tutorias praticamente personalizadas, por matérias fixadas numa grade, formada por cátedras e disciplinas; (e) aplicação de uma pedagogia analítica, fundamentada nos conceitos de conhecimento cumulativo, de prática didática pela repetição e de especialização progressiva, tendo a especialidade como horizonte.

Nesse momento, a questão posta não é se (em que medida, de que maneira etc.) as raízes da educação superior em saúde e da prática médica no Brasil ou na Argentina (ou em outros países da América Latina) remontariam ao modelo francês de formação, resultante da Reforma Cabanis, das controvérsias da *Idéologie* e da influência do positivismo. Conforme demonstrei de modo preliminar em outra oportunidade (Almeida-Filho, 2017), ao simples exame panorâmico, num *coup d'oeil*, essa hipótese se revela plausível, robusta e válida, consistente com a estrutura do atual regime de formação. Em outras palavras, não mais se trata de verificar se a reforma da educação proposta por Cabanis e sistematizada no *Coup d'oeil* realmente teria servido como germe do ensino médico nos países latino-americanos e no Brasil. De fato, essa constatação já foi evidenciada na seção pertinente acima, sendo sua demonstração, portanto, trivial, restando como programa de pesquisa (sem dúvida, rico e pertinente) a verificação de casos, variantes e especificidades. Trata-se de avaliar se o modelo de formação em saúde vigente nos países da América Latina, incluindo o Brasil (e, por extensão, a educação superior latino-americana em geral), permanece cabanisiano do ponto de vista estrutural. Agora, mais importante que origens e raízes (pregressas, antigas, certamente superadas), será pertinente verificar resíduos, marcas, indícios e efeitos reveladores, não de ocorrências que foram oportunas e pertinentes num longínquo passado, mas sim de elementos concretos, operativos, atuantes e ainda atuais, num regime de ensino médico que se integra a uma universidade elitista e excludente que, por sua vez, revela-se orgânica a uma conjuntura econômica, social e política vigente, injusta e desigual.

Portanto, a avaliação de pertinência e validade da hipótese de que a universidade brasileira contemporânea estruturalmente se mantém dentro das balizas da Reforma Cabanis dependeria da simples verificação de presença concreta e efetiva, totalmente ou de modo predominante, nos estabelecimentos, programas ou cursos de formação em saúde atualmente ativos no Brasil (assim como na Argentina e em outros países ibero-americanos), de cada um dos seguintes elementos estruturais:

a) modelo organizacional estruturado em faculdades;

- b) função social prioritariamente profissionalista, mais que científica ou cultural;
- c) formação hospitalocêntrica de base intervencionista;
- d) currículos orientados à disciplinaridade, em regime de progressão linear;
- e) estratégia pedagógica analítica, segregada por profissões e áreas restritas, tendente ao especialismo.

Como programa sistemático de pesquisa, será pertinente e oportuno verificar se esta é, de fato, a situação ainda hoje vigente na maioria das universidades, em todos os países da América Latina. No que se refere aos três primeiros pontos, essa descrição geral (em média, como padrão etc.) realmente parece corresponder ao modelo de ensino superior predominante no Brasil e em outros países da América Latina. Não obstante, para apreciação dessa hipótese na dimensão sócio-político-institucional, será de grande utilidade a realização de estudos comparativos de estrutura organizacional e de marco regulatório das instituições de ensino superior, internamente em cada país e por blocos de países, com o objetivo de produzir tipologias capazes de estabelecer os diferentes formatos assumidos pela Reforma Cabanis, direta ou indiretamente, nos distintos contextos culturais, geopolíticos e históricos.

Com relação aos itens restantes (arquitetura curricular, programas de ensino e estratégias pedagógicas), podemos esperar ainda maior variação, mais acessível a abordagens metodológicas documentais e etnográficas para apreciação dessa hipótese na dimensão do cotidiano das práticas de ensino-aprendizagem. Evidentemente, nos diferentes países da região influenciada pela cultura médica francesa, gerações e tradições de estudos sociais das práticas educacionais já devem ter produzido informações e conhecimento acumulado, mesmo ainda com reduzido grau de sistematização, à espera de compilação metódica, organização sistemática e análise competente. Esperamos que a publicação do Coup d'oeil em língua portuguesa sirva como inspiração e estímulo a essa tarefa tão desafiante quanto necessária.

Portanto, podemos considerar também plausível e robusta a hipótese de que, além de suas raízes cabanisianas latentes e denegadas, a universidade latino-americana (incluindo com prioridade a universidade brasileira), após todos esses anos, permanece fixada na restauração bonapartista. Isso mesmo: a despeito de fortes traços *humboldtianos* na pesquisa e na pós-graduação, de fugazes influências *flexnerianas* na formação clínica especializada, de experimentos numerosos, mas pontuais, visando à inovação pedagógica *freireana*, do ponto de vista estrutural, com nosso sistema de formação em saúde fundado em faculdades, diplomas e hospitais, e nosso modelo de ensino-aprendizagem baseado em disciplinas, aulas e conteúdos, seguimos e persistimos *cabanisianos*. A se confirmar esta situação, as universidades latino-americanas estariam a revelar um aspecto intrigante, quicá um enigma

histórico, pois reafirmam a manutenção de diferentes variantes de um dado modelo de ensino superior (geopoliticamente referenciado – francês liberal burguês, e ideologicamente datado – oitocentista pré-capitalista) que, em grande medida, foi abandonado em sua matriz europeia. Uma compreensão, mesmo limitada e parcial, desse suposto anacronismo poderá resultar de análise cuidadosa das contradições da universidade latino-americana (certamente mais evidentes e profundas na universidade brasileira), em articulação orgânica com processos políticos e institucionais de reprodução das desigualdades econômicas e iniquidades sociais, somente possíveis com a cumplicidade e ativa atuação das instituições de educação superior atuantes nesses países (Weinberg, 1981).

Resta assinalar que, sem dúvida, Georges Cabanis foi um homem de seu tempo, representante de um pensamento político que hoje se pode avaliar como conservador; porém, a Reforma Cabanis foi revolucionária, no seu tempo, há mais de dois séculos. Efetivamente, Cabanis foi um dos mais importantes líderes intelectuais e políticos que estiveram ativos nas articulações que acomodaram os avanços da Revolução de 1789, num processo de recuperação dos valores da tradição cultural europeia mediterrânea. Sua opção política durante a reconstrução da França foi pragmática, posicionando-se ao lado dos moderados durante o regime pós-revolucionário; mas, posteriormente, assumiu uma postura corajosamente crítica, perfilando-se entre os opositores desencantados com o autoritarismo bonapartista. Não obstante, como vimos, o modelo educacional concebido por ele e seus pares do Círculo de Auteuil foi totalmente copiado e absorvido na reforma educacional bonapartista que estabeleceu as bases do sistema de ensino superior e profissional implantado na França no decorrer do século XIX, extrapolando o âmbito restrito da educação superior em saúde.

Entretanto, a transcendência, disruptiva e revolucionária, da obra de Cabanis manifesta-se no conjunto de sua obra, nos textos clínicos, fisiológicos, filosóficos, históricos e pedagógicos (do essencial *Du degré de certitude* ao clássico *Rapports du physique et du moral*, dispersa em numerosos relatórios e comunicados, mas sobretudo sintetizada no *Coup d'oeil*) emanados de revoluções tecnocientíficas e políticas, porém anunciadores de uma reforma fundamental: a reforma da educação. O fato de uma transformação tópica ter conseguido se tornar ruptura generalizada, acolhida até pelos movimentos que a ela se opunham, certamente deve-se ao que Foucault posteriormente chamaria de biopolítica, numa de suas mais potentes modalidades regionais: o poder médico (Clavreuil, 1986). Ou seja, tratar-se-ia novamente de uma demonstração da centralidade das práticas de cuidado na constituição das sociedades modernas, fazendo com que uma reforma setorial do ensino médico tenha resultado em mudanças profundas na educação superior, daí resultando numa reestruturação plena do sistema de educação em geral. Gostaria de lembrar que tal constatação não se aplica apenas à conjuntura pós-

Revolução Francesa. Um século mais tarde, no início do século XX, a Reforma Flexner – uma reforma setorial do ensino médico, destinada a completar o ciclo iniciado pela Reforma Humboldt (contemporânea à Reforma Cabanis, como vimos acima) –terminou produzindo ampla renovação no sistema universitário norte-americano, tornando-o padrão de excelência acadêmica e foco catalizador de ciclos de desenvolvimento econômico e de transformação cultural do capitalismo industrial.

Em conclusão, compartilho um comentário em certa medida integrador do argumento geral deste ensaio. Mariana Saad (2016, p.29) considera que a grande originalidade (e genialidade, permito-me acrescentar) de Cabanis encontra-se na articulação de um projeto filosófico (aplicação da análise a todo o conhecimento humano) e político (emancipação de todos os seres humanos oprimidos) a um projeto sócio-institucional (reforma da prática médica), num contexto de profunda e rápida transformação social. Além desses elementos – uma escolha filosófica radical, uma iniciativa política militante e um movimento corporativo profissional –proponho incluir e valorizar na agenda cabanisiana o postulado, compartilhado por vários de seus mentores, companheiros e discípulos, de que a reforma educacional constitui a principal estratégia de viabilização de um projeto político de aperfeiçoamento permanente do ser humano, orientado pela crença no progresso da sociedade. Como vimos, desde os primeiros movimentos de reforma da educação em geral, da reestruturação do sistema de assistência à saúde e da reforma do ensino médico, mais que eventual colaborador, Georges Cabanis atuou diretamente sempre em defesa da educação pública como dever do Estado, indispensável à formação do cidadão como ser humano pleno, condição necessária à evolução para uma sociedade livre, igualitária e fraterna, utopia estabelecida no insuperável *motto* da Revolução Francesa.

Referências Bibliográficas

1. Almeida-Filho, Naomar. Bases históricas da Epidemiologia. *Cadernos de Saúde Pública* 2(3):304-311, 1986. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1986000300004&lng=en&nrm=iso
2. Almeida-Filho, Naomar. Reconhecer Flexner: inquérito sobre produção de mitos na educação médica no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Saúde Pública* 26:2234-2249, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2010001200003
3. Almeida-Filho, Naomar. Higher Education and Health Care in Brasil. *The Lancet* 377/9781: 1898-1900, 2011.
4. Almeida-Filho, Naomar. O legado de Cabanis: hipótese sobre raízes da educação médica no Brasil. *Cadernos de Saude Publica* 33, p. e00206416, 2017. Epub Aug 07, 2017.
5. Althusser, Louis. Idéologie et appareils idéologiques d'État (Notes pour une recherche). In: Althusser, Louis. *Positions (1964-1975)*. Paris: Les Éditions sociales, 1976, pp.67-125. (Artigo originalmente publicado em *La Pensée*, no 151, juin 1970.)
6. Aulard, Alphonse. *Napoléon Ier et le monopole universitaire*. Paris: Armand Colin, 1911. Disponível em: <https://archive.org/details/napolonieretle00aulauoft>
7. Backhaus, Jurgen (ed.) *The University According to Humboldt: History, Policy, and Future Possibilities*. Berlin: Springer, 2015.
8. Barnard, Howard. *Education and the French Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969, 268p.
9. Besançon, Serge. *La Philosophie de Cabanis. Une réforme de la psychiatrie*. Le Plessis-Robinson: Institut Synthélabo, 1997, 213 p.
10. Biagini, Hugo. *La reforma universitaria. Antecedentes y consecuentes*. Buenos Aires: Leviatán, 2000, 110p.
11. Bloch, Olivier. Marx, Renouvier et l'histoire du matérialisme. *La Pensée* 191:3-42, 1977.
12. Boudon Jacques-Olivier (dir.), *Napoléon et les lycées. Enseignement et société en Europe au début du XIXe siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions/Fondation Napoléon, 2004, 392 p.
13. Boudon, Jacques-Olivier. La refondation de la Sorbonne au XIXe siècle. In: Jean-Robert Pitte (dir.) *La Sorbonne au service des humanités. 750 ans de création et de transmission du savoir (1257- 2007)* Paris: PUPS, 2007, p.53-66.
14. Boudon, Jacques-Olivier. Napoléon, Organisateur de L'Université. *Revue du Souvenir Napoléonien*, 464, Avril-mai, 2006. Disponível em: <https://www.napoleon.org/histoire-des-2-empires/articles/napoleon-organisateur-de-luniversite/> [Acesso em 25/12/2017]

15. Brockliss L. (2000) The New Paris Medical School and the Invention of the Clinic. In: Cross M.F., Williams D. (eds) *The French Experience from Republic to Monarchy, 1792–1824*. Palgrave Macmillan, London, p.120-145.
16. Brockliss L. W. B. Before the Clinic: French Medical Teaching in the Eighteenth Century In: Caroline Hannaway and Ann La Berge. *Constructing Paris Medicine*. Wellcome Institute Series in the History of Medicine. Amsterdam: Rodopi Editions, 1998, p.71-115.
17. Brockliss, Laurence; Jones, Colin. *The Medical World of Early Modern France*. Oxford: Clarendon Press, 1997, 960p.
18. Broomhall, Susan. *Women's Medical Work in Early Modern France*. Gender in History. Manchester: Manchester University Press, 2004. 288p.
19. Buchbinder, Pablo. *Historia de las universidades argentinas*. Buenos Aires: Sudamericana, 2010, 255p.
20. Cabanis, Pierre-Jean Georges. Observations sur les hôpitaux. In: Claude Lehec; Jean Cazeneuve (ed.) *Les œuvres philosophiques de Cabanis – Tome 1*. Paris: PUF, 1956[1790], 437p.
21. Cabanis, Pierre-Jean-Georges. Opinion sur un projet d'organisation des écoles primaires, et en général sur l'instruction publique. Claude Lehec; Jean Cazeneuve (ed.) *Les œuvres philosophiques de Cabanis – Tome 2*. Paris: PUF, 1956[1797], 437p.
22. Cabanis, Pierre-Jean-Georges. Du degré de certitude de la médecine. Paris: Firmin Didot, 1798. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k771998>
23. Cabanis, Pierre-Jean Georges. Rapport fait au nom de la Commission d'instruction publique, et projet de résolution, sur un mode provisoire de police médicale : séance du 4 messidor, an 6, Corps législatif, Conseil des Cinq-Cents. Paris: 1798. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k43204f>
24. Cabanis, Pierre-Jean-Georges. Quelques principes et quelques vues sur les secours publics. Claude Lehec; Jean Cazeneuve (ed.) *Les œuvres philosophiques de Cabanis – Tome 2*. Paris: PUF, 1956[1799].
25. Cabanis, Pierre-Jean Georges. Rapports du physique et du moral de l'homme. In: Claude Lehec; Jean Cazeneuve (ed.) *Les œuvres philosophiques de Cabanis – Tome 1*. Paris: PUF, 1956[1802].
26. Cabanis, Pierre-Jean Georges. Coup d'oeil sobre as Revoluções e Reforma da Medicina. Tradução de Maria Lúcia Cambraia; revisão técnica de Denise Coutinho. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018. [1a. publicação: Paris: Crapart, Caille et Ravier, 1804].
27. Cabanis, Pierre-Jean Georges. Über die Verbindung des Physischen und Moralischen in dem Menschen. Ludwig Heinrich Jakob (Übersetzer) Halle und Leipzig: 1804.
28. Cabanis, Pierre-Jean Georges. Observations sur les affections catarrhales et particulièrement sur les rhumes de cerveau et de rhumes de poitrine. Paris: Crapart, Caille et Ravier, 1807.
29. Cabanis, Pierre-Jean Georges. Do grão de certeza da medicina. Traduzido por José Correia Picanço. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1812, xvi-98p. Disponível em: p.http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1285843.pdf

30. Cabanis, Pierre-Jean Georges. Compendio Histórico de las revoluciones y reforma de la Medicina. Madrid: Imprenta de Repullé, 1820, 325p.
31. Cabanis, Pierre-Jean Georges. Ojeada sobre las revoluciones y reforma de la Medicina. Paris: Imprensa de Pillet Ainé, 1831.
32. Canguilhem Georges. O Normal e o Patológico. 6.ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. [1a. publicação: Paris: 1966]
33. Caponi, Sandra. Clima, cerebro y degeneración en Cabanis. História, Ciências, Saúde – Manguinhos 16(4):961-979, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v16n4/07.pdf>
34. Charles, Christophe; Verger, Jacques. História das universidades. São Paulo: Editora Unesp, 1996, 131p.
35. Chateranne, David; Papot, Emmanuelle. Napoleão: Sua Vida, Suas Batalhas, Seu Império. São Paulo: Editorial Editora Agir, 2012, 127p.
36. Comte, Auguste. Cours de Philosophie Positive – Tome III. Paris: Bachelier, 1838. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k109113f/f2.item.zoom>
37. Condorcet, Nicolas de Caritat. Cinq mémoires sur l'instruction publique. Paris: 1791. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=04qcAAAAMAAJ&dq=Condorcet%2C%20Nicolas%20de%20Caritat.%20%20Rapport%20et%20projet%20de%20d%C3%A9cret%20sur%20l%27organisation%20g%C3%A9n%C3%A9rale%20de%20l%27instruction%20publique&hl=pt-BR&source=gbs_similarbooks
38. Condorcet, Nicolas de Caritat. Rapport et projet de décret sur l'organisation générale de l'instruction publique: présenté à l'Assemblée Nationale, au nom du Comité d'Instruction publique. Paris: 1792. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=CI0-AQAAMAAJ&dq=Condorcet%2C%20Nicolas%20de%20Caritat.%20%20Rapport%20et%20projet%20de%20d%C3%A9cret%20sur%20l%27organisation%20g%C3%A9n%C3%A9rale%20de%20l%27instruction%20publique&hl=pt-BR&source=gbs_similarbooks
39. Condorcet, Nicolas de Caritat. Sur la nécessité de l'instruction publique. Les Cahiers patriotiques, 1793. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=8T1zOOzUBAsC&pg=PA26&dq=Sur+la+n%C3%A9cessit%C3%A9+de+l%27instruction+publique.+Les+Cahiers+patriotiques,&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj70OajNnbYAhUCWpAKHfYnCfcQ6AEIKDAA#v=onepage&q=Sur%20la%20n%C3%A9cessit%C3%A9%20de%20l%27instruction%20publique.%20Les%20Cahiers%20patriotiques%2C&f=false>
40. Crosland, Michel. The Officers de Santé of the French Revolution: A Case Study in the Changing Language of Medicine. Medical History 48(2):229-244, 2004.
41. Cunha, Luiz Antonio. A Universidade Temporã. O ensino superior, da Colônia à Era Vargas. São Paulo, EdUnesp, 2007, 305p.
42. Destutt de Tracy, Antoine-Louis-Claude. Eléments d'idéologie. Paris: A.F. Stella, 1803. Disponível em:

https://fr.wikisource.org/wiki/%C3%89l%C3%A9ments_d%E2%80%99id%C3%A9ologie/Premi%C3%A8re_partie/Pr%C3%A9face

43. Di Pasquale, Mariano. La recepción de la ideología y su impacto en la educación médica porteña, 1821-1840. *Revista de Historia de la Medicina y Epistemología Médica* IV(1):1-20, 2012.
44. Edler, Flávio. A Natureza Contra o Hábito. A ciência médica no Império. *Acervo* (Rio de Janeiro) 22(1):153-166, 2009.
45. Fávero, Maria de Lourdes. Universidade do Brasil. Das origens à construção. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010, 199p.
46. Ferreira, Evaldo; Garcia, Alfeu W. M.; Gonçalves, Maria Dativa S.; Silva, Maura S. C. O Positivismo e a Educação Brasileira na 1.ª República. *Educar em Revista* I(1):3-39, 1977. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/35196>
47. Fielbaum, Alejandro. La filosofía ante la crisis. Alejandro Korn y la reforma universitaria de las humanidades. *Estudios de Filosofía* 56:26-48, 2017.
48. Foucault, Michel. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. [1a. publicação: Paris: 1969]
49. Foucault, Michel. *História da Loucura na Época Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2014. [1a. publicação: *Folie et Dérison. Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: 1961]
50. Foucault, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. [1a. publicação: Paris: 1963]
51. Fourcroy, Antoine. *Rapport et projet de décret sur l'établissement d'une Ecole centrale de santé à Paris, fait à la Convention nationale, au nom des Comités de Salut public et d'Instruction publique, le 7 frimaire de l'an III*, Paris, Impr. Nat. 20p.
52. Freud, Sigmund (em coautoria com Josef Breuer). *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. (Obras completas – volume 2). São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 442p.
53. Freud, Sigmund. *Obras completas. Volumen I (1886-1899)*. XI. *Proyecto de una psicología para neurólogos [1895]*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. p.209-276.
54. Freud, Sigmund. *Obras completas. Volumen I (1886-1899)*. XVII. *La Interpretación de los Sueños [1898-9]*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. p.343-720.
55. Gaille, Marie. *Anthropologie médicale et pensée politique pour P.J. Georges Cabanis*. Paris: CNRS Éditions, 2014, 256p.
56. Ginzburg, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 177p.
57. Goldstein, Jan. *Console and Classify: The French Psychiatric Profession in the Nineteenth Century*. Chicago: University of Chicago Press, 1990, 417p.
58. Gomes, Ordival Cassiano. *Fundação do Ensino Médico no Brasil*. José Correia Picanço. *Revista de História* 3(7):143-172, 1951. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/35015/37753>

59. Guerra, Francisco. Los impresos médicos en Hispanoamérica y Filipinas durante el dominio español. *Quinto Centenario* 13:129-47, 1987. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/QUCE/article/viewFile/QUCE8787220127A/1753>
60. Gus, Pedro. Faculdade de Medicina da UFRGS: uma história de 100 anos! *Revista HCPA (Porto Alegre)* 18(2):139-140, 1998.
61. Habinek, Jacob. State-Building and the Origins of Disciplinary Specialization in Nineteenth-Century Germany. *American Sociological Association Annual Conference*, Atlanta-GA, August 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228785339_State-building_and_the_Origins_of_Disciplinary_Specialization_in_Nineteenth_Century_Germany
62. Halperín, Tulio. *Historia de la Universidad de Buenos Aires*. Buenos Aires: Eudeba, 2013, 176p.
63. Jacyna, Stephen. Medical science and moral science: the cultural relations of physiology in restoration France. *Hist Sci.* 25(68):111-46, 1987.
64. Kristof, Ladis. Francis Bacon and the Marxists: Faith in the Glorious Future of Mankind. In: Ulman GL (ed.) *Society and History: Essays in Honor of Karl August Wittfogel*. The Hague: Mouton, 1978, p.233-258.
65. Liard, Louis. *L'enseignement supérieur en France (1789-1893)*. Paris: Armand Colin, 1894. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54526053/f528.image>
66. Liard, Louis. *Universités et Facultés*. Paris: Colin, 1890, 286p. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5449839g/f6.image>
67. Lüth, Christoph. Wilhelm von Humboldts Netzwerk mit Intellektuellen und Politikern in Paris: Annäherung und Distanz. *Paedagogica Historica* 43:257-269, 2007.
68. Machado, Roberto; Loureiro, Ângela; Luz, Rogério; Muricy, Kátia. *Danação da Norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978, 559p.
69. Markham, David. *The Revolution, Napoleon, and Education*. Paris: International Napoleonic Society, 2010. https://www.napoleon-series.org/research/society/c_education.html
70. Marx, Karl. Batalha crítica contra o materialismo francês. In: Karl Marx e Friedrich Engels. *A Sagrada Família ou, A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes*. Tradução: Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2011, p.143-153. [1a. publicação: Berlim, 1845].
71. Marx, Karl. Letters to Dr. Kugelmann. Volume 3 of *Marxist-Leninist Library*. London: International Publishers, 1934. Digitized, Jan 10, 2008. Disponível em: http://marxism.halkcephesi.net/M&E/1868/letters/68_12_05.htm
72. Mello, Antonio Joaquim de. *Biographias de Joaquim Inácio de Lima, Luiz Alves Pinto e José Correia Picanço*. Recife, Typographia Figueiroa de Faria & Filho, 1895, 295p.
73. Mendonça, Ana Waleska. *Anísio Teixeira e a Universidade de educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, 188p.

74. Mirabeau, Honoré-Gabriel de Riquetti, comte de. Travail sur l'éducation publique, trouvé dans les papiers de Mirabeau l'aîné, publié par P.-J.-G. Cabanis. Paris: l'Imprimerie nationale, 1791. Disponible en: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k48974r>
75. Mitchell H., The passions according to Adam Smith and Pierre-Jean-Georges-Cabanis. Two sciences of man. The Society for the Social History of Medicine Bulletin 25:20-27, 1979.
76. Mrozowski, Robert. Médecine et politique dans l'œuvre de Pierre-Jean-Georges Cabanis. Thèse pour l'obtention du grade de docteur de l'université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne. Paris: l'Université de Paris 1, 2013, 585p.
77. Pender, Stephen. Between Medicine and Rhetoric. In: Pender Stephen, Struener Nancy (eds.) Rhetoric and Medicine in Early Modern Europe. Literary and Scientific Cultures of Early Modernity. Farnham: Ashgate Publishing Limited, 2012, ix+300 pp.
78. Pinel, Philippe. Nosographie philosophique, ou la méthode de l'analyse appliquée à la médecine. Paris: Maradan, 1798. Disponible en: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k85083b>
79. Pinel, Philippe. Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale. Paris: Brosson, 1809. Disponible en: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k76576g>
80. Pouliquen, Yves. Cabanis, un idéologue de Mirabeau à Bonaparte. Paris: Odile Jacob, 2013, 320p.
81. Prost, Antoine. Regards historiques sur l'éducation en France, XIXe-XXe siècles. Paris: Éd. Belin, 2007, 152p.
82. Prost, Antoine. Les Universités Françaises de 1808 à 1968. Communications Académie de Sciences Morales et politiques, séance du lundi 26 octobre 2009. Disponible en: <https://www.asmp.fr/travaux/communications/2009/prost.htm>
83. Quinlan, Sean. The Great Nation in Decline. Sex, Modernity and Health Crises in Revolutionary France c.1750–1850. Hampshire: Ashgate, 2007, 265p.
84. Ramsey, Matthew. Professional and Popular Medicine in France, 1770-1848, Cambridge, Cambridge University Press, 1988, 406p.
85. Rey, Roselyne. L'École de santé de Paris sous la Révolution: transformation et innovation. *Histoire de l'Éducation* 57:23-57, 1993.
86. Role, André; Boulet, Luc. Georges Cabanis, médecin de Brumaire. Paris: Fernand Lanore Editeur, 1994, 420p.
87. Rosen, George, The Philosophy of Ideology and the Emergence of Modern Medicine in France, Bulletin of the History of Medicine 20:328-339, 1946.
88. Saad, Mariana. Sentiment, Sensation and Sensibility: Adam Smith, Pierre Jean Georges Cabanis and Wilhelm von Humboldt. *History of European Ideas* 41: 205-220, 2014.
89. Saad, Mariana. La mélancolie entre le cerveau et les circonstances: Cabanis et la nouvelle science de l'homme. *Gesnerus* 63 (2006) 113–126.
90. Saad, Mariana. Cabanis, comprendre l'homme pour changer le monde. Paris: Classiques Garnier, coll. Histoire et philosophie des sciences, 2016, 309p.

91. Saint-Simon, Claude-Henri de. *Mémoire sur la science de l'homme*. Paris: s/ed., 1816. Disponível em: <https://www.bnfcollection.com/ebooks/livres/memoire-sur-la-science-de-l-homme>
92. Savedoff, William. Kenneth Arrow and the birth of health economics. *Bull World Health Organ* 82(2): 139-140, 2004. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0042-96862004000200012&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0042-96862004000200012>
93. Schmitt, Stéphane. From Physiology to Classification: Comparative Anatomy and Vicq d'Azyr's Plan of Reform for Life Sciences and Medicine (1774–1794). *Science in Context* 22(2):145–193, 2009.
94. Staum, Martin. *Cabanis: Enlightenment and Medical Philosophy in the French Revolution*. Princeton: Princeton University Press, 1980, 430p.
95. Tabuteau, Didier. Pouvoirs publics et professions de santé. *Les Tribunes de la santé* 1(26):103-121, 2010. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-les-tribunes-de-la-sante-2010-1-page-103.htm>
96. Taylor, Keith. *The political ideas of Utopian socialists*. London: Cass, 1982, 243p.
97. Thillaud, Pierre. Vicq d'Azyr (1748-1794) – Anatomie d'une élection. *Histoire des Sciences médicales* XX(3):229-236, 1986.
98. Torrance, John. *Karl Marx's Theory of Ideas*. Studies in Marxism and Social Theory. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, 440p.
99. Turgeon, Yves; Whitaker, Harry. Pierre Jean Georges Cabanis (1757-1808): an early nineteenth century source for the concept of nervous energy in European behavioral neurosciences. *Brain Cogn.* 43(1-3):412-417, 2000.
100. Valas, Patrick. Freud et la perversion. *Omicar? Revue du Champ freudien* 39(oct.-déc.):9-50, 1986.
101. Vasconcellos, Ivolino de. O conselheiro doutor José Correia Picanço, fundador do ensino médico no Brasil. *Revista do IHGB* (Rio de Janeiro) 227(abr.-jun.):237-261, 1955.
102. Verneuil, Yves. L'école et la laïcité, de l'Ancien Régime à nos jours: enjeux du passé, enjeux dépassés ? *Tréma* (Dossier: Laïcité, éducations, diversité) 31:130–143, 2013.
103. Vicq d'Azyr, Félix Nouveau plan de constitution de la médecine en France. In: *Histoire et mémoire de la Société royale de médecine*, vol. 9 (pour 1787 et 1788), 1790, pp.1-201.
104. Vieira-da-Silva, Lígia; Paim, Jairnilson; Schraiber, Lília. O que é saúde coletiva? In: Paim, JS; Almeida-Filho, N. (orgs.). *Saúde coletiva: teoria e prática*. Rio de Janeiro: MedBook, 2014. p.3-12.
105. Weber, Max. A Ciência como vocação. In: *Ciência e política. Duas vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 2000[1919].
106. Weinberg, Gregorio. *Modelos Educativos em el Desarrollo Historico de America Latina*. Santiago: CEPAL/UNESCO/PNUD, 1981. 221p.

107. Weisz, George. *The Emergence of Modern Universities in France, 1863-1914*. Princeton: Princeton University Press, 1983, 239p.
108. Weisz, George. *Divide and Conquer: A Comparative History of Medical Specialization*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
109. Williams, Elizabeth. *The Physical and the Moral: Anthropology, Physiology, and Philosophical Medicine in France, 1750–1850*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.